



**LSPA**

INSTITUTO UNIVERSITÁRIO  
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

**SUPERVISÃO**

**EM PSICOTERAPIA EXISTENCIAL:  
A PERSPECTIVA DO SUPERVISOR**

SARA CRISTINA MADALENO MARQUES DA SILVA

Orientador de Dissertação:  
PROF. DOUTOR DANIEL SOUSA

Coordenador de Seminário de Dissertação:  
PROF. DOUTOR DANIEL SOUSA

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

**MESTRE EM PSICOLOGIA**

Especialidade em Clínica

2015

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação  
do Professor Doutor Daniel Cunha Monteiro de  
Sousa, apresentada no ISPA – Instituto Universitário  
para obtenção de grau de Mestre na especialidade de  
Psicologia Clínica.

## AGRADECIMENTOS

Eis chegado o momento de agradecer publicamente àqueles que considero terem contribuído para a minha caminhada no Mestrado Integrado de Psicologia Clínica, que se conclui agora com este trabalho de final de curso.

Adiei-me demasiado tempo, mas reconheço que doutra forma talvez não valorizasse tanto o meu empenho e as pessoas que fizeram parte desta minha história. A algumas delas precisarei do resto da vida para agradecer.

Aos supervisores da Sociedade Portuguesa de Psicoterapia Existencial, participantes deste estudo, que generosamente possibilitaram a sua realização. Com cada um deles aprendi que quero aprender mais.

Ao Prof. Doutor Daniel Sousa, pelo profissionalismo, pelo desafio proposto e pelo privilégio de poder contar com o seu apoio, confiança e interesse. Creio que a pessoa e o profissional, sabem muito bem um do outro.

Aos meus colegas de seminário de dissertação com quem partilhei ideias e conhecimentos.

Aos meus mestres do ISPA-IU, que me fizeram sentir respeitada.

À Dra. Sara Belo do Gabinete de Acção Social do ISPA, pelo apoio a cada renovação de bolsa.

Aos meus queridos amigos José Neves e Cristiana Rocha, por acreditarem em mim quando eu própria duvidava, em diferentes momentos do caminho.

Aos meus pais, a quem devo a motivação para fazer escolhas e assumir responsabilidades.

À minha filha Francisca, que me inspira e aguarda pacientemente “a aurora” prometida. Sei que muitas vezes adormeceu triste por a mãe não estar lá.

Ainda, a quem acolheu alguns dos meus mais belos disparates.

Sou grata.

*“O importante é invisível para os olhos.”*

*Saint-Éxupéry*

## RESUMO

A supervisão é uma disciplina transversal a vários grupos profissionais. O presente estudo incide sobre a supervisão clínica, enquanto prática ligada à Psicologia e Psicoterapia. Na literatura evidencia-se a necessidade de ampliar e consolidar o conhecimento na área. Especificamente na investigação em supervisão existencial, nas poucas abordagens existentes, torna-se clara a necessidade de sistematização do conhecimento. O recurso a metodologias qualitativas é apontado como um caminho possível para o enriquecimento do conhecimento em supervisão. **Objectivo:** o objectivo do presente estudo é explorar a temática da Supervisão Clínica, nomeadamente em Psicoterapia Existencial, a partir da perspectiva do supervisor, aferindo significados a partir da experiência de cada participante. **Método:** os três participantes do estudo são psicoterapeutas existenciais e, simultaneamente, supervisores na mesma abordagem, na modalidade de grupo, em contexto de formação de psicoterapeutas. Os dados foram obtidos com recurso à entrevista fenomenológica. Posteriormente realizou-se uma análise compreensiva aprofundada das transcrições das entrevistas, usando o método fenomenológico. **Resultados:** os temas emergentes originaram uma estrutura geral de significados, que representa as dimensões eidéticas e relação entre elas. As dimensões eidéticas *relação* e *responsividade* surgem, na abordagem existencial, como os aspectos fundadores e promotores de uma supervisão bem-sucedida.

**Palavras-chave:** investigação supervisão; supervisão em psicoterapia; psicoterapia existencial; perspectiva do supervisor; método fenomenológico

## ABSTRACT

Supervision is a cross-discipline among various professional groups. This study focuses on clinical supervision, as a practice linked to Psychology and Psychotherapy. The literature highlights the need to expand and consolidate knowledge in the area. Specifically for research in existential supervision, in the few existing approaches, it becomes clear the need for systematization of knowledge. The use of qualitative methods is named as a possible way to enrich the knowledge in supervision **Objective:** The aim of this study is to explore the theme of Clinical Supervision, namely in Existential Psychotherapy, from the supervisor's perspective, assessing meanings from the experience of each participant. **Method:** the three participants are existential psychotherapists and simultaneously supervisors on the same approach, in group mode, in the context of psychotherapists training. The data was collected using the phenomenological interview. A comprehensive analysis of the transcripts of the interviews was made using the phenomenological method. **Results:** emerging themes brought forth a general meaning structure, which represents the eidetic dimensions and how they are related. The eidetic dimensions *relationship* and *responsiveness* arise in the existential approach, as the foundational and promotional aspects of a successful supervision.

**Keywords:** supervision research; psychotherapy supervision; existential psychotherapy; supervisor perspective; phenomenological method

## ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	1
ENQUADRAMENTO TEÓRICO .....	2
Recomendações e limitações .....	11
Quais os principais modelos identificados?.....	12
Investigação em supervisão de grupo. ....	14
Supervisão em Psicoterapia Existencial – conceitos e investigação .....	15
Que propostas para a supervisão na abordagem existencial?.....	16
Objectivo do estudo.....	18
MÉTODO.....	20
Delineamento .....	20
Participantes.....	22
Procedimento .....	23
Instrumentos.....	23
RESULTADOS .....	25
Estrutura Geral.....	25
Análise pós-estrutural .....	27
DISCUSSÃO .....	58
Recomendações e limitações .....	63
CONCLUSÕES .....	65
REFERÊNCIAS .....	67

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1. Constituintes-chave ou dimensões eidéticas - P1, P2 e P3

Tabela 2. Variações empíricas dos participantes - P1, P2 e P3

## **LISTA DE FIGURAS**

Figura 1. Estrutura geral de significados

## INTRODUÇÃO

O presente texto procura abarcar os aspectos essenciais para a compreensão do papel da supervisão clínica, enquanto categoria profissional distinta e de como esta como pretende dar resposta às necessidades de adaptação a critérios científicos, enquanto disciplina fundamental no exercício da Psicologia Clínica e da Psicoterapia.

Embora a supervisão seja uma disciplina transversal a outros grupos profissionais, deve considerar-se neste trabalho sempre que mencionada, que se refere à supervisão clínica, neste caso, ligada à Psicologia e Psicoterapia.

Mais especificamente, este estudo de natureza qualitativa pretende contribuir, na medida possível, para a compreensão da supervisão na abordagem fenomenológico-existencial, sobre a qual o número de estudos presentes na literatura é reduzido. Com carácter exploratório, visa uma compreensão dos aspectos essenciais da supervisão clínica informada por esta perspectiva, através da análise de entrevistas realizadas com supervisores em actividade na Sociedade Portuguesa de Psicoterapia Existencial.

A metodologia de análise usada para as entrevistas é o método fenomenológico, procurando uma coerência epistemológica, já que nos propomos compreender fenómenos humanos.

Partiu-se de uma revisão de literatura englobando os últimos cinco anos, elegendo inicialmente *psychotherapy research* e *supervision* como palavras-chave e posteriormente alargando a pesquisa para *existential supervision*. Apresenta-se, assim, um retrato mais abrangente do estado da arte na investigação em supervisão clínica, como enquadramento inicial, aproximando posteriormente o foco para o conhecimento disponível em supervisão de inspiração existencial.

Na literatura consultada, a supervisão individual é maioritariamente considerada relativamente à modalidade de grupo, no entanto, é apresentada alguma informação que permite compreender alguns dos aspectos que conferem distinção entre as duas modalidades. Encontra-se estruturado com base em quatro questões principais que pretendem clarificar o que se sabe actualmente acerca da supervisão e fundamentar a pertinência do estudo realizado. Assim, abordar-se-á (i) o que se sabe actualmente sobre investigação em supervisão clínica; (ii) quais os principais modelos identificados; (iii) a supervisão na perspectiva existencial; (iv) as propostas apresentadas para a supervisão existencial.

## ENQUADRAMENTO TEÓRICO

O QUE SABEMOS HOJE SOBRE INVESTIGAÇÃO EM SUPERVISÃO?

O QUE É A SUPERVISÃO? QUAL O PAPEL DA SUPERVISÃO NA PRÁTICA CLÍNICA?

Ao decompor a palavra supervisão e procurado os seus significados no dicionário, encontramos o prefixo super, que exprime a ideia de superioridade, isto é a qualidade do que é superior; autoridade; excelência ou excesso e visão, ou seja, o acto ou efeito de ver; percepção operada pelos órgãos da vista. Clarificando o que se entende por acto de ver, surgem termos tão interessantes para a definição de supervisão como conhecer; contemplar; presenciar; assistir; observar; notar; divisar; advertir; reparar em; tomar cuidado com; atender a; ponderar; deduzir; prever; escolher; experimentar (in Dicionário da Língua Portuguesa).

Aprofundando as definições e conteúdos considere-se, então, o que a análise da literatura nos oferece a respeito da supervisão, que se apresenta como um fenómeno internacional e multidisciplinar (Cutcliffe, Hyrkäs & Fowler, 2011).

Numa definição possível de Bernard e Goodyear (2004), citado por Falender et al. (2004), contendo os elementos chave, a supervisão é

an intervention provided by a more senior member of a profession to more junior member or members of that same profession. This relationship is evaluative, extends over time, and has the simultaneous purposes of enhancing the professional functioning of the more junior person(s), monitoring the quality of professional services offered to the client, she, he or they see, and serving as a gatekeeper of those who are to enter the particular profession (p. 775).

A American Psychological Association (APA), de acordo com as recentes Guidelines for Clinical Supervision in Health Service Psychology, define supervisão como

a distinct professional practice employing a collaborative relationship that has both facilitative and evaluative components, that extends over time, which has the goals of enhancing the professional competence and science-informed practice of the supervisee, monitoring the quality of services provided, protecting the public, and providing a gatekeeping function for entry into the profession (APA, 2014).

Estas linhas de orientação surgiram como resposta à necessidade de implementar boas práticas em supervisão, apoiadas pelo paradigma da *evidence-based practice* (prática apoiada na evidência), de acordo com o trabalho desenvolvido para o efeito por uma *task-force*, com início em 2012 e publicação em agosto de 2014.

De notar que a competência apoiada na articulação entre investigação e prática clínica, é a única adição feita, dez anos volvidos sobre a primeira proposta de definição, aproximando os critérios de qualidade idealizados para a psicoterapia.

A procura da *evidence-based practice* é extensiva à psicoterapia (Farber, 2010; Farber & Kaslow, 2010; Sarnat, 2010, cit APA Guidelines for Supervision, 2014) e faz parte dos argumentos para a elaboração destas linhas orientadoras. Esta proposta é organizada em torno de sete domínios, sendo estes (i) a competência para a supervisão; (ii) a diversidade; (iii) a relação supervisor/supervisando; (iv) profissionalismo; (v) *assessment*, avaliação e *feedback*; (vi) problemáticas de competência emergentes; (vii) considerações éticas, legais e regulatórias.

Provavelmente a supervisão surgiu a partir da necessidade de ajuda, suporte, aconselhamento e orientação sentida pelo primeiro psicoterapeuta (Hess et al. 2008). Actualmente, é condição formativa obrigatória para a prática independente de psicólogos clínicos e psicoterapeutas ([www.europsy-efpa.eu](http://www.europsy-efpa.eu); [www.apa.org/ed/graduate/benchmarks-guide.aspx](http://www.apa.org/ed/graduate/benchmarks-guide.aspx); [www.europsyche.org](http://www.europsyche.org)).

Quais as principais variáveis identificadas e metodologias usadas?

Parece situar-se nos anos 80, o despertar da preocupação com o tema supervisão (Watkins, 2012a). Reconhecida como uma área de interesse para a investigação e prática em psicoterapia de apoio (counselling) e psicoterapia (Stoltenberg & McNeil, 2012) tem sido abordada de diversas formas, sendo que as variáveis em estudo têm permitido um conhecimento mais aprofundado. Nas revisões de literatura realizadas na última década, identificam-se maioritariamente as abordagens através (i) da **educação/formação do supervisor** (Watkins, 2012b; Worthington, 2006); (ii) do **desenvolvimento pessoal do supervisor** (Watkins, 2012a); (iii) da **aliança** (Watkins & Scaturro, 2013; Watkins, 2014a); (iv) do **processo**.

No que diz respeito à **educação/formação do supervisor**, um dos argumentos que sustenta a relevância deste domínio/área de investigação, apoia-se no desafio apresentado por Worthington, em 1987 (reeditado em 2006) de que os supervisores não se tornam

competentes apenas com o ganho da experiência no exercício da supervisão (Watkins, 2012b; Worthington, 2006), nem no acumular da prática clínica (Keegan e Hunsley, 2013).

Com alguma ironia, Tori Angelis, a propósito de uma entrevista com membros da equipa que elaborou em 2014, as Guidelines for Clinical Supervision in Health Service Psychology da APA, diz que “(...) supervisors tend to view the role as a given (...) While there is a fairly strong knowledge base in the area, supervisors tend to think the skill is something learned through osmosis.” (APA, 2014). Du Plock (2009) refere que saber sobre supervisão, não implica saber supervisionar, muito menos fazê-lo bem.

Algumas razões apontadas como justificação para a falta de interesse na educação/formação do supervisor são (i) a convicção de que ter supervisão pode ser considerado como fraqueza (Whitman et al., 2001, citado por Watkins, 2012b); (ii) a prevalência da crença de que tornar-se supervisor implica apenas ter sido supervisionado (Gonsalvez, 2008; Whitman et al., 2001, citado por Watkins, 2012b); (iii) a subordinação à ideia de que a idade e a senioridade, por si só, garantam qualificações para a supervisão (Alonso, 2000; Schlesinger, 1981, citado por Watkins, 2012b).

Sendo a supervisão um componente crucial na formação em psicoterapia, bem como o meio fundamental para o desenvolvimento de competências para a sua prática, conferindo ao supervisor uma função reguladora (gatekeeping) em benefício do público e da profissão, reconhece-se a responsabilidade de melhorar a qualidade da investigação na área (Watkins, 2012b).

Numa revisão de literatura que incluiu 20 estudos empíricos (quantitativos e qualitativos), realizados entre 1994 e 2011, que abordam a temática da educação/formação de supervisores, são identificados e analisados alguns programas de formação promissores, no que respeita a premissa de prática baseada na competência (*competency-based*). As principais conclusões desta análise no que respeita a formação do supervisor, incluem (i) a verificação do consenso que distingue instrução didáctica (*didactic instruction*) de experiência prática (*experiential practice*), este segundo sendo idealmente complementar ao primeiro e entende-se como a supervisão da supervisão (Watkins, 2012b), um território ainda inexplorado (Bernard & Goodyear, 2009, citado por Watkins, 2012b); (ii) as áreas consideradas importantes de serem abordadas na formação (responsabilidade e papel do supervisor e do supervisando, questões éticas e legais, modelos de supervisão, acedência e avaliação em supervisão, modelos de desenvolvimento do psicoterapeuta/supervisando, estabelecimento e manutenção da aliança em supervisão, estratégias e intervenção em supervisão, diversidade e investigação em supervisão) (Bernard & Goodyear, 2009; Borders, 2010; Borders, Bernard, Dye, Fong,

Hendersen & Nance, 1991; Falender et al. 2004; Hoffman, 1990, 1994; Milne, 2010; Riess & Fishel, Pilling, 2008b; Russel & Petrie, 1994; Turpin & Wheeler, 2011, citado por Watkins, 2012b; Psychology Board of Australia, 2011; Watkins, 1992); (iii) os métodos, técnicas (tools) e estratégias mais eficazes (*feedback* construtivo, reflexão e discussão conceptual, roleplaying, revisão e discussão de gravações áudio e vídeo, ou registos das sessões do psicoterapeuta/supervisando) (Borders, 2010; Borders et al. 1991; Falender et al. 2004; Roth & Pilling, 2008b, citado por Watkins, 2012b; Gonsalvez & Milne, 2010; Milne et al. 2011; Psychology Board of Australia, 2011); (iv) qual o papel da componente desenvolvimento, na formação de supervisores (processo similar na formação de psicoterapeutas na sua variabilidade) (Watkins, 2012b); (v) o papel da competência – “competency-based, evidence-based, accountable supervision and training” - (o aspecto mais pertinente e sujeito a crescente atenção) (Watkins, 2012b).

Uma outra conclusão proposta a discussão, cujas implicações se pretendem destacar como pertinentes para o presente estudo, diz respeito ao conceito de *tailoring*, isto é, a adequação dos contextos de supervisão às características das pessoas, uma perspectiva que assenta sobre a ausência de evidência de que uma abordagem particular seja mais eficaz que outra, actual e similar à psicoterapia. Embora o conceito de *tailoring* careça de atenção enquanto variável nos estudos sobre supervisão, é apontado por Watkins (2012b) como recomendável.

Dada a centralidade do papel do supervisor no processo de supervisão na aprendizagem e crescimento do supervisando e, conseqüentemente do cliente, uma das dimensões da investigação em supervisão diz respeito ao **desenvolvimento pessoal do supervisor** e tem sido considerada enquanto variável (Watkins, 2012a). De acordo com este autor, a sistematização na investigação nesta área apresenta necessidade de maior precisão, maior escrutínio na validade das medidas usadas, tal como seria indicado no caso da PSDS - Psychotherapy Supervisor Development Scale (Watkins et al., 1995). Poderá ainda beneficiar se os estudos no desenvolvimento em supervisão forem apoiados numa teoria sólida e baseada na evidência, para garantir validade, credibilidade e generalização (Barker & Hunsley, 2013). Estas duas revisões parecem complementar-se no que respeita a eixos dominantes na tentativa de sistematização dos conhecimentos em supervisão. Na totalidade são analisados 43 estudos empíricos realizados entre 1994 e 2011, de abordagens metodológicas variadas, com foco no desenvolvimento em supervisão, cujas principais conclusões apontam para a necessidade do rigor e validade dos instrumentos usados em futuros estudos, bem como a importância dos modelos de desenvolvimento para um enquadramento informado e coerente, influenciando o desenho do estudo e a qualidade e generalização dos principais resultados. Um dos modelos

de desenvolvimento em supervisão apontado como mais frequente na literatura, de acordo com a revisão de Barker e Hunsley (2013) é o Watkins' Supervisor Complexity Model (Watkins, 1990, 1993, 1994), ao qual os autores concedem crédito pelas propriedades psicométricas que o documentam.

Enfatizando os ganhos decorrentes da variedade de abordagens metodológicas para consolidar a investigação em supervisão, os estudos qualitativos são um caminho apontado para o enriquecimento da qualidade de informação nesta área de estudo (Watkins, 2012a). Este autor refere o estudo de Majcher e Daniluk (2009) como um possível ponto de referência quanto à metodologia. Este estudo qualitativo longitudinal teve como objectivo identificar os componentes temáticos no desenvolvimento do supervisor, procurando responder à questão de como é a experiência durante a formação e como significam o processo de se tornarem supervisores clínicos. A amostra foi formada por 6 supervisores em formação (2º ano de doutoramento em psicoterapia de apoio) e 6 supervisores com o mínimo de 10 anos de experiência, de diferentes orientações teóricas (cognitivo-comportamental, construtivista, psicodinâmica, experiencial, familiar sistémica e centrada na pessoa). Realizaram 3 entrevistas (início, meio e final) ao longo do curso de 8 meses e usaram a *interpretive phenomenological analysis* para cada conjunto das 3 entrevistas. Houve ainda 1 entrevista de follow-up (após início da análise de dados) para validação dos temas comuns. Dos temas comuns que surgiram da análise das entrevistas, emergiu a dimensão relacional comum a todos os participantes, sendo unanimemente considerado como tendo um papel crítico na formação em supervisão. A segurança, a confiança e o respeito são aspectos nomeados nesta dimensão e a genuinidade, presença e honestidade, como atributos do supervisor que favorecem uma supervisão de sucesso. Os resultados foram consistentes com vários modelos de desenvolvimento do supervisor e apontam no sentido de que a experiência clínica, por si só, parece ser insuficiente para aquisição de competência do supervisor.

Tal como para o desenvolvimento do supervisor, a dimensão relacional é igualmente relevante para o desenvolvimento do supervisando e para a construção duma aliança que favoreça todo o processo de supervisão (Watkins, 2011a).

A variável **aliança**, considerada como nuclear, eixo central e transteórica, ou ainda “The heart and soul of supervision” (Watkins, 2014a), tem sido a variável dominante nos estudos em supervisão (Watkins & Scaturro, 2013).

Evidenciam-se os factores (i) base segura/facilitadores do ambiente; (ii) empatia, genuinidade e reforço positivo; (iii) ruptura/reparação; (iv) remoralização; (v) preparação e aptidão do

supervisando (vi) experiência afectiva correctiva, como contributivos no estabelecimento e manutenção da aliança (Watkins & Scaturro, 2013).

Os principais instrumentos de medição da aliança identificados na literatura, entre 1990 e início de 2013, foram o SWAI (Supervisory Working Alliance Inventory; Efstation, Patton & Kardash, 1990/versões para supervisor e supervisando) e o WAI (Working Alliance Inventory; Bahrck, 1990; Baker, 1991/versão para supervisão), nos quais surgiram como elementos de maior frequência e relevância o vínculo e o rapport (Watkins, 2014a).

Publicada em 2013, numa escala desenvolvida e validada por Pearce, Beinart, Clohessy e Cooper – Supervisory Relationship Measure (perspectiva do supervisor), identificaram-se os factores (i) base-segura; (ii) compromisso do supervisor; (iii) contribuição do supervisando; (iv) influências externas (questões geradoras de stress; questões relacionadas com avaliação; experiência anterior de supervisão); (v) investimento por parte do supervisor, como reflexo da complexidade de que se reveste a aliança em supervisão (Pearce et al. 2013).

Como se pode observar, alguns dos factores emergentes nas escalas que se propõem medir a aliança terapêutica, são do domínio da relação. Comum na literatura é a forma por vezes pouco clara e distinta de constructos (Pearce et al. 2013) e, conseqüentemente da qualidade da sua mensuração (Stoltenberg & McNeill, 2012), provavelmente justificada pela complexidade referida.

Numa análise de Ladany et al.(2013), citado por Falender e Shafranske (2014), sobre as melhores e as piores experiências de supervisão verificou-se uma associação entre os melhores supervisores considerados e os supervisandos com vínculo emocional mais forte e com maior concordância entre objectivos e tarefas. Como conclusão surge então a ideia de que as habilidades (*skills*), técnicas e comportamentos identificados, poderão funcionar como um enquadramento para a competência dos supervisores. Outro aspecto salientado no papel do supervisor numa experiência positiva de supervisão, que importa à aliança, é a sua qualidade desafiante e proverem *feedback*.

Os processos psicoterapêuticos e de supervisão são de natureza relacional, verificando-se a influência de diversos factores em ambas as situações.

Englobados no **processo** em supervisão incluem-se (i) as relações terapêutica e de supervisão; (ii) a ansiedade do supervisando; (iii) conflito e contraproduktividade; (iv) processo terapêutico e *outcomes*; (v) características dos participantes; (vi) questões multiculturais; (vii) questões éticas e legais; (viii) competência para supervisionar; (ix) outras questões ligada à responsabilidade, sendo algumas destas áreas mais estudadas do que outras (Stoltenberg & McNeill, 2012).

Por uma questão de foco do presente trabalho e amplitude de conceitos, consideraremos alguns destes factores mais superficialmente do que outros, não perdendo de vista a sua inter-relação e similaridade com os processos em psicoterapia.

Várias conclusões têm surgido quanto à relevância da relação supervisor/supervisando e à influência multifactorial, quer no que respeita a qualidade do processo da supervisão, quer no desenvolvimento profissional do supervisando (Worthen & McNeill, 1996).

Na perspectiva do supervisando, uma boa relação em supervisão acontece quando esta se reveste de calor, aceitação, respeito, compreensão e confiança, no entanto, outros factores podem contribuir para uma supervisão positiva e/ou negativa, tal como evidenciado pelas estruturas emergentes no estudo qualitativo de Hutt et al. (1983). De acordo com os resultados, os pólos positivo e negativo duma supervisão não são opostos, mas têm estruturas únicas e diferenciadas, o que implica que uma relação facilitadora é necessária, mas não suficiente para uma supervisão positiva. Uma supervisão positiva deve integrar simultaneamente aspectos da relação e de realização de tarefa. Muitos dos temas e eventos significativos associados a uma boa supervisão que emergiram deste estudo, são de uma forma geral consistentes com resultados de abordagens quantitativas (Stoltenberg & McNeill, 2012), no entanto parece pertinente a sugestão de que não exista uma fórmula única que aplicada em supervisão, garanta aos supervisandos uma experiência positiva (Worthen & McNeill, 1996).

Na perspectiva dos supervisores, a relação em supervisão deve contribuir para uma boa aliança, englobando aspectos como avaliação, *feedback*, abertura e flexibilidade para gerir conflitos, proporcionando-lhes uma plataforma de reflexão para o seu próprio trabalho no que concerne desenvolvimento de empatia para com os supervisandos, cultivar a paciência, estimular os pontos fortes do supervisandos e clarificar as necessidades para o desenvolvimento destes (Stoltenberg & McNeill, 2012).

Um dos factores referidos como importante e pungente é a ansiedade do supervisando (Bernard & Goodyear, 2009, citado por Stoltenberg & McNeill, 2012), ligado ao desenvolvimento profissional deste (Liddle, 1986; Ronnestad & Skovholt, 1993; Stoltenberg, 1981; Stoltenberg & McNeill, 2010, citado por Stoltenberg & McNeill, 2012), não obrigatoriamente sempre nociva (Bernard & Goodyear, 2009, citado por Stoltenberg & McNeill, 2012). As considerações destes últimos notam que a performance pode ser negativamente afectada na presença de ansiedade, quer seja de mais, ou de menos. Notam que o nível óptimo de ansiedade (ou activação) promove uma melhor performance, ao invés de a inibir.

Conflito e contraproduktividade, como um componente da relação, entende-se como determinante também para o estabelecimento e manutenção da aliança, logo, para que o processo de supervisão ser eficaz e causador de impacto, deve apoiar-se numa comunicação aberta, clara e relevante. Nos casos em que a experiência da relação em supervisão não é considerada pelos supervisandos como promotora de um ambiente seguro, no qual podem ser explorados sentimentos e pensamentos, a aliança terapêutica pode ser influenciada negativamente (Gray et al. 2001; Stoltenberg & McNeill, 2012). Importa salientar que esta situação poderá mais facilmente acontecer quando se trata de supervisão em grupo, já que também está em jogo a avaliação negativa dos pares e eventual constrangimento social (Webb & Wheeler, 1998).

De acordo com Watkins (2014b), são praticamente inexistentes os estudos sobre ruptura e reparação na aliança terapêutica em supervisão.

A abordagem da supervisão através dos resultados (*outcomes*) surge associada ao processo terapêutico (supervisando-terapeuta/cliente) e, no sentido de diminuir a discrepância entre investigação e prática, seria fundamental a demonstração de que a supervisão influencia os resultados/*outcomes* do cliente (Watkins, 2011b).

Numa revisão sistemática usando a *fidelity framework*, realizada por Reiser & Milne (2014), compreendendo os últimos 30 anos, em que foram analisados 12 estudos, salienta-se a sobrevalorização dos resultados clínicos nas abordagens ao tema supervisão.

Uma das críticas apontadas à forma como têm sido conduzidas as revisões nesta área é o acento posto na metodologia, em detrimento duma análise a partir dum ponto de vista teórico (Reiser & Milne, 2014), o que dificulta a sistematização do conhecimento na área.

Outra questão que consideramos pertinente é chamada de atenção para o facto de os *outcomes* estarem para a investigação em supervisão, como o *acid test* para o modelo médico, isto é, aplicando as medidas sobre a sintomatologia (presença/ausência e/ou remissão), entrando assim na esfera dos estudos de eficácia (Reiser & Milne, 2014). De acordo com estes autores a sobrevalorização nos resultados clínicos contém riscos desnecessários, já que implicam fraca lógica causal e falha na identificação dos mecanismos de mudança. Consideram igualmente questionável o foco no cliente para avaliação da eficácia em supervisão, uma vez que esta pressupõe que o foco primordial esteja no supervisando, atendendo ao objectivo último de garantir uma prática eficaz e segura (*do no harm*), já definido por exemplo por alguns autores como Milne (2009) e Freitas (2002).

Numa tentativa mais integrativa, Swift et al. (2014) sugerem que os *outcomes* e *feedback* do cliente sejam trazidos para o processo de supervisão, no sentido de uma supervisão informada,

similarmente ao processo em psicoterapia na procura da prática baseada na evidência. Seria uma forma de apoiar o julgamento clínico, o que beneficia o cliente quando comparada com uma supervisão que não integre o *feedback* (Stoltenberg & McNeill, 2012).

Sendo considerado como um processo desenvolvimental e assente na ideia de Wampold (2006), citado por Stoltenberg e McNeill (2012) de que as características do psicoterapeuta são mais preditivas dos resultados, do que a aliança terapêutica, na supervisão importa também considerar as características dos participantes. Estas abarcam factores pessoais como crenças, atitudes, experiência de vida, personalidade e estilos interpessoais, ou seja, aspectos externos aos contextos de formação, treino clínico e prática profissional (Falender & Shafranske, 2014).

Assim, decorrente de uma reflexão sobre os possíveis efeitos danosos em psicoterapia, é sugerido que a supervisão seja facilitadora de uma maior compreensão e identificação dos pontos fortes e menos fortes, limitações, vulnerabilidades interpessoais do supervisando, bem como das questões contratransferenciais (Castonguay et al., 2010).

Para tal, é necessário que os supervisores desenvolvam a capacidade de responder com flexibilidade às diferenças dos supervisandos, incluindo estilos de aprendizagem (Stoltenberg e McNeill, 2012).

Porque as questões multiculturais, as questões éticas e legais e competência para supervisionar estão interligadas e dessa forma surgem na literatura, serão consideradas conjuntamente. As questões multiculturais dizem respeito aos contextos de supervisão (supervisor e supervisando) e terapêutico (supervisando-terapeuta e cliente) e cabem na categoria diversidade, tal como definido por Falender e Shafranske (2014). Como imperativo ético subjacente à prática clínica e à supervisão (novamente o paralelismo), a competência para a diversidade em supervisão define-se como

incorporation of self-awareness by both supervisor and supervisee... an interactive and encompassing process of the client or family, supervisee-psychotherapist, and supervisor, using all of their (multiple) diversity factors. It entails awareness, knowledge and appreciation of the interaction among the client's, supervisee/psychotherapist's, and supervisor's assumptions, values, biases, expectations and worldviews; integration and practice of appropriate, relevant and sensitive assessment and intervention strategies and skills; and consideration of the larger milieu of history, society and socio-political variables (p. 1033-1034).

Mais especificamente, no que diz respeito a estudos empíricos sobre as questões éticas e legais e competência para supervisionar, as revisões realizadas por Werth, Cummings e Thompson (2008) e Ladany e Inman (2008), citado por Stoltenberg e McNeill (2012) apontam para a escassez. No entanto, é possível identificar alguns aspectos considerados importantes, que surgem na confluência da prática baseada na competência e nos pressupostos éticos preconizados pelo Código Ético da American Psychological Association - APA (2010), tais como (i) consentimento informado e contrato de supervisão; (ii) competência do supervisor e do supervisando; (iii) foco nas questões da diversidade e competência multicultural; (iv) limitações e relações múltiplas em supervisão; (v) guarda de documentação e gravações (supervisor e supervisando); (vi) avaliação e *feedback*; (vii) auto-cuidado e promoção de bem-estar; (viii) apoio a emergência (necessidades do supervisando); (ix) fim da supervisão (Barnett & Molzon, 2014).

Conclusões possíveis sobre o investimento na investigação direccionada aos vários aspectos que compõem a supervisão é de que este não é homogéneo e os estudos com a variável processo são limitados (Watkins, 2014b).

#### RECOMENDAÇÕES E LIMITAÇÕES

A validade clínica que sustenta esta área de investigação, apesar de significativa e consistente, não é empiricamente robusta. O maior desafio é a correcção do desfasamento entre o que se considera como validade clínica e validade empírica e propõe que sejam usadas abordagens e metodologias variadas, procurando maior rigor no sentido da relevância e replicabilidade (Watkins, 2012b).

Os estudos qualitativos poderão contribuir consideravelmente para a conceptualização, prática e investigação, já que geram estruturas compreensivas, promovendo alargamento de perspectivas e consolidação do conhecimento em supervisão, idealmente respeitando os mesmos critérios de qualidade exigidos às abordagens quantitativas (Watkins, 2014b). Por seu lado, nos estudos qualitativos em psicoterapia é necessário (i) desenvolver princípios orientadores para a prática; (ii) realizar meta-análises qualitativas; (iii) definir políticas de revisão em publicação (Levitt, 2015) idealmente extensivos às abordagens em supervisão. Uma das principais conclusões do estudo de Watkins e Scaturro (2013) que reitera a dispersão em investigação derivada das dificuldades para uma unificação conceptual, é a ausência de modelo educacional de linguagem comum. Os autores sugerem que, à semelhança do esforço que tem vindo a ser conduzido para encontrar uma linguagem comum em psicoterapia –

Common Language for Psychotherapy Project ([www.commonlanguagepsychotherapy.org](http://www.commonlanguagepsychotherapy.org)), esforços idênticos deveriam ser aplicados para supervisão.

Existe concordância, de uma forma geral, sobre as limitações e recomendações recorrentes na literatura identificando-se principalmente o conhecimento como sendo predominantemente descritivo e correlacional (Watkins, 2014a).

As principais recomendações identificadas são (i) clarificar constructos e áreas de interesse; (ii) recurso a abordagens *multimethod-multitrait*; (iii) testar inferências; (iv) ter em conta vários aspectos (processos cobertos, auto-supervisão, questões éticas, características dos participantes, impacto do crescente recurso a tecnologias, entre outros); (v) questões transteóricas (“o quê” afecta “o como?”); (vi) foco nos factores comuns (como em psicoterapia) (Stoltenberg e McNeill, 2012).

#### QUAIS OS PRINCIPAIS MODELOS IDENTIFICADOS?

Na procura da compreensão da supervisão, vários autores têm proposto modelos, mais ou menos apoiados empiricamente, com a tónica alternante entre desenvolvimento do supervisor e desenvolvimento do supervisando, ou ainda no papel do supervisor e correspondentes tipos de relação.

Hess et al. (2008), sugerem que a compreensão da supervisão a partir das tipologias do papel, funções do supervisor, expectativas de ambos os intervenientes e respectiva correspondência com a natureza da relação, é adequada, útil e possível. Neste modelo a supervisão pode assentar sobre a postura do supervisor enquanto conferencista (*lecturer*), professor, revisor de casos (*case review*), par (*collegial peer*), monitor, psicoterapeuta, *coach* ou educador. O autor defende que é importante a clara definição de papéis entre supervisor e supervisando no sentido de evitar confusões que derivem em impasses na persecução de objectivos.

Com foco no desenvolvimento do supervisor, Watkins (2012a) resume da literatura cinco principais modelos para uma período compreendido entre 1983 e 2009. São eles de Alonso (1983, 1985) (Novice/Midcareer/Late Career), Hess (1986, 1987) (Beginning/Exploration/Identity Confirmation), Rodenhauser (1994, 1997) (Emulation/Conceptualization/Incorporation/Consolidation), Stoltenberg McNeill (2009) (Level 1/Level 2/Level 3/Level 3 Integrated), Watkins (1990, 1993) (Role Shock/Role Recovery (Transition)/Role Consolidation/Role Mastery).

Todos eles se desenrolam ao longo de quatro níveis de desenvolvimento, com a excepção dos dois primeiros, onde são apenas considerados três níveis. Todos eles pressupõem uma

sequência qualitativa, isto é, uma progressão no desenvolvimento do supervisor nas áreas cognitiva, afectiva, comportamental e de formação e consolidação da identidade. Este processo é tido como expectável, favorável e contínuo no desenvolvimento profissional do supervisor.

Outras propostas de modelos em supervisão, são os Discrimination Model (1979, 1997) e Developmental Models (1987). O primeiro está elaborado em torno do papel do supervisor (*teacher, counselor, consultant*) e áreas de foco na supervisão (*counseling performance skills, cognitive counseling skills, self-awareness, professional behaviors*). No segundo, pelo contrário, não existe um esquema uniformizado, já que na área desenvolvimental, embora haja partilha de temas, comportamentos, motivações e perspectiva de progresso, a tónica difere consoante se posicione a abordagem (i.e. desenvolvimento cognitivo ou psicossocial). Os modelos desenvolvimentais são concordantes quanto a serem sequenciais, hierárquicos, progredindo no sentido da complexidade e integração, atribuindo grande importância aos conflitos iniciais do supervisando. O supervisor tem um papel assumidamente proactivo e, similarmente ao modelo discriminatório, flexível e intencional (Borders & Brown, 2005). Nos modelos eleitos na revisão de Stoltenberg e McNeill (2012) – Modelo de Abordagem Interpessoal (Ladany, Frielander & Nelson, 2005) e Modelo Desenvolvimental Integrativo (Stoltenberg e McNeill, 2010) a preocupação maior é com o desenvolvimento do supervisando. No primeiro as tarefas/estratégias, ou interacções sequenciais do supervisor são desencadeadas por marcadores (verbais ou outros) identificados no supervisando que representam dificuldades específicas – eventos críticos. Este modelo atribui à aliança o papel fundador para a eficácia da supervisão e a tónica é a aprendizagem, crescimento e desenvolvimento do supervisando, mais do que na resolução dos casos, não a reconhecendo como objectivo primário da supervisão. No modelo integrativo de Stoltenberg e McNeill, os domínios das estruturas abrangentes que sinalizam o desenvolvimento do supervisando são a consciência de Si e Outros, motivação e autonomia. O desenvolvimento dos supervisandos é conceptualizado como reflectindo mudanças quantitativas dentro de cada nível e qualitativas entre níveis. As diferentes características e necessidades percebidas em cada nível, sugerem que o ambiente de supervisão deve igualmente mudar, em concordância, promovendo o crescimento. As intervenções do supervisor são vistas como facilitadoras, prescritivas, conceptuais, confrontativas ou catalíticas. O modelo, como integrativo, expressa-se também por incluir pesquisa, análise e exploração de teoria para além, da supervisão clínica e psicoterapia para clarificar processos comuns a outras áreas da psicologia. Assim, importa explorar: modelos cognitivos (processos cognitivos e emocionais); desenvolvimento e

*refinement* de esquemas, de *skills*, de *novice to expert*; *social intelligence*; motivação e modelos de desenvolvimento humano.

Ambos os modelos são transteóricos e ambos destacam a importância da relação, embora respectivamente valorizando aspectos distintos. Similar é também a influência (*interact*) do desenvolvimento do supervisor no desenvolvimento do supervisando que ambos preconizam.

#### INVESTIGAÇÃO EM SUPERVISÃO DE GRUPO.

No que diz respeito à supervisão de grupo, a literatura é bastante reduzida (Smith et al. 2012), no entanto é conveniente apresentar algumas das principais conclusões, uma vez que os participantes do nosso estudo exercem esta modalidade.

Parece haver bastantes similaridades entre as duas modalidades, no entanto algumas especificidades surgem na supervisão de grupo. Assim, como vantagens são referidas uma maior abrangência de perspectivas e alargamento do quadro clínico de referência, já que os supervisandos, além das suas próprias, tomam conhecimento das experiências dos colegas e respectivos clientes, a par dos ensinamentos do supervisor. No entanto, para o supervisor surge uma desvantagem com acréscimo de dificuldade na promoção e contenção do processo de supervisão, traduzido na prática pela procura de resposta às necessidades individuais de cada supervisando e manutenção de uma boa relação de trabalho com o grupo. Uma tarefa adicional será a de permitir que o desenvolvimento das capacidades dos supervisandos ocorra dentro de variedade, por exemplo, não evitando conflitos dentro do grupo, mas permitindo o seu desenrolar de forma construtiva, o supervisor permite que se expressem e sejam analisados diferentes pontos de vista (Ögren & Sundin, 2009).

Uma carência apontada na modalidade de grupo, é a ausência de orientação na literatura que informe a prática, condicionando o supervisor a basear-se na intuição, suposições, algumas descrições de casos e nas suas próprias experiências de supervisão individual ou de grupo, comprometendo assim, entre outros, aspectos ligados à ética (Smith et al., 2012).

Uma medida sugerida por Smith et al. (2014), para assegurar uma supervisão de grupo bem planeada, conduzida e estruturada no sentido ético, é o uso de contratos. Como elemento bem reconhecido na supervisão individual, o contrato permite clarificar objectivos, determinar papéis e explicitar a componente avaliativa relativamente ao supervisando.

A diversidade/multiculturalidade também foi considerada como um dos aspectos relevantes na supervisão de grupo, idealmente um processo auto-reflexivo que, recebendo estímulos

variados, pode promover enriquecimento de perspectivas extensivas à prática clínica (Chin et al. 2014).

## SUPERVISÃO EM PSICOTERAPIA EXISTENCIAL – CONCEITOS E INVESTIGAÇÃO

A literatura sobre supervisão de inspiração existencial é reduzida, no entanto, alguns aspectos foram já discutidos no que diz respeito à sua aplicação em psicoterapia, oferecendo-nos um ponto de partida para compreender como é considerada, afinal, a supervisão nesta perspectiva. Para a melhor compreensão de supervisão de inspiração existencial, importa aqui fornecer uma definição de psicoterapia existencial, ou psicoterapias existenciais, tal como sugerido por Cooper (2003), que considera as práticas existenciais como uma “tapeçaria rica”, que estão orientadas para a mesma questão: a existência humana tal como é vivida.

Atendendo à diversidade de influências e aspectos valorizados por cada autor, elegemos uma possível, entre outras. Para Villegas (1988), citado por Teixeira (2006), é um “método de relação interpessoal e de análise psicológica cujo objectivo é o de facilitar na pessoa do cliente um auto-conhecimento e uma autonomia psicológica suficiente para que ele possa assumir livremente a sua existência”. Yalom (2007) salienta a importância da confrontação, em terapia, com os dados da existência (morte, isolamento, ausência de sentido e liberdade) para a resolução dos conflitos daí resultantes. A tónica é na exploração da consciência intencional e experiência de ser-no-mundo do cliente, privilegiando a descrição (Spinelli, 2005).

Destacámos a negrito uma das ideias centrais nas abordagens existenciais em psicoterapia, legado da fenomenologia (Teixeira, 2006), que subjaz ao encontro humano entre psicoterapeuta e cliente e deixamos sinalizado como passível de ser importado para o contexto de supervisão e respectivos intervenientes.

Recorrendo à formulação do subtítulo de um estudo realizado por du Plock, afinal o que se entende por Supervisão Existencial? Neste estudo, o autor pretende identificar as estruturas essenciais do conceito, tal como são experienciadas por terapeutas que recebem e facilitam supervisão dita existencial. Identificou quatro dimensões, convergentes nas respostas de ambas as posições (supervisor/supervisando), que descrevem a supervisão existencial: (i) assistir/ter em consideração o Ser (*Being*) do supervisando; (ii) apoio numa atitude filosófica; (iii) promoção de uma perspectiva relacional; (iv) supervisor como par/mentor. Assim, apurou aspectos distintivos da supervisão existencial que se caracteriza pelo foco nas possibilidades de estar em relação, numa abordagem/exploração/reflexão cooperante e não autoritária. Outro

aspecto que interessa destacar na abordagem existencial da supervisão é, tal como na psicoterapia, a centralidade da aliança terapêutica fundada na relação, encontro e atribuição de significados (du Plock, 2009).

Sendo parca a investigação em supervisão na perspectiva existencial, como anteriormente mencionado, cabe-nos referir aqui as principais conclusões dos estudos disponíveis, que complementarmente nos trazem mais conhecimento na área.

Do estudo de Worthen e McNeill (1996) com metodologia fenomenológica sobre “bons” eventos em supervisão, destacamos a sugestão de que (a) não é expectável que uma fórmula única garanta boas experiências de supervisão e (b) a promoção de uma relação facilitadora, por parte do supervisor, habilita-o a reconhecer oportunidades de intervenções que vão ao encontro das necessidades singulares dos supervisandos.

Ficámos também a saber que uma relação facilitadora é necessária, mas não suficiente para uma supervisão positiva, já que esta deve integrar simultaneamente aspectos da relação (*relationship-oriented*) e de realização de tarefa (*task-oriented behavior*) e que a inflexibilidade do supervisor está ligada ao impacto negativo sobre o supervisando (Hutt et al. 1983).

Das estruturas e aspectos diferenciadores apurados, já se destacam alguns conceitos que apoiam as propostas apresentadas por diversos autores de formação e prática existencial, organizadas por Emmy van Deurzen e Sarah Young, no livro “Existential Perspectives on Supervision”. Nele, as autoras fazem a primeira tentativa de sistematizar o conhecimento sobre o que é a supervisão existencial, sugerir futuras direcções, nomeadamente a importância da investigação numa época da predominância da prática baseada na evidência, e ainda evidenciar as possibilidades transteóricas desta perspectiva, já que consideram que toda a supervisão é, de alguma forma, de natureza existencial.

#### QUE PROPOSTAS PARA A SUPERVISÃO NA ABORDAGEM EXISTENCIAL?

Na perspectiva existencial alguns autores começam por questionar o uso do termo supervisão, já que tem sido sobrecarregado com significados diferentes, atendendo às funções associadas à tarefa, como (i) facilitar o desenvolvimento profissional do supervisando; (ii) o ensino de teoria; (iii) promover suporte e desenvolvimento pessoal do supervisando e também (iv) assegurar a qualidade da prática clínica do supervisando enquanto terapeuta (papel regulador). Substituir o termo supervisão por discussão reflexiva é a uma proposta que parece não desvirtuar os pressupostos fundamentais da postura existencial, considerando os aspectos

relacionais (noção de relação/encontro e significados na aliança, tal como na psicoterapia), de foco (co-investigação para compreender a criação de significados do cliente), e contextuais (discussão e clarificação de aspectos da diversidade).

Da convergência de perspectivas emergiram alguns temas específicos que sugerem a possibilidade para a prática da supervisão, a partir duma perspectiva coerente com os pressupostos teóricos e filosóficos existenciais.

Os temas emergentes são: (i) *Being-in-the world* (Ser-no-mundo); (ii) fenomenologia; (iii) diálogo; (iv) amor, cuidado e respeito; (v) *embodiment* (corporalidade); (vi) mundovisão, espiritualidade e significado; (vii) responsabilidade e liberdade; (viii) contexto organizacional.

O conceito de Ser-no-mundo pressupõe que cada relação estabelecida com outra pessoa, em determinada situação, num dado momento, se revista de particularidades decorrentes da singularidade de cada uma e da situação em si. Esta conexão inevitável implica que a pessoa do supervisor, com os seus vieses, também seja considerado na relação e na co-criação.

A fenomenologia, é a atitude que permite manter a seriedade e rigor na tarefa de supervisão, apesar dos preconceitos e vieses. Suspendendo conhecimentos, crenças e pressupostos, com recurso a descrição em vez da explicação ou interpretação, mantendo uma atitude de não-saber, de dúvida e abertura à descoberta, supervisor e supervisando promovem um terreno propício ao desenvolvimento.

O diálogo estabelece a qualidade do encontro, evitando entraves à co-criação, ou seja, permitindo espaço para o novo que se forma.

Porque somos seres-no-mundo-com-outros, é fundamental que tenhamos presente a necessidade do amor, cuidado e respeito nas dinâmicas relacionais, neste caso, no espaço da supervisão. Desta forma, promove-se a exploração de uma dimensão relativamente esquecida, permitindo a expansão das qualidades de ser-com-outros.

De braço dado com a noção de intencionalidade de Husserl, na qual mente e corpo não são separados, mas unidade, os supervisores existenciais têm presente a importância da corporalidade na complexidade da experiência humana.

Considerando a multiplicidade do ser humano, a supervisão existencial não pode deixar de contemplar a mundovisão, espiritualidade e significado, criando espaço para alcançar novos horizontes, quer para o supervisando enquanto terapeuta, quer para o cliente.

A responsabilidade e liberdade, conceitos centrais nas abordagens existenciais, querem-se presentes na situação de supervisão, lembrando aos supervisandos que todos partilhamos destes e outros dados existenciais e mostrar-lhes como podem promover a mudança nos seus clientes, se estes os enfrentarem.

Por fim, a supervisão existencial tem sempre em conta os factores sociais, culturais e políticos, logo a sua contribuição para a discussão de aspectos relevantes da diversidade dos contextos organizacionais é pertinente, já que valoriza a flexibilidade e adaptabilidade. A proposta é, então, assegurar que estes conceitos constituam a estrutura da supervisão existencial, salvaguardando assim a honestidade na prática, de acordo com as contribuições teórica-filosóficas que informam a abordagem. Não pretende ser um guião, mas um mapa que fornece orientações para um trabalho que não é fácil, mas é desafiante e enriquecedor. Mais ainda se for realizado com intensidade, vitalidade e paixão, como referem as autoras (van Deurzen & Young, 2009).

#### OBJECTIVO DO ESTUDO

Após a análise da literatura mais recente na investigação em supervisão, evidencia-se o esforço na procura de rigor e coerência (*evidence-based*). Este esforço está claramente presente no caminho que tem sido percorrido até às conclusões que fundamentaram as *Guidelines* da APA. Uma parte considerável da atenção das investigações incide directa ou indirectamente sobre as competências do supervisor, o que pode ser interpretado como o resultado da verificação do nível de responsabilidade que detém, num processo que visa o desenvolvimento profissional do supervisando e a esperada mudança no(s) cliente(s). Isto é coerente com o foco das recomendações presentes nas *Guidelines*, não descurando o papel do supervisando no processo, mas com a tónica no papel do supervisor.

O supervisando encontra-se na fase de construção das fundações que lhe permitirão entrar na profissão, na qual lhe serão exigidas igualmente competências para o exercício da mesma, sendo portanto um momento crucial para a sua futura integração. O grau de exigência, no seu futuro profissional, não será menor, no entanto, a etapa da supervisão antecede essa realidade, momento esse que coloca o supervisor na posição de maior responsável, condutor, facilitador, promotor, simultaneamente com a obrigação de auto-regulação, auto-cuidado, auto-reflexão. Nas escassas abordagens sobre a supervisão de grupo, fica ainda a sugestão de que as tarefas do supervisor sejam acrescidas de mais dificuldades, atendendo à especificidade do ambiente. De assinalar também a relevância da relação, que influencia a aliança, variável referida como eixo central dominante nos estudos da supervisão e que se encontra associada a outros aspectos do processo.

Outro aspecto pertinente tem que ver com a sugestão algo tímida (qualificação nossa) da importância de adequar a supervisão “à medida” do(s) supervisando(s) – *tailoring* –

acentuando a flexibilidade necessária ao processo, bem como a consideração da singularidade de pessoas e situações.

Embora já muito trabalho tenha sido realizado em investigação em supervisão, na literatura evidencia-se a necessidade de ampliar e consolidar o conhecimento na área.

As metodologias qualitativas são apontadas como um caminho possível no sentido de enriquecimento do conhecimento em supervisão, sendo que para isso é sugerido que sejam desenvolvidos princípios orientadores, realizadas meta-análises qualitativas, definidas políticas de revisão em publicação.

Tendo em conta o panorama da investigação em supervisão, o objectivo do presente estudo é explorar a temática da Supervisão Clínica a partir da perspectiva do supervisor, tendo em conta a sua experiência na prática informada pela abordagem existencial. Propõe-se deste modo contribuir para enriquecer o conhecimento na área.

Os participantes no presente estudo são psicoterapeutas existenciais e simultaneamente supervisores dentro da mesma abordagem, na modalidade de grupo, em contexto de formação de psicoterapeutas.

Propomo-nos realizar uma análise compreensiva dos temas emergentes das entrevistas realizadas com cada participante, congregados posteriormente através do método fenomenológico numa estrutura geral que representa as dimensões eidéticas e relação entre elas, isto é, permitindo que os dados se revelem, não partindo de categorias pré-definidas.

## MÉTODOS

### DELINEAMENTO

Atendendo aos objectivos do presente estudo, optou-se pela metodologia qualitativa, já que pretende ser uma abordagem naturalística compreensiva, orientada para aferir significados a partir da experiência de cada participante e posterior análise estrutural. A investigação qualitativa integra o observador no mundo, propondo que o mundo se revele, valoriza o quadro de referência do investigador, a natureza flexível do delineamento, a riqueza emergente dos dados e o carácter distintivo de análise e interpretação. É adequada para o estudo de processos que ocorrem ao longo do tempo, exploração de temas complexos e procura responder a questões de *o quê e como*, mais do que *porquê*. (Ritchie & Lewis, 2009). A investigação qualitativa tem demonstrado ser um meio essencial na abertura de áreas de conhecimento de aspectos da experiência humana, a partir da experiência humana, não inviabilizando o uso de métodos adicionais complementares (Leary, 2014).

Em contraste com a perspectiva positivista, dominante, assente na lógica de causalidade entre fenómenos que, através da verificação empírica – método experimental - procura a generalização e universalidade, a investigação qualitativa propõe-se descrever, explorar e compreender os fenómenos tal como se manifestam, em ambientes naturais. Não parte da teoria para a verificação, mas dos dados para as conclusões (Giorgi e Sousa, 2010).

A investigação qualitativa caracteriza-se pelo pluralismo nas abordagens e o que as distingue prende-se com a disparidade de aspectos ontológicos, epistemológicos e ideológicos, o que torna relevante a postura epistemológica do investigador. Revela-se igualmente de maior interesse que se venham a determinar critérios de excelência nas práticas de investigação com metodologias qualitativas. Os critérios de excelência não têm obrigatoriamente que servir todas as abordagens qualitativas, no entanto, podem ser reflectidos e discutidos a partir de um alinhamento coerente e partilhado dentro de cada comunidade/escola conceptual (Gergen, 2014).

Por ser um método qualitativo apoiado numa teoria do conhecimento, por se adequar ao objectivo do presente estudo, pelo rigor a que obedece a sua aplicação, bem como se encontrar alinhado com a postura epistemológica do investigador, elegeu-se o *método fenomenológico descritivo* tal como sugerido por Giorgi (Giorgi e Sousa, 2010), para a análise das entrevistas.

O método foi desenvolvido para a psicologia a partir da Fenomenologia de Husserl, apoia-se no conceito de *intencionalidade* e propõe-se compreender o sentido da experiência humana tal como se apresenta. A *intencionalidade* – conceito central em Fenomenologia – diz-nos que a consciência é sempre dirigida a algo (real ou ideal), isto é, consciência *de* alguma coisa (olhar *para*; fantasiar *sobre*; estar apaixonado *por*) e que surge um significado sobre aquilo a que a consciência se dirige. O conhecimento do objecto nunca é total, mas variável de acordo com as construções de significado. O objecto de estudo é o objecto intencional - o sentido da experiência humana. Deste modo, a investigação fenomenológica procura conhecer as dimensões eidéticas (*eidōs* = essência), isto é, as estruturas invariantes da experiência (Giorgi e Sousa, 2010).

O *método fenomenológico descritivo* proposto por Giorgi, pressupõe um procedimento rigoroso e minucioso, em que o investigador adopta uma postura fenomenológica em que faz uso da *epoché* (suspensão conhecimentos prévios), *redução fenomenológica-psicológica* (atitude fenomenológica com foco no objecto intencional) e *análise eidética* (variação livre imaginativa) resultando posteriormente numa estrutura geral, na qual estão identificadas as dimensões eidéticas e as relações entre elas. Consiste em quatro etapas, que se descrevem de seguida:

Passo 1: leitura integral do texto que resultou da transcrição da entrevista, procurando estabelecer o sentido geral.

O único objectivo do investigador é a compreensão geral das descrições, não se deter em aspectos fundamentais ou distintivos, nem formular hipóteses interpretativas. Poderão ser necessárias várias leituras.

Passo 2: determinação e divisão da transcrição em unidades de significado.

O foco está no participante que, em linguagem do senso comum numa atitude natural, descreveu em linguagem do senso comum a sua experiência subjectiva do objecto de estudo, tal como se apresenta à consciência, numa atitude natural. Também numa atitude natural, a transcrição da entrevista é dividida em unidades de significado, pelo investigador. A constituição de unidades torna mais acessível o objecto de estudo.

Passo 3: transformação das unidades de significado em unidades de significado psicológico.

O foco passa para o investigador que, partindo das unidades de significado expressas pelo participante em linguagem do senso comum numa atitude natural, as transforma em unidades

de significado psicológico (implícitos e explícitos), sem recurso a terminologia, fazendo uso da redução fenomenológica e análise eidética. Neste ponto, o investigador (i) suspende a atitude natural, pressuposições teóricas, culturais e sociais; (ii) entende todas as descrições como fenómenos intencionais (tal como se apresentam à consciência) e considera *como* estes se manifestam.

Passo 4: determinação e construção da estrutura geral de significados.

A partir das unidades de significado agora transformadas em linguagem psicológica e em associação à temática do estudo, com recurso à variação livre imaginativa procede-se a uma análise dos sentidos mais invariantes partilhados pela totalidade dos participantes, pretendendo alcançar as dimensões eidéticas ou constituintes-chave. Estes constituintes e relações entre eles estabelecidas, são posteriormente apresentados num texto síntese – estrutura geral de significados psicológicos.

A análise pós-estrutural dos resultados, também presente neste estudo, embora não sendo componente das etapas de aplicação sistemática do método, faz parte do processo de investigação. Tem como propósito clarificar, para melhor compreensão dos dados empíricos (variações empíricas) e, eventualmente, considerar dimensões identificadas como não sendo comuns a todos os participantes, mas que surgem com uma qualidade que se destaca (Giorgi e Sousa, 2010).

#### PARTICIPANTES

A escolha dos participantes foi determinada pela adequabilidade e pertinência do testemunho das suas experiências, no que concerne a possibilidade de contribuição dentro da temática explorada, tendo em conta a procura de alinhamento na observação dos critérios os critérios da *estrutura de validação de investigação qualitativa* (Sousa, 2014); e pela acessibilidade junto da Sociedade Portuguesa Psicoterapia Existencial - SPPE, entidade na qual exercem supervisão de grupo em contextos de formação para psicoterapia.

Foram entrevistados três supervisores da referida entidade, um do género feminino e dois do género masculino, com médias de idade de 44 anos. Um dos participantes é psiquiatra e tem 28 anos de experiência clínica e 10 como supervisor. Os outros dois participantes são psicólogos clínicos e têm ambos 14 anos de experiência clínica e 5 e 7 como supervisores,

correspondentemente. Todos eles são psicoterapeutas de inspiração fenomenológico-existencial.

#### PROCEDIMENTO

O primeiro contacto para convidar as pessoas a participar no estudo foi realizado pelo orientador do seminário, através de correio electrónico. Após terem manifestado interesse em participar, a investigadora realizou o segundo contacto, igualmente por correio electrónico, para agendar as entrevistas.

As entrevistas foram realizadas pela investigadora do estudo em locais distintos, da preferência de cada um dos participantes, com condições físicas adequadas ao registo áudio para posterior transcrição integral.

Antes do início de cada entrevista foi assinado o consentimento informado, justificado o uso do gravador de áudio, explicitado o propósito do estudo e qual o método de análise a ser aplicado posteriormente. Referiu-se ainda a possibilidade de realizarem eventuais alterações ao texto da transcrição da entrevista antes de ser analisado. Antes de proceder à gravação deu-se oportunidade de o participante esclarecer alguma dúvida, manifestando disponibilidade para mais esclarecimentos no final da entrevista. Ligado o gravador foi pedido a cada participante que descrevesse, tão detalhadamente quanto possível, a sua experiência de supervisão, na qualidade de supervisor. De acordo com os parâmetros da entrevista fenomenológica, foi dada a possibilidade de reflexão atendendo aos aspectos que consideravam importantes, quer fossem facilitadores, ou causassem dificuldades; aspectos da responsabilidade enquanto reguladores da prática clínica e tudo o mais que lhes ocorresse. A duração média das entrevistas foi de 48 minutos. No final de cada entrevista foram reiterados os agradecimentos aos participantes e lembrado o envio da transcrição para eventuais alterações, devendo ser devolvida com consentimento de uso para o processo de análise. Foi ainda disponibilizada a consulta do estudo, após a sua conclusão.

#### INSTRUMENTOS

A entrevista fenomenológica foi o instrumento através do qual se recolheram os dados para o presente estudo.

A entrevista fenomenológica distingue-se de outras entrevistas pela teoria que a informa e, conseqüentemente, sobre o objectivo que preside ao seu uso no que diz respeito ao teor dos dados a serem recolhidos e posteriormente analisados, visando uma produção de

conhecimento conceptualmente distinta. Tendo em conta de que a melhor forma de saber algo a respeito de pessoas, é perguntar às pessoas, a pertinência da escolha da entrevista fenomenológica fica demonstrada, já que esta se detém na descrição das vivências subjectivas de cada participante, face ao tema da Supervisão. Em oposição a entrevistas estruturadas ou questionários fechados, cujo objectivo pode passar por testar hipóteses, a entrevista fenomenológica tem um carácter exploratório, inter-relacional e dialéctico. Pretende favorecer um contexto empático, no qual o entrevistado possa sentir-se acolhido na *sua* forma de descrição das *suas* experiências, isto é, nos significados construídos, resultado da sua própria consciência intencional (Giorgi e Sousa, 2010).

Ao determinar o uso da entrevista fenomenológica a escolha dos participantes é importante, pois espera-se que estes tenham ligação vivencial ao tema em estudo, dando conta da sua experiência subjectiva. As competências do entrevistador de investigação qualitativa também são importantes, na medida em que este deve promover um ambiente facilitador de abertura passível de gerar a participação interessada do entrevistado, por forma a produzirem-se descrições tão detalhadas e concretas quanto possível, das suas experiências face ao tema em exploração. Competências tais como ter conhecimentos aprofundados do tema em estudo (sem perder de vista a *epoché*), ser estruturante e simultaneamente aberto, no sentido da disponibilidade, mas também de permanecerem no enquadramento do tema, a clareza, sensibilidade e adequabilidade são fundamentais, a que se soma ainda a necessidade de que o investigador se regule por uma atitude de integridade, de que fazem parte a honestidade, o conhecimento e a experiência. A entrevista não segue um guião previamente elaborado, contudo, é dada a possibilidade ao entrevistado de se situar perante o tema de estudo, explicitando inicialmente o objectivo do investigador (Kvale, 1996).

Valendo-nos das metáforas usadas por Kvale, o entrevistador assemelhar-se-á mais a um viajante que visita um local desconhecido e colhe impressões para relato posterior, do que a um mineiro que procura o metal precioso soterrado, através de um planeamento para escavações metódicas. Estas duas posições face à actividade de investigar, informam-nos não somente a respeito da atitude do investigador, como do alinhamento dessa atitude face ao objectivo da investigação.

## RESULTADOS

### ESTRUTURA GERAL

A supervisão de abordagem fenomenológico-existencial estabelece-se na **centralidade da relação** e na **responsividade** por parte do supervisor, adaptando-se este à singularidade de cada supervisando e das suas necessidades.

A **insegurança dos supervisandos** surge como uma dificuldade comum, sendo considerada importante a promoção de um **espaço seguro** no qual seja possível ultrapassar anseios que podem conduzir a evitamentos ou mesmo omissões. Para os supervisandos, é um espaço de **desenvolvimento pessoal e profissional**, no qual são exploradas os caminhos que levam à prática clínica. É igualmente um **espaço de integração de saberes**, que possibilita a ligação entre saber e saber-fazer.

A supervisão de abordagem fenomenológico-existencial é um **processo colaborativo**, de **co-reflexão**, no qual é valorizado o contributo dos supervisandos para a discussão e estes são estimulados a alargar perspectivas num trabalho de parceria. É possível identificar um **equilíbrio no foco da supervisão entre aspectos relacionais e aspectos clínicos**, que privilegia os aspectos da prática colocando a **teoria em segundo plano**.

Abre-se espaço para um **processo de descoberta** que fertiliza o progresso pessoal e profissional, dinamizado através do **permanente autoquestionamento** promovido pelo supervisor, oferecendo-se este como modelo fundador. Decorrente das posturas de abertura e questionamento, é facilitada a construção da **disponibilidade para integrar diferentes perspectivas** e reconhecido como vantagem da supervisão de grupo. É importante e cabe ao supervisor **ajustar expectativas** que facilitem a integração das novas perspectivas e capacidade de os supervisandos se confrontarem com as limitações.

A supervisão de abordagem fenomenológico-existencial apresenta-se também como um **espaço de aprendizagem para o supervisor**, uma constante actualização. Na perspectiva deste, a **prática clínica apoia a prática da supervisão** e é reconhecida a **influência da experiência do supervisor enquanto supervisando**, na procura de responder às necessidades emergentes.

A **humildade**, a **autenticidade e coerência** e a **abertura ao não-saber**, revelam-se como qualidades do supervisor e definem a sua postura, em congruência com a abordagem

fenomenológico-existencial que informa a sua prática. Para o supervisor **prazer e desafio** estão presentes ao longo do processo, estimulando-o a encarar cada supervisão como única.

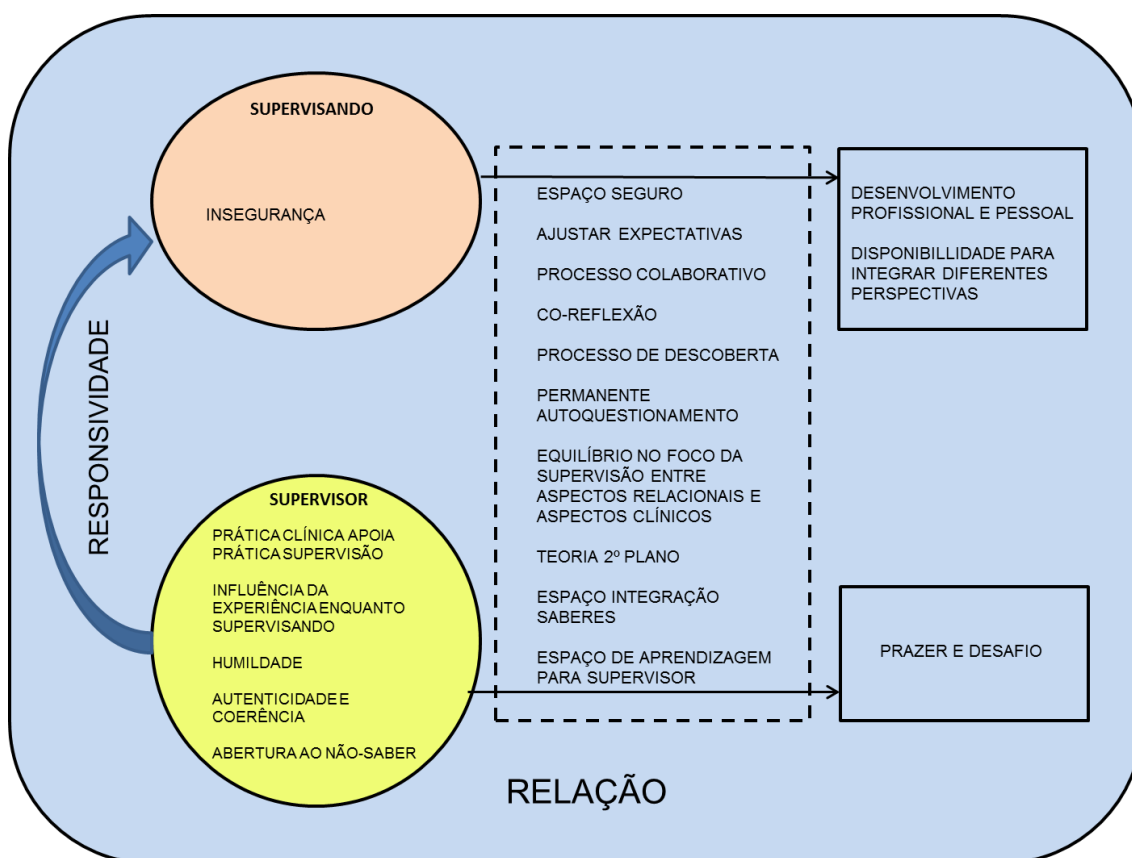
#### CONSTITUINTES-CHAVE OU DIMENSÕES EIDÉTICAS

Tabela 1

*Constituintes-chave ou dimensões eidéticas - P1, P2 e P3*

CONSTITUINTES-CHAVE OU DIMENSÕES EIDÉTICAS – P1, P2 E P3
<ul style="list-style-type: none"><li>• centralidade da relação</li><li>• responsividade</li><li>• insegurança do supervisando</li><li>• espaço seguro</li><li>• desenvolvimento profissional e pessoal</li><li>• espaço de integração de saberes</li><li>• processo colaborativo</li><li>• co-reflexão</li><li>• equilíbrio no foco da supervisão entre aspectos relacionais e aspectos clínicos</li><li>• teoria em 2º plano</li><li>• processo de descoberta</li><li>• permanente autoquestionamento</li><li>• disponibilidade para integrar diferentes perspectivas</li><li>• ajustar expectativas</li><li>• espaço de aprendizagem para o supervisor</li><li>• prática clínica apoia prática de supervisão</li><li>• influência da experiência do supervisor enquanto supervisando</li><li>• humildade</li><li>• autenticidade e coerência</li><li>• abertura ao não-saber</li><li>• prazer e desafio</li></ul>

Figura 1. Estrutura geral



#### ANÁLISE PÓS-ESTRUTURAL

As dimensões eidéticas resultantes do processo de análise dos dados, organizam-se numa estrutura que traduz os aspectos mais relevantes, constituintes de significado para os participantes (P1, P2 e P3), a partir da descrição da experiência de supervisão, enquanto supervisores. Os constituintes que se revelaram como mais importantes nas vivências singulares de cada participante, estão relacionados entre si e fornecem-nos uma plataforma de invariantes pertinentes para a compreensão do processo de supervisão. No sentido de explicitar a estrutura revelada a partir das variações empíricas de P1, P2 e P3, apresenta-se uma análise dos constituintes-chave em inter-relação, pois fazem parte de uma totalidade abrangente do processo de supervisão.

A supervisão de abordagem fenomenológico-existencial estabelece-se na **centralidade da relação**, em que a postura aceitante, a empatia e congruência são factores que contribuem para a formação da aliança e coesão no grupo e na **responsividade** por parte do supervisor, concretizada no respeito, cuidado e flexibilidade adaptados à singularidade de cada supervisando e das suas necessidades. A relação apresenta-se como a plataforma de

sustentação que permite uma postura mais genuína de todos os intervenientes, possibilitando a expressão de dinâmicas nem sempre harmoniosas, como acontece em quaisquer interações humanas. A responsividade assume particular importância na aprendizagem do supervisando, mas também como qualidade integrante no processo de desenvolvimento enquanto psicoterapeuta. O cuidado do supervisor na aferição da capacidade de auto-reflexão, integração de conhecimento e flexibilidade para aceitar novas perspectivas, permite ao supervisando sentir-se acolhido e respeitado nas suas fragilidades e alargar os seus horizontes. Esta adaptação à singularidade de cada pessoa pode considerar-se um modelo que, uma vez integrado, vai informar a sua própria postura enquanto psicoterapeuta.

Tendo sido nomeada a **insegurança dos supervisandos**, como dificuldade comum que se manifesta principalmente no início da actividade clínica, neste caso específico, coincidente com o início da formação, é importante a promoção de um **espaço seguro**. O supervisor é responsável pela promoção de um espaço no qual o supervisando se permita errar, no qual seja possível descobrir e desenvolver uma identidade própria enquanto psicoterapeuta, em que se estabeleça confiança suficiente para ultrapassar anseios que podem conduzir a evitamentos ou mesmo omissões, comprometendo a aprendizagem. Para os supervisandos, é um espaço de **desenvolvimento pessoal e profissional**, no qual são exploradas os caminhos que levam à prática clínica. Uma vez conseguido um ambiente facilitador que garanta segurança, em que a percepção de ameaça seja eliminada através da postura apoiante e crítica construtiva, por parte do supervisor, estão reunidas as condições para enfrentar desafios próprios de desenvolvimento enquanto terapeuta. É igualmente um **espaço de integração de saberes**, que possibilita a ligação entre saber e saber-fazer, entra teoria e prática.

A supervisão de abordagem fenomenológico-existencial é um **processo colaborativo**, de **co-reflexão**, no qual é valorizado o contributo dos supervisandos para a discussão e estes são estimulados a alargar perspectivas, num trabalho de parceria com o supervisor e com o grupo. Relativamente à disponibilidade afectiva, ao apoio prestado pelo supervisor no esclarecimento de dúvidas, acompanhamento da prática clínica, identifica-se um **equilíbrio no foco da supervisão entre aspectos relacionais e aspectos clínicos**. No entanto, nas vivências descritas, os aspectos da prática são valorizados relativamente a conceptualizações oferecidas pela abordagem fenomenológico-existencial, colocando a **teoria em segundo plano**.

Num cenário de parceria e desafio, abre-se espaço para um **processo de descoberta** que fertiliza o progresso pessoal e profissional, dinamizado através do **permanente autoquestionamento** promovido pelo supervisor, oferecendo-se este como modelo fundador.

O desenvolvimento pessoal e profissional do supervisando é proporcional à sua capacidade de se questionar e confrontar com as suas fragilidades, implicando mudanças na forma que este tem de se relacionar consigo próprio. Decorrente das posturas de abertura e questionamento, é facilitada a construção da **disponibilidade para integrar diferentes perspectivas** e reconhecido como vantagem da supervisão de grupo, pois as dinâmicas permitem o exercício de reflexão acerca de diferentes experiências e diferentes casos clínicos. É importante e cabe ao supervisor **ajustar expectativas** que facilitem a integração das novas perspectivas e a capacidade de os supervisandos se confrontarem com as limitações. A supervisão de grupo torna-se um meio facilitador de abertura para integração de diferentes pontos de vista, surgindo assim valorizada a diversidade.

A supervisão de abordagem fenomenológico-existencial apresenta-se também como um **espaço de aprendizagem para o supervisor**, uma constante actualização. Na perspectiva deste, a **prática clínica apoia a prática da supervisão**. De acordo com os participantes existe uma grande proximidade entre o que se passa em psicoterapia e o que se passa em supervisão, mais evidente no que diz respeito a aspectos relacionais que envolvem cuidado, aceitação, respeito. É ainda reconhecida a **influência da experiência do supervisor enquanto supervisando**, na procura de responder às necessidades emergentes, nomeadamente a necessidade de segurança e criação de estímulo.

A **humildade** implícita na aceitação das próprias limitações e constante autoquestionamento, a **autenticidade e coerência** e a **abertura ao não-saber**, revelam-se como qualidades do supervisor e definem a sua postura, em congruência com a abordagem fenomenológico-existencial que informa a sua prática. Para o supervisor **prazer e desafio** estão presentes ao longo do processo, estimulando-o a encarar cada supervisão como única.

Todos os constituintes anteriores são partilhados pelos três participantes do estudo, mas destaca-se adicionalmente uma dimensão que importa referir, tendo sido manifestada apenas por P2 e P3. Trata-se da vivência do sentimento de perda no final do processo de supervisão, descrito por P2 como “passo sempre por um período de luto do grupo anterior” (US 24); “Bom, e então tive que fazer o luto desse grupo, para o grupo seguinte e foi também um processo, não é...” (US 30) e por P3 como “uma certa... humm... ambiguidade dentro de mim, que é quando os grupos terminam há uma parte de mim que fica satisfeita, no sentido de... humm... de tarefa cumprida (...) mas depois há um outro lado em que eu dou por mim a viver uma certa sensação de perda” (US 60); “mas depois há um outro lado em que aquele contexto deixa de estar, aquele contexto relacional com as conquistas que forma feitas dentro

desse contexto, deixa de ser, e esse é o lado que eu às vezes vivo como uma... (baixa o tom) perda.” (US 64).

Em ambos os participantes a questão emergiu ligada a aspectos relacionais e salientou-se não somente pelo conteúdo partilhado, mas principalmente pela tonalidade afectiva presente nas narrativas. Ambos falam do investimento emocional que permeia a disponibilidade com que encaram cada processo de supervisão, congruente com a postura fenomenológico-existencial.

Tabela 2.

Variações empíricas dos participantes – P1, P2 e P3

Constituintes-chave	VARIAÇÕES EMPÍRICAS		
	P1	P2	P3
<b>centralidade da relação</b>	<p>10“É claro que a gente vai tentando ir um bocadinho mais longe do que aquilo que a pessoa consegue ir naquele momento, mas é quase como se também não pudéssemos ir demasiado longe quando ela não está preparada.”</p> <p>13“(…) Tem que esperar que eles estejam preparados para questionarem determinadas coisas.”</p> <p>14 “(…)A gente empurra um bocadinho mais a linha e percebe se a pessoa, ok, se ela aceita ou não. Se ela aceitar, é sinal que está preparada para ir um bocadinho mais à frente, ou seja, que eu se calhar posso ser, posso questionar mais, posso ajudá-la a pôr-se mais em causa, ok? Se eu vir que ela fica muito defensiva, aí recuo um bocadinho, ok, ainda não é o teu tempo (sorri). Então vamos recuar um bocadinho, vamos ter um bocado mais de cuidado, não vamos tão longe, ou seja, vou aferindo precisamente</p>	<p>5 “E eu faço exactamente o contrário. Um ambiente descontraído, um ambiente onde as pessoas se sintam bem, onde as pessoas não tenham medo de se expor, porque não vão ser criticadas. Isso para mim é fundamental.”</p> <p>6 “Vão é ser apoiadas e, eventualmente, aqui ou ali, fazer sugestões de alguma correcção, de alguma coisa que eventualmente estejam a fazer mal, mas sempre posto sobre a tónica da sugestão e nunca sobre a crítica, ou fazer com que a pessoa se sinta mal.”</p> <p>28 “Ríamos uns dos outros, mas uns com os outros. Esse grupo deu-me realmente um prazer muito grande.”</p>	<p>16 “Acho que é existencial. Uma das coisas que eu prezo, ou acho que me apossei duma maneira muito vivida na existencial é a centralidade da relação... é uma coisa... tudo o resto pode existir se cuidarmos desta parte... humm...”</p> <p>29” E isto é uma coisa que quando falava da relação, é muito... acho que é uma coisa que eu prezo, é uma coisa que eu valorizo, que é a ideia de, não é a ideia de que nós gostamos dos nossos pacientes, (...) mas esta ideia de que podemos... nos encontrar numa esfera que também é ética, de respeito, de consideração, de um acto que é de cuidar, mas também de... de poder acompanhar e ir onde o outro está.“</p> <p>61 “porque nós levámos tempo até chegar ali, ou seja, aquele momento em que o grupo consegue dar os <i>feedbacks</i> que dá,</p>

	<p>testando. Testando até que ponto a pessoa se permite ser questionada. Digamos que é assim que eu tento encontrar um equilíbrio.”</p>		<p>consegue cooperar, ou estarem ligados uns aos outros e em que eu também posso ter uma postura mais passiva, já não...(…)”</p> <p>62 “a coisa já tem uma vida própria... humm... mais ou menos... com um mecanismo homeostático mais ou menos equilibrado (...)”</p> <p>70 “Um bocadinho aquela história de há pouco, também estamos a pedir às pessoas... falem-nos lá sobre se calhar partes que acham que são menos... ou que julgam como menos boas daquilo que fazem, falem-nos lá dos sítios onde estão... emaranhados, ou embrulhados, ou... dos sítios onde vão sentindo limitações e dificuldades. E esta parte... humm... acho que é importante que a relação... que haja um chão relacional que vá permeando isto e que permita, que possibilite que isto aconteça.”</p>
<b>responsividade</b>	<p>4 “Muito da minha supervisão passa precisamente por ver como é que a pessoa está na interação com</p>	<p>35” e depois, no final quando eu quero devolver o meu <i>feedback</i> a essas pessoas tenho</p>	<p>5 “(...) diria que eu tomo decisões clínicas em termos de supervisão sobre a abordagem que faço</p>

	<p>o cliente. E dar <i>feedback</i> de maneira a que seja a própria pessoa a questionar-se e a reflectir, sem que a pessoa se sinta acusada, ou criticada no mau sentido, ou melindrada, ou posta em causa, é um equilíbrio muito difícil e creio que é isso que me dá mais gozo na supervisão, é tentar encontrar esse equilíbrio que é muito diferente para cada um dos supervisandos. Há pessoas com as quais podemos ser muito directos e questionar duma maneira até mais incisiva... humm...”</p> <p>5” Sei lá, há supervisandos a que posso perguntar directamente, <i>pá, mas o que você acha disso? O que é que você acha que fez com o seu paciente? E que facilmente as pessoas, ok, deixa-me questionar-me sobre o que é que eu não estou aqui a ver, e facilmente o supervisando vai lá e questiona-se e põe-se em causa e reflecte sobre as coisas, e há outros que a gente não pode fazer isso, tem que ir muito (prolonga a vogal “u”) calmamente e assim com pezinhos de lã, porque senão tornam-se muito defensivos, ”</i></p>	<p>mais dificuldade, porque não as quero magoar... também só me aconteceu umas duas vezes, nos vários grupos. Dois ou três casos, não mais do que isso.”</p> <p>36 “(...) algumas pessoas que são apontadas como um pouco mais difíceis... eu não senti nada disso nas supervisões, pelo contrário. Achei que não, que é só uma questão de ser cuidadoso na abordagem.”</p> <p>37 “Se a pessoa é um bocadinho mais, digamos um bocadinho mais sensível, um bocadinho mais desconfiada, um bocadinho mais retraída temos que abordar duma maneira... doce (acentua) para que a pessoa se sinta à vontade, não é? O que eu quero é que as pessoas se sintam à vontade e até agora acho que consegui sempre. (...)”</p>	<p>com aquele supervisando em particular.”</p> <p>30 “A pessoa é uma, não sei a postura é uma. A pessoa é uma, de certeza (sorri)... humm... naquilo que é a complexidade de sermos pessoas e do modo que nós temos de responder... o modo particular, à pessoa que está à nossa frente, não é?”</p> <p>41 “e depois acho que há um outro lado que talvez tenha uma natureza mais implícita e tem a ver com o meu próprio estilo de questionamento do que é que os supervisandos estão a trazer, (...)”</p> <p>44 “E o outro lado é convidar os supervisandos também a serem cuidadosos no modo como oferecem interpretações aos pacientes.”</p>
--	--	--	--

	<p>8 “(...)como é que eu posso chegar a cada um dos meus supervisandos da melhor maneira possível e tendo em conta aquilo que eles se permitem questionar neste momento.”</p>		
<b>insegurança do supervisando</b>	<p>18 “Isto é, coragem, entre aspas, se é que podemos chamar assim, este não-receio, melhor do que coragem, este não-receio de se ir questionando e ir descobrindo coisas com isso.”</p> <p>19 “Porque quando a gente vai deixando de recear questionar-se, as coisas são muito mais fáceis, não só para nós mas para o nosso paciente. Acho que para nós, sobretudo, porque as coisas deixam de ser bichos-papões.”</p> <p>21 “(...) porque a partir do momento em que um terapeuta se auto questiona e não tem receio de o fazer, digamos que o trabalho está no bom caminho. Sempre que aquele terapeuta fizer uma asneira, está mais predisposto a ter coragem para questionar essa asneira.”</p>	<p>7 “Já bem basta que as pessoas que estão em supervisão, dum modo geral, têm pouca prática clínica e, portanto, tendo pouca prática clínica... humm... já bem basta o que elas próprias se culpabilizam por não terem feito as coisas como deviam ser, ou por pensarem que poderiam ter feito melhor, ou por pensarem que não estão a ser eficazes e por aí fora, não é? Portanto, há muita preocupação de fazer as coisas bem feitas.”</p> <p>58 “Às vezes as pessoas também são muito... há pessoas... há terapeutas que são muito... como é que hei-de dizer, muito rigorosos consigo próprios. Praticamente flagelam-se por não... porque se levam demasiado a sério. É uma coisa</p>	<p>8 “que quer na SPPE, quer aqui, é um tema que muitas das vezes os supervisandos trazem, que são os sítios dos medos, das inseguranças, a... a voz crítica interna que vem... que eu acho importante para nós questionarmos a nossa práxis, mas ao mesmo tempo, que às vezes... humm... cria uma espécie de um obstáculo para estarmos mais ligados ao paciente.</p> <p>9 “Se a crítica é muito grande, nós vamos estar mais em função do que é que nós achamos que devia ser a maneira certa de fazer terapia, do que necessariamente com o foco no aqui e no agora, a poder explorar e a sentir uma curiosidade natural por aquilo que... pela riqueza enorme que as pessoas... têm dentro delas, regra geral.(...)”</p>

		<p>que eu também falo, a propósito até do Sartre, não é, que falava do <i>Esprit de Sérieux</i> ... não nos podemos levar demasiado a sério... as nossas capacidades são tão limitadas, quer dizer, não podemos ter a ideia de que somos responsáveis pela mudança dos outros... isso é uma... recebemos sobre nós uma carga tão grande que depois ficamos esmagados e não temos gozo nenhum.”</p>	
<b>espaço seguro</b>	<p>6 “Sei lá, obviamente isso depende muito do contexto. Vamos depois tentando fazer com que seja a própria pessoa (sorri) e não eu a fazer a pergunta a si próprio. E que seja ela a seguir a fazer a pergunta a si própria e isso com muito cuidado, de maneira a que a pessoa não se sinta melindrada, porque se ela se sentir vai-se fechar e se a pessoa se fechar, por mais que a gente esteja a tentar ensinar-lhe algo, a pessoa está fechada. A partir daí, pouco vai entrar ali a não ser um sentimento de ameaça ou de se sentir posta em causa e que não funciona.”</p> <p>7 “Pelo menos da</p>	<p>43 “porque senão as pessoas... quer dizer... eu vi supervisões noutros lados, com outros supervisores em que as pessoas iam muito tensas, iam quase para uma tortura... e outras... mentiam (acentua). Pessoas mais caracteriais, mentiam pura e simplesmente, quer dizer, aqueles casos eram claramente inventados e nem permitiam a supervisão porque estava tudo tão bem, mas era tudo inventado...”</p> <p>44 “Eu quero é que me apresentem as dificuldades reais que têm. Que</p>	<p>14 “E às vezes trazer a nossa riqueza passa por até podermos dizer disparates, podermos rir e não termos medo de um julgamento ou duma crítica que vá levar-nos para sítios de culpa ou de vergonha.”</p> <p>72 “mas que ao mesmo tempo, também não é muito diferente da terapia em si, ou das relações em si... se nós criamos um espaço de alguma confiança e de alguma segurança, tudo o resto é possível, concordar que discordamos, zangarmo-nos, mas ao mesmo podermos nos aventurar por</p>

	<p>minha experiência, não funciona. As pessoas aprendem muito mais quando se sentem predispostas a questionarem-se. Quando se sentem postas em causa, a maioria das vezes fecham-se e depois na outra supervisão ocultam metade dos factos ou (sorri) mais do que isso e isso não funciona.”</p>	<p>aproveitem aquele espaço para colocarem as dificuldades e poderem crescer como terapeutas...”</p> <p>85 “sentir-se bem e suficientemente descontraída e à vontade para se expor e para expor a relação que tem, para expor os pensamentos mesmo inconfessáveis...”</p>	<p>estes sítios... “</p> <p>76 “Às vezes, ir para muitos sítios não é necessariamente um sítio muito seguro, muito bonito, ou que nos deixe tranquilos. Às vezes, é importante haver... uma espécie de um espaço de alguma segurança para estarmos ok, quando não estamos ok...”</p>
<p><b>desenvolvimento profissional e pessoal</b></p>	<p>34 “E também acho que é parte do processo de aprendizagem na supervisão, os supervisandos irem ganhando esta capacidade de acolhimento e de aceitação, porque ao fim e ao cabo é isso que se faz também em terapia. Pelo menos, em terapia existencial.”</p> <p>67 “E ainda, que, isto é, processo, relação terapêutica e ainda que o supervisando se questione, <i>como é que eu, enquanto supervisando, aceito, ou não, este questionamento que está a ser feito.</i>”</p> <p>68 “Ou seja, há três níveis de questionamento e o supervisor tem que estar atento a estas três coisas ao mesmo</p>	<p>44 “(...) Que aproveitem aquele espaço para colocarem as dificuldades e poderem crescer como terapeutas...”</p> <p>48 “Quer dizer, as pessoas vão crescendo...”</p>	<p>17 “(...) é qualquer coisa que eu sinto que em alguma medida é uma responsabilidade minha tentar facilitar um certo conhecimento de si, como terapeuta, que esteja ligado ao descobrir o seu estilo terapêutico particular (...)”</p> <p>18 “e isto também é qualquer coisa que é existencial ou que o paradigma fenomenológico-existencial traz, que é esta ideia deste conhecimento de si também ser facilitado através do processo de supervisão.”</p> <p>78 “(...) o que é que fica aqui que eu posso crescer, também vejo isto numa lógica do crescer e... mas não</p>

	tempo. Não só os interesses do meu supervisando, ok, como é que ele está, como é que ele enquanto terapeuta está com o paciente, como é que ele, enquanto terapeuta está a pensar no processo... humm... como é que o meu supervisando está aqui na supervisão comigo e com os restantes elementos,”		acho que eu faça isto sozinha, mas acho que posso tentar estar atenta e facilitar estes processos.”
<b>espaço de integração de saberes</b>	<p>98 “humm... é hermenêutico também no sentido em que depois eu tento ligar as coisas e criar uma espécie de interpretação, a partir da exploração fenomenológica... é também hermenêutico...”</p> <p>99 “e é existencial porque também estou atento a alguns dos nossos famosos temas existenciais. Não só os existenciais propriamente ditos, a liberdade, a morte, a interpessoalidade e por aí adiante...”</p> <p>100 “humm... mas também a relação que a pessoa do paciente do meu supervisando tem com a vida, como é que ela está-no-mundo, as suas <i>worldviews</i>, e por aí adiante,”</p> <p>101 “ou seja, estas</p>	<p>13 “Dum modo geral, as pessoas têm muita dificuldade nisso. Aprendem muita teoria por um lado, vão tendo prática por outro, mas muitas vezes mesmo em supervisões do 4º ano... (...) as pessoas não conseguem fazer ligação da teoria à prática e quando se vai buscar este, ou aquele conceito teórico, esta ou aquela noção – e isso serve para iluminar caso e a pessoa ter um outro entendimento do caso –isso é que é, de facto... humm... vê-se as pessoas contentes, com os olhos a brilhar por estarem a perceber coisas que não percebiam até aí.</p> <p>14 “Sobretudo, por</p>	<p>38 “(...) explorar às vezes, às vezes digo eu, às vezes ponho o grupo a pensar, <i>então como é que nós podíamos explorar isto? Como é que podíamos abordar isto? (...)</i> principalmente quando nós estamos nos primeiros anos... humm... que há um lado em que também nós sabemos a teoria, mas depois como é que ela se põe na prática, ficamos também nós aqui num espaço do desconhecido e que gera alguma angústia. Eu sou capaz de fazer isto e faço isto.”</p> <p>39 “Depois o outro lado é, muitas vezes, também ter um estilo de questionamento que é <i>ok, então o que é... o que é que o paciente está a querer dizer com</i></p>

	<p>questões também estão presentes e tento ver como é que... se isso é uma questão em termos psicopatológicos, ou se isso traz alguma perturbação emocional na vida do paciente, embora aí seja uma coisa já mais analítica, digamos assim.”</p>	<p>estarem a perceber a utilidade dum conceito que até aí estava só na gaveta... (sorri) numa gaveta qualquer da mente e que agora permite compreender melhor o caso.”</p> <p>17 “E às vezes também aproveitamos, é verdade, também aproveitamos para elucidar um ou outro aspecto mais teórico que não tenha ficado tão bem compreendido nas aulas... (...)”</p> <p>21 “E portanto, foi a partir daí que... humm... teoria, mas teoria ligada à prática, é o saber fazer, não é? Há o saber e há o fazer. Depois há o saber fazer. (...)Exactamente. De integração de saberes, com a prática.”</p>	<p><i>isto? O que será que isto significa para ele? Como é que isto é vivido? Qual é... a... estamos aqui a falar de ansiedade... qual é a vivência corporal? O que é que acontece? O que é que a pessoa dá por si a pensar ou a sentir? E acho que este estilo de questionamento também veicula a minha... o meu modo de me posicionar face a estas coisas, ou seja, acho que há momentos claramente explícitos em que a coisa surge, ok, como é que isto se põe na prática (...)</i></p>
<b>processo colaborativo</b>	<p>39 “(...)Nos meus grupos não sou só eu que supervisiono, toda a gente supervisiona toda a gente, ou seja, tento que não seja só eu a falar, ou aquele que sabe tudo e vai para ali explicar a eles como é que se faz.”</p> <p>40 “(...) e que o</p>	<p>10 “Portanto, dum modo geral como eu faço é, a pessoa apresenta o seu caso, depois de apresentar o seu caso eu alargo para... pergunto a opinião das outras pessoas que vão dizendo coisas e vão ajudando.</p>	<p>10 “e aí acho que tenho uma outra preocupação em grupo... humm... que é nós participarmos todos, nós termos todos voz, porque... humm... embora eu sinta que estou ali num papel um bocadinho</p>

	<p>melhor que podemos fazer é todos ajudarmo-nos a todos e quem tiver uma boa ideia, algum bom caminho de supervisão, que é bem-vindo e que é suposto toda a gente falar e que eu inclusivamente vou estar atento a isso, a ver quais são as ideias que cada um deles traz.”</p> <p>46 “Os outros não são supostamente supervisores, mas supervisandos, mas no sentido de que eles também podem dar a sua opinião. Podem e devem e eu quero que dêem. (...) Para mim, é importante que todos eles tenham... às vezes não sei realmente e... se alguém tiver ideias, eu não tenho... humm... e às vezes há pessoas que têm ideias e melhores do que as minhas.”</p>	<p>Portanto a supervisão em grupo é assim, quer dizer, com muita participação de todos, que eu encorajo ao máximo (...)”</p> <p>86 “E por outro lado, também sentir-se num grupo onde toda a gente acolhe bem isso, e faz a mesma coisa e contribui para o esclarecimento colectivo... eu acho que fundamentalmente consigo facilitar isso tudo e, portanto, acho que sim, acho que sim, que consigo fazer isso.”</p>	<p>desigual... humm... gosto de ter <i>input</i> e <i>feedback</i> das pessoas e não gosto muito da ideia da supervisão como algo passivo em que eu levo um caso e depois a outra pessoa, no alto da sua sabedoria, devolve-me as coisas todas”</p> <p>11 “(...) enquanto num grupo de intervenção nós nos olhamos todos como pares, em supervisão nós não nos olhamos todos como pares e agrada-me a ideia de poder gerir o processo, o próprio processo de grupo, de modo a que seja qualquer coisa mais colaborativa, em que vou... humm... convidando as pessoas a trazerem <i>inputs</i>”</p> <p>12 “e uma das coisas que depois é muito satisfatória para mim de observar é que depois as pessoas quando chegamos ao final do ano de supervisão, as pessoas participam muito mais, têm todos ideias, têm todos questões... humm... e é assim uma construção, é uma co-construção que eu também acho que fica muito próximo da</p>
--	--	---	---

			<p>abordagem existencial.”</p> <p>40 “porque muitas vezes esforço-me, mesmo que falhe, esforço-me por que seja um processo colaborativo, que é ouvir o contributo de todos. <i>Vamos lá pensar, como é que nós podemos pôr-nos a fazer isto na prática</i>”</p>
<b>co-reflexão</b>	<p>5 “(...) em vez de lhe perguntar <i>mas então o que é que acha que fez com o seu paciente</i>, algo como, <i>ok, vamos então pensar um bocadinho sobre isso os dois.</i>”</p> <p>40 “Também é uma coisa que eu costumo dizer na primeira sessão de supervisão, que é <i>eu não sei tudo e não tenho qualquer pretensão em relação a isso, e tenho imensas dúvidas... humm... e que o melhor que podemos fazer é todos ajudarmo-nos a todos e quem tiver uma boa ideia, algum bom caminho de supervisão, que é bem-vindo e que é suposto toda a gente falar e que eu inclusivamente vou estar atento a isso, a ver quais são as ideias que cada um deles traz.</i>”</p>	<p>9 “(...) a ideia aqui é alargar o leque de possibilidades e pensarmos em conjunto como é que podemos fazer, no sentido de abrir novas possibilidades e novos caminhos. A ideia é sempre essa.”</p> <p>10 “Sim, ao grupo. Portanto, dum modo geral como eu faço é, a pessoa apresenta o seu caso, depois de apresentar o seu caso eu alargo para... pergunto a opinião das outras pessoas que vão dizendo coisas e vão ajudando. Portanto a supervisão em grupo é assim, quer dizer, com muita participação de todos, que eu encorajo ao máximo”</p>	<p>78 “E não é fazer terapia com os supervisandos, mas o que podem ser as nossas dificuldades que estão ali em cheque, o que é que eu, se calhar, vou ter que ir para a minha terapia pensar, para a minha terapia individual ou pessoal pensar... ou de grupo, enfim... mas... o que é que fica aqui que eu posso crescer, também vejo isto numa lógica do crescer e... mas não acho que eu faça isto sozinha, mas acho que posso tentar estar atenta e facilitar estes processos.”</p> <p>10 “ (...) gosto de ter <i>input e feedback</i> das pessoas e não gosto muito da ideia da supervisão como algo passivo em que eu levo um caso e depois a outra pessoa, no alto da</p>

			sua sabedoria, devolve-me as coisas todas”
<b>equilíbrio no foco da supervisão entre aspectos relacionais e aspectos clínicos</b>	<p>61 “(...) e a nossa responsabilidade é perante o supervisando, mas também é, sobretudo se estiver no seu processo de formação, também é, e bastante, sobre a pessoa do paciente.”</p> <p>62 “Portanto, é claro que tenho de perceber se as coisas estão a correr bem, se aquela relação terapêutica e aquele processo terapêutico não tem nada de grave a apontar, se as coisas estão a correr no bom sentido... humm...”</p> <p>100 “humm... mas também a relação que a pessoa do paciente do meu supervisando tem com a vida, como é que ela está-no-mundo, as suas <i>worldviews</i>, e por aí adiante,”</p> <p>103 “Sim, sim, sim. Cada vez mais, curiosamente. Antes, se calhar, tinha menos, mas fui percebendo que para os meus supervisandos era importante terem uma leitura do que se passava e também percebi que isto era importante em termos de processo. Saber onde é que se leva esta</p>	<p>18 “(...) Há um estilo de supervisor que se centra muito na relação, na relação entre a pessoa... portanto, centra-se mais no terapeuta do que propriamente no caso, quer dizer, o caso passa para segundo plano e está muito centrado no terapeuta e na maneira como o terapeuta está na relação. (...) E portanto, há supervisores que se centram muito nisso. Há outros supervisores que se centram no caso...”</p> <p>19 “eu sou daqueles que procura fazer um certo equilíbrio, quer dizer, centro-me no caso, no sentido em que me parece que quando uma pessoa traz um caso, quer vê-lo mais esclarecido, não é? Portanto, tem pontos nebulosos, tem áreas nebulosas e quer ver o próprio caso esclarecido e... tem muita dificuldade. “</p>	<p>4 “E simultaneamente a conseguirmo-nos ligar àquilo que é a dor e o sofrimento que leva muitas das vezes as pessoas à terapia. E isto é uma dimensão que eu valorizo muito.”</p> <p>36 “mas que isto nos põe numa atitude muito mais... numa instância muito mais fenomenológica, da possibilidade de explorar... humm... as coisas, do que necessariamente numa postura mais adivinhatória, mais ligada a um... a um quadro teórico mais interpretativo que vai encaixar as pessoas em determinados sítios, com determinados problemas, ou determinadas perturbações ou... (...) talvez mais despersonalizada da pessoa, mais arrumada num quadro teórico, mas que não olha para... mas que não fica realmente próximo da pessoa.”</p>

	<p>terapia. <i>Para que lado é que se leva esta terapia? O que é que se está a passar aqui?</i> E, portanto, é algo que eu também tenho vindo a dar cada vez mais atenção.”</p>		
<b>teoria em 2º plano</b>	<p>76 “(...) depois quando eu começo a explorar fenomenologicamente e ponho de lado as minhas teorias, grande parte das vezes descubro que as minhas teorias são só as minhas teorias e serviam só para eu achar que já sabia alguma coisa.(...)”</p>	<p>39 “(...) é assim, eu não acho a teoria assim tão importante, o que eu acho que é importante, de facto, é um certo senso clínico e estar... estar próximo do que o paciente diz... não acho que a teoria seja assim tão importante.”</p> <p>40 “Eu acho que a teoria permite ver (acentua) mais longe e não estar tão próximo, digamos assim, de maneira a que não consigamos... porque eu vejo a teoria como ver e fazer ver, não é? Fazer com que o outro veja coisas que não via (...)”</p> <p>41 “Claro que não só isso, há todo o lado afectivo, tudo isso, não é? Que é o mais importante, que é o mais importante. E isso, essas pessoas têm. (...) Há pessoas mais voltadas para a teoria, outras mais voltadas para a... só</p>	<p>23 “(...) há uma artificialidade na ideia de papéis, porque nós somos pessoas primeiro que tudo e somos pessoas na nossa complexidade.”</p> <p>37 “Dá-nos segurança, é bom termos um quadro teórico que nos diz que a determinadas idades, acontecem determinadas coisas, se a mãe ou se o pai faz não sei o quê, ou se nós mudamos uma crença resolve-se... se fizermos dessensibilização sistemática já sabemos que a fobia desaparece... (sorri) há uma zona de um enorme conforto e de uma enorme segurança nestas abordagens... humm... e nós precisamos também de alguma estrutura, mas ao mesmo tempo a ideia de podermos ficar em sítios de incerteza e de não-saber, também nos pode trazer uma riqueza imensa.”</p>

		para a prática... enfim, desde que eu veja que há boa vontade, que há empenho, que há, de facto, interesse pelos pacientes... bom, isso parece-me que é o mais importante. “	
<b>processo de descoberta</b>	<p>9 “Depois é o ir descobrindo, ao longo do tempo de supervisão o quanto aquela pessoa está aberta, ou não, para ser supervisionada. E acho que isto, também é a minha experiência de que a gente não pode apressar a pessoa para mais do que aquilo que ela está preparada, ou seja, podemos ir tocando na linha para que ela... (...)”</p> <p>97 “A minha exploração é sempre fenomenológica, ou seja, a minha postura é tentar, <i>ok, fale-me um bocadinho mais disso, então fale-me do que se está a passar entre vocês os dois, ou diga-me mais sobre isso</i>, ou seja... é muito exploratório, muito aberto, é muito fenomenológico, nesse sentido...”</p>	<p>53 “quer dizer... cada supervisão para mim é... cada sessão... e também é um desafio, não é, porque as aulas acabam por ser... tenho um programa que não varia muito de ano para ano... a supervisão é sempre uma coisa muito interessante, porque é um caso novo, sempre.”</p> <p>55 “(...) E pode ser um caminho, por aí, mas de facto o desafio é o caso novo, porque isso é sempre fresco, não é? É sempre um outro caso, não sei nada do caso, e portanto vamos lá ver o que é que se pode dizer, o que é que se pode analisar.”</p>	<p>34 “Facilmente nós fazemos imensas interpretações e partimos de pressupostos e a... o que não quer dizer que eu também não faça, também o faço... lá vou eu, se calhar dois passos à frente, quando devia estar era dois passos atrás (...) que em alguma medida... não tendo uma resposta certa, eu não estou num sítio de segurança, estou num sítio de incerteza, (...) não é bem satisfação, mas é qualquer coisa que fica com... o caminho pode ser tão importante como a resposta. O caminho para lá chegar pode ser tão importante como a resposta.”</p> <p>71 “depois o navegar é à vista, porque ... lá está, não vem predefinido, não tem plano, vai acontecendo... (...)”</p> <p>74 “eu às vezes tenho esta imagem</p>

			<p>que nós em terapia, é como se nós estivéssemos a olhar assim para um caleidoscópio que tem umas cores maravilhosas, multissegmentado e que tem umas cores maravilhosas, mas depois as combinações são assim... humm... imensas e que podemos ir... aventurarmo-nos por muitos sítios com muitas avenidas,”</p> <p>75 “e acho que a supervisão também tem esta qualidade de nós podermos ir para muitos sítios.”</p>
<p><b>permanente autoquestionamento</b></p>	<p>17 “Ainda hoje, se calhar, às vezes, é difícil questionar-me... humm... e aquilo que eu pretendo, ou aquilo que eu tento veicular é precisamente esta capacidade de autoquestionamento.”</p> <p>19 “(...) Se eu não me permitir fazer asneiras e não me permitir questionar, vou estar a cometer sempre as mesmas asneiras, porque não me permito ver essas asneiras.”</p> <p>21 “Eu não tenho dúvidas que para mim, o que é mais importante no processo de supervisão é ajudar os terapeutas</p>	<p>45 “mais uma vez dentro das limitações que eu tenho, até porque eu nem acredito que só os anos de experiência façam da pessoa um melhor terapeuta. Pelo contrário, acho que há alguns pacientes, eventualmente... acho, não, tenho a certeza.”</p> <p>46 “E faço mesmo isso... alguns pacientes sentam-se aí pela primeira vez nessa cadeira onde está sentada e eu penso, eu não sou a pessoa adequada para esta pessoa, mas estou a</p>	<p>45 “Ou na possibilidade de podermos, por exemplo, estarmos a ver qualquer coisa que nos parece tão óbvia e é tão tentador (acentua adjetivo) nós podermos ficar tão bem como terapeutas e oferecer uma coisa tão arrumadinha e tão bonita (25’50’), mas podermos cuidar destas partes, se isto é em prol de nós, para podermos ficar bem na fotografia, ou se é em prol do paciente e podermos dar um passo atrás e questionarmo-nos como que tipo de... que modos de intervenção, que tipo</p>

	<p>a terem esta capacidade de auto questionamento, porque a partir do momento em que um terapeuta se auto questiona e não tem receio de o fazer, digamos que o trabalho está no bom caminho.(...)"</p>	<p>lembrar-me dum supervisando x ou y que vai ser mesmo a pessoa adequada (...)</p>	<p>de tomadas de decisão clínica nós podemos fazer para que nos posicionemos numa instância de <i>empowerment</i> para o paciente, que é, as nossas perguntas vão fazê-lo ter... vão fazê-lo, entre aspas... isto... mas vão facilitar que a pessoa chegue àquele sítio..."</p> <p>46 "(...) de repente nós temos muito boa memória e dizemos umas coisas muito acertadas, <i>na mouche</i>, como terapeutas, mas... humm... e isso são batalhas dentro de mim, como terapeuta (ri) mas também são coisas que eu levo..."</p>
<p><b>disponibilidade para integrar diferentes perspectivas</b></p>	<p>11 "E cada um, se eu tenho um grupo de supervisão de quatro pessoas, as quatro pessoas são completamente diferentes, nesse aspecto. É claro que aquele que se questiona mais, depois acaba por servir de exemplo aos outros e eles vêm, <i>ok, nada lhe acontece a ele... humm... portanto, eu também posso arriscar um bocadinho mais... humm... mas mesmo os grupos são muito diferentes entre si."</i></p>	<p>8 "(...) Não há nada disso, o que há é várias possibilidades e eu procuro fazer supervisão como faço terapia, não é muito diferente."</p> <p>9 "É, pura e simplesmente, por as pessoas à vontade e tentar explorar diferentes possibilidades, em relação àquelas. Sobretudo se a pessoa, habitualmente, traz aqueles casos onde sente algum</p>	<p>63 "e, por um lado é muito bom, porque acho que nós ganhamos muito quando temos modelos de supervisão diferentes... humm... modelos... supervisões diferentes, pessoas diferentes, com experiências diferentes com visões distintas, com maneiras de estar diferentes das nossas. Nós ganhamos muito, há uma grande riqueza nestes sítios,"</p>

	<p>41 “Isso para mim é importante, porque ajuda não só o supervisor a ter um maior número de perspectivas, porque efectivamente eu nem sempre tenho razão (ri)... ou muitas vezes não tenho razão e, às vezes, alguém traz um outra perspectiva que é bem mais interessante do que a minha.”</p> <p>42 “Isso é não só importante para o supervisor, porque tem duas, três perspectivas diferentes, eventualmente, mas também é importante para os outros supervisandos que não estão a ser supervisionados naquele momento. Ajuda-os a reflectir sobre a coisa, de fora. Quando estamos a ser supervisionados, vemos a coisa a partir de dentro. Quando não estamos a ser supervisionados naquele momento, ao ver as coisas de fora fica muito mais facilitado e, portanto, permitir que toda a gente dê uma opinião facilita este processo de reflexão, sobre o processo terapêutico, ou sobre aquilo que eventualmente a gente esteja a questionar naquele momento da supervisão.”</p>	<p>impasse e não está bem a perceber por onde é que há-de ir, a ideia aqui é alargar o leque de possibilidades e pensarmos em conjunto como é que podemos fazer, no sentido de abrir novas possibilidades e novos caminhos. A ideia é sempre essa.”</p>	
--	--	---	--

<p><b>ajustar expectativas</b></p>	<p>23 “(...)E portanto, é isto que eu tento transmitir aos meus supervisandos, ok? Eu costumo dizer no primeiro dia de supervisão, <i>eu estou a marimbar-me se vocês fazem asneiras, eu não quero saber se vocês fazem asneiras</i>, não quero saber no sentido de que isso não é importante para mim, não é isso que eu valorizo. <i>Eu não quero saber se vocês são bons terapeutas, ou não, eu quero saber o quanto vocês conseguem questionar-se por aquilo que fazem.</i>”</p> <p>24 “(...) porque isso é uma coisa frequente, os nossos supervisandos chegam com a ideia de que vêm aprender a não cometer erros... humm... e, se calhar aquilo que eu lhes quero ensinar é que aprendam a cometer erros e reflectir sobre eles.”</p>	<p>8 “E portanto, a minha primeira tendência é desdramatizar.”</p>	<p>8 “que quer na SPPE, quer aqui, é um tema que muitas das vezes os supervisandos trazem, que são os sítios dos medos, das inseguranças (...)”</p> <p>9 “Se a crítica é muito grande, nós vamos estar mais em função do que é que nós achamos que devia ser a maneira certa de fazer terapia, do que necessariamente com o foco no aqui e no agora, a poder explorar e a sentir uma curiosidade natural por aquilo que... pela riqueza enorme que as pessoas... têm dentro delas, regra geral.(...)”</p>
<p><b>espaço de aprendizagem para o supervisor</b></p>	<p>1 “(...) é uma maneira de eu estar atento e ver como é que as outras pessoas fazem determinadas coisas que eu próprio, às vezes, também tenho dificuldades em fazer,”</p> <p>2 “ou seja, para mim a supervisão é uma oportunidade de ensinar algo e</p>	<p>45 “mais uma vez dentro das limitações que eu tenho, até porque eu nem acredito que só os anos de experiência façam da pessoa um melhor terapeuta.”</p> <p>48 “Quer dizer, as pessoas vão crescendo... e eu</p>	<p>18 “e isto também é qualquer coisa que é existencial ou que o paradigma fenomenológico-existencial traz, que é esta ideia deste conhecimento de si também ser facilitado através do processo de supervisão.”</p>

	<p>transmitir algo, mas é sobretudo, para mim, um espaço privilegiado para eu aprender. E aprender aqui, pode ser quer com aquilo que os meus supervisandos fazem bem, mas também com aquilo que eles eventualmente fazem mal... humm, ou menos bem, melhor dizendo... humm... e porque isso permite-nos reflectir e perceber, ok, que se calhar isto não resulta tão bem e é algo a que eu também, posso estar atento na minha prática profissional.”</p> <p>8 “E portanto, isto só para lhe dizer que é talvez uma das coisas mais desafiantes. Fazendo um resumo, por um lado é o gostar de aprender com a experiência dos meus supervisandos, por outro lado é este desafio entre, como é que eu posso chegar a cada um dos meus supervisandos da melhor maneira possível e tendo em conta aquilo que eles se permitem questionar neste momento. “</p>	<p>acho que também... humm... também, eventualmente os supervisores vão crescendo com a experiência, vão aprendendo algumas coisa, vão perdendo outras... humm... vão perdendo outras.”</p> <p>68 “e eu também, aprendo imenso com as próprias pessoas que me dizem coisas que muitas vezes me surpreendem e que eu nunca tinha pensado nisso. Também aprendo com a experiência dos outros e isso é uma coisa interessante, não é?”</p>	<p>48 “mas é uma... é assim um ciclo que se retroalimenta porque também vou tendo <i>feedbacks</i> que me ajudam a sentir, ok, tenho qualquer coisa que posso oferecer a estas pessoas e estas pessoas estão-me a oferecer imenso... ao mesmo tempo... humm... nós...”</p>
<p><b>prática clínica apoia prática de supervisão</b></p>	<p>13 “Um bocadinho como os nossos pacientes, também é um bocadinho assim, ou seja, há coisas que</p>	<p>8 “ (...) e eu procuro fazer supervisão como faço terapia, não é muito diferente.”</p>	<p>20 “e... o conhecimento de si traz esta mais-valia de percebermos que há sítios até de</p>

	<p>não se podem dizer a um paciente em determinada fase do processo. Temos que esperar que ela esteja preparada para lhe dizer e, curiosamente com os terapeutas desses mesmos pacientes, também temos que ter o mesmo cuidado (...)"</p> <p>14 "Eu acho que isso é um bocado como se faz na clínica, pelo menos comigo funciona assim, é um bocado como se faz na clínica. A gente empurra um bocadinho mais a linha e percebe se a pessoa, ok, se ela aceita ou não. Se ela aceitar, é sinal que está preparada para ir um bocadinho mais à frente, ou seja, que eu se calhar posso ser, posso questionar mais, posso ajudá-la a pôr-se mais em causa, ok? Se eu vir que ela fica muito defensiva, aí recuo um bocadinho, ok, ainda não é o teu tempo (sorri). (...)</p> <p>Testando até que ponto a pessoa se permite ser questionada. Digamos que é assim que eu tento encontrar um equilíbrio."</p>	<p>66 "Para o facto de que não há nada estruturado à partida, não é? (...). E portanto, nesse aspecto acho que sim, o facto de ter muita experiência clínica."</p>	<p>alguma fragilidade e de vulnerabilidade que nós temos como terapeutas e aqui, eu estou a falar na minha posição como supervisora, mas eu também falo do meu posicionamento enquanto psicoterapeuta porque estas coisas, parece uma matrioska, não é? São bonequinhas que ficam todas umas dentro das outras (...)"</p> <p>21 "Em relação a mim própria... (sorri) diria que... nestes sítios as coisas misturam-se, porque eu acho que quando falo nisto, o meu posicionamento como supervisora acho que tem muito a ver também com o modo como eu me coloco como terapeuta e naquilo que eu valorizo como terapeuta,"</p> <p>47 "acho que também muitas das vezes as coisas que eu levo para supervisão são muito informadas pela minha prática clínica... por aquilo que também foram as minhas aprendizagens. Acho que por isso é que eu lhe dizia, eu tenho para dar o que eu</p>
--	--	--	--

			<p>tenho para dar, não vou poder inventar coisas diferentes.”</p> <p>49 “é... fazer assim um paralelismo que é... nós fazemos uma coisa que eu acho que é muito... nós como terapeutas fazemos coisas que é... nós pedimos às pessoas que confiem cegamente em nós. Não sabem nada de nós, bábá bá bá bá e depois vá lá, vire-se lá do avesso...”</p> <p>51 “E se eu fizer um paralelismo eu acho que com a supervisão nós também pedimos um bocadinho às pessoas isto, que é, venham p’ráqui falar dos sítios onde vocês estão, se calhar um bocadinho emaranhados e onde sentem dificuldades, no fundo é, tragam-me o que não é muito bonito (...) E confiem. Também acho que nós fazemos isto com os supervisandos”</p>
<b>influência da experiência do supervisor enquanto supervisando</b>	59 “Agora como ferramenta sistemática de trabalho, dizer, <i>ó meu amigo, o que é que estás tu aí a fazer com esta pessoa? Isto não pode ser assim</i> , ou seja ter uma atitude mais conflituosa... não me parece que seja um bom caminho. Pelo	2 “Eu já tinha, sempre tive... quando era supervisando, quando fui supervisando e fui supervisando de muita gente... de algumas pessoas, fui tendo mais ou menos as minhas	15 “E aí também é uma preocupação que eu tenho, que tem a ver com questões mais pessoais, que eu já tive a experiência de estar em supervisão, grupos de supervisão em que todos omitíamos coisas...

	<p>menos, não foi assim que eu aprendi, não foi a melhor maneira que eu tive para aprender, portanto não acho que seja a melhor maneira de ensinar, portanto... não, não acredito que seja por aí.”</p>	<p>ideias sobre o que era uma boa supervisão e o que eu procuro fazer é, fazer a supervisão que eu gostaria de ter.</p> <p>Fundamentalmente, é isso que eu faço. É fazer, o mais possível e dentro das minhas capacidades, limitadas, mas fazer a supervisão que eu próprio gostaria de... de ter tido.”</p> <p>3 “Não quer dizer que não tenha tido boas supervisões, mas havia sempre um ou outro aspecto que me desagradava.”</p> <p>4 “E agora eu procuro, de facto, não ir por aí... humm... por exemplo, procuro que a minha supervisão tenha um ambiente muito descontraído. É uma das coisas que eu... porque... isto exactamente por contraste com outras supervisões em que eu fui supervisando, ou que assisti e que não eram descontraídas, eram... as pessoas iam para lá tensas, com medo de serem criticadas.”</p>	<p>humm... precisamente por sentirmos um... uma crítica menos construtiva, ou uma espécie de um bem-fazer e um mal-fazer sem a coisa se ajustar ao nosso perfil, ou ao nosso modo de estar em psicoterapia.”</p> <p>53 “Tenho. Tenho, tenho dos dois lados, (ri) porque também acho que há... tenho, acho que tenho, gosto de pensar que tenho... humm... até porque eu tenho boas memórias... boas... boas e menos boas, frescas memórias acerca do que é estar do outro lado e isso são coisas que eu também estimo, porque acho que são possibilidades de me vincular, estando atenta para que isso não se sobreponha àquilo que está a ser vivido pelos supervisandos.”</p> <p>55 “O que não quer dizer que eu faça isto sempre... porque seria... (risos) não seria humano (risos) mas... humm... mas sim, tento estar... não me desligar da experiência e também... humm...”</p>
--	---	---	--

		5 “E eu faço exactamente o contrário. Um ambiente descontraído, um ambiente onde as pessoas se sintam bem, onde as pessoas não tenham medo de se expor, porque não vão ser criticadas. Isso para mim é fundamental.”	
<b>humildade</b>	<p>20 “Exactamente, e então a minha supervisão passa muito pela minha tentativa, não quer dizer que eu consiga (sorri), mas aquilo que eu tento é que as pessoas não tenham receio de se questionar. E a melhor maneira de transmitir isso é verem que o próprio supervisor não lhes vai “bater” se eles fizerem asneiras. Que o supervisor também faz asneiras, que às vezes as coisas não acontecem bem, que a gente pode ir-se questionando, pensando, <i>ok, o que é que está bem? O que é que está menos bem?(...)</i>”</p> <p>23 “(...) <i>Que vão fazendo asneiras, tal como eu faço, mas que tenham a capacidade de ir questionando essas asneiras, que é isso que vai fazer a diferença, ok?</i>”</p> <p>46 “Sim, sim, sim,</p>	<p>11 “e no final eu também dou as minhas contribuições a um título que não é o título de... habitualmente reservo-me para o final porque tenho mais experiência, mas quer dizer, as minhas contribuições não são, à partida, melhores do que as dos outros. É apenas uma questão de, eventualmente, ter mais experiência e, sobretudo, também ter mais bagagem teórica, o que faz com que muitas vezes...”</p> <p>45 “mais uma vez dentro das limitações que eu tenho, até porque eu nem acredito que só os anos de experiência façam da pessoa um melhor terapeuta.(...)”</p>	<p>19 “(...) somos pessoas com a complexidade que temos como pessoas, falhos, dizemos disparates (sorri)... humm... temos dúvidas, temos medos e inseguranças e nessa dimensão somos tão pacientes quanto os nossos pacientes, porque somos todos pessoas”</p> <p>22 “depois há um lado que tem a ver... com as minhas limitações, que eu tenho para dar o que eu tenho para dar... e estas são as dimensões em que também o meu caminho e o meu processo de desenvolvimento pessoal, quer seja supervisão, grupos de intervenção, psicoterapia pessoal, muita (sorri)... humm... leituras, enfim há uma série de, todo um caminho</p>

	<p>claramente. Para mim, é importante que todos eles tenham... às vezes não sei realmente e... se alguém tiver ideias, eu não tenho... humm... e às vezes há pessoas que têm ideias e melhores do que as minhas. Isso é bom para mim e para a outra pessoa, sobretudo para a pessoa que está a ser supervisionada, porque se vem pedir ajuda e sente-se muito perdida. E às vezes não sei e também não me vou por a inventar quando não sei, só porque, <i>eh, pá tenho que dizer aqui uma bacorada qualquer</i> que é para as pessoas acharem que eu sei alguma coisa. Não, quando não sei, não sei. E alguém pode ter ideias melhores que as minhas.”</p>		<p>que foi feito que também me faz posicionar desta maneira e apossar-me do paradigma fenomenológico-existencial com estas particularidades.”</p> <p>52 “e isto a mim ainda... põe-me em contacto com uma dimensão... que eu acho que é... pá, com uma humildade... humm... e também dum respeito muito... muito profundo por o sítio onde as pessoas estão, com as coisas que estão a trazer.”</p>
<p><b>autenticidade e coerência</b></p>	<p>80 “E, e é isso que eu tento transmitir cada vez mais nas minhas supervisões. <i>Pá, estejam em paz com aquilo que não sabem.</i>”</p> <p>89 “(...) é que cada vez mais eu consigo mais um bocadinho isso. Eu sinto que também o facto de eu estar mais à vontade para poder estar com esta minha maneira de ser e de estar, e com esta minha maneira de pensar a supervisão e de pensar a</p>	<p>61 “E mais. Depois também me apercebi que eles não davam as matérias que realmente gostavam e percebiam. E isso ainda me fazia mais confusão (risos) porque eu não era capaz... francamente não era capaz... preferia não ser professor, do que esta ali a repetir uma coisa da qual eu não tinha experiência prática. Eu só ensino o que faço. O que sei</p>	<p>23 “há uma artificialidade na ideia de papéis, porque nós somos pessoas primeiro que tudo e somos pessoas na nossa complexidade.”</p> <p>25 “mas também vou tendo uma ideia um bocadinho, quase à guisa de variação eidética, que quando o elemento comum sou eu há coisas que me vão falando sobre mim, sobre o meu estilo, sobre o meu modo de estar</p>

	<p>psicoterapia, de facto, isto ser cada vez mais... fazer-me mais sentido também a mim...”</p> <p>90 “hum... se calhar se fosse há uns anos atrás isto não me faria tanto sentido, apesar de já estar lá, não estava tão concretizado.”</p> <p>91 “O facto de eu estar mais à vontade com isto, de isto me fazer mais sentido também facilita com que a minha postura seja cada vez mais esta.”</p>	<p>fazer.”</p> <p>67 “Também o facto de me interessar muito por aspectos teóricos e ser, enfim, um estudioso... quase compulsivo, embora hoje tenha menos tempo para estudar do que tinha. E juntar as duas coisas, eu acho que é isso que faz de mim um... um... enfim, um supervisor razoável. E, sobretudo que as pessoas aprendam alguma coisa e gostem...”</p> <p>71 “É muito bom, sobretudo porque... é muito bom, fundamentalmente porque eu tenho hoje a capacidade de pensar qualquer caso do ponto de vista existencial, o que não acontecia há uns anos atrás. E por isso é que eu só passei a ser supervisor... só me vi como supervisor existencial, a partir dum certo período,(...)”</p> <p>83 “Interessa-me é, de facto, estar com as pessoas e poder ir partilhando aquilo que vou lendo e que vou aprendendo. É mais isso, do que outra coisa.”</p>	<p>particular em terapia.”</p> <p>81 “Agora pensando sobre isto acho que... (ri) humm... mas acho que o fazer da supervisão dum modo existencialmente informado é pôr algumas das coisas de que nós já falámos, lá dentro. Nós identificamo-nos depois com maneiras de estar... como um modo de estar em terapia diferente... humm... humm... mas não creio que exista... não creio que exista o supervisor existencial... não (ri).“</p>
--	--	---	---

<p><b>abertura ao não-saber</b></p>	<p>71 “Às vezes, há coisas que eu não consigo ver e sabe, no fundo, não acho que isso seja muito problemático. Se eu nunca conseguir ver nada, se calhar, é problemático (risos), agora, o que me importa é que no processo de tentar ver (...)”</p> <p>79 “(...) Curiosamente, não tem a ver com eu propriamente saber mais, tem a ver com eu estar mais em paz com aquilo que não sei, o que é curioso (...)”</p> <p>96 “(...) obviamente eu estou atento a algumas questões fenomenológico-existenciais, porque por um lado a fenomenologia está aqui presente naquilo que eu lhe disse, ou seja, esta postura do não trazer pré-conceitos, do não-saber que já sei qual é o tema do supervisando.”</p>	<p>54 “E eu não peço... alguns supervisores... na sociedade não, mas já vi noutros sítios, os supervisores pedem o caso com antecedência, que lhes mandem o caso, para poderem pensar. Eu não quero caso nenhum, eu quero é o desafio do momento...”</p> <p>55 “ (...) ficámos com muitas áreas por saber, da pessoa. E pode ser um caminho, por aí, mas de facto o desafio é o caso novo, porque isso é sempre fresco, não é? É sempre um outro caso, não sei nada do caso, e portanto vamos lá ver o que é que se pode dizer, o que é que se pode analisar.”</p> <p>66 “mas, quer dizer, do ponto de vista existencial isso não nos surpreende porque nós damos mais espaço para a incerteza.(...)”</p>	<p>32 “(...) que é qualquer coisa que vem com a abordagem fenomenológico-existencial), que é um bocadinho nós também poderemos estar suficientemente confortáveis na esfera da incerteza, ou seja, do não-saber.”</p> <p>33 “ (...) O não-saber é às vezes uma postura, eu acho que é uma postura de humildade.”</p> <p>35 “E às vezes o caminho para lá chegar passa por nós tolerarmos o não-saber, a incerteza, ou passa por nós estarmos a discutir um caso e o que nos estão a surgir são perguntas e coisas que não sabemos e não necessariamente respostas sobre o que é que devemos fazer com a pessoa,“</p>
<p><b>prazer e desafio</b></p>	<p>1 “Eu gosto bastante de fazer supervisão porque... humm... é uma maneira de eu estar atento e ver como é que as outras pessoas fazem determinadas coisas que eu próprio, às vezes, também</p>	<p>1 “(...) Posso dizer que para mim tem sido, para já, um grande prazer. É uma coisa que eu gosto muito de fazer. Posso dizer que me dá gozo ser supervisor.”</p>	<p>11 “(...) agrada-me a ideia de poder gerir o processo, o próprio processo de grupo, de modo a que seja qualquer coisa mais colaborativa, em que vou... humm... convidando as</p>

	<p>tenho dificuldades em fazer,”</p> <p>12 “É este equilíbrio que é engraçado em termos de supervisão.(...)”</p> <p>106 “Sim, gosto imenso do que faço. Gosto imenso de fazer supervisão. É talvez a coisa que eu mais gosto de fazer, em termos de formação de psicoterapeutas.(...)”</p>	<p>23 “mas... as pessoas dão realmente bom <i>feedback</i> da supervisão e, porventura algum até exagerado, mas que me deixa muito contente porque é uma coisa que, sobretudo me dá muito prazer fazer e acho que isso também deve passar.”</p> <p>53 “quer dizer... cada supervisão para mim é...cada sessão... e também é um desafio, não é, porque as aulas acabam por ser... tenho um programa que não varia muito de ano para ano... a supervisão é sempre uma coisa muito interessante, porque é um caso novo, sempre.”</p> <p>54 “Eu não quero caso nenhum, eu quero é o desafio do momento...”</p> <p>87 “É claro que há umas supervisões que correm melhor que outras, há umas que, eventualmente são mais ricas do que outras... enfim, mas vou tentando. Pelo menos vai-me dando gozo, o que não é nada mau... e pronto, quando já</p>	<p>peessoas a trazerem <i>inputs</i> ”</p> <p>12 “e uma das coisas que depois é muito satisfatória para mim de observar é que depois as pessoas quando chegamos ao final do ano de supervisão, as pessoas participam muito mais, têm todos ideias, têm todos questões... humm... e é assim uma construção, é uma co-construção que eu também acho que fica muito próximo da abordagem existencial.”</p>
--	--	---	---

		não me der gozo, deixo de fazer. Não é uma questão fundamentalmente financeira, nada disso, é mesmo gozo.”	
--	--	--	--

## DISCUSSÃO

O objectivo deste estudo foi explorar a temática da supervisão clínica a partir da perspectiva do supervisor, tendo em conta a experiência na prática informada pela abordagem existencial. Para o efeito foram realizadas entrevistas fenomenológicas com os participantes, convidando-os a descrever com detalhe as suas próprias experiências em supervisão, na qualidade de supervisores. Após transcrição integral das entrevistas, procedeu-se à análise aprofundada das mesmas, através do *método fenomenológico* preconizado por Giorgi (Giorgi e Sousa, 2010), que veio a determinar os constituintes-chave, ou dimensões eidéticas e, posteriormente, originar uma estrutura geral de significados. Esta estrutura geral de significados expressa as dimensões partilhadas pelos participantes, reveladas através das descrições das experiências de supervisão de cada um deles.

Os resultados obtidos permitem alargar a compreensão sobre a supervisão existencial e, na nossa perspectiva, reforçar a relevância de alguns componentes emergentes contemplados e identificados na literatura, originários da diversidade de orientações teóricas e metodológicas. Adoptando uma perspectiva panorâmica sobre os constituintes-chave/dimensões eidéticas e na forma como se relacionam, apresenta-se-nos uma configuração temporal-espacial dinâmica, alimentada, nutrida e vitalizada pela relação e pela responsividade, na qual se reconhece (i) **um ponto de partida situado** – um horizonte de expectativas; (ii) **um espaço intermédio de experiências** - processo; (iii) e um **espaço-produto** – espaço pulsante, em um presente alargado e horizonte futuro.

Ao iniciar um processo de supervisão - o ponto de partida - os intervenientes (supervisores e supervisandos) partilham a qualidade ontológica, isto é, a qualidade de seres humanos confrontados com os mesmos dados da existência, no entanto, a nível ôntico, isto é, naquilo que os distingue e importa referir para a situação de supervisão, revelam-se aspectos que vão influenciar o modo como o processo se desenvolve – **ponto de partida situado**. Evidencia-se, a partir da análise das descrições dos participantes, a insegurança sentida pelos supervisandos no início da supervisão, relacionada com o facto de estarem a ser dados os primeiros passos na actividade psicoterapêutica na abordagem existencial. Este aspecto destaca-se e influencia em grande parte a forma como o supervisor vai abordar a situação de supervisão, no sentido de procurar dar resposta à necessidade de estabelecer condições para o desenvolvimento profissional do(s) supervisando(s) e, simultaneamente, ter em conta o aspecto regulador da prática psicoterapêutica, nas dimensões éticas e clínicas. O supervisor

traz consigo uma experiência alargada, pois inclui um saber clínico decorrente da prática psicoterapêutica e a experiência de ter sido ele próprio supervisando. Está atento às necessidades que se vão evidenciando, atendendo a singularidades e procura, sendo responsivo, criar um espaço de encontro com o(s) supervisando(s). Rollo May fala-nos do encontro humano, como um momento significativo, poderoso, ligado à experiência de olhar outro ser humano com um certo grau de fascínio, uma espécie de vividez inesperada, sentindo a presença do Ser-Outro que espanta e desperta a nossa própria presença enquanto Ser (May, 1958). O conceito de presença como um reconhecimento ontológico do Ser perante outro Ser, que permite deixar-se maravilhar e gerar empatia, promovendo a abertura de caminhos e interações, a que Schneider denomina por *awe* (Schneider, 2007). Estão presentes da parte do supervisor, além da experiência, qualidades pessoais como a humildade, autenticidade e coerência e abertura ao não-saber, desenvolvidas e valorizadas pela abordagem existencial, que informam o modo como se vai relacionar com o(s) supervisando(s) e tornar-se facilitador de um processo aberto, de co-construção.

Estes aspectos ligados ao desenvolvimento pessoal do supervisor, surgem em alinhamento de significado com os atributos considerados como favoráveis a uma supervisão de sucesso, nomeadamente a genuinidade, presença e honestidade (Majcher & Daniluk, 2009).

Atendendo as considerações anteriores, o horizonte de expectativas apresenta-se mais como uma direcção, para a qual convergem caminhos que se fundam e definem através da participação de cada interveniente, mediados pela relação, do que um projecto padronizado, pré-definido, que serve de igual modo todos os supervisandos na persecução do objectivo último da supervisão, ou seja, na adequação para a prática profissional da psicoterapia.

No processo, **espaço intermédio de experiências**, revela-se o tipo de resposta dada às necessidades que emergem ao longo do tempo de supervisão (que neste caso é balizado pela estrutura curricular do curso de formação, num total de 200 horas ao longo de 4 anos). Perante a percepção da insegurança dos supervisandos, vimos que a promoção de um espaço seguro é fundamental para que estes se permitam explorar possibilidades e descubram a sua identidade como psicoterapeutas, confiando no supervisor, no grupo e em si próprios, o suficiente para não omitirem informações, ou evitarem expor vulnerabilidades ao apresentar dúvidas, eventualmente comprometendo a aprendizagem. Esta relação entre a percepção de segurança e a optimização da aprendizagem foi identificada num estudo de Yourman e Farber (1996), concluindo que a diminuição da primeira, influencia negativamente a segunda. Verifica-se ainda na literatura consultada que a confiança e segurança estão associados com a variável

*conflito e contraproduktividade*, em especial em supervisão de grupo, e quando não presentes tem influência negativa na aliança (Webb & Wheeler, 1998).

De que forma o supervisor, pois é nele que recai a responsabilidade primordial de guiar o processo, promove as condições possíveis de resultar na criação de um espaço sentido como seguro? Sempre apoiado numa postura aceitante, empatia, congruência, respeito, cuidado e flexibilidade, o *chão relacional* que estabelece a aliança e a coesão (na supervisão de grupo), o supervisor ajusta as expectativas do(s) supervisando(s) para que este não idealize objectivos irrealis. Recorrendo a um exemplo concreto mencionado por um dos participantes, ser um terapeuta perfeito que não comete erros.

Retomando a metáfora dos caminhos que convergem, é tarefa do supervisor ser o primeiro a dar os passos de saída e estar atento em que direcção o supervisando vai caminhando. A partir daqui, vão-se encontrando num caminho que se tornou comum, num processo colaborativo, de co-reflexão, que é simultaneamente revelado e descoberto. Usando as palavras de outro participante deste estudo, “navegando à vista”. Ao longo do percurso, supervisor e supervisando(s) vão aferindo a forma como vivenciam as experiências de estar-em supervisão e o(s) segundo(s), também as experiências de estar-com os clientes nos processos psicoterapêuticos, em permanente autoquestionamento, numa dinâmica de co-construção. Sendo característica fundamental da abordagem existencial uma valorização evidente dos aspectos relacionais, o supervisor procura, no entanto, repartir o foco da atenção também pelos aspectos clínicos, isto é, preocupa-se em aferir como o supervisando se relaciona com o cliente, mas também como conduz o processo terapêutico. Esta é uma necessidade manifestamente reconhecida no contexto formativo, de acordo com os participantes. Relativamente à perspectiva existencial sobre os aspectos relacionais e consequente valorização nesta abordagem, Spinelli (2007) refere que o indivíduo só emerge e se apropria do *self* distintivo através da relação e não o oposto, como assumido pela maioria dos modelos conceptuais em psicoterapia. Além de se apoiar na fenomenologia existencial, Spinelli traz para a discussão deste paradigma a questão dos neurónios-espelho (ver Manzotti, 2006; Becchio & Bertone, 2005; Gallese, 2003, cit Spinelli, 2007).

Esta ideia é igualmente apoiada pela investigação em psicoterapia, em que a relação emerge como um dos factores determinantes para o desenvolvimento do processo terapêutico, nomeadamente na forma como os métodos e/ou técnicas vão resultar (Norcross, 2002; Norcross & Goldfried, 2005; Norcross & Lambert, 2014).

Igualmente reconhecida como uma necessidade dos supervisandos, embora que presente em segundo plano, a incursão por fundamentos teóricos e clarificações metodológicas permite

uma constante actualização epistemológica e compreensão do sentido na aplicação, quer na prática psicoterapêutica, quer na reflexão acerca dos casos clínicos. Esta atenção repartida está em consonância com as conclusões de Hutt et al. (1983); Stoltenberg e McNeill (2012) que referem que uma supervisão bem-sucedida deve integrar simultaneamente aspectos da relação e de realização de tarefa.

Por excelência um espaço de integração de saberes, a supervisão existencial é igualmente um espaço de aprendizagem para o supervisor. Partindo da postura de abertura e descoberta, veiculada e reforçada pela forma como o supervisor se disponibiliza para a relação, o processo é facilitado também no sentido de integração dos aspectos teóricos e clínicos em aplicação na prática da psicoterapia, bem como da diversidade de perspectivas oferecidas pelo grupo. Através das vivências na supervisão, o supervisando aprende e/ou consolida a respeitar e integrar os diferentes pontos de vista sobre os casos clínicos, complementados muitas vezes pelo saber acumulado do supervisor que contribui para enriquecer a experiência. Neste processo, o supervisor reconhece o seu próprio ganho na aprendizagem, ao não reclamar para si a exclusividade do conhecimento, apesar da sua posição de alguma assimetria face à menor experiência do(s) supervisando(s). O processo de aprendizagem é, assim, multidireccional e multidimensional. Parecem-nos aqui presentes algumas das considerações emergentes na literatura, relacionadas com o desenvolvimento profissional e pessoal do supervisor, as quais dão conta da insuficiência do acumular experiência e/ou prática clínica como únicos factores determinantes de competência (Worthington, 2006; Du Plock, 2009; Watkins, 2012b; APA, 2014; Keegan & Hunsley, 2013).

Aquilo a que designamos como **espaço-produto** na configuração temporal-espacial que nos parece sintetizar a estrutura da supervisão existencial, de acordo com a análise aprofundada da experiência dos supervisores participantes no presente estudo, permanece e extravasa o processo. Queremos dizer com isto que supervisor e supervisandos fizeram parte de um processo de transformação pessoal e profissional, permitindo-se explorar em si próprios dimensões desconhecidas, ou mesmo temidas, orientadas para a tarefa de desenvolvimento na prática da psicoterapia. Apoiando-nos numa ideia expressa por um dos participantes deste estudo, um pouco à semelhança do que é expectável num processo terapêutico, no qual são exploradas em parceria áreas da existência que, muitas vezes até aí, ficaram num qualquer espaço de inacessibilidade. Permanece porque é integrado na experiência de cada um e extravasa o processo, porque não se limita ao contexto de supervisão. Mais do que designar por resultado, cuja semântica aponta para algo finalizado, o espaço-produto seria entendido como uma nova qualidade pulsante, porque fonte de acção, temporalmente presente – é

espaço - mas qualitativamente ao serviço do futuro – é produto. Mantendo a semântica de produto, é obra, na qual se reflecte o desenvolvimento pessoal e profissional do supervisando, destacando-se concretamente a maior disponibilidade para integrar diferentes perspectivas. Refira-se ainda o acréscimo de prazer e desafio, que estimula e dá cor a cada processo de supervisão, aspectos realçados por van Deurzen e Young (2009) como recomendáveis numa abordagem à supervisão, que reflectem um investimento pessoal do supervisor. Deste modo, a obra acontece na co-construção, num quadro relacional de respeito, aceitação, cuidado e flexibilidade. Em ambos os casos o espaço-produto é continuidade.

Os resultados do presente estudo, traduzidos numa estrutura geral de significados, encontram várias correspondências nas conclusões actuais na literatura acerca da supervisão em psicoterapia, inclusivamente com a maioria dos elementos consensuais constantes das *guidelines* da APA. Se atentarmos na definição de supervisão da APA, que foi desenvolvida a partir do paradigma da *evidence-based practice* (prática apoiada na evidência), à semelhança das orientações para psicoterapia, vemos que o primeiro aspecto salientado é a relação colaborativa e no seu carácter de influência (APA, 2014).

Estreitamente ligado às qualidades da relação emergiu, com inequívoca pertinência, o conceito de responsividade – *tailoring* - isto é, a adequação às características das pessoas e respectivo desenvolvimento e no quanto isso contribui para uma supervisão bem sucedida. Partindo da ausência de evidência de que uma abordagem particular seja mais eficaz do que outra, concordamos com Watkins (2012b) ao sublinhar a importância de alargar a atenção para a responsividade enquanto variável na investigação em supervisão. Novamente uma similaridade com as conclusões na investigação em psicoterapia, que sinalizam a importância da atenção a ser prestada às questões transteóricas, nomeadamente a responsividade (Norcross & Wampold, 2011).

Embora apresentando-se numa configuração diferente da nossa, as dimensões identificadas no estudo de du Plock (2009) como integrantes da supervisão existencial - assistir/ter em consideração o Ser (*Being*) do supervisando; apoio numa atitude filosófica; promoção de uma perspectiva relacional; supervisor como par/mentor – podem também identificar-se na estrutura geral de significados emergente no presente estudo, consolidando assim a relevância das mesmas para o reconhecimento de uma estrutura comum em supervisão existencial. Os aspectos da dimensão a que du Plock designou como *apoio numa atitude filosófica*, foram por nós sendo explicitados como qualidades decorrentes da coerência da postura do supervisor face à perspectiva teórica que informa a sua prática.

Os resultados também revelaram que a experiência do processo de supervisão existencial enquadra-se na perspectiva de *seeing-over* (ver além), mais do que *over-seeing* (ver de cima) sem, no entanto, negligenciar os critérios de regulação, formação e reconstituição teórica, indo ao encontro da proposta de Spinelli (2015). Para Spinelli a perspectiva de *seeing-over* é um aspecto da supervisão existencial que lhe confere um carácter integrativo, passível de ser importado para outros modelos teóricos, maioritariamente assentes na perspectiva de *over-seeing*.

Procurando relacionar a estrutura geral de significados emergente com a proposta citada de Young e van Deurzen (2009), identificamos vários aspectos de proximidade entre as dimensões identificadas neste estudo e os temas emergentes na recolha de experiências de supervisores existenciais, porém, ficam limitadas as comparações, já que as metodologias e objectivos que conduziram a conclusões em ambos os casos são diferentes. Ainda assim, é notória a convergência na ênfase colocada no cuidado com o *ser-no-mundo* do Outro e na prática guiada pela verdade.

Não se veio a verificar a emergência de quaisquer dimensões ligadas a dificuldades acrescidas para o supervisor, em contextos de supervisão de grupo, sugeridas nas poucas abordagens presentes na literatura.

Os dados parecem ainda apoiar pela ausência, algumas críticas apontadas na literatura, nomeadamente no que diz respeito à pertinência do foco da investigação, ou melhor dizendo, à sobrevalorização da variável resultados (*outcomes*) associada ao processo terapêutico (Reiser & Milne, 2014). Sendo a metodologia de análise usada no presente estudo, adequada à emergência de dimensões essenciais invariantes, não se veio a materializar nenhum constituinte relacionado com níveis de sucesso, ou eficácia do processo terapêutico.

#### RECOMENDAÇÕES E LIMITAÇÕES

Procurando responder à necessidade de maior rigor na exploração de dimensões eidéticas na prática de supervisão existencial, reduzindo enviesamentos e em concordância como uma sugestão apontada no estudo de du Plock (2009), os participantes deste estudo foram convidados a descrever as suas experiências, apenas como supervisores, no entanto, consideramos que beneficiaria de uma amostra maior.

Outras limitações deste estudo que nos parece importante referir, é o facto de as experiências descritas dizerem respeito a contextos de formação, nomeadamente em grupo. Seria, então, de maior valia realizar estudos em contextos não formativos, em grupo e/ou individual. Será que

as dimensões evidenciadas, nomeadamente a responsividade, está relacionada positivamente com a maior inexperiência e nível de desenvolvimento dos supervisandos em formação? Ou surgiria igualmente como aspecto fundamental da inter-relação, independentemente do tempo de prática clínica?

Seria igualmente interessante realizar uma análise aprofundada da descrição das experiências de supervisão com supervisandos, para obter outra perspectiva dos intervenientes num processo partilhado e verificar convergências ou divergências.

Não tendo surgido como dimensão partilhada no nosso estudo, *o sentimento de perda* referido por dois dos participantes, mas encontrando nela significado quanto à atitude do supervisor e na forma como se disponibiliza para a relação em supervisão, ficamos com curiosidade a respeito da eventual emergência nas descrições das experiências dos supervisandos.

## CONCLUSÕES

A supervisão apresenta-se como um fenómeno internacional e multidisciplinar, que se caracteriza pela intervenção prestada por um profissional sénior a um elemento da mesma profissão, na maioria das vezes menos experiente, com carácter avaliativo, formativo e regulador, que decorre ao longo de um determinado período de tempo. O processo é dinamizado através de uma relação colaborativa, tendo por objectivo a facilitação do desenvolvimento profissional do supervisando. Em psicoterapia, a supervisão contempla ainda o desenvolvimento pessoal do supervisando/terapeuta. Na literatura identifica-se um esforço na procura de rigor e coerência para a prática da supervisão, informada pela evidência (*evidence-based practice*). As linhas de orientação da APA (*Guidelines for Clinical Supervision in Health Service Psychology, 2014*) são disso uma referência. A nível de investigação tem sido realizado um trabalho considerável, no entanto, é apontada por vários autores a necessidade de ampliar e consolidar o conhecimento na área, sugerindo o recurso a metodologias qualitativas como um caminho possível para o enriquecimento do conhecimento em supervisão.

O presente estudo contribuiu para enriquecer a compreensão do fenómeno de supervisão, realçando-se o que diz respeito à importância da responsividade, isto é, a adaptação do supervisor às características do supervisando, o cuidado com o Ser (*Being*) do Outro na experiência do encontro, aspecto já reconhecido como fundamental em psicoterapia. Este aspecto surge mencionado em alguns estudos em supervisão, por vezes associado ao termo *tailoring* (à-medida-de), embora com pouca expressão. A emergência neste estudo da dimensão eidética *responsividade*, está em concordância com a discussão de Friedlander (2015) que salienta a importância da adequação do supervisor às características do supervisando, associando-a à manutenção, ruptura e reparação da aliança, quer no próprio processo de supervisão, quer nos processos terapêuticos. Outra contribuição que nos parece útil, prende-se com a emergência da dimensão *disponibilidade para integrar diferentes perspectivas*, percebida como vantagem na supervisão de grupo, modalidade pouco contemplada na literatura. Quanto a revelar-se a *centralidade da relação*, é nossa convicção que contribui para reforçar as conclusões oferecidas pela literatura, quanto ao principal componente para o estabelecimento e sucesso em todos os domínios do processo de supervisão. Todas as restantes dimensões eidéticas, constituintes da estrutura geral de significados revelam-se significativas e relacionadas com a situação de supervisão.

Tendo em conta os objectivos a que nos propusemos, cremos ter alcançado o propósito de alargar áreas de compreensão da supervisão em psicoterapia. O facto de as dimensões eidéticas reveladas terem surgido a partir do enfoque da perspectiva existencial, ultrapassa os ganhos em conhecimento para esta abordagem, uma vez que encontram correspondência na diversidade de abordagens na literatura. Eventualmente, serão mais específicas as que dão conta da postura do supervisor informada pelo modelo existencial – *humildade, autenticidade e coerência e a abertura ao não-saber*. Assim, parece-nos possível encontrar uma aplicabilidade abrangente nas conclusões formuladas. Parece-nos possível apoiar esta afirmação aludindo à metodologia eleita, que se presta a aferir a experiência humana, a partir da experiência humana, mais especificamente com o método fenomenológico proposto por Giorgi (Giorgi e Sousa, 2010), através do qual se revelam estruturas invariantes da experiência.

Conclui-se que as dimensões emergentes sugerem uma estrutura dinâmica, resultante de um equilíbrio entre aspectos formativos e reguladores, com inequívoca ênfase atribuída às questões relacionais. Evidencia-se a pertinência de considerar o processo de supervisão tendo em conta as características dos intervenientes e as posturas adoptadas, independentemente dos papéis. Para o supervisor, é essencial o estabelecimento de um chão relacional, com especial atenção à singularidade de cada supervisando, para uma supervisão bem-sucedida, com benefícios mútuos, nos quais se incluem prazer e desafio. Dadas as limitações deste estudo, consideramos relevante a realização de estudos com maior número de participantes. Seria também interessante “dar voz” aos supervisandos e fazer estudos comparativos, bem como considerar a supervisão individual. Pertinente seria ainda realizar uma análise aprofundada em contextos não formativos, pois questionamo-nos se algumas dimensões evidenciadas surgirão como constituintes específicos.

## REFERÊNCIAS

- American Psychological Association. (2014). *Guidelines for Clinical Supervision in Health Service Psychology*. <http://www.apa.org/about/policy/guidelines-supervision.pdf>
- Barker, K. & Hunsley, J. (2013). The use of theoretical models in psychology supervisor development research from 1994 to 2010: a systematic review. *Canadian Psychology*, 54 (3), 176-185.
- Barnett, J. & Molzon, C. (2014). Clinical supervision of psychotherapy: essential ethics issues for supervisors and supervisees. *Journal of Clinical Psychology: In Session*, 70 (11), 1051-1061.
- Borders, L. & Brown, L. (2005). Supervision models and principals in L. Borders e L. Borders *The New Handbook of Counseling Supervision* (p. 1-17). London: Lawrence Elbaum Associates, Publishers.
- Castonguay, L., Boswell, J., Constantino, M., Goldfried, M. & Hill, C. (2010). Training implications of harmful effects of psychological treatments. *American Psychologist*, 65, 34-49.
- Chin, J., Petersen, K., Nan, H. & Nicholls, L. (2014). Group supervision as a multicultural Experience: the intersection of race, gender, and ethnicity in C. Falender, E. Shafranske & C. Falicov (Eds.) *Multiculturalism and diversity in clinical supervision: a competency-based approach*. American Psychological Association.
- Cooper, M. (2003). *Existential Therapies*. London: SAGE Publications.
- Cutcliffe, J., Hyrkäs, K. & Fowler, J.(Eds.). (2011). *Routledge handbook of clinical supervision. Fundamental international themes*. London: Routledge, Taylor & Francis Group.
- Dicionário da Língua Portuguesa (5ª Ed). (1982). Porto: Porto Editora.
- du Plock, S. (2009). An existential-phenomenological inquiry into the meaning of clinical supervision – What do we mean when we talk about “Existential-Phenomenological Supervision?”. *Existential Analysis*, 20 (2), 299-318.
- Falender, C., Cornish, J., Goodyear, R., Hatcher, R., Kaslow, N., Leventhal, G. et al. (2004). Defining competencies in psychology supervision: a consensus statement. *Journal of Clinical Psychology*, 60 (7), 771-785.
- Falender, C.& Shafranske, E. (2014). Clinical supervision: the state of the art. *Journal of Clinical Psychology: In session*, 70 (11), 1030-1041.
- Friedlander, M. (2015). Use of Relational Strategies to Repair Alliance Ruptures: How

- Responsive Supervisors Train Responsive Psychotherapists. *Psychotherapy*, 52, 2, 174-179.
- Gergen, K. (2014). Pursuing excellence in qualitative inquiry. *Qualitative Psychology*, 1, 1, 49-60.
- Giorgi, A., Sousa, D. (2010). *Método Fenomenológico de Investigação em Psicologia*. Lisboa: Fim de Século.
- Gonsalvez, C.J., & Milne, D.L. (2010). Clinical supervisor training in Australia: A review of current problems and possible solutions. *Australian Psychologist*, 45, 233–242.
- Gray, L. A., Ladany, N., Walker, J. A., & Ancis, J. R. (2001). Psychotherapy trainees' experience of counterproductive events in supervision. *Journal of Counseling Psychology*, 48, 371–383.
- Hess, A., Hess, K & Hess, T. (2008). Psychotherapy Supervision: a conceptual review in A. Hess, K. Hess & T. Hess (Eds). *Psychotherapy Supervision – theory, research and Practice* (2nd Ed.) (p. 3-22). New Jersey: John Wiley & Sons.
- Hutt, C., Scott, J. & King, M. (1983). A phenomenological study of supervisees' positive and negative experiences in supervision. *Psychotherapy: Theory, Research and Practice*, 20 (1).
- Keegan, K. & Hunsley, J. (2013). The use of theoretical models in psychology supervisor development research from 1994 to 2010: a systematic review. *Canadian Psychology*, 54 (3), 176-185.
- Kvale, S. (1996). *Interviews – An Introduction to qualitative Research Interviewing*. London: SAGE.
- Leary, D. (2014). Overcoming blindness: some historical reflections on qualitative Psychology. *Qualitative Psychology*, 1, 1, 17-33.
- Levitt, H. (2015). Qualitative psychotherapy research: the journey so far and future directions. *Psychotherapy*, 52, 31-37.
- Majcher, J. & Daniluk, J. (2009). The process of becoming a supervisor for students in a doctoral supervision training course. *Training and Education in Professional Psychology*, 3 (2), 63-71.
- May, R., Angel, E., Ellenberger, H. (Ed.). (1958). *Existence. A new dimension in psychiatry and psychology*. New York: Basic Books.
- Milne, D.L., Sheikh, A.I., Pattison, S., & Wilkinson, A. (2011). Evidence-based training for clinical supervisors: A systematic review of 11 controlled studies. *The Clinical Supervisor*, 30, 53–71.

- Norcross, J. (Ed.). (2002). *Relationships That Work. Therapist contributions and responsiveness to patients*. Oxford: University Press.
- Norcross, J., Goldfried, M. (Eds.). (2005). *Handbook of Psychotherapy Integration*. Oxford: University Press.
- Norcross, J., Wampold, B. (2011). What works for whom: tailoring psychotherapy to the person. *Journal of Clinical Psychology: in session*, 67, 2, 127-132.
- Norcross, J., Lambert, M. (2014). Relationship science and practice in psychotherapy: closing commentary. *Psychotherapy*, 51, 3, 398-403.
- Ögren, M-L, Sundin, E. (2009). Group supervision in psychotherapy. Main findings from a Swedish research project on psychotherapy supervision in a group format. *British Journal of Guidance & Counseling*, 37 (2), 129-139.
- Pearce, N., Beinart, H., Clohessy, S. & Cooper, M. (2013). Development and validation of the supervisory relationship measure: a self-report questionnaire for use with supervisors. *British Journal of Clinical Psychology*, 52, 249-268.
- Psychology Board of Australia (2011). Exposure draft: Guideline for supervisors and supervisor training providers. Retrieved 24/11/2015 from [www.psychologyboard.gov.au/Search.aspx](http://www.psychologyboard.gov.au/Search.aspx)
- Reiser, R. & Milne, D. (2014). A systematic review and reformulation of outcome evaluation in clinical supervision: applying the fidelity framework. *Training and Education in Professional Psychology*, 8 (3), 149-157.
- Ritchie, J., Lewis, J. (2009). *Qualitative Research Practice – A guide for social science students and researchers*. London: SAGE.
- Schneider, K. (Ed.). (2007). *Existential-Integrative Psychotherapy – Guideposts to the core of Practice*. London: Routledge.
- Smith, R., Riva, M. & Cornish, J. (2012). The ethical practice of group supervision: a national survey. *Training and Education on Professional Psychology*, 6, (4), 238-248.
- Smith, R., Cornish, J. & Riva, M. (2014). Contracting for group supervision. *Training and Education on Professional Psychology*, 8, (4), 236-240.
- Sousa, D. (2014). Validation in qualitative research: general aspects and specificities of the descriptive phenomenological method. *Qualitative Research in Psychology*, 11, 2, 211-227.
- Spinelli, E. (2005). *The Interpreted World – An introduction to phenomenological psychology*. London: SAGE.
- Spinelli, E. (2007). *Practising Existential Psychotherapy – The Relational World*.

London: SAGE.

- Spinelli, E. (2015). On existential supervision. *Existential Analysis*, 26, 1, 168-178.
- Stoltenberg, C. & McNeil, B. (2012). Supervision: research, models and competence. In Fouad, N. (Ed), *Apa Handbook of Counseling Psychology: Vol I Theories, Research and Methods* (pp. 295-327). American Psychological Association.
- Swift, J., Callahan, J., Rousmaniere, T., Whipple, J., Dexter, K. & Wrape, E. (2014). Using client outcome monitoring as a tool for supervision. *Psychotherapy*, 1.
- Teixeira, J. (2006). Introdução à psicoterapia existencial. *Análise Psicológica*, 3 (xxiv), 289-309.
- van Deurzen, E. & Young, S. (Eds.) (2009). *Existential perspectives on supervision – Widening the horizon of psychotherapy and counselling*. Hampshire: Palgrave McMillan.
- Watkins, C.E., Jr. (1992). Reflections on the preparation of psychotherapy supervisors. *Journal of Clinical Psychology*, 47, 145–147.
- Watkins, E. (2011a). The real relationship in psychotherapy supervision. *American Journal of Psychotherapy*, 65, (2), 99-116.
- Watkins, E. (2011b). Does psychotherapy supervision contribute to patient outcomes? Considering thirty years of research. *The Clinical Supervisor*, 30 (2), 235-256.
- Watkins, E. (2012a). Development of the psychotherapy supervisor: review of and reflections on 30 years of theory and research. *American Journal of Psychotherapy*, 66 (1), 45-83.
- Watkins, E. (2012b). Educating psychotherapy supervisors. *American Journal of Psychotherapy*, 66 (3), 279-307.
- Watkins, E. & Scaturro, D. (2013). Toward an integrative, learning-based model of psychotherapy supervision: supervisory alliance, educational interventions, and supervisee learning/relearning. *Journal of Psychotherapy Integration*, 23 (1), 75-95.
- Watkins, E. (2014a). The supervisory alliance: a half century of theory, practice, and research in critical perspective. *American Journal of Psychotherapy*, 68 (1), 19-55.
- Watkins, E. (2014b). Clinical supervision in the 21<sup>st</sup> century: revisiting pressing needs and impressing possibilities. *American Journal of Psychotherapy*, 68 (2), 251-272.
- Webb, A. & Wheeler, S. (1998). How honest do counselors dare to be in the supervisory relationship? An exploratory study. *British Journal of Guidance and Counselling*, 26, 509-524.
- Worthen, V. & McNeill, B. (1996). A phenomenological investigation of “good” supervision

- events. *Journal of Counseling Psychology*, 43 (1), 25-34. OL16
- Worthington, E. (2006). Changes in supervision as counselors and supervisors gain Experience: a review. *Training and Education in Professional Psychology*, 5(2), 133-160.
- Yalom, I. (2007). *The Gift of Therapy*. HarperCollins e-books.
- Yourman, D., Farber, B. (1996). Nondisclosure and distortion in psychotherapy Supervision. *Psychotherapy*, 33, 4, 567-575.

# **ANEXOS**

## LISTA DE ANEXOS

ANEXO A. Transcrição entrevista – P1.....	3
ANEXO B. Transcrição entrevista – P2.....	22
ANEXO C. Transcrição entrevista – P3.....	35
ANEXO D. Tabela Unidades de Significado – P1.....	49
ANEXO E. Tabela Unidades de Significado – P2.....	80
ANEXO F. Tabela Unidades de Significado – P3.....	101

## ANEXO A. Transcrição entrevista – P1

Participante 1 - Entrevista – 05.03.15

(E=entrevistadora; P=participante)

E – Então, com o esforço que for necessário, peço essa atenção, de reflectir um pouco sobre a sua experiência em supervisão e que me diga, que me descreva, tão detalhadamente quanto possível, como é essa experiência em supervisão.

P1 – Humm, a experiência no sentido da maneira como eu vivo a supervisão, ou da maneira como eu faço...?

E – Inclui tudo isso, e mais qualquer coisa...

(Risos)

P1 – Vou ficar aqui horas, então. Bem, se calhar da experiência como eu vivo, primeiro, se calhar é mais fácil para mim. Eu gosto bastante de fazer supervisão porque... humm... é uma maneira de eu estar atento e ver como é que as outras pessoas fazem determinadas coisas que eu próprio, às vezes, também tenho dificuldades em fazer, ou seja, para mim a supervisão é uma oportunidade de ensinar algo e transmitir algo, mas é sobretudo, para mim, um espaço privilegiado para eu aprender. E aprender aqui, pode ser quer com aquilo que os meus supervisandos fazem bem, mas também com aquilo que eles eventualmente fazem mal... humm, ou menos bem, melhor dizendo... humm... e porque isso permite-nos reflectir e perceber, ok, que se calhar isto não resulta tão bem e é algo a que eu também, posso estar atento na minha prática profissional. /

Para além disso, é sempre um desafio. E o desafio maior até, e é isso que talvez me dá mais pica, entre aspas, na supervisão é o desafio entre ajudar alguém a reflectir sobre a sua prática de uma maneira em que a pessoa não se sinta... não se sinta ofendida, ou posta em causa... humm.../

bem, eu acho que é o mais difícil na supervisão é, efectivamente este balanço, este equilíbrio entre ajudar a pessoa a reflectir sobre si, ajudar a pessoa a questionar-se, sobretudo, a palavra mais correcta, se calhar, é mesmo esta, ou seja, ajudar a pessoa a questionar-se sobre aquilo que está a fazer com o seu cliente.

E – Em termos de prática clínica?

P1 – Exactamente, sim, claro./

E – E em termos pessoais?

P1 – Humm... também. Também, ou seja, a prática clínica dentro do modelo existencial, a meu ver, passa muito por essa... a distinção entre o pessoal e a clínica é muito ténue, ou seja, nós temos que estar com pessoas (3'07''). Muito da minha supervisão passa precisamente por ver como é que a pessoa está na interacção com o cliente. E dar *feedback* de maneira a que seja a própria pessoa a questionar-se e a reflectir, sem que a pessoa se sinta acusada, ou criticada no mau sentido, ou melindrada, ou posta em causa, é um equilíbrio muito difícil e creio que é isso que me dá mais gozo na supervisão, é tentar encontrar esse equilíbrio que é muito diferente para cada um dos supervisandos. Há pessoas com as quais podemos ser muito directos e questionar duma maneira até mais incisiva... humm.../

E – Consegue dar-me um exemplo?

P1 – Sei lá, há supervisandos a que posso perguntar directamente, pá, mas o que você acha disso? O que é que você acha que fez com o seu paciente? E que facilmente as pessoas, ok, deixa-me questionar-me sobre o que é que eu não estou aqui a ver, e facilmente o supervisando vai lá e questiona-se e põe-se em causa e reflecte sobre as coisas, e há outros que a gente não pode fazer isso, tem que ir muito (prolonga a vogal “u”) calmamente e assim com pezinhos de lã, porque senão tornam-se muito defensivos, sentem-se muito postos em causa naquilo que estão a fazer e então é preciso, em vez de lhe perguntar mas então o que é que acha que fez com o seu paciente, algo como, ok, vamos então pensar um bocadinho sobre isso os dois. Sei lá, obviamente isso depende muito do contexto. Vamos depois tentando fazer com que seja a própria pessoa (sorri) e não eu a fazer a pergunta a si próprio. E que seja ela a seguir a fazer a pergunta a si própria e isso com muito cuidado, de maneira a que a pessoa não se sinta melindrada, porque se ela se sentir vai-se fechar e se a pessoa se fechar, por mais que a gente esteja a tentar ensinar-lhe algo, a pessoa está fechada. A partir daí, pouco vai entrar ali a não ser um sentimento de ameaça ou de se sentir posta em causa e que não funciona. Pelo menos da minha experiência, não funciona. As pessoas aprendem muito mais quando se sentem predispostas a questionarem-se. Quando se sentem postas em causa, a maioria das vezes fecham-se e depois na outra supervisão ocultam metade dos factos ou (sorri) mais do que isso e isso não funciona./

E portanto, isto só para lhe dizer que é talvez uma das coisas desafiantes. Fazendo um resumo, por um lado é o gostar de aprender com a experiência dos meus supervisandos, por outro lado é este desafio entre, como é que eu posso chegar a cada um dos meus supervisandos da melhor maneira possível e tendo em conta aquilo que eles se permitem questionar neste momento. Depois é o ir descobrindo, ao longo do tempo de supervisão o quanto aquela pessoa está aberta, ou não, para ser supervisionada. E acho que isto, também é

a minha experiência de que a gente não pode apressar a pessoa para mais do que aquilo que ela está preparada, ou seja, podemos ir tocando na linha para que ela.../

E – (aproveita a pequena pausa para intervir) Relativamente a essas formas de abordagem?

P1 – Sim, exactamente, sim, relativamente à capacidade de a pessoa se questionar. É claro que a gente vai tentando ir um bocadinho mais longe do que a quilo que a pessoa consegue ir naquele momento, mas é quase como se também não pudéssemos ir demasiado longe quando ela não está preparada. /

E cada um, se eu tenho um grupo de supervisão de quatro pessoas, as quatro pessoas são completamente diferentes, nesse aspecto. É claro que aquele que se questiona mais, depois acaba por servir de exemplo aos outros e eles vêem, ok, nada lhe acontece a ele... humm... portanto, eu também posso arriscar um bocadinho mais... humm... mas mesmo os grupos são muito diferentes entre si. /

É este equilíbrio que é engraçado em termos de supervisão. Ir percebendo até que ponto eu posso ir, até onde é que eu posso ir contigo, até onde é que eu não posso ir. /

Um bocadinho como os nossos pacientes, também é um bocadinho assim, ou seja, há coisas que não se podem dizer a um paciente em determinada fase do processo. Temos que esperar que ela esteja preparada para lhe dizer e, curiosamente com os terapeutas desses mesmos pacientes, também temos que ter o mesmo cuidado (sorri). Ok, nem todos os terapeutas estão preparados para ouvir tudo aquilo que o supervisor pode ter para lhes dizer. Tem que esperar que eles estejam preparados para questionarem determinadas coisas./

E – Como é que vai percebendo esse “está preparado, não está preparado”? (8’23’’) O factor tempo também influencia? Tempo de... permanência, da duração da supervisão?

P1 – Eu acho que isso é um bocado como se faz na clínica, pelo menos comigo funciona assim, é um bocado como se faz na clínica. A gente empurra um bocadinho mais a linha e percebe se a pessoa, ok, se ela aceita ou não. Se ela aceitar, é sinal que está preparada para ir um bocadinho mais à frente, ou seja, que eu se calhar posso ser, posso questionar mais, posso ajudá-la a pôr-se mais em causa, ok? Se eu vir que ela fica muito defensiva, aí recuo um bocadinho, ok, ainda não é o teu tempo (sorri). Então vamos recuar um bocadinho, vamos ter um bocado mais de cuidado, não vamos tão longe, ou seja, vou aferindo precisamente testando. Testando até que ponto a pessoa se permite ser questionada. Digamos que é assim que eu tento encontrar um equilíbrio.

E – Para si é um factor muito importante a forma como vai conseguindo chegar às pessoas e sobre aquilo que pretende que elas próprias pensem a seu respeito, na prática clínica.

P1 – Sim, sim, sobretudo para mim, trata-se muito de a pessoa se questionar, ok./

para mim é a coisa mais importante num terapeuta e, sobretudo na área existencial, é que o terapeuta tenha uma capacidade enorme de se auto questionar, sempre e em todo o momento e em tudo aquilo que faz, ok? Em todo o momento o terapeuta tem que estar mais ou menos atento àquilo que se está a passar e àquilo que está a sentir. E aquilo que está a fazer com o seu paciente e não ter receio de se questionar e pensar, que merda é que eu fiz agora? Isto foi para meu benefício, isto foi para benefício do paciente? Até que ponto ajudei, ou não o paciente? Isso é útil/não é? Humm.../

e sobretudo no início da nossa prática ainda temos muito receio de questionarmo-nos... humm... eu falo também por mim. No início da minha prática eu também fui assim. Ainda hoje, se calhar, às vezes, é difícil questionar-me... humm... e aquilo que eu pretendo, ou aquilo que eu tento veicular é precisamente esta capacidade de autoquestionamento. Isto é, coragem, entre aspas, se é que podemos chamar assim, este não- receio, melhor do que coragem, este não-receio de se ir questionando e ir descobrindo coisas com isso. Porque quando a gente vai deixando de recear questionar-se, as coisas são muito mais fáceis, não só para nós mas para o nosso paciente. Acho que para nós, sobretudo, porque as coisas deixam de ser bichos-papões. Eu fiz asneira numa sessão deixa de ser um bicho-papão para passar simplesmente a ser, ok, fiz uma asneira, então agora posso estar atento para evitar que isto volte a acontecer. Se eu não me permitir fazer asneiras e não me permitir questionar, vou estar a cometer sempre as mesmas asneiras, porque não me permito ver essas asneiras./

E – E ficar mais limitado, talvez?

P1 – Exactamente, e então a minha supervisão passa muito pela minha tentativa, não quer dizer que eu consiga (sorri), mas aquilo que eu tento é que as pessoas não tenham receio de se questionar. E a melhor maneira de transmitir isso é verem que o próprio supervisor não lhes vai “bater” se eles fizerem asneiras. Que o supervisor também faz asneiras, que às vezes as coisas não acontecem bem, que a gente pode ir-se questionando, pensando, ok, o que é que está bem? O que é que está menos bem? Eu até não gosto de dizer, ok, você fez uma asneira, se calhar fez uma coisa que não é tão boa, ou que funciona menos bem.

E – Ou que podia ser feita de outra forma...

P1 – Exactamente. E passa muito por isto, por ajudar as pessoas a irem adquirindo esta capacidade de se ir questionando e de não ter receio de o fazer. É isto que eu tento fazer.

E – Considera isso como uma das coisas mais importantes no processo da supervisão.

P1 – Eu não tenho dúvidas que para mim, o que é mais importante no processo de supervisão é ajudar os terapeutas a terem esta capacidade de auto questionamento, porque a partir do momento em que um terapeuta se auto questiona e não tem receio de o fazer, digamos que o

trabalho está no bom caminho. Sempre que aquele terapeuta fizer uma asneira, está mais predisposto a ter coragem para questionar essa asneira. /

O objectivo na supervisão não é de maneira nenhuma, e se calhar aí eu questionar alguns dos outros modelos, não é de maneira nenhuma ensinar o terapeuta a ser um excelente terapeuta. Eu não acredito em excelentes terapeutas, acho que isso não existe e até, se calhar, tenho algum receio de terapeutas muito bons, ok? Quando a gente ouve por aí, ah, aquele terapeuta é maravilhoso, aquele terapeuta é excelente, no mercado, a ideia que as pessoas transmitem é que ele é bastante bom, não comete asneiras, não faz erros... (expressão facial de dúvida) isso não existe. Somos todos falíveis, somos todos humanos, não deve haver, não há certamente nenhum terapeuta que não cometa erros e então, por isso mesmo, o bom terapeuta não é aquele que não comete erros. O bom terapeuta é aquele que comete erros, mas que os vê quando os faz./

E – Que se questiona.

P1 – Exactamente. E quando... e mesmo que não veja quando os faz, se o paciente chama a atenção para algo ele é capaz de se questionar e não se defender perante o paciente, ok? E isto é o que faz um bom terapeuta, para mim. E portanto, é isto que eu tento transmitir aos meus supervisandos, ok? Eu costumo dizer no primeiro dia de supervisão, eu estou a marimbar-me se vocês fazem asneiras, eu não quero saber se vocês fazem asneiras, não quero saber no sentido de que isso não é importante para mim, não é isso que eu valorizo. Eu não quero saber se vocês são bons terapeutas, ou não, eu quero saber o quanto vocês conseguem questionar-se por aquilo que fazem. Pá, eu não quero que vocês sejam bons terapeutas, porque eu próprio não sou e se vocês fossem melhores terapeutas do que eu, para mim era uma grande chatice, portanto interessa-me mais que vocês sejam pessoas normais (sorri), mas que se conseguem questionar. Que vão fazendo asneiras, tal como eu faço, mas que tenham a capacidade de ir questionando essas asneiras, que é isso que vai fazer a diferença, ok? Não é vocês serem grandes terapeutas, porque isso é uma coisa frequente. /

Os nossos supervisandos chegam com a ideia de que vêm aprender a não cometer erros... humm... e, se calhar aquilo que eu lhes quero ensinar é que aprendam a cometer erros e reflectir sobre eles. Quando eu digo erros, não quero dizer, obviamente se a pessoa faz, se ultrapassa uma linha do ponto de vista ético ou deontológico, já estamos noutra esfera, não é? Agora, sei lá, fazer a pergunta errada, ir por um caminho quando podia ter ido por outro, fazer uma asneira que não prejudique gravemente o paciente, pá, acho que isso faz parte dum bom terapeuta./

E – E com que tipo de asneiras é que consideraria mudar a sua postura, ou eventualmente chamar a atenção doutra forma?

P1 – Sei lá, coisas do ponto de vista ético que fossem graves, sei lá... pfff (expira), sei lá, meter-se sexualmente com um paciente, ou...

E – E eles dir-lhe-iam, numa sessão?

P1 – (reflecte) Espero que sim. É claro que seria uma coisa que provavelmente os terapeutas teriam mais dificuldade em ter abertura para o dizer... humm... mesmo assim, espero que, nunca me aconteceu, mas espero que se um dia acontecer algo com esta gravidade numa supervisão, eu também tenha capacidade de receber isso do meu supervisando e que tenha a capacidade para saber lidar com isso da melhor maneira./

E – A modalidade da supervisão que faz é sempre em grupo? Ou também faz individual?  
(17'20'')

P1 – Sim, já fiz algumas individuais, mas a maioria das supervisões que eu faço é em grupo.

E – Estava aqui a pensar sobre essa questão, de ser uma coisa assim mais complexa e se o facto de a supervisão ser em grupo, se a pessoa também se sentiria com capacidade para se expor...

P1 – Pois, é claro que torna-se mais difícil, embora algo que para mim é importante nas supervisões de grupo e que também gosto nas supervisões de grupo, é aferir a qualidade do grupo para acolher aquilo que os colegas têm para dizer, ou seja, de tempos a tempos eu vou testando como é que eles, vou perguntando mesmo como é que vocês se sentem aqui no grupo, o que é que está a funcionar bem, o que é que não está a funcionar bem, o que é que dificulta aqui no grupo... o que é que poderia acontecer aqui no grupo para vocês se sentirem mais à vontade, ou seja, estas questões vou colocando de tempos a tempos, precisamente para aferir se há alguma coisa ali que não está a funcionar bem, ou que as pessoas não se sentem à vontade... humm... e é algo a que também eu estou atento. Estou muito atento à dinâmica do grupo para perceber se o grupo tem maior ou menor facilidade em se expor e tentar trabalhar isso. Se for um grupo em que eu percebo se há ali alguma dificuldade em se exporem, tentar trabalhar consoante o problema que for. Obviamente que isso depois...

E – Também é uma das funções, um dos papéis do supervisor promover essa dinâmica de forma...

P1 – Sim, no grupo de supervisão, sim, claro./

Porque não adianta de nada o supervisor ser uma pessoa fabulosa em termos de acolhimento, aceitação incondicional e por aí adiante, se os colegas do grupo, de cada vez que alguém disser eu fiz isto, eles ou desatarem a rir, ou fazerem cara de como é que é possível teres feito

uma coisa dessas, ou seja, a pessoa vai-se fechar na mesma. Por mais aceitante que seja o supervisor, portanto, também faz parte do trabalho de supervisão, a meu ver, criar no grupo uma coesão e uma aceitação suficiente para que as pessoas se sintam à vontade. E também acho que é parte do processo de aprendizagem na supervisão, os supervisandos irem ganhando esta capacidade de acolhimento e de aceitação, porque ao fim e ao cabo é isso que se faz também em terapia. Pelo menos, em terapia existencial.

E – Uns em relação aos outros?

P1 – Sim sim, eu não acredito que um terapeuta seja muito aceitante se não é capaz de aceitar uma... uma coisa qualquer que um colega em supervisão, expõe como tendo feito mal, ou ter feito uma asneira. Quer dizer, se ele não é capaz de aceitar o colega será capaz de aceitar um paciente? Humm...(20'24'')/

E – Isso poderá ser uma forma de ir percebendo, uma das formas de ir percebendo como é que aquela pessoa é relativamente ao outro, no contexto de psicoterapia?

P1 – Claro, sem dúvida. Para mim, a gente está sempre a reproduzir os padrões... (sorri) isto parece psicanalítico e é, de alguma maneira, mas sim, claro que a gente... é claro que em contextos diferentes temos comportamentos diferentes, não tenho dúvida. E o grupo, obviamente vai montar a maneira como a pessoa se comporta, mas (acentua) efectivamente se a pessoa tem algumas dificuldades em aceitar o outro num contexto, provavelmente noutro contexto isso irá surgir duma maneira, mais ou menos ténue, consoante o grupo, consoante o contexto, mas... de alguma maneira isso irá surgir e portanto, também ajudá-los a eles todos no grupo a terem uma postura mais aceitante, de maior acolhimento, em vez duma postura crítica, de apontar o dedo, é também de alguma maneira ensinar algo que eles podem fazer com os pacientes. /

E – Também em termos de aspectos importantes, já frisou aqui com muito ênfase a questão de facilitar que as pessoas se auto questionem...

P1 – Humm, humm...

E – Também é importante, pelos vistos, fazendo parte do seu papel de criar uma dinâmica de grupo para que isso possa acontecer, há mais coisas assim importantes que consiga destacar relativamente à supervisão e que não tem que ser pela positiva, poderão eventualmente umas serem facilitadoras e outras criarem dificuldades, mas que sejam importantes para si.

P1 – (sorri) Hum... não sei... assim... (reflecte) realmente as mais importantes são essas... (reflecte/inspira) sim... (pausa). Também acho que é importante, mas eu acho que também tem a ver com o auto questionamento e a capacidade de reflexão, embora sejam coisas um bocadinho diferentes, mas uma coisa que eu costumo fazer nos meus grupos. Nos meus

grupos não sou só eu que supervisiono, toda a gente supervisiona toda a gente, ou seja, tento que não seja só eu a falar, ou aquele que sabe tudo e vai para ali explicar a eles como é que se faz. /

Também é uma coisa que eu costumo dizer na primeira sessão de supervisão, que é eu não sei tudo e não tenho qualquer pretensão em relação a isso, e tenho imensas dúvidas... humm... e que o melhor que podemos fazer é todos ajudarmo-nos a todos e quem tiver uma boa ideia, algum bom caminho de supervisão, que é bem-vindo e que é suposto toda a gente falar e que eu inclusivamente vou estar atento a isso, a ver quais são as ideias que cada um deles traz. Isso para mim é importante, porque ajuda não só o supervisando a ter um maior número de perspectivas, porque efectivamente eu nem sempre tenho razão (ri)... ou muitas vezes não tenho razão e, às vezes, alguém traz um outra perspectiva que é bem mais interessante do que a minha. Isso é não só importante para o supervisando, porque tem duas, três perspectivas diferentes, eventualmente, mas também é importante para os outros supervisandos que não estão a ser supervisionados naquele momento. Ajuda-os a reflectir sobre a coisa, de fora. Quando estamos a ser supervisionados, vemos a coisa a partir de dentro. Quando não estamos a ser supervisionados naquele momento, ao ver as coisas de fora fica muito mais facilitado e, portanto, permitir que toda a gente dê uma opinião facilita este processo de reflexão, sobre o processo terapêutico, ou sobre aquilo que eventualmente a gente esteja a questionar naquele momento da supervisão. Esta capacidade de reflexão para mim também é importante porque permite pensar os casos numa perspectiva mais racional e intelectual, se quiser por as coisas dessa maneira./

E – Mas quando me estava a dizer, eu agora fiquei aqui com uma dúvida. Quando me estava a dizer que os seus grupos não são só supervisionados por si...

P1 – Sim.

E – E depois começou a descrever essa situação de, no fundo, de fornecer mais pontos de vista, não é, mais perspectivas e, pergunto eu, transpor para outras situações de supervisão, era a isso que se referia?

P1 – Não, não. Os outros elementos do grupo. Um grupo, por exemplo, de três ou quatro supervisandos, ok? Todos eles darem a sua opinião sobre o caso que é trazido, sobre a pessoa que está a ser supervisionada. Nesse aspecto.

E – Realmente, eu não tinha compreendido bem. Quando começou por dizer que os seus grupos não eram só supervisionados por si...

P1 – Não são só supervisionados por mim, no sentido de que não sou só eu que emito opiniões.

E – Ah, ok. Não há um outro supervisor que esteja com eles.

P1 – Não, não... poderá haver... poderá haver... eventualmente.

E – Pensei que se referia a isso./

P1 – Não tenho nada contra isso. As pessoas é que sabem quantos supervisores têm que ter, não é? Porque podem ter o supervisor do local de estágio, têm o supervisor do não sei quê... não é isso que está em questão. Estava a dizer que dentro do meu grupo de supervisão eu não me arrogo como o único gajo que pode supervisionar.

E – Já percebi. Ok.

P1 – Os outros não são supostamente supervisores, mas supervisandos, mas no sentido de que eles também podem dar a sua opinião. Podem e devem e eu quero que dêem.

E – Chama-os a fazer isso.

P1 – Sim, sim, sim, claramente. Para mim, é importante que todos eles tenham... às vezes não sei realmente e... se alguém tiver ideias, eu não tenho... humm... e às vezes há pessoas que têm ideias e melhores do que as minhas. Isso é bom para mim e para a outra pessoa, sobretudo para a pessoa que está a ser supervisionada, porque se vem pedir ajuda e sente-se muito perdida. E às vezes não sei e também não me vou por a inventar quando não sei, só porque, eh, pá tenho que dizer aqui uma bacorada qualquer que é para as pessoas acharem que eu sei alguma coisa. Não, quando não sei, não sei. E alguém pode ter ideias melhores que as minhas./

E – E isso que me está agora a descrever, a sua postura enquanto supervisor e uma vez que já são alguns anos, foi sempre assim, ou deu por si a fazer diferente?

P1 – É claro que no início, tinha... (risos) é claro que no início, se calhar tinha mais pretensões de ser (risos), de ser um bom supervisor (risos)... humm... ou de querer demonstrar que sabia alguma coisa. Sentia-me... eu comecei a supervisionar... / atenção, eu comecei a supervisionar mal acabei a minha formação porque não havia terapeutas existenciais cá em Portugal, ou seja, eu creio que ainda estava a fazer o último ano do “Advance Diploma”, eu já estava a fazer supervisão, ou seja, ainda estava a fazer um outro curso em Londres para terminar a minha formação em terapia existencial e já estava a supervisionar (reflecte) quase de certeza que isto aconteceu... sim, sim, é verdade, sim... humm... isso deixava-me...

E – Mas foi de alguma forma obrigado a fazer isso, ou foi porque quis, porque fazia parte da formação?

P1 – Porque não havia mais ninguém... (risos)/

eu preferia não ter começado logo a supervisionar, mas nós já tínhamos alunos e não havia mais ninguém para supervisionar. Era eu, o D., o D.C.T., o V.R. e acabou... humm... éramos nós as pessoas que tinham mais experiência, quando eu tinha muito pouca. Tinha alguma experiência clínica, mas não tinha nenhuma experiência de supervisão e de alguma maneira ainda não me sentia completamente preparado para... e não me sentia... eu lembro-me de ter tido esta discussão, eh, pá, eu não me sinto preparado ainda... mas a questão foi, eh, pá mas tem que ser (risos), quem é que vai dar supervisão? Embora lá... É claro que os primeiros dois anos, sobretudo o primeiro ano foi terrível para mim, senti-me muito pouco à vontade e isso fazia com que eu ficasse mais defensivo, pá, se as pessoas me questionam, eu realmente sou um nabo, sou um zero à esquerda (risos) não sei... /

E – Mas já estava a fazer o seu auto questionamento.

P1 – Sim, sim.

E – Daí, se calhar valorizar tanto que seja feito, não é?

P1 – Sim, sim... é claro que esta minha postura já estava lá na altura, mas ainda assim, sentia-me mais ameaçado, de alguma maneira, ou menos à vontade de ser questionado por algum supervisando como, o que você está a dizer não faz sentido nenhum, se calhar na altura ficava mais aflito... (risos) Hoje em dia, se disserem, não faz sentido nenhum, eh, pá se calhar penso um bocadinho e, pá, se calhar tens razão, se alguém tiver uma opinião melhor, boa! E na altura sentia-me muito mais ameaçado se alguém colocasse uma questão dessas. Lembro-me (algo incompreensível), tive uma sessão de supervisão uma vez, com uma supervisanda que estava claramente numa postura muito defensiva e eu, como se costuma dizer, não lhe larguei a canela, e ok, vamos pensar sobre isso, vamos reflectir sobre isso e depois o grupo todo de supervisão juntou-se a ela e disse, E. você está a ir longe de mais, deixe-a em paz... humm... eu lembro-me que na altura aquilo foi terrível para mim... (riso expressando desconforto em relação ao passado) e agora o que é que eu faço? (risos), mas ela está na defensiva e toda a gente está-me a por em causa, a dizer que eu estou a fazer mal... /

E – E foi terrível só no momento, ou foi sendo terrível durante algum tempo?

P1 – Não, não. Felizmente a coisa correu bem. Acho que já na altura criava um bom ambiente de supervisão. Obviamente as pessoas ficaram chateadas comigo por eu ter sido muito incisivo com a colega, mas eu próprio também reflecti, ok, se calhar fui um bocado exagerado, sim, ela estava na defensiva e aqui havia algo importante que era preciso ela ver, mas realmente ela não estava preparada para isso e eu estar lá a “morder a canela” não ia ajudar em nada... mas depois a coisa acabou por... correr bem. Depois no grupo acabou por correr bem, mas lembro-me que quando eu vi que todo o grupo estava a dizer, ok, ó E.,

chega... (risos) não estamos a gostar disso, eu... (faz som de pigarreio expressando o impasse/desconforto no passado) deus, o que é que se está aqui a passar? O que é que vou fazer com isto? Está o grupo todo contra mim... (risos)/

E – E acha que de alguma forma, no presente, evita o conflito?

P1 – (reflecte) Eu evito conflitos, no sentido em que isso não tenha qualquer tipo de utilidade... humm... ou seja, e na maioria das vezes, não tem... (reflecte) eu não quero dizer com isto que não questione as pessoas e que não tente questionar se alguma coisa estiver visivelmente mal e errado, ou seja, não vou estar a por paninhos quentes em tudo e mais alguma coisa, agora não me parece que seja vantajoso colocar todo o grupo em tensão, em conflitos... gerar muita tensão no grupo. E, se calhar, eu prefiro dar esse tempo. Se a pessoa não está preparada para receber algo, não vai receber, por mais que eu tente impingir-lhe a coisa. Para já, não gosto de impingir coisas, prefiro que a pessoa chegue lá por ela própria... funciona muito melhor./

E – Fará sentido dizer que não evita, mas também não promove, como... digamos, como ferramenta.

P1 – Não, como ferramenta, não é a minha ferramenta, de todo. Agora os conflitos surgem... há um grupo, ou há pelo menos duas pessoas, supervisando e supervisor... humm... são alteridades, é normal que não haja encontro sempre... as pessoas desencontram-se porque têm perspectivas diferentes. É normal que isso aconteça, agora, utilizar o desencontro para abanar alguém, não me parece a melhor ferramenta de trabalho. Obviamente se eu vir que há ali qualquer coisa grave e que a pessoa não está a ver, mas que é grave e que o paciente pode estar a ser ameaçado de alguma maneira, ou que há ali algo de muito incorrecto naquela relação terapêutica, ou qualquer coisa assim, se calhar aí, também não tenho pejo em chamar a atenção. Se houver qualquer coisa grave, obviamente que sim. (34'13'') Agora como ferramenta sistemática de trabalho, dizer, ó meu amigo, o que é que estás tu aí a fazer com esta pessoa? Isto não pode ser assim, ou seja ter uma atitude mais conflituosa... não me parece que seja um bom caminho. Pelo menos, não foi assim que eu aprendi, não foi a melhor maneira que eu tive para aprender, portanto não acho que seja a melhor maneira de ensinar, portanto... não, não acredito que seja por aí.

E – Estava a falar sobre se alguém estiver a fazer alguma coisa que realmente veja que pode colocar em perigo (acho que foi a palavra que usou) a pessoa do paciente, aí sim, intervém doutra forma...

P1 – Isso se a pessoa não chegar lá duma maneira branda (risos)/

E – É uma das funções do supervisor, também, regular um pouco a prática clínica...

P1 – Claro, claro.

E – Pode falar-me um pouquinho sobre isso? Que é capaz, às vezes, de trazer algumas...

P1 - Sim... humm... é simples, ou seja, nós somos responsáveis, de alguma maneira também por aquilo que... se a pessoa está em processo de aprendizagem, não é? Se está em processo de formação ainda... aí a responsabilidade é maior, não é? Humm... e a nossa responsabilidade é perante o supervisando, mas também é, sobretudo se estiver no seu processo de formação, também é, e bastante, sobre a pessoa do paciente. Portanto, é claro que tenho de perceber se as coisas estão a correr bem, se aquela relação terapêutica e aquele processo terapêutico não tem nada de grave a apontar, se as coisas estão a correr no bom sentido... humm...

E – O que é que poderia ser grave?

P1 – Sei lá, pá, (risos) assim de repente, há tantas coisas que podem ser graves, sei lá... (pfff) não sei (reflecte) haver um processo em que... em vez da pessoa estar a fazer bem, está a fazer mal ao paciente, por exemplo, tem um paciente... (respira) paciente psicótico, por exemplo, permita-me o chavão. Muito frágil e que ele esteja a atacar as defesas do paciente psicótico a torto e a direito, a desmontá-las todas e que isso pode ser grave porque a pessoa pode psicotizar, ou pode entrar... pode descompensar, digamos assim... humm... aí, se calhar, é preciso chamar a atenção qua aquilo não está a fazer bem à pessoa, está a fazer mal.

E – Isto se o supervisando não conseguir ver por si.

P1 – Exactamente, sim.

E – Ok.

P1 – Sim, obviamente que o meu trabalho será sempre, ok, vamos pensar nisso. Em que é que acha que isso, essas intervenções estejam a ser úteis para o paciente? Falar sobre o seu objectivo, o que é que você pretende, como é que isso é útil para a pessoas, como é que não é... e é claro que o próprio supervisando, se tiver o mínimo de capacidade para isso, facilmente irá entender, ok, se calhar não o melhor caminho, isto não tem utilidade para ele, só tem utilidade para mim, ou seja lá o que for. O que levou o terapeuta, ou supervisando a ir por aquele caminho e não por outro (39'01'')./

E – Ou seja, de alguma forma, não só tem que ter em atenção, do que vai aferindo sobre o que se passa nos contextos psicoterapêuticos, quanto ao supervisando, como de alguma forma, ir dando algum *feedback* ao supervisando de como ele está a fazer o trabalho. Serão duas preocupações distintas, ou...

P1 – O questionamento abrange isso tudo, ok? O questionamento irá abranger, pelo menos, duas, três grandes áreas: a questionar-se sobre a condução do processo, ou seja, como é que eu

estou a conduzir este processo? Qual é o processo terapêutico que eu estou a encetar aqui com o meu paciente? Para onde é que eu quero levar o meu paciente? Que caminho é esse? A relação terapêutica que está estabelecida entre ambos, ou seja que a pessoa também se questione, que relação é esta que eu estabeleço com o paciente e que o paciente tem estabelecida comigo? Como é que esta relação é útil, ou não para os objectivos que estamos a perseguir? E ainda, que, isto é, processo, relação terapêutica e ainda que o supervisando se questione, como é que eu, enquanto supervisando, aceito, ou não, este questionamento que está a ser feito. (40'24'')

E – No fundo, poderá também tocar a relação com o supervisor, a sua própria relação com ele.

P1 – Sim, sem dúvida, sim. Digamos que há aqui uma espécie de triângulo do questionamento (risos)

E – Triângulo do questionamento (risos) foi bonito.

P1 – Ou seja, há três níveis de questionamento e o supervisor tem que estar atento a estas três coisas ao mesmo tempo. Não só os interesses do meu supervisando, ok, como é que ele está, como é que ele enquanto terapeuta está com o paciente, como é que ele, enquanto terapeuta está a pensar no processo... humm... como é que o meu supervisando está aqui na supervisão comigo e com os restantes elementos, pá, eu no primeiro disse os dois, mas novamente o triângulo está aqui presente, ou seja, eu tenho que pensar ao mesmo tempo no terapeuta, no paciente e no supervisor, na relação com este, ou seja, pensar sempre nesta tríade, digamos assim./

E – Isso é difícil?

P1 – (reflece) Não sei se é difícil. É uma questão de, se calhar as três ao mesmo tempo é difícil, mas é uma questão de, para cada supervisão eu me lembrar destas três coisas e pensar, ok, como é que ele está aqui comigo (o supervisando)?... Humm... está muito defensivo/não está? Quão aberto ele está. Isto é uma coisa difícil para ele, ou não. Aí, já estou a pensar, ok, como é que o meu supervisando está em relação a este problema em concreto? Como é que ele está na relação com o paciente? Que paciente é este? Que problema é que está aqui? Que processo está a decorrer? Se eu me lembrar destas... (aqui são quatro) se eu me lembrar destas quatro coisas, e tento lembrar-me em cada supervisão, ou seja, que paciente é este, que processo é este, que terapeuta é este com este paciente, porque depois, com cada paciente terá uma relação diferente e como é que ele está aqui comigo e com o resto do grupo. (42'42'')/

E – O supervisor é aquele que “supervê”, não é? Vê mais do que os outros?

(risos)

P1 – Pois, esse é o conceito de supervisão que eu não gosto. Eu não creio que veja mais do que os outros, (reflecte) o que eu quero é que o terapeuta não tenha receio de ir vendo... é sobretudo isso. Não creio que veja mais do que... porque, às vezes, não vejo mesmo, de todo, ok? Às vezes, Há coisa que eu não consigo ver e sabe, no fundo, não acho que isso seja muito problemático. Se eu nunca conseguir ver nada, se calhar, é problemático (risos), agora, o que me importa é que no processo de tentar ver... humm... a gente consiga ir vendo alguma coisa. É mais este processo que eu tento engajar (43'44''), ok? Vamos tentar olhar para isto e numa tentativa de descrição fenomenológica da coisa que está ali, que é trazida para supervisão, nós tentamos ver alguma coisa./

Agora...supervisão, “superver”... é anti postura fenomenológica, porque eu já sei que vejo, já estou a ver alguma coisa... já estou a ver... eu já te estou a ver (tom irónico)(risos) é quase esta ideia. Para já, eu acho que isso é treta. Não acredito que nenhum supervisor sério ache que já vê as coisas antes sequer de procurar, seja lá o que for. E assusta-me, de alguma maneira, esse tipo de postura em que eu chego e já sei o que é que está aqui... humm... e depois acho que não ajuda nada, porque não vamos à coisa em si, ao fenómeno que está ali a acontecer, /

e é curioso que às vezes até eu acho que vejo alguma coisa e digo, pá, ok, se calhar está a passar-se isto, depois quando eu começo a explorar fenomenologicamente e ponho de lado as minhas teorias, grande parte das vezes descubro que as minhas teorias são só as minhas teorias e serviam só para eu achar que já sabia alguma coisa. Felizmente, algumas vezes consigo pô-las de lado, outras vezes não. Outras vezes chego lá a dizer que sei alguma coisa e às vezes corre muito mal, ok? Portanto.../

E – Se pudesse substituir o termo supervisão, por aquilo que realmente acha que é aquele processo e aquele acontecimento... quer pensar um bocadinho como é que substituías? Como é que lhe chamava?

(risos)

P1 – Se calhar, gosto mais do termo intervisão, que é usado entre pares... humm... porque aí é uma tentativa de visão, se quisermos voltar aquela metáfora do ver mais... mas não sei... eu percebo que tenha que haver alguém que supostamente tem mais experiência, que supostamente sabe mais, entre aspas... humm... porque isso, nem que seja pelo sentimento de segurança que isso transmite ao supervisando... humm... e realmente alguma experiência faz diferença, sem dúvida, não digo que não./

Se eu me sinto mais confortável hoje em dia a fazer supervisão do que há sete anos atrás, ou oito, lá o que for... humm... tem a ver com essa experiência. Curiosamente, não tem a ver

com eu propriamente saber mais, tem a ver com eu estar mais em paz com aquilo que não sei, o que é curioso (risos).

E – Isso foi bonito.

P1 – ... sim, mas...

E – ... sim, mas foi dito com...

P1 – ... é que se trata sobretudo disso, porque...

E – Eu acreditei.

(risos)

P1 – E, e é isso que eu tento transmitir cada vez mais nas minhas supervisões. Pá, estejam em paz com aquilo que não sabem. Uma coisa é fazer coisas graves e eticamente erradas, outra coisa é fazer asneiras. Eu digo-lhe sempre, ouçam, não há nenhuma sessão em que eu não faça, pelo menos, umas sete ou oito asneiras, portanto se eu posso fazer, vocês também podem fazer./

O problema não está nas asneiras que a gente faz, mas sim na nossa capacidade de estar atento a elas. E às vezes dou exemplos de como... humm... há uns anos atrás, o professor D. fez um estudo sobre eventos significativos e eu também fui um dos entrevistados e, curiosamente, nós falámos de um paciente, falámos de vários, mas um paciente em particular teve muita piada. O evento significativo mais importante de todos, para mim e, curiosamente depois para o paciente foi o mesmo. Foi uma sessão em que eu só fiz merda na sessão toda, ok? Foi das piores sessões que eu fiz na minha vida (risos). /

E foi um momento de viragem para o paciente e foi um momento importantíssimo para mim. Quer enquanto terapeuta daquele paciente, mas também para mim enquanto pessoa... humm... e o que fez diferença não foi a asneira, ou melhor, a asneira acabou por fazer diferença, no sentido positivo, mas a asneira não foi problemática e só não foi problemática por uma razão, porque eu pude reconhecer isso. E não só ela não se tornou problemática, como foi um momento de viragem, ou seja, não... e isto é um exemplo que eu costumo dar, ou seja, não se preocupem de fazer asneiras. As asneiras, às vezes, são um ótimo momento para a terapia dar um salto... mas isso só pode acontecer se vocês estiverem atentos às asneiras que fazem. Pá, e esqueçam essa porcaria de querer ser bons terapeutas e de não fazer asneiras, porque isso só atrapalha, não ajuda em nada a relação terapêutica e nunca serão melhores terapeutas por isso, porque nunca chegarão lá. Vocês vão ser sempre fazer asneiras, sempre, sempre, sempre, sempre (risos). Por melhores que sejam... e no dia em que não fizerem asneiras, pá, aquela terapia não vai funcionar, de certeza. Porque aí, vocês já não serão humanos...e... e o

paciente já se estará a relacionar com uma máquina e vai ser uma seca desgraçada. E não vai funcionar. Eu acredito que não vá funcionar mesmo./

E – Sente que os seus objectivos conseguem “passar” para os supervisandos? O seus objectivos... a forma como tenta por em prática tudo isso que me tem estado a dizer?  
(risos)

P1 – Eu, curiosamente a sensação que eu tenho, e modéstia à parte... humm... é que cada vez mais eu consigo mais um bocadinho disso. Eu sinto que também o facto de eu estar mais à vontade para poder estar com esta minha maneira de ser e de estar, e com esta minha maneira de pensar a supervisão e de pensar a psicoterapia, de facto, isto ser cada vez mais... fazer-me mais sentido também a mim... humm... se calhar se fosse há uns anos atrás isto não me faria tanto sentido, apesar de já estar lá, não estava tão concretizado. O facto de eu estar mais à vontade com isto, de isto me fazer mais sentido também facilita com que a minha postura seja cada vez mais esta./

E aquilo que eu vou notando, é que eu sinto que há uma evolução ao longo... normalmente eu acompanho os grupos durante um ano... um ano de supervisão lá na SPPE (50’52’’) e vou notando que isto vai passando... humm... mas isso depende muito da pessoas que está do outro lado. Sinto que passa cada vez mais, agora depois isso vai depender do grau de abertura da pessoa para poder receber estas, estas coisas... e há pessoas em que noto uma evolução tremenda (gesto largo), há pessoas que eu noto um bocadinho assim (gesto pequeno) de evolução, mas isso também é muito subjectivo. Há pessoas que se evoluírem assim tanto, é uma coisa enorme e há pessoas que se evoluírem isto (gesto pequeno), pá já têm uma capacidade tão grande de evoluir, se evoluírem isto, não é tão grande como o outro que...

E – ... como um pequeno progresso em alguém que seria mais difícil...

P1 – ... mais fechado, mais tenso, mais rígido no seu trabalho, mais ninguém me questione... ou eu quero é aprender a fazer tudo certinho e eu faço tudo certinho, o mais possível... pá, estas pessoas, às vezes é muito difícil chegar até elas, pelo menos a partir desta perspectiva./

E – Então, já me disse assim numa forma muito entusiasta o que considera importante, qual é a sua postura... então, para fazermos assim uma espécie de finalização, dentro do tema da supervisão informada pelo modelo existencial, o que é para si ser um supervisor de inspiração existencial? (52’29’')

(risos)

P1 – Acho que é... para mim, é isto (tom firme). Isto que eu estive a dizer-lhe... humm... o que o chavão existencial pode ter de diferente, é que obviamente eu estou atento a algumas questões fenomenológico-existenciais, porque por um lado a fenomenologia está aqui

presente naquilo que eu lhe disse, ou seja, esta postura do não trazer pré-conceitos, do não-saber que já sei qual é o tema do supervisando. A minha exploração é sempre fenomenológica, ou seja, a minha postura é tentar, ok, fale-me um bocadinho mais disso, então fale-me do que se está a passar entre vocês os dois, ou diga-me mais sobre isso, ou seja... é muito exploratório, muito aberto, é muito fenomenológico, nesse sentido... humm... é hermenêutico também no sentido em que depois eu tento ligar as coisas e criar uma espécie de interpretação, a partir d exploração fenomenológica... é também hermenêutico... e é existencial porque também estou atento a alguns dos nossos famosos temas existenciais. Não só os existenciais propriamente ditos, a liberdade, a morte, a interpessoalidade e por aí adiante... humm... mas também a relação que a pessoa do paciente do meu supervisando tem com a vida, como é que ela está-no-mundo, as suas worldviews, e por aí adiante, ou seja, estas questões também estão presentes e tento ver como é que... se isso é uma questão em termos psicopatológicos, ou se isso traz alguma perturbação emocional na vida do paciente, embora aí seja uma coisa já mais analítica, digamos assim. /

Já parece aí a supervisão mais clássica, não é? Que o supervisando está lá... para dizer, ok, o seu paciente que tem este problema, então, o que você tem de fazer é isto. Isso também... é a aquilo que eu considero menos importante, mas também acho que é importante.

E – Também está presente na sua forma de fazer supervisão...

P1 - Sim, sim, sim. Cada vez mais, curiosamente. Antes, se calhar, tinha menos, mas fui percebendo que para os meus supervisandos era importante terem uma leitura do que se passava e também percebi que isto era importante em termos de processo. Saber onde é que se leva esta terapia. Para que lado é que se leva esta terapia? O que é que se está a passar aqui? E, portanto, é algo que eu também tenho vindo a dar cada vez mais atenção. Antes estava muito mais preocupado com a questão da relação terapêutica... mas sim... e aqui a parte existencial informa bastante a minha supervisão. Digamos que é então uma mistura entre o fenomenológico (55'42''), no sentido de tentar perceber a coisa a partir dela própria e depois o existencial aí para ajudar a compreender, fazer uma espécie de meta-análise da coisa... do fenómeno que é trazido. Ok, penso que é isto./

E – Gosta do que faz?

P1 – Sim, gosto imenso do que faço. Gosto imenso de fazer supervisão. É talvez a coisa que eu mais gosto de fazer, em termos de formação de psicoterapeutas. É aquilo que me dá mais... mais do que aulas teóricas, que não gosto muito... humm... não gosto muito (sorri) dar aulas teóricas... humm... ou mais do que nas díades, que também gosto imenso de fazer. Supervisão é aquilo que me dá mais gozo, sem dúvida.

E – Muito bem. Não sei se me quer colocar alguma questão...

P1 - ... não...

E - ... se quer pegar em algum ponto que tenha falado e gostasse... que entretanto tenha surgido mais alguma coisa e gostasse de dizer...

P1 – Não, não há assim mais nada./

Há uma pergunta que me fez há bocado que me fez algum sentido e que entretanto não fui a ela, ok... (olha para relógio) tenho alguns minutos... que é o que não é importante, ou o que é que atrapalha uma supervisão...

E – O que pode dificultar o processo...

P1 – O que pode dificultar, é isso, uma supervisão... na altura eu falei do que não atrapalha e depois não falei do que atrapalhava... (inspira e reflecte) O que é que pode atrapalhar uma supervisão? (pausa reflexiva) Para além de eu estar num mau dia, isso às vezes atrapalha (risos) a minha capacidade de estar aberto e de estar atento ao que se está a passar ali e de estar aberto para poder moldar-me aos meus supervisandos, ou àquilo que é trazido, isso influencia bastante... porque nesta postura implica eu estar muito aberto para eu ir... digamos, fazer este movimento de adaptação (faz movimento ondulatório de zigue-zague com as mão e antebraços) àquilo que está ali a surgir no grupo de supervisão... humm... (pausa reflexiva) sim, /

aquilo que atrapalha muito é ter supervisandos muito (acentua a vogal “u”) defensivos, mas novamente isso faz parte do desafio também, não é... (pausa reflexiva). Com um supervisando defensivo, o desafio será realmente devagarinho, tentar... tentar ir até onde pudermos com aquela pessoa... humm... neste momento não me recordo de ninguém que tenha sido... já tenho tido pessoas muito defensivas, mas não senti que não tivesse havido algum tipo de progresso, portanto, até mesmo em... o desafio acaba por ser esse mesmo. / Até nem sei se isso é um problema... creio que é um problema para a pessoa do supervisando, porque vai demorar muito mais tempo a desenvolver o seu processo, enquanto terapeuta (58’58’’), ou seja, para ele será realmente. Agora, para mim enquanto supervisor, é o desafio de tentar fazer o máximo que eu puder com aquela pessoa, ir o mais longe possível na sua capacidade de autoquestionamento. É isso.

E – Eu agradeço muito ter voltado a essa questão e vou ter que lhe fazer mais uma pergunta... (risos)

P1 – ... ok! Três minutos.

E – Disse que o que podia dificultar era um “dia mau”, seu... isso obriga-o a ter mais dias bons do que maus...?

P1 – Não me obriga, no sentido em que não me posso obrigar a tal coisa... (risos)

E – Como é que gere isso? Como é que se cuida, para poder estar o melhor possível?

P1 – Se calhar, cuido-me tendo alguns cuidados comigo próprio e com a minha vida, com a minha existência, não é...? No sentido de eu estar bem comigo próprio... a minha terapia pessoal que foi fantástica, durante muitos anos, os anos que eu senti que eu precisei de os fazer, que foram... ao todo, foram oito anos de terapia pessoal... humm... ter uma boa família, amar a minha mulher... humm... fazer muito amor e sexo (risos). Ter uma boa família ajuda imenso. Estava agora a brincar consigo, embora também ache que é importante (risos) do sexo e do amor... mas ter um bom background é fundamental, pelo menos para mim, para a minha prática. Não só para a minha prática enquanto terapeuta, mas também como supervisor. O facto de eu saber... a maioria das aulas de supervisão que eu dou são à sexta... eu venho para casa e vão lá estar as pessoas que eu mais gosto. Mesmo que eu vá de rastos, a ideia é, ok, daqui a bocado eu vou para casa. Ou mesmo quando aquilo está a correr mal, ok, daqui a bocado vou para casa e sou bem acolhido e há pessoas de quem eu gosto imenso... creio que isso é das coisas que mais me protegem e que, se calhar, cria essa maior capacidade de me adaptar a um dia mau... embora, às vezes o dia é e é mau, ponto final... / quer dizer... não sou super-homem, de maneira nenhuma. Tenho imensos dias maus, também choro, também me entristeço, também sinto raiva... mais do que eu gostaria... humm... e às vezes é difícil, às vezes é difícil estar numa supervisão e sentes as coisas... se há ali alguém muito defensivo, se as coisas correm mal... às vezes é muito difícil, mas também o desafio é esse. É tentar conseguir alcançar alguma coisa, mesmo com o difícil... e às vezes demoram, às vezes um grupo de supervisão até pode ficar duas, três, quatro, cinco sessões em que a coisa está ali mesmo emperrada e há muita tensão, sentes ali muito conflito... às vezes é difícil, mas o desafio está aí.

E – Então, se me permite, e usando as suas palavras, agradeço não ao super-homem, mas ao supervisor...

(risos)

E - ... agradeço muito ter colaborado.

P1 – Obrigado, eu... fez-me reflectir um bocadinho mais sobre a supervisão. (1h02m35s)

## ANEXO B. Transcrição entrevista – P2

Participante 2 - Entrevista – 21.03.15

(E=entrevistadora; P=participante)

E – ... ah, e obrigada... eu devia ter começado pelo, obrigada por me receber...

P2 – Não, eu gosto. Eu também tenho alunos a fazer essa investigação no meu próprio seminário e portanto...

E – Mas também sobre supervisão?

P2 – Não! (risos) Sobre os mais variados temas, mas enfim, também precisam que as pessoas colaborem (risos).

E – Ok. Então, para que conste na entrevista, se me puder descrever, tão detalhadamente quanto possível, o que é para si a experiência de supervisão inspirada pelo modelo existencial, ou não, se quiser falar doutras vertentes, por favor...

P2 – Sim, quer dizer, vou-me limitar ao modelo existencial porque é aquele em que, eventualmente a sua investigação está a ser feita, não é? Mas... enfim, o que é que eu posso dizer? Posso dizer que para mim tem sido, para já, um grande prazer. É uma coisa que eu gosto muito de fazer. Posso dizer que me dá gozo ser supervisor. Eu já tinha, sempre tive... quando era supervisando, quando fui supervisando e fui supervisando de muita gente... de algumas pessoas, fui tendo mais ou menos as minhas ideias sobre o que era uma boa supervisão e o que eu procuro fazer é, fazer a supervisão que eu gostaria de ter.

Fundamentalmente, é isso que eu faço. É fazer, o mais possível e dentro das minhas capacidades, limitadas, mas fazer a supervisão que eu próprio gostaria de... de ter tido. Não quer dizer que não tenha tido boas supervisões, mas havia sempre um ou outro aspecto que me desagradava. E agora eu procuro, de facto, não ir por aí... humm... por exemplo, procuro que a minha supervisão tenha um ambiente muito descontraído. É uma das coisas que eu... porque... isto exactamente por contraste com outras supervisões em que eu fui supervisando, ou que assisti e que não eram descontraídas, eram... as pessoas iam para lá tensas, com medo de serem criticadas. E eu faço exactamente o contrário. Um ambiente descontraído, um ambiente onde as pessoas se sintam bem, onde as pessoas não tenham medo de se expor, porque não vão ser criticadas. Isso para mim é fundamental. Vão é ser apoiadas e, eventualmente, aqui ou ali, fazer sugestões de alguma correcção, de alguma coisa que eventualmente estejam a fazer mal, mas sempre posto sobre a tónica da sugestão e nunca sobre a crítica, ou fazer com que a pessoa se sinta mal. Já bem basta que as pessoas que estão

em supervisão, dum modo geral, têm pouca prática clínica e, portanto, tendo pouca prática clínica... humm... já bem basta o que elas próprias se culpabilizam por não terem feito as coisas como deviam ser, ou por pensarem que poderiam ter feito melhor, ou por pensarem que não estão a ser eficazes e por aí fora, não é? Portanto, há muita preocupação de fazer as coisas bem feitas. E portanto, a minha primeira tendência é desdramatizar. Não há nada disso, o que há é várias possibilidades e eu procuro fazer supervisão como faço terapia, não é muito diferente.

E – Humm...

P2 – É, pura e simplesmente, por as pessoas à vontade e tentar explorar diferentes possibilidades, em relação àquelas. Sobretudo se a pessoa, habitualmente, traz aqueles casos onde sente algum impasse e não está bem a perceber por onde é que há-de ir, a ideia aqui é alargar o leque de possibilidades e pensarmos em conjunto como é que podemos fazer, no sentido de abrir novas possibilidades e novos caminhos. A ideia é sempre essa.

E – Quando diz em conjunto, refere-se a si e ao supervisando, ou ao grupo todo?

P2 – Sim, ao grupo. Portanto, dum modo geral como eu faço é, a pessoa apresenta o seu caso, depois de apresentar o seu caso eu alargo para... pergunto a opinião das outras pessoas que vão dizendo coisas e vão ajudando. Portanto a supervisão em grupo é assim, quer dizer, com muita participação de todos, que eu encorajo ao máximo e no final eu também dou as minhas contribuições a um título que não é o título de... habitualmente reservo-me para o final porque tenho mais experiência, mas quer dizer, as minhas contribuições não são, à partida, melhores do que as dos outros. É apenas uma questão de, eventualmente, ter mais experiência e, sobretudo, também ter mais bagagem teórica, o que faz com que muitas vezes... é uma coisa que também me dá muito prazer, porque vejo que dá prazer aos supervisandos, que é conseguir ligar a teoria à prática. Dum modo geral, as pessoas têm muita dificuldade nisso. (05'09'') Aprendem muita teoria por um lado, vão tendo prática por outro, mas muitas vezes mesmo em supervisões do 4º ano... e ainda ontem tive uma... as pessoas não conseguem fazer ligação da teoria à prática e quando se vai buscar este, ou aquele conceito teórico, esta ou aquela noção – e isso serve para iluminar caso e a pessoa ter um outro entendimento do caso –isso é que é, de facto... humm... vê-se as pessoas contentes, com os olhos a brilhar por estarem a perceber coisas que não percebiam até aí. Sobretudo, por estarem a perceber a utilidade dum conceito que até aí estava só na gaveta... (sorri) numa gaveta qualquer da mente e que agora permite compreender melhor o caso. Eu acho que esse é o meu ponto forte como supervisor. É fazer esta ligação e isso dá-me realmente gozo, quer dizer, no fundo eu como supervisor não sou muito diferente de como sou professor. O que me dá mais gozo é ver

as pessoas a brilhar por terem aprendido qualquer coisa nova e útil (reforça) e útil. E com a supervisão é a mesma coisa, às vezes até tenho... lembro-me que ontem eu estava a falar do caso e de algumas noções à volta do conceito de fenómeno, etc e depois, a uma dada altura calei-me, disse, “bem já falei muito e tal” e as pessoas a dizerem “ ah não, é um gosto tão... continue, continue, por favor”, as pessoas estavam contentes, mas sobretudo porque isto ilumina os casos, não é apenas... E às vezes também aproveitamos, é verdade, também aproveitamos para elucidar um ou outro aspecto mais teórico que não tenha ficado tão bem compreendido nas aulas... humm... nas aulas doutras pessoas, enfim... também aproveitamos. E então eu centro muito, de facto, a minha supervisão... há vários estilos, não é? Há um estilo de supervisor que se centra muito na relação, (07’03’’) na relação entre a pessoa... portanto, centra-se mais no terapeuta do que propriamente no caso, quer dizer, o caso passa para segundo plano e está muito centrado no terapeuta e na maneira como o terapeuta está na relação. Que isso também...

E - Na relação com o supervisor...

P2 – Não, não, não. Na relação do terapeuta com o cliente.

E – Ok.

P2 – E portanto, há supervisores que se centram muito nisso. Há outros supervisores que se centram no caso... humm... eu sou daqueles que procura fazer um certo equilíbrio, quer dizer, centro-me no caso, no sentido em que me parece que quando uma pessoa traz um caso, quer vê-lo mais esclarecido, não é? Portanto, tem pontos nebulosos, tem áreas nebulosas e quer ver o próprio caso esclarecido e... tem muita dificuldade. A dificuldade está, de facto, numa leitura existencial do caso, porque as pessoas lá têm as suas intuições, têm a sua preparação clínica, mas depois o que seria verdadeiramente uma leitura existencial... não é? Ainda ontem, quando eu alarguei – uma pessoa apresentou um caso e eu alarguei, como faço sempre – e alguém vem com uma leitura do caso... mas era uma leitura que falou em separação-individação... uma coisa claramente da Mahler, Margaret Mahler, da psicologia do ego, da psicanálise e eu... (sorri) respeitando sempre... mas agora... isso está tudo certo, mas como é que havemos de transformar isto tudo em linguagem existencial...

E – Mais uma vez, aí, a teoria...

P2 - ... ler... exactamente... aquilo que acabou de dizer, voltar em termos existenciais e fazermos uma leitura existencial do caso. E portanto, foi a partir daí que... humm... teoria, mas teoria ligada à prática, é o saber fazer, não é? Há o saber e há o fazer. Depois há o saber fazer.

E – Será um espaço de integração de saberes.

P2 – Exactamente. De integração de saberes, com a prática.

E – E é solicitado para isso?

P2 – Como?

E – É muito solicitado para isso?

P2 – Quer dizer, as pessoas... eu acho que sim... humm... eu acho que sim. Dum modo geral, as pessoas dão-me muito bom *feedback*. O *feedback* que eu tenho, quer dizer, para além do *feedback* que vou tendo por ver (acentua verbo) as pessoas. Eu sou daquelas pessoas que está sempre atenta ao impacto daquilo que eu estou a dizer, nos outros... mas... as pessoas dão realmente bom *feedback* da supervisão e, porventura algum até exagerado, mas que me deixa muito contente porque é uma coisa que, sobretudo me dá muito prazer fazer e acho que isso também deve passar. (9'34'')

E – O que é isso de *feedback* exagerado?

P2 – Humm... *feedback* exagerado... sei lá... lembra-me que o meu último grupo... humm... os grupos não são todos iguais, evidentemente, e eu passo sempre por um período de luto do grupo anterior, não é, porque já estou como supervisor desde o princípio da sociedade (referência a entidade de psicoterapia existencial) e passo sempre um período de luto. E aqui há uns dois anos houve um... dois anos atrás, ou três, já não me lembro bem, houve um grupo, sim dois grupos atrás que, de todos, me deu um prazer muito grande, porque era um grupo onde nos ríamos muito (sorri). Eu, dum modo geral, faço supervisões bem-humoradas, lá está, dentro do ambiente descontraído, mas naquele... humm... ríamos muito, mas quer dizer, não era aquele riso de chacha, não, era a propósito das coisas. Já nos conhecíamos tão bem, já éramos capazes de fazer quase caricaturas uns dos outros e resultava muito bem porque a pessoa, a própria pessoa, já apresentava os seus erros com humor. E já apresentava a relação com humor e nós fazíamos, exagerávamos digamos assim, em caricatura os erros de cada um para que a pessoa se apercebesse da maneira como estava na relação e a pessoa aceitava isso muito bem. Ríamos uns dos outros, mas uns com os outros. Esse grupo deu-me (11') realmente um prazer muito grande. E depois, tudo pessoas muito boas também. Dum modo geral eu tenho tido pessoas muito boas. Bom, e então tive que fazer o luto desse grupo, para o grupo seguinte e foi também um processo, não é... mas que no fim estava também a correr tão bem e aí é que vem o exagero... um deles disse qualquer coisa do género “bem, eu tive já vários supervisores na sociedade e... mas esta não foi uma supervisão, foi A supervisão”. E isso realmente, quase que me comoveu até (sorri). Foi... foi bonito e as pessoas concordaram, etc... Depois tive que fazer o luto desse grupo, para agora estar neste grupo, não é... e ao princípio eu estava assim um pouco... como é que hei-de dizer... pronto,

estes não são tão bons, mas não é verdade. Depois chego sempre à conclusão que eles são todos (sorri) muitíssimo bons. Uns estão melhor preparados do que outros, uns são capazes de entrar no pensamento existencial, outros não... humm... os que mais me preocupam, é precisamente isso... talvez a minha maior dificuldade como supervisor, falando agora dos aspectos negativos e de maior dificuldade... (reflete) é que, de vez em quando aparece uma ou outra pessoa que não tem capacidade, ou não tem interesse... eu acho que é mesmo uma questão de... ou não tem afinidade... não consegue (tom firme)... humm... pensar em termos existenciais. Bom, e essas pessoas, como não conseguem... pronto, o remédio aí é encorajá-las a estar sempre muito próximas do material, portanto, ser fenomenológico... fenomenologia pura, digamos assim. Quase como se fossem rogerianos e... e depois, no final quando eu quero devolver o meu *feedback* a essas pessoas tenho mais dificuldade, porque não as quero magoar... também só me aconteceu umas duas vezes, nos vários grupos. Dois ou três casos, não mais do que isso. Pronto, outros casos, às vezes, enfim... os seniores de vez em quando trocam impressões sobre os formandos... algumas pessoas que são apontadas como um pouco mais difíceis... eu não senti nada disso nas supervisões, pelo contrário. Achei que não, que é só uma questão de ser cuidadoso na abordagem. Se a pessoa é um bocadinho mais, digamos um bocadinho mais sensível, um bocadinho mais desconfiada, um bocadinho mais retraída temos que abordar duma maneira... doce (acentua) para que a pessoa se sinta à vontade, não é? O que eu quero é que as pessoas se sintam à vontade e até agora acho que consegui sempre. Não me estou a lembrar de ninguém que tenha passado pela supervisão e não tenha ficado completamente desconfiada e à vontade e aceite (acentua). Isso acho que nunca aconteceu. Aconteceu realmente em dois ou três casos eu ver que estas pessoas, do ponto de vista existencial, quer dizer, como terapeutas existenciais, enfim, precisavam de entrar um bocadinho mais... mas enfim, isso também depende um bocadinho do estudo das pessoas, não é? Se a pessoa não lê nada, não abre um livro, não... bem, é um bocadinho difícil... quer dizer, para elucidar conceitos é preciso que a pessoa, ao menos tenha o mínimo do conceito, não é, senão (ri)... senão é difícil (ri).

E – E quando acontecem essas situações, de certo modo também lhe causam dificuldades a si, não é? Da forma como há-de tornear...

P2 -... eu não acho grave que as pessoas estejam... é assim, eu não acho a teoria assim tão importante, o que eu acho que é importante, de facto, é um certo senso clínico e estar... estar próximo do que o paciente diz... não acho que a teoria seja assim tão importante. Eu acho que a teoria permite ver (acentua) mais longe e não estar tão próximo, digamos assim, de maneira a que não consigamos... porque eu vejo a teoria como ver e fazer ver, não é? Fazer com que o

outro veja coisas que não via, porque senão o que é que está ali a fazer, não é? (15') Claro que não só isso, há todo o lado afectivo, tudo isso, não é? Que é o mais importante, que é o mais importante. E isso, essas pessoas têm. Se depois não vêem tão longe porque... são mais limitados teoricamente, ou porque não se interessam. Há pessoas mais voltadas para a teoria, outras mais voltadas para a... só para a prática... enfim, desde que eu veja que há boa vontade, que há empenho, que há, de facto, interesse pelos pacientes... bom, isso parece-me que é o mais importante.

E – Já é matéria-prima suficiente...

P2 – Sim, e isso toda a gente tem... eu nunca... nunca me apareceu ninguém que eu pensasse, este não pode ser terapeuta... não pode ser, porque não tem características... não me aconteceu... até agora não me aconteceu, nunca. Há pessoas um bocadinho mais difíceis, enfim, outras menos, mas até agora... isto também tem muito que ver com o tal ambiente descontraído que eu procuro... que eu procuro fazer por que as pessoas sintam.

E – Portanto, um ambiente descontraído é muito importante para si.

P2 – É. É, é, porque senão as pessoas... quer dizer... eu vi supervisões noutros lados, com outros supervisores em que as pessoas iam muito tensas, iam quase para uma tortura... e outras... mentiam (acentua). Pessoas mais caracteriais, mentiam pura e simplesmente, quer dizer, aqueles casos eram claramente inventados e nem permitiam a supervisão porque estava tudo tão bem, mas era tudo inventado... ora isso não tem interesse nenhum... se me apresentarem um caso em que fizeram tudo muitíssimo bem, a supervisão não serve para nada... humm... não é isso que eu quero. Eu quero é que me apresentem as dificuldades reais que têm. Que aproveitem aquele espaço para colocarem as dificuldades e poderem crescer como terapeutas... mais uma vez dentro das limitações que eu tenho, até porque eu nem acredito que só os anos de experiência façam da pessoa um melhor terapeuta. Pelo contrário, acho que há alguns pacientes, eventualmente... acho, não, tenho a certeza. E faço mesmo isso... alguns pacientes sentam-se aí pela primeira vez nessa cadeira onde está sentada e eu penso, eu não sou a pessoa adequada para esta pessoa, mas estou a lembrar-me dum supervisorando x ou y que vai ser mesmo a pessoa adequada para esta... bem, dentro da minha intuição, não é, para esta pessoa e mando... porque não vou estar... não é pelos anos de experiência que... e eventualmente ficarei sempre a saber desse paciente através da supervisão, enquanto for meu supervisorando. Se não for, as pessoas ficam sempre à vontade para me telefonarem e dizer, “olhe, tenho aqui um caso que preciso discutir consigo”. Já aconteceu muitas vezes. Com certeza, encontramos-nos e falamos. Às vezes as pessoas querem

pagar, marcar uma supervisão forma, outras vezes até num café falamos e não há problema. (17'54'')

E – Esses anos de experiência, que diz não serem fundamentais, para um bom terapeuta, considera que também no caso dos supervisores só o acumular de anos de experiência, também poderá não ser suficiente? Estabelecendo um paralelo entre o terapeuta, em termos de anos de experiência e o supervisor.

P2 – Quer dizer, as pessoas vão crescendo... e eu acho que também... humm... também, eventualmente os supervisores vão crescendo com a experiência, vão aprendendo algumas coisa, vão perdendo outras... humm... vão perdendo outras. Eu acho que como supervisor, por exemplo, ainda tenho uma energia e um prazer que, eventualmente, já não tenho tanto como professor, porque eu sou supervisor p'raí mais ou menos dez anos. Quer dizer, contando alguns anos de antes da sociedade, mas onde já fazia supervisão... humm... e como professor, já estou há vinte e tal anos. Continuo a ter muito gozo como professor, mas só de certas matérias. Há outras que já não tenho a quele gozo que tinha ao princípio. Ao princípio eu delirava nas aulas, quase que dançava, dizia piadas, tinha uma energia... (risos) também tinha (risos) há vinte e tal anos tinha uma energia que não tenho hoje, não é? Hoje dou aulas sentado... onde é que eu...

(risos)

E – Estou a tentar imaginá-lo a dançar numa aula...

P2 – Dançar... é uma maneira de dizer, rodopiava dum lado para o outro, dizia piadas, metia-me com as pessoas, procurava informar-me dos gostos delas. Lembro-me de dar por mim a ver o primeiro Big Brother (programa televisivo) só para poder dizer alguma coisas que interessasse as pessoas... sei lá, coisas desse género. (19'40'') Lembra-me que, na altura a minha mulher gozava-me, “ah, agora a ver o Big Brother, que disparate” e tal, porque assim nos círculos intelectuais seria uma vergonha... eu vou porque me interessa, se os jovens vêem o Big Brother.... e ouço, ouço a música deles, porque se eles ouvem isto, se eu estou a dar aulas a pessoas com vinte anos e e ouvem isto... se quiser dizer uma piada, não vou dizer uma piada de coisas da minha geração ou muito intelectuais senão não apanham, não é? E portanto, eu tinha ali uma energia... hoje dou aulas sentado... às vezes lá me levanto e sento-me em cima da mesa, mas... mas... não tenho a mesma energia que tinha.

Como supervisor ainda tenho... quer dizer... cada supervisão para mim é... cada sessão... e também é um desafio, não é, porque as aulas acabam por ser... tenho um programa que não varia muito de ano para ano... a supervisão é sempre uma coisa muito interessante, porque é um caso novo, sempre. (20'49'') E eu não peço... alguns supervisores... na sociedade não,

mas já vi noutros sítios, os supervisores pedem o caso com antecedência, que lhes mandem o caso, para poderem pensar. Eu não quero caso nenhum, eu quero é o desafio do momento... às vezes é possível dizer mais coisas... também depende da qualidade do material que trazem. Se são coisas mais pormenorizadas, se são coisas mais vagas, etc... mas isso também se pode chamar à atenção, não é... ficámos com muitas áreas por saber, da pessoa. E pode ser um caminho, por aí, mas de facto o desafio é o caso novo, porque isso é sempre fresco, não é? É sempre um outro caso, não sei nada do caso, e portanto vamos lá ver o que é que se pode dizer, o que é que se pode analisar.

E – Ainda lhe dá vontade de dançar?...

P2 – Aí sim. Quer dizer... é tudo sentado... (risos) já não... mas nós fazemos a supervisão em círculo... mas sim, mas ainda tenho gozo. E também porque penso que nessa parte posso ser útil. Muitas vezes as pessoas chegam ao 4º ano sem essa capacidade de fazer estas ligações e eu acho que é isso, sobretudo, em que eu posso ser útil e... e inspirar alguma confiança, até nas próprias pessoas. Às vezes as pessoas também são muito... há pessoas... há terapeutas que são muito... como é que hei-de dizer, muito rigorosos consigo próprios. Praticamente flagelam-se por não... porque se levam demasiado a sério. É uma coisa que eu também falo, a propósito até do Sartre, não é, que falava do *Esprit de Sérieux* ... não nos podemos levar demasiado a sério... as nossas capacidades são tão limitadas, quer dizer, não podemos ter a ideia de que somos responsáveis pela mudança dos outros... isso é uma... recebemos sobre nós uma carga tão grande que depois ficamos esmagados e não temos gozo nenhum. Mais uma vez, nós temos que ter gozo na terapia. E isso eu também faço, quer dizer, eu tenho gozo na terapia porque eu hoje... não fazia isso há uns anos, hoje selecciono muito. E portanto sé aceito pessoas que eu sei que vou ter prazer com elas, senão não... não aceito.

E – Quem possa convidar para dançar...

P2 – Sim (sorri) exactamente. Quem possa convidar para dançar e que dance... enfim... (ri) que consiga dançar bem, senão não vale a pena (risos)

E – Peço desculpa por estar sempre a usar a metáfora, mas achei muito bonita e...

P2 – Não... mas é mesmo isso... é quase o que fazia, não é? Eu via-me, na altura via-me quase como uma espécie de, “eu tenho que passar uma mensagem”, não é... mas também eu sempre tive muita sorte... vamos lá ver. Agora é mais como professor... humm... e também como supervisor, também se aplica, que é, eu só consegui estar há vinte etal anos no ensino... só ensinando aquilo que sei... (reflecte) o que não é nada fácil na universidade. Foi só muitos anos depois de eu estar na entidade onde lecciono, onde eu sempre estive... humm... só depois de anos de lá estar é que me apercebi que nem todos os meus colegas tinham o mesmo

gozo que eu tinha Isso não me passava pela cabeça, mas era a verdade, não é? E mais. Depois também me apercebi que eles não davam as matérias que realmente gostavam e percebiam. E isso ainda me fazia mais confusão (risos) porque eu não era capaz... francamente não era capaz... preferia não ser professor, do que esta ali a repetir uma coisa da qual eu não tinha experiência prática. Eu só ensino o que faço. O que sei fazer. Portanto a preparação era uma preparação muito à base de ir buscar a minha experiência... contar casos... humm... faço muito... lá está, a tal ligação da teoria à prática. Sempre que eu tenho muitos casos, os meus próprios casos, claro com algumas modificações para não poderem ser identificados, mas até de ano para ano, como os meus casos iam mudando, eram sempre outros casos porque eram aqueles que me estavam a preocupar no momento (25'03'') e que eu partilhava e que eu dava exemplos. Portanto, tive sempre muita sorte de só ensinar aquilo de que eu tinha experiência prática.

E – Humm...

P2 – Não me faz sentido, um professor que não tem experiência de um determinado assunto, experiência prática profissional, estar a ensinar, mas também depois percebi que, eventualmente, tinha que ser não só porque alguns deles não tinham experiência de coisa nenhuma... porque eram apenas professores... coisas que eu nunca fui só, não é? Sempre estive meio a meio. Por um lado tinha a carreira académica, mas por outro lado sempre tive a minha actividade profissional paralela, não é? Clínica. E alguns não tinham, ou tinham uma coisa muito reduzida, portanto e faziam sobretudo investigação, que é uma coisa também muito importante... e que eu fazia pouco.

E – E considera que todas essas áreas/dimensões da sua actividade são benéficas hoje em dia para a sua prática de supervisão?

P2 – Sim, sim. O ter muita experiência clínica, sim. É difícil um caso surpreender-me assim muito... humm... embora ainda hoje... às vezes há evoluções que eu não esperava e que é muito interessante, não é? Há sempre um espaço para a surpresa. A fluidez humana é uma coisa interessantíssima, mas isso faz parte da própria visão existencial (sorri). Há um espaço para isso, não é? Estou a lembrar-me que às vezes psicólogos ou psiquiatras dinâmicos ficam muito surpreendidos, porque acham que de alguma maneira sabem o fundamental da pessoa, percebendo a sua organização psíquica, a partir por exemplo da visão dinâmica e, de vez em quando, as pessoas saem-se com coisas que não correspondem (26'48'') à organização psíquica... mas, quer dizer, do ponto de vista existencial isso não nos surpreende porque nós damos mais espaço para a incerteza. Para o facto de que não há nada estruturado à partida, não é? Essa noção estrutural... há uma estrutura da existência, mas essa é igual para todos. E

portanto, nesse aspecto acho que sim, o facto de ter muita experiência clínica. Também o facto de me interessar muito por aspectos teóricos e ser, enfim, um estudioso... quase compulsivo, embora hoje tenha menos tempo para estudar do que tinha. E juntar as duas coisas, eu acho que é isso que faz de mim um... um... enfim, um supervisor razoável. E, sobretudo que as pessoas aprendam alguma coisa e gostem... e eu também, aprendo imenso com as próprias pessoas que me dizem coisas que muitas vezes me surpreendem e que eu nunca tinha pensado nisso. Também aprendo com a experiência dos outros e isso é uma coisa interessante, não é? Também é uma coisa que me faz crescer. Não uma coisa, tipo, eu a ensinar... um supervisor não é um professor e, portanto, a postura, a minha postura como supervisor, como professor, como terapeuta, ou como pessoa, não varia porque isso é a essência do pensamento existencial. Nós somos sempre pessoas... é o encontro de duas existências livres... ou de várias, no caso de ser uma supervisão de grupo.

E – O supervisor não é um professor, foi o que disse.

P2 – Humm, humm, não.

E – O que é um supervisor?

P2 – Penso que é sobretudo um facilitador, embora eu como professor também me veja mais como um facilitador da aprendizagem do que um professor clássico, que fala ex cathedra... humm... mas acho que é mais um facilitador.

E – E, para si, ser um supervisor de inspiração existencial, como é?

P2 – É muito bom, sobretudo porque... é muito bom, fundamentalmente porque eu tenho hoje a capacidade de pensar qualquer caso do ponto de vista existencial, o que não acontecia há uns anos atrás. E por isso é que eu só passei a ser supervisor... só me vi como supervisor existencial, a partir dum certo período, enfim, correspondeu mais ou menos também à vinda da sociedade, mas foi uma passagem difícil. Quero dizer, a minha visão existencial e a minha visão dinâmica correram sempre mais ou menos, em termos de formação, mais ou menos paralelas... começaram nos anos 90, mas eu tinha uma visão fundamentalmente dinâmica. Porque os meus supervisores foram sempre dinâmicos, depois as minhas terapias e a minha formação... eu próprio fiz análise... grupanálise, portanto, dinâmica, completamente dinâmica. A parte existencial era mais... enfim... corria mais ou menos paralela, mas era mais teórica.

E – Disse-me que foi uma transição difícil... em que sentido?

P2 – Foi uma transição difícil, porque quem está muito habituado a pensar os casos do ponto de vista dinâmico... humm... tem muita dificuldade em pensá-los do ponto de vista existencial, não é? E, portanto, o que é que me foi acontecendo? Um ou outro caso... lia

casos, lia bastantes casos, ou ouvia, ou discutia casos, ou ouvia pessoas a discutir casos, em termos existenciais, portanto fui compreendendo os casos dos outros. Depois fui tentando compreender os meus casos do ponto de vista existencial, como tinha muitos casos... havia uns que tinha mais facilidade, outros mais dificuldade, mas quer dizer, aos poucos a mancha foi-se alargando a nível dos casos, e ficavam só uns mais difíceis a que ainda recorria a conceitos dinâmicos... até que por fim, com o tempo e com o aprofundamento do estudo e com a conversa com outras pessoas e com a minha própria imersão existencial completa... consegui finalmente pensar todos os casos do ponto de vista existencial. E isso é interessante, porque também sou capaz de os pensar em termos dinâmicos, que foi a minha formação inicial. Sou capaz de passar muito facilmente da teoria dinâmica para a existencial e vice-versa.

E – Tem estado a falar ao longo desta conversa, do prazer de fazer supervisão, do prazer de ser professor...

P2 – Humm, humm...

E – E agora está a falar de dois modelos, que é perfeitamente capaz de recorrer a um ou outro, mas qual é o que lhe dá mais prazer?

P2 – (prontamente) O existencial (sorri). O existencial porque a leitura dinâmica dum caso parece-me muito limitada. (31'55'') Sobretudo, as visões estruturais. Claro que há franjas... franjas que agora já não são tão franjas, mas há uns anos eram franjas... hoje na América eventualmente serão dominantes... de psicanálise relacional que me aparecem muito ricas e que podem, eventualmente também entrar num diálogo com a análise existencial. A leitura dinâmica parece-me muito limitada pelo facto de se acreditarem em estruturas, em organizações das quais as pessoas não podem sair, digamos assim... Eu acho que isso dá muita segurança ao terapeuta... que de certo modo se vê quase... e eu próprio, lembro-me que nos primeiros anos como terapeuta eu via-me quase como um cirurgião psíquico, não é? (32'48'') Então, eu tinha uma ideia, um esquema da mente da pessoa e... ainda hoje me admiro como é que os meus pacientes tiveram tanta paciência... mas eles gostaram... (ri) mas acho que era mais pela minha postura de os compreender, (ri) não era tanto pela... teoria...

E - ...pela cirurgia...

(risos)

P2 – Sim, pela cirurgia psíquica, não é? Agora vou tirar este mecanismo de defesa, agora vou modificar aquele, agora... quer dizer... isso são constructos teóricos, não há nada disso, mas na altura dava-me jeito e, portanto, poderia ser um terapeuta dinâmico promissor, e tal... mas depois, aos poucos, pareceu-me muito limitado. A visão existencial, pelo contrário, parece-me

muito ampla e é por isso que... mas continuo a par das coisas. A minha tese de doutoramento foi toda ela sobre psicanálise.

E – E já estava mais ligado ao modelo existencial?

P2 – Sim, defendi-a o ano passado... ah, porque eu demorei muito... tudo quanto é exames e coisas formais eu demoro muito tempo a fazer, porque vou atrasando, vou procrastinando, vou estando com os pacientes e a fazer coisas que me interessam... que é estar com as pessoas. Depois essa parte fica... continuo a ler, mas não necessariamente depois a escrever... e, portanto demoro muito tempo a fazer as coisas. Chega a um certo momento... a tese de mestrado também demorou-me imenso tempo... mas depois chega a um certo momento já tenho vergonha e aí é movido pela vergonha (risos) que vou mesmo apresentar e discutir e pronto, habitualmente as coisas até me correm bem. É quase forçado pela vergonha... porque não é isso que me interessa, não são os títulos, isso não me interessa nada. Interessa-me é, de fact, estar com as pessoas e poder ir partilhando aquilo que vou lendo e que vou aprendendo. É mais isso, do que outra coisa.

E – Então, em jeito de resumo, começou por me dizer que tentava por em prática uma supervisão de acordo com aquilo que, enquanto supervisionando, achava que devia ser. Agora que reflectiu um pouco mais sobre a supervisão, considera que consegue fazer isso? Consegue por em prática os seus planos?

P2 – Quer dizer... bom, não sou a pessoa mais indicada, não se pode ser juiz em causa própria, (ri) mas acho que sim, francamente acho que sim. Aqueles pontos fundamentais que eu disse, a questão da pessoa entrar com um caso que está num impasse e sair com o caso mais elucidado, mais clarificado, lido dum ponto de vista existencial, pronto. A pessoa conseguir ver que também pode haver alguma implicação sua na relação com o paciente que possa estar a dificultar o próprio processo e trazer à luz esses aspectos... humm... sentir-se bem e suficientemente descontraída e à vontade para se expor e para expor a relação que tem, para expor os pensamentos mesmo inconfessáveis... isso está na boa tradição existencial, basta ver o Yalom que conta tudo o que pensa e o que não pensa e... isso é a boa tradição existencial. E por outro lado, também sentir-se num grupo onde toda a gente acolhe bem isso, e faz a mesma coisa e contribui para o esclarecimento colectivo... eu acho que fundamentalmente consigo facilitar isso tudo e, portanto, acho que sim, acho que sim, que consigo fazer isso. É claro que há umas supervisões que correm melhor que outras, há umas que, eventualmente são mais ricas do que outras... enfim, mas vou tentando. Pelo menos vai-me dando gozo, o que não é nada mau... e pronto, quando já não me der gozo, deixo de fazer. Não é uma questão fundamentalmente financeira, nada disso, é mesmo gozo.

E – Ok. Não sei se me quer perguntar alguma coisa...?

P2 – Não, já disse tanto disparate, não...

(risos)

E – Se há algum ponto que queira voltar e explorar um pouco mais.

P2 – Não. Se já tem material suficiente, não.

E – Sim, sinto-me satisfeita e agradeço mais uma vez.

P2 – Não. Tive todo o gosto... humm... eu depois posso ter acesso à... digamos assim, à...?

E – (acena afirmativamente) Eu vou parar. (37'32'')

## ANEXO C. Transcrição entrevista – P3

Participante 3 - Entrevista – 15.04.15

(E=entrevistadora; P=participante)

E – Atendendo ao âmbito do trabalho, peço-lhe que me descreva a sua experiência em supervisão, tão completamente e tão detalhadamente quanto possível, tendo em conta o que considera mais importante para si, nesse processo de supervisão. Eventualmente, até ligado a expectativas dos supervisandos, expectativas do supervisor e tudo o resto que lhe ocorra.

P3 – Ok (breve silêncio) estou assim a tomar um tempinho para a coisa... humm... eu quando... quando a S. (referência à entrevistadora) começou a entrar em contacto comigo e a ideia de reflectir um bocadinho sobre... desmontar um bocadinho o que é que é o meu modo de estar em supervisão... humm... uma das coisas que eu acho que fica... que em alguma medida vai surgindo sempre é a ideia de que, para mim a supervisão é muito importante eu sentir que... que em alguma medida os supervisandos, os terapeutas estão ligados à pessoa. Muitas das vezes isto vem com características específicas da narrativa que as pessoas trazem acerca dos seus pacientes.

E – Ligados à pessoa, quer dizer?...

P3 – Ligados ao paciente, à pessoa. (silêncio reflexivo) Nós podíamos... é um bocadinho... esta analogia não é minha, mas eu vou usá-la, é um bocadinho nós podermos contar a história dos Três Porquinhos duma maneira muito resumida, não é, e dizer que eram três porquinhos, cada um fez uma casa, o lobo mau destruiu duas e depois sobreviveram na casa de cimento, mas depois há todo o outro lado em que se pode dar uma dimensão da vivência ou daquilo que nos liga numa esfera que é muito mais complexa e muito mais multifacetada que fica ligada a aspectos particulares da narrativa que trazem uma determinada emocionalidade, trazem uma qualidade de vínculo, que trazem... humm... quase a riqueza de nós não conhecendo o paciente, termos a sensação de estarmos a aceder a uma, ou a vislumbrar a pessoa no que é a complexidade de ser pessoa. E simultaneamente a conseguirmo-nos ligar àquilo que é a dor e o sofrimento que leva muitas das vezes as pessoas à terapia. E isto é uma dimensão que eu valorizo muito. Eu dou por mim, muitas vezes em supervisão a perguntar como é que sentem a pessoa, como é que vêm aquela pessoa, como é que se sentem ligados àquela pessoa... humm... isso são questões que muitas das vezes norteiam o modo... humm... como eu... humm... diria que eu tomo decisões clínicas em termos de supervisão sobre a abordagem que faço com aquele supervisando em particular.

E – Sendo que as supervisões que faz na SPPE são de grupo, certo?

P3 - Sendo que as supervisões são de grupo.

E - Está-me a falar dessas?

P3 – Quer as que faço na... eu aqui também faço, aqui no (entidade académica) também faço supervisões a nível individual. São coisas que têm características e qualidades um bocadinho diferentes... humm... porque aqui eu tenho a possibilidade de fazer observação de sessões quando as pessoas vêm para cá estagiar, da SPPE, eu tenho a possibilidade de fazer observação de sessões e aí vamos a detalhes muito finos do que é o modo de estar daquela pessoa em terapia. Humm... também é um trabalho muito rico quando nós estamos a começar. É um trabalho muito rico porque também nos dá uma outra rede de segurança para nos podermos pensar naquilo que, muitas das vezes, são medos e inseguranças que é um... é um... que quer na SPPE, quer aqui, é um tema que muitas das vezes os supervisandos trazem, que são os sítios dos medos, das inseguranças, a... a voz crítica interna que vem... que eu acho importante para nós questionarmos a nossa práxis, mas ao mesmo tempo, que às vezes... humm... cria uma espécie de um obstáculo para estarmos mais ligados ao paciente. Se a crítica é muito grande, nós vamos estar mais em função do que é que nós achamos que devia ser a maneira certa de fazer terapia, do que necessariamente com o foco no aqui e no agora, a poder explorar e a sentir uma curiosidade natural por aquilo que... pela riqueza enorme que as pessoas... têm dentro delas, regra geral. E as particularidades e as idiossincrasias que elas também têm, no modo como usam determinadas palavras, no modo como... humm... nos falam do seu sentir... e aí acho que tenho uma outra preocupação em grupo... humm... que é nós participarmos todos, nós termos todos voz, porque... humm... embora eu sinta que estou ali num papel um bocadinho desigual... humm... gosto de ter input e *feedback* das pessoas e não gosto muito da ideia da supervisão como algo passivo (6'06'') em que eu levo um caso e depois a outra pessoa, no alto da sua sabedoria, devolve-me as coisas todas... humm...

E – Então quando diz desigual, refere-se exactamente a quê? Quando diz, “eu sinto-me um pouco”...

P3 – Desigual, no sentido de... enquanto num grupo de intervenção nós nos olhamos todos como pares, em supervisão nós não nos olhamos todos como pares e agrada-me a ideia de poder gerir o processo, o próprio processo de grupo, de modo a que seja qualquer coisa mais colaborativa, em que vou... humm... convidando as pessoas a trazerem inputs e uma das coisas que depois é muito satisfatória para mim de observar é que depois as pessoas quando chegamos ao final do ano de supervisão, as pessoas participam muito mais, têm todas ideias, têm todas questões... humm... e é assim uma construção, é uma co-construção que eu

também acho que fica muito próximo da abordagem existencial. Não estamos sozinhos no mundo, estamos no mundo com outros e a coisa surge desta maneira em que também ali nos relacionamos e também ali... trazemos a nossa riqueza. E às vezes trazer a nossa riqueza passa por até podermos dizer disparates, podermos rir e não termos medo de um julgamento ou duma crítica que vá levar-nos para sítios de culpa ou de vergonha. É uma coisa a que eu também atenta, porque...

E – Dar demasiados ouvidos à tal voz que regula, mas que... pode atralhar?

P3 – (acena afirmativamente) E aí também é uma preocupação que eu tenho, que tem a ver com questões mais pessoais, que eu já tive a experiência de estar em supervisão, grupos de supervisão em que todos omitíamos coisas... humm... precisamente por sentirmos um... uma crítica menos construtiva, ou uma espécie de um bem-fazer e um mal-fazer sem a coisa se ajustar ao nosso perfil, ou ao nosso modo de estar em psicoterapia. Acho que é existencial. Uma das coisas que eu prezo, ou acho que me apossei duma maneira muito vivida na existencial é a centralidade da relação... é uma coisa... tudo o resto pode existir se cuidarmos desta parte... humm... e se nós ficamos muito ligados a uma perspectiva de erro ou se não ficamos ligados ao... ou melhor... (silêncio reflexivo) acho que como supervisora faz parte, é qualquer coisa que eu sinto que em alguma medida é uma responsabilidade minha tentar facilitar um certo conhecimento de si, como terapeuta, que esteja ligado ao descobrir o seu estilo terapêutico particular e não a uma ideia de que o meu é melhor do que os outros, ou que há uma forma certa e isto também é qualquer coisa que é existencial ou que o paradigma fenomenológico-existencial traz (9'40''), que é esta ideia deste conhecimento de si também ser facilitado através do processo de supervisão.

E – Será uma das dimensões que preza também.

P3 – Sim. Sim, porque mais do que a ideia de modos de bem-fazer ou de mal-fazer, é um bocadinho... nós somos... e agora não vou gostar de usar esta palavra, mas vou usá-la na mesma (sorri)... mas em alguma medida, nós somos a nossa ferramenta de trabalho, não somos um utensílio à mão, somos pessoas com a complexidade que temos como pessoas, falhos, dizemos disparates (sorri)... humm... temos dúvidas, temos medos e inseguranças e nessa dimensão somos tão pacientes quanto os nossos pacientes, porque somos todos pessoas e... o conhecimento de si traz esta mais-valia de percebermos que há sítios até de alguma fragilidade e de vulnerabilidade que nós temos como terapeutas e aqui, eu estou a falar na minha posição como supervisora, mas eu também falo do meu posicionamento enquanto psicoterapeuta porque estas coisas, parece uma matrioska, não é? São bonequinhas que ficam todas umas dentro das outras (sorri)... humm... Este é o aspecto que eu acho muito

importante, que é a ideia de podermos descobrir sítios de força dentro de nós que muitas das vezes vêm, ou estão escondidos atrás destas ideias de fragilidade ou de vulnerabilidade, ou que podem ficar mascarados por sentimentos de culpa e de vergonha. E isto são coisas que, em alguma medida, eu tento estar...

E – Em relação aos supervisandos?

P3 – Em relação aos supervisandos.

E – E em relação a si própria, ainda dentro disso que está a descrever, em relação a, no fundo a conhecer-se melhor.

P3 – Em relação a mim própria... (sorri) diria que... nestes sítios as coisas misturam-se, porque eu acho que quando falo nisto, o meu posicionamento como supervisora acho que tem muito a ver também com o modo como eu me coloco (11'51'') como terapeuta e naquilo que eu valorizo como terapeuta, depois há um lado que tem a ver... com as minhas limitações, que eu tenho para dar o que eu tenho para dar... e estas são as dimensões em que também o meu caminho e o meu processo de desenvolvimento pessoal, quer seja supervisão, grupos de intervenção, psicoterapia pessoal, muita (sorri)... humm... leituras, enfim há uma série de, todo um caminho que foi feito que também me faz posicionar desta maneira e apossar-me do paradigma fenomenológico-existencial com estas particularidades. Não sei se respondi à sua pergunta?

E – Sim, é sempre resposta.

(risos)

P3 – Sim, acho que a minha dúvida é se fui clara, no sentido em que acho que algumas... há uma artificialidade na ideia de papéis, porque nós somos pessoas primeiro que tudo e somos pessoas na nossa complexidade. Isto ajuda-nos em termos discursivos a organizar a coisa e a sabermos de que é que nós estamos a falar, mas tenho alguma dificuldade em dizer...

humm... que eu, eu como supervisora posiciono-me de forma diferente no grupo de supervisão, do que eu estou em terapia individual, como em cada processo terapêutico individual eu como terapeuta provavelmente posiciono-me de maneiras diferente, porque estou a responder à pessoa que eu tenho à minha frente... mas também vou tendo uma ideia um bocadinho, quase à guisa de variação eidética, que quando o elemento comum sou eu há coisas que me vão falando sobre mim, sobre o meu estilo, sobre o meu modo de estar particular em terapia. E também faço esta ponte para a supervisão e provavelmente isso também acontece com os supervisandos (13'50'') porque ... somos pessoas, na nossa... num fazer particular, num modo de fazer particular. E aí, acho que é... somos nós nas limitações da linguagem a separar coisas.

E – Ou seja, papéis diferentes, mas sempre pessoas e daí poderem surgir algumas variabilidades, não é?

P3 – Acho que respondemos, que nos adaptamos ao que nós... acho que... em alguma medida o contexto é estímulo para o nosso modo de estar, mas nós depois somos a mesma pessoa a responder a esses estímulos e esses estímulos nós encontramos no contexto da supervisão, no contexto da psicoterapia individual, no contexto da nossa vida pessoal. E é aí que depois... o chapéu... (sorri e faz gesto amplo) fica muito largo... e é... acho que prezo, muito esta ideia... (pequena pausa) eu acho que é o Buber, e eu não tenho a certeza e sou péssima nestas coisas porque eu lembro-me às vezes o que é que eles dizem, mas não lembro quem é que diz, mas acho que é o Buber que diz que é a dimensão do encontro humano ao modo humano. E isto é uma coisa, que quando falava da relação, é muito... acho que é uma coisa que eu prezo, é uma coisa que eu valorizo, que é a ideia de, não é a ideia de que nós gostamos dos nossos pacientes, já estou aqui a fazer aqui uma interpretação, mas não é a ideia de que nós gostamos todos dos nossos paciente e que temos que gostar muito dos nossos pacientes para fazer boa terapia... ou suficientemente boa terapia, não sei existe boa terapia, vamos por a coisa assim meio à Winnicott... humm... mas esta ideia de que podemos... nos encontrar numa esfera que também é ética, de respeito, de consideração, de um acto que é de cuidar, mas também de... de poder acompanhar e ir onde o outro está.

E – Tanto quanto tem estado a dizer até agora, uma vez que as coisas estão um bocadinho ligadas umas às outras, não é, a questão da prática clínica, a questão da supervisão, também enquanto supervisanda, não é... todas essas... portanto, tudo quanto tem estado a falar continua a caber desse, debaixo do grande chapéu, de a postura é uma, mas pode ter expressões diferente, digamos...

P3 – A pessoa é uma, não sei a postura é uma. A pessoa é uma, de certeza (sorri)... humm... naquilo que é a complexidade de sermos pessoas e do modo que nós temos de responder... o modo particular, à pessoa que está à nossa frente, não é? Esta entrevista está a correr como está a correr, se a S. (entrevistadora) fosse outra pessoa... (sorri)

E - ...provavelmente...

P3 - ... provavelmente... (sorri)

E – Bom, provavelmente, não, certamente não seria desta forma. Teria qualquer contorno diferente.

P3 - ...não seria desta forma... e eu acho que isto também fica muito... estou aqui muito com as palavras da... do fenomenológico-existencialmente informada (refere-se à descrição prestada nos dados caracterizadores dos participantes do estudo), acho que isto também é

qualquer coisa que vem por arrasto da... ou que é, que é qualquer coisa que vem com a abordagem fenomenológico-existencial (17'37''), que é um bocadinho nós também poderemos estar suficientemente confortáveis na esfera da incerteza, ou seja, do não-saber.

E – Fale-me um pouco mais dessa incerteza e desse não-saber em supervisão.

P3 – (silêncio reflexivo) O não-saber é às vezes uma postura, eu acho que é uma postura de humildade. Facilmente nós fazemos imensas interpretações e partimos de pressupostos e a... o que não quer dizer que eu também não faça, também o faço... lá vou eu, se calhar dois passos à frente, quando devia estar era dois passos atrás... humm... mas é um bocadinho a ideia de que posso... que em alguma medida... não tendo uma resposta certa, eu não estou num sítio de segurança, estou num sítio de incerteza, podem haver várias, mas posso ter... (breve pausa) estou à procura da palavra... humm... (suspira) não é bem satisfação, mas é qualquer coisa que fica com... o caminho pode ser tão importante como a resposta. O caminho para lá chegar pode ser tão importante como a resposta. E às vezes o caminho para lá chegar passa por nós tolerarmos o não-saber, a incerteza, ou passa por nós estarmos a discutir um caso e o que nos estão a surgir são perguntas e coisas que não sabemos e não necessariamente respostas sobre o que é que devemos fazer com a pessoa, mas que isto nos põe numa atitude muito mais... numa instância muito mais fenomenológica, da possibilidade de explorar... humm... as coisas, do que necessariamente numa postura mais adivinhatória, mais ligada a um... a um quadro teórico mais interpretativo que vai encaixar as pessoas em determinados sítios, com determinados problemas, ou determinadas perturbações ou ... com... humm... com uma visão... acho que estou aqui à procura da palavra... talvez mais despersonalizada da pessoa, mais arrumada num quadro teórico, mas que não olha para... mas que não fica realmente próximo da pessoa. Dá-nos segurança, (20'17'') é bom termos um quadro teórico que nos diz que a determinadas idades, acontecem determinadas coisas, se a mãe ou se o pai faz não sei o quê, ou se nós mudamos uma crença resolve-se... se fizermos dessensibilização sistemática já sabemos que a fobia desaparece... (sorri) há uma zona de um enorme conforto e de uma enorme segurança nestas abordagens... humm... e nós precisamos também de alguma estrutura, mas ao mesmo tempo a ideia de poderemos ficar em sítios de incerteza e de não-saber, também nos pode trazer uma riqueza imensa.

E – E isso na prática, aplicado à supervisão é, enquanto supervisora... humm... eu quero tolerar o não-saber para poder descobrir mais coisas, ou também tem a preocupação, acredito que sim, passar essa mensagem ao supervisando para que ele consiga, de alguma forma, vir a sentir-se mais confortável dentro do desconforto, ou dessas zonas menos confortáveis?

(silêncio)

E – Não sei se formulei da melhor forma?

P3 – Ten-den-cial-mente (a divisão silábica como que acompanha o tempo de reflexão), eu acho que me ligo às duas coisas, acho que me ligo às duas coisas, que é por um lado... humm... por um lado poder perceber que há sítios em que se fica e são sítios de alguma insegurança e de alguma angústia e poder... humm... explorar às vezes, às vezes digo eu, às vezes ponho o grupo a pensar, então como é que nós podíamos explorar isto? Como é que podíamos abordar isto? O que é que nós podíamos fazer, o que é que nós podíamos dizer, principalmente quando nós estamos nos primeiros anos... humm... que há um lado em que também nós sabemos a teoria, mas depois como é que ela se põe na prática, ficamos também nós aqui num espaço do desconhecido e que gera alguma angústia. Eu sou capaz de fazer isto e faço isto. Depois o outro lado é, muitas vezes, também ter um estilo de questionamento que é ok, então o que é... o que é que o paciente está a querer dizer com isto? O que será que isto significa para ele? Como é que isto é vivido? Qual é... a... estamos aqui a falar de ansiedade... qual é a vivência corporal? O que é que acontece? O que é que a pessoa dá por si a pensar ou a sentir? E acho que este estilo de questionamento também veicula a minha... o meu modo de me posicionar face a estas coisas, ou seja, acho que há momentos claramente explícitos em que a coisa surge, ok, como é que isto se põe na prática e que pode até parecer mais directivo, sendo que eu estou a pôr aqui umas aspas muito grandes no “mais directivo” (sorri)... humm... porque muitas vezes esforço-me, mesmo que falhe, esforço-me por que seja um processo colaborativo, que é ouvir o contributo de todos. Vamos lá pensar, como é que nós podemos pôr-nos a fazer isto na prática e depois acho que há um outro lado que talvez tenha uma natureza mais implícita e tem a ver com o meu próprio estilo de questionamento do que é que os supervisandos estão a trazer, (23’37’’) que vai veiculando esta ideia mais (sorri)... de podermos, se calhar, ter momentos de mais... mais confrontativos... à existencial, diria mais desafiantes (sorri)... humm... como podemos também ter momentos em que, uma instância mais fenomenológica no sentido de explorar a coisa, em instâncias mais descritivas... ou... humm... mesmo ter... e agora não sei, S. respondi à sua pergunta?

E – Sim, sim.

P3 – Sim?

E – Sim, sim.

(risos)

E – Estou maravilhada com tanto material que está... (hesita e corrige) espero eu que venha a estar...

(risos)

E - ... a surgir.

P3 – É só para checkar um bocadinho, porque eu sei que vou andando aqui assim... numa data de sítios... humm... mesmo... outra coisa que eu tenho a noção, por exemplo, tem a ver com o modo... cuidar do modo como fazemos interpretações, que não são dogmáticas, que eu não estou a oferecer uma verdade á outra pessoa, mas... humm... e se, por um lado, tenho cuidado ao fazê-lo, ou seja, quando ofereço interpretações no contexto de supervisão eu digo, eu acho isto, ou eu percebo isto desta maneira, ou isto é uma interpretação minha e sou explicita, ou estou a partir dum pressuposto, na minha fantasia isto está a acontecer e eu acho que isto me está a informar, em alguma medida, e posso estar completamente ao lado, mas sou explícita em relação a isto. E o outro lado é convidar os supervisandos também a serem cuidadosos no modo como oferecem interpretações aos pacientes. (silêncio) Ou na possibilidade de podermos... S. fui...? (expressão interrogativa)

E – (sorri) Sim, sim, sim.

P3 – Ou na possibilidade de podermos, por exemplo, estarmos a ver qualquer coisa que nos parece tão óbvia e é tão tentador (acentua adjectivo) nós podermos ficar tão bem como terapeutas e oferecer uma coisa tão arrumadinha e tão bonita (25'50''), mas podermos cuidar destas partes, se isto é em prol de nós, para podermos ficar bem na fotografia, ou se é em prol do paciente e podermos dar um passo atrás e questionarmo-nos como que tipo de... que modos de intervenção, que tipo de tomadas de decisão clínica nós podemos fazer para que nos posicionemos numa instância de empowerment para o paciente, que é, as nossas perguntas vão fazê-lo ter... vão fazê-lo, entre aspas... isto... mas vão facilitar que a pessoa chegue àquele sítio...

E – Às suas próprias respostas...

P3 – Chegue aquele sítio em que encontra as suas próprias respostas, mas é um sítio de imensa força dentro dele, não é um sítio de alimentar dependências. É um sítio de... de poder fazer isto lá fora doutras maneiras, (sorri) sem... tendo cá dentro as coisas para o poder fazer, não é, não fica assim com uma... com um certo misticismo que é, de repente nós temos muito boa memória e dizemos umas coisas muito acertadas, na mouche, como terapeutas, mas... humm... e isso são batalhas dentro de mim, como terapeuta (ri) mas também são coisas que eu levo... acho que também muitas das vezes as coisas que eu levo para supervisão são muito informadas pela minha prática clínica... por aquilo que também foram as minhas aprendizagens. Acho que por isso é que eu lhe dizia, eu tenho para dar o que eu tenho para dar, não vou poder inventar coisas diferentes. Mmm... mas... humm... mas é uma... é assim

um ciclo que se retroalimenta porque também vou tendo *feedbacks* que me ajudam a sentir, ok, tenho qualquer coisa que posso oferecer a estas pessoas e estas pessoas estão-me a oferecer imenso... ao mesmo tempo... humm... nós... é... fazer assim um paralelismo que é... nós fazemos uma coisa que eu acho que é muito... nós como terapeutas fazemos coisas que é... nós pedimos às pessoas que confiem cegamente em nós. Não sabem nada de nós, bábá bá bá bá e depois vá lá, vire-se lá do avesso...

E – Não sabem e muitas vezes continuam sem saber, não é?

P3 – Humm... aí eu diria um nim. Eu acho que os pacientes não sabem muitos dados biográficos ou muitas coisas da nossa história, mas como nós estamos em relação e se nós nos encontramos naquela dimensão do encontro inter-humano, eles vão apanhar imensas coisas nossas. (pausa) E se eu fizer um paralelismo eu acho que com a supervisão nós também pedimos um bocadinho às pessoas isto, que é, venham p'ráqui falar dos sítios onde vocês estão, se calhar um bocadinho emaranhados e onde sentem dificuldades, no fundo é, tragam-me o que não é muito bonito... humm...

E – E confiem.

P3 – E confiem. Também acho que nós fazemos isto com os supervisandos e isto a mim ainda... põe-me em contacto com uma dimensão... que eu acho que é... pá, com uma humildade... humm... e também dum respeito muito... muito profundo por o sítio onde as pessoas estão, com as coisas que estão a trazer.

E – Portanto, tem noção do que lhes está a pedir, da enormidade daquilo que lhes está a pedir.

P3 – Tenho. Tenho, tenho dos dois lados, (ri) porque também acho que há... tenho, acho que tenho, gosto de pensar que tenho... humm... até porque eu tenho boas memórias... boas... boas e menos boas, frescas memórias acerca do que é estar do outro lado e isso são coisas que eu também estimo, porque acho que são possibilidades de me vincular, estando atenta para que isso não se sobreponha àquilo que está a ser vivido pelos supervisandos.

E – Ou seja, se eu estou a perceber, a sua experiência está presente e pode informar a sua forma de fazer supervisão sem perder, no fundo, a ideia de que... mas, estou com pessoas diferentes e em situações diferentes...

P3 - ... que vivem coisas diferentes, que é a epoché ao mesmo tempo, não é? É eu estar consciente do que é que fica vivo e rico dentro de mim, mas ao mesmo tempo ter a capacidade de suspender esses pressupostos e de suspender essas coisas e, eventualmente cuidar delas mais tarde. O que não quer dizer que eu faça isto sempre... porque seria... (risos) não seria humano (risos) mas... humm... mas sim, tento estar... não me desligar da experiência e também... humm... vou fazer outro paralelismo que acho que é outra das coisas a que eu

tendo a estar atenta na supervisão também é um bocadinho às próprias dinâmicas do grupo (30') e ao modo como as pessoas se relacionam umas com as outras, ao modo como as pessoas vão dando *feedback* umas às outras, ao estilo, ou ao tipo de casos que as pessoas trazem para a supervisão. O mais natural é haver assim uma fase inicial... o mais natural... é um padrão, mas somos nós que fazemos os padrões... ele não tem que ser... humm... às vezes é relativamente comum numa fase inicial da terapia em que as pessoas não nos... não se... não... às vezes não é não se conhecem, é não me conhecem, porque eles já se conhecem uns aos outros e já têm experiências uns com os outros, vivências partilhadas, até de contextos de supervisão, mas às vezes é natural acontecer, mais do que normal, é natural uma das coisas que acontecem é trazerem casos em não têm... não trazem propriamente dúvidas para supervisão, mas também acho que naqueles momentos o que eu sinto é que estão um bocadinho a tirar as medidas, vamos lá ver como é que... como é que...

E – Qual é o impacto que isto vai causar, não é, depois...

P3 – Vamos lá ver como é que...

E - ... ajustamos.

(risos)

P3 – Porque eu também acho que as pessoas se ajustam aos supervisores que têm e ao estilo de supervisão que têm, o que não quer dizer que as pessoas gostem todas, ou que se identifiquem com todos os estilos de supervisão, não acho que isso aconteça dessa maneira, mas tento estar atenta às dinâmicas que acontecem dentro do grupo, ao próprio... uma espécie de... uma fase... acho... ao processo da supervisão, porque o processo da supervisão também muda muito qualitativamente em função do tempo, do sítio ou da experiência clínica que os próprios supervisandos vão tendo.

E – Quando diz variando ao longo do tempo, é o tempo em que vocês estão a trabalhar juntos.

P3 - ... que estamos juntos, em que estamos a trabalhar juntos. Há sempre... até agora houve... assim um certo... uma certa... humm... ambiguidade dentro de mim, que é quando os grupos terminam há uma parte de mim que fica satisfeita, no sentido de... humm... de tarefa cumprida, no sentido de vou ter férias, estou cansada (ri) às vezes a coisa vem com estas qualidades, mas depois há um outro lado em que eu dou por mim a viver uma certa sensação de perda, porque nós levámos tempo até chegar ali, ou seja, aquele momento em que o grupo consegue dar os *feedbacks* que dá, consegue cooperar, ou estarem ligados uns aos outros e em que eu também posso ter uma postura mais passiva, já não... a coisa já tem uma vida própria... humm... mais ou menos... com um mecanismo homeostático mais ou menos equilibrado, vai... vai deixar de ser e, por um lado é muito bom, porque acho que nós

ganhamos muito quando temos modelos de supervisão diferentes... humm... modelos... supervisões diferentes, pessoas diferentes, com experiências diferentes com visões distintas, com maneiras de estar diferentes das nossas. Nós ganhamos muito, há uma grande riqueza nestes sítios, mas depois há um outro lado em que aquele contexto deixa de estar, aquele contexto relacional com as conquistas que foram feitas dentro desse contexto, deixa de ser e esse é o lado que eu às vezes vivo como uma... (baixa o tom) perda. (34'56'')

E – E essa perda para si é... como é que gere essa perda?

(silêncio e expiração audível)

P3 – Acho... como é que giro esta perda... humm...

E – Pensa logo no grupo a seguir?

P3 – Não, não.

E – Para o ano há mais...?

P3 – Não, não, não. Acho que giro esta perda como giro... o (prolonga vogal)... o fim dum processo terapêutico, que é... (prolonga a vogal) humm... também tendo a capacidade de honrar o que foi vivido e esse honrar o que foi vivido não é evitar confrontar-me com a finitude das coisas, acabou, é o poder perceber que há ... que o que vem p'rá frente já não é, mas há... há uma riqueza muito grande ou há um caminho que foi feito que eu posso honrar. E acho que isso tem a qualidade dos lutos... um bocadinho... (gesto com polegar e indicador próximos) um bocadinho... mas que é qualquer coisa que eu... nós não fazemos terapia sem isto também. (silêncio) Não há maneira de se fazer terapia sem se... sem... às vezes as coisas virem também com estas qualidades... mas... humm... não é mas... acho que o meu modo... não sei se eu contemplei as coisas todas S.? No que é... as coisas todas... como se pudéssemos por tudo por palavras...

E – Exactamente... que coisas todas são essas? (risos)

P3 – Humm... mas acho que a minha postura fica muito ligada a estas coisas. Quando eu penso numa forma mais consciente e reflexiva sobre as coisas acho... fica muito ligada a estas coisas. O que não quer dizer que não possa haver uma décalage porque... (risos) quem está do outro lado também está a colher a sua visão, a sua maneira de... o seu modo próprio de viver... apropriar-se do seu modo de viver estas coisas.

E – Começou por me falar, logo no início da entrevista, que uma das coisas que achava importante, um dos aspectos importantes era até que ponto os supervisandos/estão ligados (acentua) ao cliente...

P3 - ...aos pacientes...

E - ... aos pacientes. Depois também falou, um bocadinho mais...

P3 – (espirra)

E – Saúde. Também me falou, um bocadinho mais p’ra frente de estar atenta às dinâmicas dentro do grupo e até que ponto eles estão ligados (acentua) uns com os outros...

P3 – Sim.

E – Humm... e agora, no final, que foi muito interessante (sorri) falou de...

P3 – Até que ponto eu... (sorri)

E – De estar ligada (acentua) a... àquela...

P3 – Sim... sim

E - ... como foi que disse? A coisa anda por si... Qualquer coisa assim que mencionou, e foi curioso, e pergunto-lhe se realmente agora tendo reflectido um bocadinho sobre a supervisão... não sei se já o tinha feito anteriormente, ou não... humm... se realmente elege como um dos aspectos mais importantes as questões da ligação ou relação, chamemos-lhe assim.

(silêncio reflexivo)

P3 – Eu diria que sim. Eu diria que sim. Que... que...

E – Será tão nuclear, que se essa parte estiver...enfim... bem, tudo o resto que terá que fazer parte desses processos de supervisão, naturalmente (acentua) acontecerá?

P3 – Eu não acho que tenha que estar bem (acentua). Eu não sei o que é esse estar bem, porque às vezes não se está bem... humm... e às vezes as pessoas estão em contacto... estão em sítios também de algum desconforto. Um bocadinho aquela história de há pouco, também estamos a pedir às pessoas... falem-nos lá sobre se calhar partes que acham que são menos... ou que julgam como menos boas daquilo que fazem, falem-nos lá dos sítios onde estão... emaranhados, ou embrulhados, ou... dos sítios onde vão sentindo limitações e dificuldades. E esta parte... humm... acho que é importante que a relação... que haja um chão relacional que vá permeando isto e que permita, que possibilite que isto aconteça.

E – O estar bem seria... esse chão relacional estar presente e ter...

P3 – ... sim, sim...

E - ... ter alguma qualidade, não é?

P3 – Sim. Agora... depois o navegar é à vista, porque ... lá está, não vem predefinido, não tem plano, vai acontecendo... humm... mas diria que sim, é uma ideia de chão relacional, vou usar esta expressão desta maneira, que eu acho que é fundamental para que tudo o resto possa acontecer. Para que possamos pensar desde o modo como intervimos, a uma conceptualização de caso... humm... para que possamos... humm... criar algo. Diria que sim... depois se eu tiver que criar assim, condição prévia... (40’42’)

E – Seria por aí?

P3 – O tal chão...

E - ... chão fértil.

(risos)

P3 – O tal chão... mas que ao mesmo tempo, também não é muito diferente da terapia em si, ou das relações em si... se nós criamos um espaço de alguma confiança e de alguma segurança, tudo o resto é possível, concordar que discordamos, zangarmo-nos, mas ao mesmo podermos-nos aventurar por estes sítios... humm... não é sem medo, mas é sem ficarmos colhidos pelo medo, ou bloqueados pelo medo. Paralisados pelo medo, pronto. Acho que... mais por aqui. Não é sem medos que... (segundos de pausa) porque mesmo quando nós estamos a falar dos nosso pacientes, nós estamos a falar de nós, estamos a falar do nosso modo de os ver, estamos a falar do nosso entendimentos sobre eles, estamos a por lá os nossos pressupostos, estamos a por lá os nossos "achismos", estamos a por lá... humm... eu às vezes tenho esta imagem que nós em terapia, é como se nós estivéssemos a olhar assim para um caleidoscópio que tem umas cores maravilhosas, multissegmentado e que tem umas cores maravilhosas, mas depois as combinações são assim... humm... imensas e que podemos ir... aventurarmo-nos por muitos sítios com muitas avenidas, com... e acho que a supervisão também tem esta qualidade de nós podermos ir para muitos sítios. E, às vezes, ir para muitos sítios não é necessariamente um sítio muito seguro, muito bonito, ou que nos deixe tranquilos. Às vezes, é importante haver... uma espécie dum espaço de alguma segurança para estarmos ok, quando não estamos ok... qualquer coisa... e... isso eu acho que como supervisores, nós podemos facilitar esse processo de várias maneiras, com estilos diferentes, processos de tomada de decisão... alguns que já falei que é desde podermos pensar as intervenções, podermos pensar a conceptualização do caso, podermos pensar o que é pode ser nosso naquilo que estamos a trazer. E não é fazer terapia com os supervisandos, mas o que podem ser as nossas dificuldades que estão ali em cheque, o que é que eu, se calhar, vou ter que ir para a minha terapia pensar, para a minha terapia individual ou pessoal pensar... ou de grupo, enfim... mas... o que é que fica aqui que eu posso crescer, também vejo isto numa lógica do crescer e... mas não acho que eu faça isto sozinha, mas acho que posso tentar estar atenta e facilitar estes processos.

E – Para si, o que é ser uma supervisora existencial?

P3 – (silêncio, inspiração profunda audível e gargalhada) O que é ser uma supervisora existencial? (ri) É ser uma pessoa, sei lá eu... (44'06'') humm... (ri) pronto, fiquei aqui... humm... eu não sei se existe um supervisor existencial, eu acho que existem pessoas que

fazem supervisão... (ri) mais ou menos existencialmente, fenomenológico-existencialmente informadas, eu não sei se existe um terapeuta existencial, acho que é... acho que seria... quase ficaria contranatura com o paradigma a ideia dum supervisor existencial. Agora pensando sobre isto acho que... (ri) humm... mas acho que o fazer da supervisão dum modo existencialmente informado é pôr algumas das coisas de que nós já falámos, lá dentro. Nós identificamo-nos depois com maneiras de estar... como um modo de estar em terapia diferente... humm... humm... mas não creio que exista... não creio que exista o supervisor existencial... não (ri).

E – Eu estou muito satisfeita com o seu contributo.

P3 – Humm...

E – Não sei se lhe ocorre dizer mais alguma coisa? Se quer repescar algumas das que disse e queira voltar a explorar?

P3 – S. tenho ideia que lhe disse tanta coisa que eu própria fico aqui... tanta coisa... acho que já andámos aqui por uma data de sítios... se calhar eu devolvia a coisa ao contrário, que é há alguma coisa que queira saber, em particular ou que tenha curiosidade em saber e talvez aí...

E – Tal como disse, estou satisfeita com o seu contributo. Quero mesmo proporcionar-lhe a oportunidade, se quiser dizer mais alguma coisa, ou pergunta...

P3 – Acho que fico bem se nós ficarmos por aqui. Se a S. ficar bem...

E – Damos por terminada?

P3 – Damos por terminada.

E – Então muito obrigada.

(risos) (46'19'')

ANEXO D. Tabela Unidades de Significado – P1

Unidades Significado	Unidades Significado Psicológico
<p>1. E – Então, com o esforço que for necessário, peço essa atenção, de reflectir um pouco sobre a sua experiência em supervisão e que me diga, que me descreva, tão detalhadamente quanto possível, como é essa experiência em supervisão. P1 – Humm, a experiência no sentido da maneira como eu vivo a supervisão, ou da maneira como eu faço...? E – Inclui tudo isso, e mais qualquer coisa... (Risos) P1 – Vou ficar aqui horas, então. Bem, se calhar da experiência como eu vivo, primeiro, se calhar é mais fácil para mim. Eu gosto bastante de fazer supervisão porque... humm... é uma maneira de eu estar atento e ver como é que as outras pessoas fazem determinadas coisas que eu próprio, às vezes, também tenho dificuldades em fazer,</p>	<p>1. Convidado a descrever a sua experiência de supervisão, P1 começa por clarificar qual a dimensão que deve falar, se a forma como a vive, experimenta, ou a forma como na prática exerce a qualidade de supervisor, ou seja, ligado ao fazer. Opta por começar a descrição de acordo com a sua vivência pessoal da supervisão, referindo ser mais fácil para si, avaliando-a positivamente. Justifica a satisfação de fazer supervisão pela possibilidade de estar atento à forma como os outros (supervisandos) fazem determinadas coisas, nas quais considera por vezes também ter dificuldades.</p>
<p>2. ou seja, para mim a supervisão é uma oportunidade de ensinar algo e transmitir algo, mas é sobretudo, para mim, um espaço privilegiado para eu aprender. E aprender aqui, pode ser quer com aquilo que os meus supervisandos fazem bem, mas também com aquilo que eles eventualmente fazem mal... humm, ou menos bem, melhor dizendo... humm... e porque isso permite-nos reflectir e perceber, ok, que se calhar isto não resulta tão bem e é algo a que eu também, posso estar atento na minha prática profissional.</p>	<p>2. O exercício da supervisão representa para P1, uma oportunidade de aprendizagem, a par do ensino e transmissão de conteúdos ligados à prática profissional. Refere que é um espaço privilegiado de reflexão acerca de aspectos positivos e negativos, que beneficia a sua própria prática profissional.</p>
<p>3. Para além disso, é sempre um desafio. E o desafio maior até, e é isso que talvez me dá mais pica, entre aspas, na supervisão é o desafio entre ajudar alguém a reflectir sobre a sua prática de uma maneira em que a pessoa não se sinta... não se sinta ofendida, ou posta em causa... humm... bem, eu acho</p>	<p>3. Considera também a supervisão como um desafio, porque implica que o supervisor ajude o supervisando a reflectir sobre a sua prática clínica, de uma forma em que o segundo não se sinta ofendido ou posto em causa. É precisamente este desafio que P1 considera estimulante apesar de ser o mais difícil em</p>

<p>que é o mais difícil na supervisão é, efectivamente este balanço, este equilíbrio entre ajudar a pessoa a reflectir sobre si, ajudar a pessoa a questionar-se, sobretudo, a palavra mais correcta, se calhar, é mesmo esta, ou seja, ajudar a pessoa a questionar-se sobre aquilo que está a fazer com o seu cliente.</p> <p>E – Em termos de prática clínica? P1 – Exactamente, sim, claro</p>	<p>supervisão. Conseguir com que o supervisando se questione acerca da sua prática clínica, de forma construtiva e sem constrangimentos defensivos. Para P1 o supervisor deve procurar um equilíbrio na forma como conduz o supervisando no seu autoquestionamento, no que diz respeito à prática clínica.</p>
<p>4.</p> <p>E – E em termos pessoais? P1 – Humm... também. Também, ou seja, a prática clínica dentro do modelo existencial, a meu ver, passa muito por essa... a distinção entre o pessoal e a clínica é muito ténue, ou seja, nós temos que estar com pessoas (3'07''). Muito da minha supervisão passa precisamente por ver como é que a pessoa está na interacção com o cliente. E dar <i>feedback</i> de maneira a que seja a própria pessoa a questionar-se e a reflectir, sem que a pessoa se sinta acusada, ou criticada no mau sentido, ou melindrada, ou posta em causa, é um equilíbrio muito difícil e creio que é isso que me dá mais gozo na supervisão, é tentar encontrar esse equilíbrio que é muito diferente para cada um dos supervisandos. Há pessoas com as quais podemos ser muito directos e questionar duma maneira até mais incisiva... humm...</p>	<p>4.</p> <p>Questionado sobre se o autoquestionamento também diz respeito a aspectos pessoais do supervisando, P1 responde afirmativamente. Na opinião de P1 as questões pessoais estão muito próximas das questões ligadas à prática clínica no modelo existencial, já que ambos os intervenientes são pessoas.</p> <p>P1 descreve a sua forma de fazer supervisão como muito focada na interacção entre o supervisando/terapeuta e o cliente, bem como na preocupação de dar <i>feedback</i> adequado, por forma a ser o próprio supervisando a reflectir e questionar-se sem se sentir acusado, posto em causa, ou sentir feridas as suas susceptibilidades. Novamente, refere a dificuldade que esse desafio de encontrar um equilíbrio na forma de fazer supervisão representa, uma vez que tem que ser adaptado a cada um dos supervisandos, mas apesar das dificuldades, para P1 esse desafio proporciona-lhe prazer. P1 considera que com alguns dos supervisandos pode ser mais directo e incisivo na forma de os questionar.</p>
<p>5.</p> <p>E – Consegue dar-me um exemplo? P1 – Sei lá, há supervisandos a que posso perguntar directamente, <i>pá, mas o que você acha disso? O que é que você acha que fez com o seu paciente?</i> E que facilmente as pessoas, <i>ok, deixa-me questionar-me sobre o que é que eu não estou aqui a ver,</i> e facilmente o supervisando vai lá e questiona-se e põe-se em causa e reflecte sobre as coisas, e há outros que a gente não pode fazer isso, tem que ir muito (prolonga a vogal “u”) calmamente e assim com pezinhos de lã, porque senão tornam-se muito defensivos, sentem-se muito postos em causa naquilo que estão a fazer e então é</p>	<p>5.</p> <p>A entrevistadora pede a P1 um exemplo para ilustrar o tipo de questionamento, de acordo com as características de cada supervisando e P1 descreve duas formas de o fazer. Distingue que com uns pode questionar específica e directamente acerca das intervenções que fez com o cliente e com outros, ao invés de questionar abertamente, promove a reflexão conjunta, adaptando o discurso por forma a conduzir cuidadosamente o processo de auto-reflexão.</p>

<p>preciso, em vez de lhe perguntar <i>mas então o que é que acha que fez com o seu paciente</i>, algo como, <i>ok, vamos então pensar um bocadinho sobre isso os dois</i>.</p>	
<p>6. Sei lá, obviamente isso depende muito do contexto. Vamos depois tentando fazer com que seja a própria pessoa (sorri) e não eu a fazer a pergunta a si próprio. E que seja ela a seguir a fazer a pergunta a si própria e isso com muito cuidado, de maneira a que a pessoa não se sinta melindrada, porque se ela se sentir vai-se fechar e se a pessoa se fechar, por mais que a gente esteja a tentar ensinar-lhe algo, a pessoa está fechada. A partir daí, pouco vai entrar ali a não ser um sentimento de ameaça ou de se sentir posta em causa e que não funciona.</p>	<p>6. Sendo contextual, P1 explicita relativamente aos supervisandos que, na sua perspectiva requerem mais cuidado na forma de abordar e dirigir as questões, que se o supervisor actuar de forma que seja interpretada como ameaçadora, estes se fecham impedindo que se sintam confiantes para expor as suas fragilidades. Esta postura poderá comprometer a aprendizagem, ou seja, o sentimento de ameaça impede a aquisição de novas perspectivas. O objectivo de P1, enquanto supervisor, é conseguir que gradualmente o supervisando vá adquirindo esta capacidade de auto-reflexão, não se fechando, nem evitando algum desconforto decorrente de inseguranças pelos erros cometidos e que fazem parte do processo de aprendizagem.</p>
<p>7. Pelo menos da minha experiência, não funciona. As pessoas aprendem muito mais quando se sentem predispostas a questionarem-se. Quando se sentem postas em causa, a maioria das vezes fecham-se e depois na outra supervisão ocultam metade dos factos ou (sorri) mais do que isso e isso não funciona.</p>	<p>7. Reportando-se à sua experiência enquanto supervisor, P1 considera que a aprendizagem é tanto maior, quanto a disposição e disponibilidade para o autoquestionamento. Por oposição, ao sentirem-se ameaçadas as pessoas/supervisandos tornam-se indisponíveis à aprendizagem e podem omitir factos que supostamente deveriam fazer parte da apresentação do caso clínico.</p>
<p>8. E portanto, isto só para lhe dizer que é talvez uma das coisas mais desafiantes. Fazendo um resumo, por um lado é o gostar de aprender com a experiência dos meus supervisandos, por outro lado é este desafio entre, como é que eu posso chegar a cada um dos meus supervisandos da melhor maneira possível e tendo em conta aquilo que eles se permitem questionar neste momento.</p>	<p>8. P1 aponta como uma das coisas mais desafiantes em supervisão, o facto de considerar individualmente as características dos supervisandos para moldar a forma como os aborda. Além da aprendizagem de que ele próprio também beneficia, através das experiências dos seus supervisandos, P1 atribui relevância ao tempo ideal de cada um, para a aquisição de competências e desenvolvimento pessoal e profissional. Atendendo às diferenças entre as pessoas, P1 reconhece que deve estar atento à forma como cada uma delas evolui, dentro da dinâmica do grupo, procurando acompanhar os ritmos de cada supervisando.</p>
<p>9. Depois é o ir descobrindo, ao longo do</p>	<p>9. P1 propõe-se entrar num processo de</p>

<p>tempo de supervisão o quanto aquela pessoa está aberta, ou não, para ser supervisionada. E acho que isto, também é a minha experiência de que a gente não pode apressar a pessoa para mais do que aquilo que ela está preparada, ou seja, podemos ir tocando na linha para que ela...</p> <p>E – (aproveita a pequena pausa para intervir) Relativamente a essas formas de abordagem?</p> <p>P1 – Sim, exactamente, sim, relativamente à capacidade de a pessoa se questionar.</p>	<p>descoberta sobre a capacidade de o supervisando ser questionado e questionar-se a respeito do seu trabalho clínico, sabendo a partir da sua experiência que não há vantagens em apressar esse processo de desenvolvimento. A postura de P1 relativamente a esse processo é de ir tocando nos limites de abertura ao desenvolvimento, do supervisando.</p>
<p>10.</p> <p>É claro que a gente vai tentando ir um bocadinho mais longe do que a aquilo que a pessoa consegue ir naquele momento, mas é quase como se também não pudéssemos ir demasiado longe quando ela não está preparada.</p>	<p>10.</p> <p>Explica que vai testando os limites do supervisando com o tacto necessário para os alargar, sem perder de vista que não pode ultrapassar alguns desses limites quando percebe que a pessoa não está preparada para o fazer.</p>
<p>11.</p> <p>E cada um, se eu tenho um grupo de supervisão de quatro pessoas, as quatro pessoas são completamente diferentes, nesse aspecto. É claro que aquele que se questiona mais, depois acaba por servir de exemplo aos outros e eles vêm, <i>ok, nada lhe acontece a ele... humm... portanto, eu também posso arriscar um bocadinho mais... humm... mas mesmo os grupos são muito diferentes entre si.</i></p>	<p>11.</p> <p>Atendendo à diversidade dentro dos grupos de supervisão, P1 refere que alguns supervisandos mais predispostos ao autoquestionamento servem de exemplo aos outros, motivando-os a arriscar os seus limites, uma vez que percebem não haver penalizações ou criar situações em que se sintam ameaçados.</p>
<p>12.</p> <p>É este equilíbrio que é engraçado em termos de supervisão. Ir percebendo até que ponto eu posso ir, até onde é que eu posso ir contigo, até onde é que eu não posso ir.</p>	<p>12.</p> <p>P1 considera que tem prazer na procura de compreensão dos limites de cada supervisando, já que o diverte fazer os avanços e recuos necessários para promover o desenvolvimento de cada um deles, diferentes entre si.</p>
<p>13.</p> <p>Um bocadinho como os nossos pacientes, também é um bocadinho assim, ou seja, há coisas que não se podem dizer a um paciente em determinada fase do processo. Temos que esperar que ela esteja preparada para lhe dizer e, curiosamente com os terapeutas desses mesmos pacientes, também temos que ter o mesmo cuidado (sorri). Ok, nem todos os terapeutas estão preparados para ouvir tudo aquilo que o supervisor pode ter para lhes dizer. Tem que esperar que eles estejam preparados para questionarem determinadas coisas.</p>	<p>13.</p> <p>P1 faz uma analogia com a postura do terapeuta em relação ao cliente, em que o primeiro deverá perceber, na fase do processo que decorre, se o segundo está preparado para lhe serem reveladas coisas que os levem a questionar-se. Compara os clientes aos supervisandos, implicando o cuidado que o supervisor deverá ter na forma como lhes apresenta determinados assuntos e no momento ideal para o fazer. O momento ideal deverá ir de encontro ao nível de desenvolvimento do supervisando, relativamente ao processo de supervisão.</p>

<p>14. E – Como é que vai percebendo esse “está preparado, não está preparado”? (8’23’’) O factor tempo também influencia? Tempo de... permanência, da duração da supervisão?</p> <p>P1 – Eu acho que isso é um bocado como se faz na clínica, pelo menos comigo funciona assim, é um bocado como se faz na clínica. A gente empurra um bocadinho mais a linha e percebe se a pessoa, ok, se ela aceita ou não. Se ela aceitar, é sinal que está preparada para ir um bocadinho mais à frente, ou seja, que eu se calhar posso ser, posso questionar mais, posso ajudá-la a pôr-se mais em causa, ok? Se eu vir que ela fica muito defensiva, aí recuo um bocadinho, ok, ainda não é o teu tempo (sorri). Então vamos recuar um bocadinho, vamos ter um bocado mais de cuidado, não vamos tão longe, ou seja, vou aferindo precisamente testando. Testando até que ponto a pessoa se permite ser questionada. Digamos que é assim que eu tento encontrar um equilíbrio.</p>	<p>14. Questionado sobre como avalia o nível de aceitação para ser questionado e questionar-se do supervisorando e se o factor tempo/ duração da supervisão tem influência na condição, P1 responde fazendo novamente uma comparação com o processo psicoterapêutico e explicando que vai gradualmente testando os limites da pessoa. Tal como com o cliente, vai aferindo a capacidade de aceitação dos questionamentos através das reacções de maior ou menor carácter defensivo dos supervisorandos. P1 refere que vai adequando a forma de abordagem de acordo com o tipo de resposta da pessoa, procurando estimular o autoquestionamento, que elege como muito importante num terapeuta.</p>
<p>15. E – Para si é um factor muito importante a forma como vai conseguindo chegar às pessoas e sobre aquilo que pretende que elas próprias pensem a seu respeito, na prática clínica.</p> <p>P1 – Sim, sim, sobretudo para mim, trata-se muito de a pessoa se questionar, ok, para mim é a coisa mais importante num terapeuta e, sobretudo na área existencial, é que o terapeuta tenha uma capacidade enorme de se auto questionar, sempre e em todo o momento e em tudo aquilo que faz, ok? Em todo o momento o terapeuta tem que estar mais ou menos atento àquilo que se está a passar e àquilo que está a sentir. E aquilo que está a fazer com o seu paciente e não ter receio de se questionar e pensar, <i>que merda é que eu fiz agora? Isto foi para meu benefício, isto foi para benefício do paciente? Até que ponto ajudei, ou não o paciente? Isso é útil/não é? Humm...</i></p>	<p>15. De acordo com P1, o aspecto mais importante do terapeuta no exercício de psicoterapia existencial, é a capacidade de permanente autoquestionamento. Na sua perspectiva, o terapeuta existencial deverá prestar atenção ao processo, aos seus sentires e à relação com o cliente, questionando-se sem receio de se por em causa. De acordo com P1, está postura do terapeuta permite-lhe ir aferindo a qualidade das suas intervenções relativamente ao cliente e perceber as motivações que as orientam.</p>
<p>16. e sobretudo no início da nossa prática ainda</p>	<p>16. Em retrospectiva, P1 refere o receio de</p>

<p>temos muito receio de questionarmo-nos... humm... eu falo também por mim. No início da minha prática eu também fui assim.</p>	<p>autoquestionamento no início da prática clínica como algo que também experimentou, colocando-se no lugar do supervisionado e nas dificuldades que este pode sentir na supervisão.</p>
<p>17. Ainda hoje, se calhar, às vezes, é difícil questionar-me... humm... e aquilo que eu pretendo, ou aquilo que eu tento veicular é precisamente esta capacidade de autoquestionamento.</p>	<p>17. Relacionando com o presente, considera que por vezes as dificuldades em pôr-se em causa ainda podem subsistir e, novamente coloca a tónica no que procura transmitir aos supervisionados, isto é, a capacidade de se irem questionando, confrontando as suas próprias fragilidades.</p>
<p>18. Isto é, coragem, entre aspas, se é que podemos chamar assim, este não-receio, melhor do que coragem, este não-receio de se ir questionando e ir descobrindo coisas com isso.</p>	<p>18. P1 considera que adquirindo esta capacidade de se colocar em causa, sem receio, no sentido da descoberta, o supervisionado/terapeuta ganha uma nova perspectiva sobre os erros que vai cometendo,</p>
<p>19. Porque quando a gente vai deixando de recear questionar-se, as coisas são muito mais fáceis, não só para nós mas para o nosso paciente. Acho que para nós, sobretudo, porque as coisas deixam de ser bichos-papões. Eu fiz asneira numa sessão deixa de ser um bicho-papão para passar simplesmente a ser, <i>ok, fiz uma asneira, então agora posso estar atento para evitar que isto volte a acontecer. Se eu não me permitir fazer asneiras e não me permitir questionar, vou estar a cometer sempre as mesmas asneiras, porque não me permito ver essas asneiras.</i></p>	<p>19. Incluindo-se, P1 refere que aceitando-se como alguém que também erra tal como as outras pessoas, beneficia-se o cliente com uma postura aceitante. A possibilidade de errar passa a ter uma perspectiva menos assustadora e a ser encarada como uma oportunidade de aprendizagem. De acordo com P1 se, por oposição, o supervisionado/terapeuta que não se permitir errar e questionar o seu trabalho, não reformulará a sua postura e repetirá os mesmos erros porque não os identificou.</p>
<p>20. E – E ficar mais limitado, talvez? P1 – Exactamente, e então a minha supervisão passa muito pela minha tentativa, não quer dizer que eu consiga (sorri), mas aquilo que eu tento é que as pessoas não tenham receio de se questionar. E a melhor maneira de transmitir isso é verem que o próprio supervisor não lhes vai “bater” se eles fizerem asneiras. Que o supervisor também faz asneiras, que às vezes as coisas não acontecem bem, que a gente pode ir-se questionando, pensando, <i>ok, o que é que está bem? O que é que está menos bem?</i> Eu até não gosto de dizer, <i>ok, você fez uma asneira</i>, se calhar fez uma coisa que não é tão boa, ou que funciona</p>	<p>20. Questionado sobre se a postura de evitamento de erros poderá limitar o supervisionado/terapeuta, P1 responde que sim e descreve o que considera como principal objectivo da forma como supervisiona, questionando-se, sorrindo, sobre a concretização desse objectivo. Enquanto supervisor, P1 tenta promover um ambiente de confiança entre o grupo, não tendo atitudes punitivas perante a constatação de asneiras e apresentando-se, a título de exemplo, como alguém que também erra, mas que permanentemente se questiona acerca do seu trabalho. Reforça a ideia de que, enquanto supervisor, pretende ajudar as pessoas a serem capazes de</p>

<p>menos bem. E – Ou que podia ser feita de outra forma... P1 – Exactamente. E passa muito por isto, por ajudar as pessoas a irem adquirindo esta capacidade de se ir questionando e de não ter receio de o fazer. É isto que eu tento fazer.</p>	<p>adoptar a postura de permanente autoquestionamento.</p>
<p>21. E – Considera isso como uma das coisas mais importantes no processo da supervisão. P1 – Eu não tenho dúvidas que para mim, o que é mais importante no processo de supervisão é ajudar os terapeutas a terem esta capacidade de auto questionamento, porque a partir do momento em que um terapeuta se autoquestiona e não tem receio de o fazer, digamos que o trabalho está no bom caminho. Sempre que aquele terapeuta fizer uma asneira, está mais predisposto a ter coragem para questionar essa asneira.</p>	<p>21. Para P1, o mais importante no processo de supervisão é que o supervisor ajude os supervisandos a desenvolver a capacidade de se exporem ao não ocultar os erros que cometem, partilhando-os com o grupo, reflectindo sobre eles em conjunto. P1 considera que a qualidade do trabalho do psicoterapeuta depende desta capacidade de se permitir errar e corrigir, mantendo uma atitude autocrítica. Este processo parece implicar uma mudança no modo de o supervisando/terapeuta se relacionar consigo próprio – permitindo-se errar – mantendo-se disposto a aprender e evoluir profissionalmente.</p>
<p>22. E – Que se questiona. P1 – Exactamente. E quando... e mesmo que não veja quando os faz, se o paciente chama a atenção para algo ele é capaz de se questionar e não se defender perante o paciente, ok? E isto é o que faz um bom terapeuta, para mim.</p>	<p>22. Tendo sido desenvolvida a capacidade de autocrítica e de se relacionar com os outros, nomeadamente aceitando críticas, o terapeuta ficará menos propenso a tornar-se defensivo. Para P1 um bom terapeuta deverá esta ter esta postura.</p>
<p>23. E portanto, é isto que eu tento transmitir aos meus supervisandos, ok? Eu costumo dizer no primeiro dia de supervisão, <i>eu estou a marimbar-me se vocês fazem asneiras, eu não quero saber se vocês fazem asneiras, não quero saber no sentido de que isso não é importante para mim, não é isso que eu valorizo. Eu não quero saber se vocês são bons terapeutas, ou não, eu quero saber o quanto vocês conseguem questionar-se por aquilo que fazem. Pá, eu não quero que vocês sejam bons terapeutas, porque eu próprio não sou e se vocês fossem melhores terapeutas do que eu, para mim era uma grande chatice, portanto interessa-me mais que vocês sejam pessoas normais (sorri), mas que se conseguem questionar. Que vão fazendo asneiras, tal como eu faço, mas que</i></p>	<p>23. Para P1 é importante transmitir aos supervisandos, logo no início da supervisão aquilo que valoriza enquanto supervisor, aquilo que são as suas expectativas relativamente a eles. P1 valoriza a franqueza e autocritica em detrimento dum ideal de perfeição, que não corresponde à realidade. Implica-se na explanação, definindo-se como alguém que comete erros, mas com capacidade de se questionar, de assumir as suas limitações. Com humor, coloca-se numa posição de alguma vulnerabilidade ao sugerir que se sentiria posto em causa enquanto terapeuta se os supervisandos não apresentassem falhas, isto é, que não admitissem as limitações naturais de ser humano.</p>

<p><i>tenham a capacidade de ir questionando essas asneiras, que é isso que vai fazer a diferença, ok?</i></p>	
<p>24.  <i>Não é vocês serem grandes terapeutas... porque isso é uma coisa frequente, os nossos supervisandos chegam com a ideia de que vêm aprender a não cometer erros... humm... e, se calhar aquilo que eu lhes quero ensinar é que aprendam a cometer erros e reflectir sobre eles.</i></p>	<p>24.  Na perspectiva de P1 um bom terapeuta não se define pela ausência de falhas, mas pela presença de autenticidade e capacidade de autoquestionamento. Refere que é frequente os supervisandos chegarem à supervisão com expectativas desajustadas. Idealizam qualidade do terapeuta como pretensiosamente perfeita, no sentido da construção gradual de ausência de falhas.</p>
<p>25.  Quando eu digo erros, não quero dizer, obviamente se a pessoa faz, se ultrapassa uma linha do ponto de vista ético ou deontológico, já estamos noutra esfera, não é?</p>	<p>25.  P1 especifica que o tipo de falhas a que se refere e que, na sua perspectiva são promotoras de desenvolvimento, não incluem aspectos éticos ou deontológicos que, pelo seu teor ou recorrência, sejam considerados como tendo ultrapassado os limites aceitáveis. Esse tipo de erros, enquadrados na deontologia profissional a que se obrigam os supervisandos/terapeutas, que ultrapassem os limites previstos, tratando-se de outro domínio, perdem o carácter construtivo. Ao distinguir o teor dos erros hipoteticamente cometidos pelos supervisandos, está implícita a noção da responsabilidade do supervisor como regulador da prática clínica, presente na supervisão que faz, a que está atento e que o fariam agir em concordância.</p>
<p>26.  Agora, sei lá, fazer a pergunta errada, ir por um caminho quando podia ter ido por outro, fazer uma asneira que não prejudique gravemente o paciente, pá, acho que isso faz parte dum bom terapeuta.</p>	<p>26.  P1 exemplifica o tipo de falhas que considera bem vindas num terapeuta, já que espelham limitações naturais do ser humano e não prejudicam o cliente de forma grave. Formular perguntas erradas ou optar por um tipo de intervenção que não se apresente necessariamente como a melhor, não desprestigiam o trabalho do terapeuta, de acordo com P1.</p>
<p>27.  E – E com que tipo de asneiras é que consideraria mudar a sua postura, ou eventualmente chamar a atenção doutra forma?  P1 – Sei lá, coisas do ponto de vista ético que fossem graves, sei lá... pfff (expira), sei lá, meter-se sexualmente com um paciente, ou...</p>	<p>27.  P1 admitiria mudar a sua postura encorajadora das falhas, no sentido que estas sejam decorrentes das limitações do ser humano, quando pressupostos éticos fossem desrespeitados. Como exemplo de uma violação grave, para a qual reformularia a sua postura, aponta o envolvimento sexual do terapeuta com o cliente.</p>

<p>28. E – E eles dir-lhe-iam, numa sessão? P1 – (reflecte) Espero que sim. É claro que seria uma coisa que provavelmente os terapeutas teriam mais dificuldade em ter abertura para o dizer... humm... mesmo assim, espero que, nunca me aconteceu, mas espero que se um dia acontecer algo com esta gravidade numa supervisão, eu também tenha capacidade de receber isso do meu supervisando e que tenha a capacidade para saber lidar com isso da melhor maneira.</p>	<p>28. Apesar da dificuldade que reconhece existir na exposição de uma situação de infracção grave de pressupostos éticos, por parte do supervisando, P1 tem expectativas que a sua postura aceitante permita a revelação do facto. Não tendo tido experiência duma situação desse género, ao projectar-se confrontado com tal gravidade e respectivas consequências, espera continuar a demonstrar aceitação para com o supervisando e ter recursos para lidar com o problema.</p>
<p>29. E – A modalidade da supervisão que faz é sempre em grupo? Ou também faz individual? (17'20'') P1 – Sim, já fiz algumas individuais, mas a maioria das supervisões que eu faço é em grupo. E – Estava aqui a pensar sobre essa questão, de ser uma coisa assim mais complexa e se o facto de a supervisão ser em grupo, se a pessoa também se sentiria com capacidade para se expor... P1 – Pois, é claro que torna-se mais difícil, embora algo que para mim é importante nas supervisões de grupo e que também gosto nas supervisões de grupo, é aferir a qualidade do grupo para acolher aquilo que os colegas têm para dizer,</p>	<p>29. A experiência de P1 em supervisão é maioritariamente de grupo e reconhece que se torna mais difícil a exposição do supervisando, nomeadamente em situações de infracção grave de pressupostos éticos, neste contexto. No entanto, P1 considera importante e é um dos aspectos que também gosta na supervisão, a aferição da qualidade do grupo para receber os contributos dos colegas, incluindo exposições de carácter e conteúdo complexos e de alguma gravidade.</p>
<p>30. ou seja, de tempos a tempos eu vou testando como é que eles, vou perguntando mesmo <i>como é que vocês se sentem aqui no grupo, o que é que está a funcionar bem, o que é que não está a funcionar bem, o que é que dificulta aqui no grupo... o que é que poderia acontecer aqui no grupo parar vocês se sentirem mais à vontade</i>, ou seja, estas questões vou colocando de tempos a tempos, precisamente para aferir se há alguma coisa ali que não está a funcionar bem, ou que as pessoas não se sentem à vontade... humm...</p>	<p>30. P1 promove a manifestação de opiniões a respeito da forma como cada um se sente no grupo, no sentido de identificar dificuldades que impeçam o bom funcionamento. Pretende, desta forma, aferir se as pessoas se sentem à vontade para que os seus intentos enquanto supervisor sejam alcançados, nomeadamente na criação de ambiente favorável à abertura à experiência de pontos delicados nas fragilidades e inseguranças dos supervisandos.</p>
<p>31. e é algo a que também eu estou atento. Estou muito atento à dinâmica do grupo para perceber se o grupo tem maior ou menor facilidade em se expor e tentar</p>	<p>31. P1 está atento às dinâmicas criadas no grupo, no sentido de ser um contexto favorável à exposição de cada um dos elementos, ou seja, preocupa-se em promover um ambiente em que</p>

<p>trabalhar isso. Se for um grupo em que eu percebo se há ali alguma dificuldade em se exporem, tentar trabalhar consoante o problema que for. Obviamente que isso depois...</p>	<p>a confiança e segurança seja uma constante, contando com a contribuição harmoniosa de todos. Quando identifica alguma questão que esteja a dificultar a integração harmoniosa dos elementos do grupo, tenta abordar o assunto e resolvê-lo, a bem do funcionamento que potencia a aprendizagem e o desenvolvimento.</p>
<p>32. E – Também é uma das funções, um dos papéis do supervisor promover essa dinâmica de forma... P1 – Sim, no grupo de supervisão, sim, claro. Porque não adianta de nada o supervisor ser uma pessoa fabulosa em termos de acolhimento, aceitação incondicional e por aí adiante, se os colegas do grupo, de cada vez que alguém disser <i>eu fiz isto</i>, eles ou desatarem a rir, ou fazerem cara de <i>como é que é possível teres feito uma coisa dessas</i>, ou seja, a pessoa vai-se fechar na mesma.</p>	<p>32. Para P1, a atenção prestada às desarmonias no grupo e a respectiva afinação, faz parte do papel do supervisor. A harmonia que valoriza diz respeito a todos os intervenientes, incluindo o supervisor. Isto é, tenta nivelar a postura aceitante do grupo com a sua própria postura, que compreende a capacidade de o outro se sentir acolhido e incondicionalmente aceite. Se existir dissonância entre a postura aceitante do supervisor e a dos elementos do grupo, ficam comprometidas as condições favoráveis à abertura, logo ao desenvolvimento.</p>
<p>33. Por mais aceitante que seja o supervisor, portanto, também faz parte do trabalho de supervisão, a meu ver, criar no grupo uma coesão e uma aceitação suficiente para que as pessoas se sintam à vontade.</p>	<p>33. Independentemente das características do supervisor, nomeadamente a sua capacidade de aceitação, faz parte do seu trabalho dinamizar o grupo por forma a torna-lo coeso e igualmente aceitante, promovendo um ambiente seguro e confiável para todos.</p>
<p>34. E também acho que é parte do processo de aprendizagem na supervisão, os supervisandos irem ganhando esta capacidade de acolhimento e de aceitação, porque ao fim e ao cabo é isso que se faz também em terapia. Pelo menos, em terapia existencial.</p>	<p>34. As competências que os supervisandos adquirem ao moldar os comportamentos e redefinir atitudes que visam tornar a supervisão num espaço aceitante e acolhedor, fazem parte do processo de aprendizagem de competências relacionais requeridas em terapia existencial. Para P1, essa aprendizagem é cumulativa.</p>
<p>35. E – Uns em relação aos outros? P1 – Sim sim, eu não acredito que um terapeuta seja muito aceitante se não é capaz de aceitar uma... uma coisa qualquer que um colega em supervisão, expõe como tendo feito mal, ou ter feito uma asneira. Quer dizer, se ele não é capaz de aceitar o colega será capaz de aceitar um paciente? Hummm...(20'24'')</p>	<p>35. P1 considera que a capacidade de aceitação do terapeuta em relação ao cliente deverá estar reflectida também, na capacidade de aceitação em relação a um colega, em contexto de supervisão de grupo. P1 questiona se um supervisando consegue fazer um cliente sentir-se aceite, se não o fizer com um colega do grupo de supervisão.</p>
<p>36. E – Isso poderá ser uma forma de ir percebendo, uma das formas de ir</p>	<p>36. Relativamente à forma como os supervisandos se relacionam entre si, no ambiente da</p>

<p>percebendo como é que aquela pessoa é relativamente ao outro, no contexto de psicoterapia?</p> <p>P1 – Claro, sem dúvida. Para mim, a gente está sempre a reproduzir os padrões... (sorri) isto parece psicanalítico e é, de alguma maneira, mas sim, claro que a gente... é claro que em contextos diferentes temos comportamentos diferentes, não tenho dúvida.</p>	<p>supervisão, P1 estabelece a transposição para o contexto de terapia. Isto é, apesar de considerar que as pessoas se adaptam aos diversos contextos, é provável que reproduzam comportamentos e formas de relação com alguma padronização. Daí a atenção que presta às questões interpessoais dentro do grupo de supervisão, para aferir a forma como cada supervisando pode estar nos contextos de terapia.</p>
<p>37.</p> <p>E o grupo, obviamente vai montar a maneira como a pessoa se comporta, mas (acentua) efectivamente se a pessoa tem algumas dificuldades em aceitar o outro num contexto, provavelmente noutro contexto isso irá surgir duma maneira, mais ou menos ténue, consoante o grupo, consoante o contexto, mas... de alguma maneira isso irá surgir e portanto, também ajudá-los a eles todos no grupo a terem uma postura mais aceitante, de maior acolhimento, em vez duma postura crítica, de apontar o dedo, é também de alguma maneira ensinar algo que eles podem fazer com os pacientes.</p>	<p>37.</p> <p>Atendendo a que as dificuldades na aceitação das diferenças e limitações do outro podem manifestar-se de forma mais ou menos acentuada, nos diversos contextos, P1 considera importante trabalhar dentro do grupo competências relacionais que, dessa forma, estarão mais naturalmente presentes na prática clínica.</p>
<p>38.</p> <p>E – Também em termos de aspectos importantes, já frisou aqui com muito ênfase a questão de facilitar que as pessoas se auto questionem...</p> <p>P1 – Humm, humm...</p> <p>E – Também é importante, pelos vistos, fazendo parte do seu papel de criar uma dinâmica de grupo para que isso possa acontecer, há mais coisas assim importantes que consiga destacar relativamente à supervisão e que não tem que ser pela positiva, poderão eventualmente umas serem facilitadoras e outras criarem dificuldades, mas que sejam importantes para si.</p> <p>P1 – (sorri) Hum... não sei... assim... (reflecte) realmente as mais importantes são essas... (reflecte/inspira) sim... (pausa).</p>	<p>38.</p> <p>Para P1 os aspectos mais importantes em supervisão compreendem o papel facilitador do supervisor, quer no que diz respeito ao desenvolvimento da capacidade de autoquestionamento, quer na promoção do ambiente favorável para que isso aconteça.</p>
<p>39.</p> <p>Também acho que é importante, mas eu acho que também tem a ver com o auto questionamento e a capacidade de reflexão, embora sejam coisas um bocadinho</p>	<p>39.</p> <p>Além do autoquestionamento e capacidade de reflexão que tenta promover nos supervisandos, P1 também atribui muita importância à adopção de uma postura</p>

<p>diferentes, mas uma coisa que eu costumo fazer nos meus grupos. Nos meus grupos não sou só eu que supervisiono, toda a gente supervisiona toda a gente, ou seja, tento que não seja só eu a falar, ou aquele que sabe tudo e vai para ali explicar a eles como é que se faz.</p>	<p>colaborativa, promovendo a participação de todos num processo que, embora individual, se constrói a partir de uma realidade partilhada pelos vários elementos. P1 inclui-se e nivela-se com os restantes elementos do grupo.</p>
<p>40. Também é uma coisa que eu costumo dizer na primeira sessão de supervisão, que é <i>eu não sei tudo e não tenho qualquer pretensão em relação a isso, e tenho imensas dúvidas...</i> humm... e que o melhor que podemos fazer é todos ajudarmo-nos a todos e quem tiver uma boa ideia, algum bom caminho de supervisão, que é bem-vindo e que é suposto toda a gente falar e que eu inclusivamente vou estar atento a isso, a ver quais são as ideias que cada um deles traz.</p>	<p>40. Desde o início do processo de supervisão, P1 transmite uma postura de humildade aos supervisandos, mostrando-se como alguém que não detém todo o conhecimento e está disponível para aprender com eles. Incentiva uma co-construção que favoreça todos, solicitando a participação activa, que se propõe ir orientando.</p>
<p>41. Isso para mim é importante, porque ajuda não só o supervisando a ter um maior número de perspectivas, porque efectivamente eu nem sempre tenho razão (ri)... ou muitas vezes não tenho razão e, às vezes, alguém traz um outra perspectiva que é bem mais interessante do que a minha.</p>	<p>41. A participação a que incentiva é importante para P1 e tem por objectivo alargar as perspectivas, quer dos supervisandos, quer as suas próprias. Pretende, assim criar espaço para que se revelem perspectivas interessantes que venham enriquecer o processo de aprendizagem na supervisão.</p>
<p>42. Isso é não só importante para o supervisando, porque tem duas, três perspectivas diferentes, eventualmente, mas também é importante para os outros supervisandos que não estão a ser supervisionados naquele momento. Ajuda-os a reflectir sobre a coisa, de fora. Quando estamos a ser supervisionados, vemos a coisa a partir de dentro. Quando não estamos a ser supervisionados naquele momento, ao ver as coisas de fora fica muito mais facilitado e, portanto, permitir que toda a gente dê uma opinião facilita este processo de reflexão, sobre o processo terapêutico, ou sobre aquilo que eventualmente a gente esteja a questionar naquele momento da supervisão.</p>	<p>42. P1 refere como importante a contribuição activa de todos os supervisandos fornecendo opiniões e perspectivas diferentes, revestindo-se de utilidade prática, ou seja, abrindo a possibilidade de distanciamento dos conteúdos que estão a ser relatados, facilitando a reflexão. Este desdobramento e distanciamento que compreende dimensões afectivas dos intervenientes, torna-se um ganho geral que favorece a reflexão sobre o processo terapêutico que esteja a ser focado.</p>
<p>43. Esta capacidade de reflexão para mim também é importante porque permite pensar os casos numa perspectiva mais racional e</p>	<p>43. Para P1, o desdobramento de perspectivas também lhe facilita a forma de pensar os casos clínicos, beneficiando da condução da</p>

<p>intelectual, se quiser por as coisas dessa maneira.</p>	<p>supervisão nesses moldes. Distancia-se o suficiente para considerar os contornos do caso reduzindo algum tipo de vieses, que eventualmente decorreriam da proximidade do apelo do supervisando e do desejo de prover uma resposta satisfatória.</p>
<p>44. E – Mas quando me estava a dizer, eu agora fiquei aqui com uma dúvida. Quando me estava a dizer que os seus grupos não são só supervisionados por si... P1 – Sim. E – E depois começou a descrever essa situação de, no fundo, de fornecer mais pontos de vista, não é, mais perspectivas e, pergunto eu, transpor para outras situações de supervisão, era a isso que se referia? P1 – Não, não. Os outros elementos do grupo. Um grupo, por exemplo, de três ou quatro supervisandos, ok? Todos eles darem a sua opinião sobre o caso que é trazido, sobre a pessoa que está a ser supervisionada. Nesse aspecto. E – Realmente, eu não tinha compreendido bem. Quando começou por dizer que os seus grupos não eram só supervisionados por si... P1 – Não são só supervisionados por mim, no sentido de que não sou só eu que emito opiniões.</p>	<p>44. Ao promover a contribuição de todos os elementos do grupo de supervisão na discussão dos casos clínicos que cada um apresenta, P1 considera que partilha a função de supervisor. Ao incentivar e aceitar as opiniões do grupo, é como se definisse o tipo de supervisão que faz como uma parceria, um trabalho para o qual convida outras pessoas a dar contributo.</p>
<p>45. E – Ah, ok. Não há um outro supervisor que esteja com eles. P1 – Não, não... poderá haver... poderá haver... eventualmente. E – Pensei que se referia a isso. P1 – Não tenho nada contra isso. As pessoas é que sabem quantos supervisores têm que ter, não é? Porque podem ter o supervisor do local de estágio, têm o supervisor do não sei quê... não é isso que está em questão. Estava a dizer que dentro do meu grupo de supervisão eu não me arrego como o único gajo que pode supervisionar. E – Já percebi. Ok.</p>	<p>45. Relativamente à validade das opiniões e contribuições na discussão de casos na supervisão, P1 transmite que não pretende ser o único detentor da capacidade para o fazer, posicionando-se ao mesmo nível dos supervisandos.</p>
<p>46. P1 – Os outros não são supostamente supervisores, mas supervisandos, mas no</p>	<p>46. P1 clarifica a distinção dos papéis formais entre supervisando e supervisor, no entanto,</p>

<p>sentido de que eles também podem dar a sua opinião. Podem e devem e eu quero que dêem.</p> <p>E – Chama-os a fazer isso.</p> <p>P1 – Sim, sim, sim, claramente. Para mim, é importante que todos eles tenham... às vezes não sei realmente e... se alguém tiver ideias, eu não tenho... humm... e às vezes há pessoas que têm ideias e melhores do que as minhas. Isso é bom para mim e para a outra pessoa, sobretudo para a pessoa que está a ser supervisionada, porque se vem pedir ajuda e sente-se muito perdida. E às vezes não sei e também não me vou por a inventar quando não sei, só porque, <i>eh, pá tenho que dizer aqui uma bacorada qualquer</i> que é para as pessoas acharem que eu sei alguma coisa. Não, quando não sei, não sei. E alguém pode ter ideias melhores que as minhas.</p>	<p>concebe a contribuição de cada um deles como sendo tão válida e importante quanto a sua. Perante um supervisando que expõe um caso e a eventualidade de P1, enquanto figura na qual são depositadas expectativas de resposta, não conseguir corresponder, considera importante que o primeiro se sinta satisfatoriamente apoiado, o que poderá acontecer com a contribuição dos colegas. P1 prefere assumir as suas limitações do que responder indevidamente a um supervisando, mas procura dentro do grupo que se revelem possibilidades de resposta que ajudem quem estiver a expor dificuldades, não considerando que isso ponha em causa o seu papel de supervisor.</p>
<p>47.</p> <p>E – E isso que me está agora a descrever, a sua postura enquanto supervisor e uma vez que já são alguns anos, foi sempre assim, ou deu por si a fazer diferente?</p> <p>P1 – É claro que no início, tinha... (risos) é claro que no início, se calhar tinha mais pretensões de ser (risos), de ser um bom supervisor (risos)... humm... ou de querer demonstrar que sabia alguma coisa.</p>	<p>47.</p> <p>Abertamente, P1 refere que no início da prática de supervisão tinha uma postura diferente da actual. O seu desejo de corresponder à representação do papel de supervisor, no sentido de ser alguém detentor de maior conhecimento e habilitado a dar resposta a qualquer situação, influenciou o início da sua prática enquanto supervisor.</p>
<p>48.</p> <p>Sentia-me... eu comecei a supervisionar... atenção, eu comecei a supervisionar mal acabei a minha formação. Eu creio que ainda estava a fazer o último ano da formação avançada no estrangeiro e já estava a fazer supervisão, ou seja, ainda estava a fazer um outro curso para terminar a minha formação em terapia existencial e já estava a supervisionar (reflecte) quase de certeza que isto aconteceu... sim, sim, é verdade, sim... humm... isso deixava-me...</p> <p>E – Mas foi de alguma forma obrigado a fazer isso, ou foi porque quis, porque fazia parte da formação?</p> <p>P1 – Porque não havia mais ninguém... (risos) eu preferia não ter começado logo a supervisionar, mas nós já tínhamos alunos e não havia mais ninguém para supervisionar. Era eu, o D., o D.C.T., o V.R. e acabou...</p>	<p>48.</p> <p>P1 recorda como o início da sua prática como supervisor foi forçada por contingências práticas. O facto de ter pouca experiência levou-o a ter consciência de que preferia não iniciar naquele momento, compreendendo, no entanto, que era inevitável. Para P1, a experiência é importante para o exercício da prática de supervisão.</p>

<p>hummm... éramos nós as pessoas que tinham mais experiência, quando eu tinha muito pouca.</p>	
<p>49. Tinha alguma experiência clínica, mas não tinha nenhuma experiência de supervisão e de alguma maneira ainda não me sentia completamente preparado para... e não me sentia... eu lembro-me de ter tido esta discussão, <i>eh, pá, eu não me sinto preparado ainda...</i> mas a questão foi, <i>eh, pá mas tem que ser</i> (risos), <i>quem é que vai dar supervisão? Embora lá...</i></p>	<p>49. Embora com alguma experiência clínica, mas nenhuma como supervisor, P1 não se considerava ainda preparado para supervisionar. Embora tenha expressado que não se sentia apto para supervisionar, viu-se forçado a fazê-lo.</p>
<p>50. É claro que os primeiros dois anos, sobretudo o primeiro ano foi terrível para mim, senti-me muito pouco à vontade e isso fazia com que eu ficasse mais defensivo, <i>pá, se as pessoas me questionam, eu realmente sou um nabo, sou um zero à esquerda</i> (risos) não sei...</p>	<p>50. P1 descreve o primeiro ano como supervisor como terrível, pelo facto de se sentir inseguro e tornar-se defensivo relativamente às solicitações dos supervisandos. A sua inexperiência enquanto supervisor tornava-o susceptível às questões colocadas pelos supervisandos, pondo em causa os seus conhecimentos e a sua capacidade de realizar a tarefa para qual foi forçado a dar resposta.</p>
<p>51. E – Mas já estava a fazer o seu auto questionamento. P1 – Sim, sim. E – Daí, se calhar valorizar tanto que seja feito, não é? P1 – Sim, sim... é claro que esta minha postura já estava lá na altura, mas ainda assim, sentia-me mais ameaçado, de alguma maneira, ou menos à vontade de ser questionado por algum supervisando como, <i>o que você está a dizer não faz sentido nenhum</i>, se calhar na altura ficava mais aflito... (risos)</p>	<p>51. P1 reconhece que sempre valorizou que o terapeuta use de um permanente autoquestionamento e que ele próprio, enquanto supervisor, o fez desde o início, contudo isso não impedia que se sentisse vulnerável às eventuais críticas dos supervisandos, que interpretava como ameaçadoras. Quando isso acontecia sentia-se inseguro.</p>
<p>52. Hoje em dia, se disserem, <i>não faz sentido nenhum</i>, eh, pá se calhar penso um bocadinho e, <i>pá, se calhar tens razão</i>, se alguém tiver uma opinião melhor, boa!</p>	<p>52. Actualmente considera as críticas dos supervisandos, não como ameaçadoras, mas como potenciadoras de auto-reflexão e valoriza as opiniões formuladas por eles.</p>
<p>53. E na altura sentia-me muito mais ameaçado se alguém colocasse uma questão dessas. Lembro-me (algo incompreensível), tive uma sessão de supervisão uma vez, com uma supervisanda que estava claramente numa postura muito defensiva e eu, como se costuma dizer, não lhe larguei a canela, e</p>	<p>53. No início da prática como supervisor, P1 reconhece que se questionava sobre se teria recursos para lidar com as críticas dos supervisandos, que sentia como ameaçadoras. Recorda uma situação em que insistiu exaustivamente com uma supervisanda que, segundo ele, estaria numa postura defensiva,</p>

<p><i>ok, vamos pensar sobre isso, vamos reflectir sobre isso e depois o grupo todo de supervisão juntou-se a ela e disse, E. você está a ir longe de mais, deixe-a em paz... humm... eu lembro-me que na altura aquilo foi terrível para mim... (riso expressando desconforto em relação ao passado) e agora o que é que eu faço? (risos), mas ela está na defensiva e toda a gente está-me a por em causa, a dizer que eu estou a fazer mal...</i></p>	<p>ou seja, sem capacidade de explorar abertamente um problema, cujo desenrolar descreve como terrível para si. O grupo tomou a posição da colega, contra si, pondo em causa a abordagem de P1 à situação, o que o fez duvidar da sua postura e competências.</p>
<p>54. E – E foi terrível só no momento, ou foi sendo terrível durante algum tempo? P1 – Não, não. Felizmente a coisa correu bem. Acho que já na altura criava um bom ambiente de supervisão. Obviamente as pessoas ficaram chateadas comigo por eu ter sido muito incisivo com a colega, mas eu próprio também reflecti, <i>ok, se calhar fui um bocado exagerado</i>, sim, ela estava na defensiva e aqui havia algo importante que era preciso ela ver, mas realmente ela não estava preparada para isso e eu estar lá a “morder a canela” não ia ajudar em nada... mas depois a coisa acabou por... correr bem. Depois no grupo acabou por correr bem, mas lembro-me que quando eu vi que todo o grupo estava a dizer, <i>ok, ó E., chega...</i> (risos) <i>não estamos a gostar disso</i>, eu... (faz som de pigarreio expressando o impasse/desconforto no passado) <i>deus, o que é que se está aqui a passar? O que é que vou fazer com isto? Está o grupo todo contra mim...</i> (risos)</p>	<p>54. O facto de o grupo ter expressado o seu desagrado pela forma como P1 conduziu a situação, levou-o a questionar-se sobre as competências para a gestão do problema a partir duma posição que percebeu como isolada, pois todos se opunham a si. Apesar do momento gerador de desconforto e insegurança, P1 considera que teve um desfecho conciliador, já que descreve o ambiente de supervisão criado por si, na época, como positivo. A situação gerou uma auto-reflexão sobre a sua postura e sobre a tomada de consciência do grau de abertura ao desenvolvimento dos supervisandos. P1 compreendeu que mais importante que agir sobre uma necessidade evidenciada, no caso, levar a pessoa a reflectir sobre um aspecto importante que desbloquearia um eventual impasse no processo clínico, importa perceber se o supervisando se encontra num nível de desenvolvimento que o permita. Permitir, no sentido de aceitação das suas próprias limitações como plataforma que facilite uma aprendizagem efectiva.</p>
<p>55. E – E acha que de alguma forma, no presente, evita o conflito? P1 – (reflecte) Eu evito conflitos, no sentido em que isso não tenha qualquer tipo de utilidade... humm... ou seja, e na maioria das vezes, não tem... (reflecte) eu não quero dizer com isto que não questione as pessoas e que não tente questionar se alguma coisa estiver visivelmente mal e errado, ou seja, não vou estar a por paninhos quentes em tudo e mais alguma coisa, agora não me parece que seja vantajoso colocar todo o grupo em tensão,</p>	<p>55. Embora não se iniba de questionar os supervisandos, isto é, explorar situações que possam gerar algum desconforto, desde que sinta ter utilidade para o processo de aprendizagem, ou ainda que sejam claramente falhas, P1 considera que não promove deliberadamente a tensão no grupo. Na sua perspectiva, essa postura não traz vantagens.</p>

em conflitos... gerar muita tensão no grupo.	
<p>56. E, se calhar, eu prefiro dar esse tempo. Se a pessoa não está preparada para receber algo, não vai receber, por mais que eu tente impingir-lhe a coisa. Para já, não gosto de impingir coisas, prefiro que a pessoa chegue lá por ela própria... funciona muito melhor.</p>	<p>56. P1 considera mais efectivo que o supervisando coloque em marcha os processos de compreensão por si próprio, do que estes serem forçados pelo supervisor. P1 contempla tolerar o ritmo de aprendizagem e apreensão de novas perspectivas do supervisando, para um melhor funcionamento da supervisão que se propõe realizar.</p>
<p>57. E – Fará sentido dizer que não evita, mas também não promove, como... digamos, como ferramenta. P1 – Não, como ferramenta, não é a minha ferramenta, de todo. Agora os conflitos surgem... há um grupo, ou há pelo menos duas pessoas, supervisando e supervisor... humm... são alteridades, é normal que não haja encontro sempre... as pessoas desencontram-se porque têm perspectivas diferentes. É normal que isso aconteça, agora, utilizar o desencontro para abanar alguém, não me parece a melhor ferramenta de trabalho.</p>	<p>57. Enquanto supervisor, P1 não defende a promoção de conflito como estratégia de trabalho, no entanto contempla a existência de divergências no espaço de supervisão, já que estas são inerentes à condição humana. O que P1 não reconhece como útil, é colocar a pessoa em tensão conflitual como recurso para a promoção do desenvolvimento.</p>
<p>58. Obviamente se eu vir que há ali qualquer coisa grave e que a pessoa não está a ver, mas que é grave e que o paciente pode estar a ser ameaçado de alguma maneira, ou que há ali algo de muito incorrecto naquela relação terapêutica, ou qualquer coisa assim, se calhar aí, também não tenho pejo em chamar a atenção. Se houver qualquer coisa grave, obviamente que sim.</p>	<p>58. Apesar da supervisão que faz se pautar pela compreensão e pela tolerância, P1 não se inibe de ser mais assertivo e directo em situações que identifique como graves, como intervenções que coloquem em risco o cliente ou incorrecções na relação terapêutica. Nesses casos, assumindo a autoridade que detém enquanto supervisor, assinala a falha, mesmo que isso possa colocar o supervisando numa posição desconfortável.</p>
<p>59. (34'13'') Agora como ferramenta sistemática de trabalho, dizer, <i>ó meu amigo, o que é que estás tu aí a fazer com esta pessoa? Isto não pode ser assim</i>, ou seja ter uma atitude mais conflituosa... não me parece que seja um bom caminho. Pelo menos, não foi assim que eu aprendi, não foi a melhor maneira que eu tive para aprender, portanto não acho que seja a melhor maneira de ensinar, portanto... não, não acredito que seja por aí.</p>	<p>59. P1 não confronta os supervisandos de forma a colocá-los numa posição de desconforto como ferramenta sistemática de trabalho, acima de tudo porque não prevê que seja útil na aprendizagem. Enquanto supervisando não teve essa experiência, o que leva P1 a considerar que esse tipo de atitude não oferece benefícios. Como tal, inspira-se no seu processo de supervisão para orientar a forma como supervisiona.</p>

<p>60. E – Estava a falar sobre se alguém estiver a fazer alguma coisa que realmente veja que pode colocar em perigo (acho que foi a palavra que usou) a pessoa do paciente, aí sim, intervém doutra forma... P1 – Isso se a pessoa não chegar lá duma maneira branda (risos).</p>	<p>60. P1 explicita que nas situações em que o cliente pode ser prejudicado, opta por mudar a sua postura de intervenção com o supervisando sem deixar, no entanto, de tentar uma abordagem mais pedagógica, através da qual o supervisando possa, por si próprio ter consciência do que está a fazer.</p>
<p>61. E – É uma das funções do supervisor, também, regular um pouco a prática clínica... P1 – Claro, claro. E – Pode falar-me um pouquinho sobre isso? Que é capaz, às vezes, de trazer algumas... P1 - Sim... humm... é simples, ou seja, nós somos responsáveis, de alguma maneira também por aquilo que... se a pessoa está em processo de aprendizagem, não é? Se está em processo de formação ainda... aí a responsabilidade é maior, não é? Humm... e a nossa responsabilidade é perante o supervisando, mas também é, sobretudo se estiver no seu processo de formação, também é, e bastante, sobre a pessoa do paciente.</p>	<p>61. Relativamente à função de regulador da prática clínica do supervisor, P1 considera que em contextos de formação para psicoterapia essa responsabilidade não diz respeito apenas à pessoa do supervisando, mas também à pessoa do cliente, o que aumenta o nível atenção prestada a ambos os processos. O processo de aprendizagem e desenvolvimento do supervisando e o processo terapêutico que acontece fora do espaço da supervisão. A prática clínica do supervisando é apreciada no espaço de supervisão através da apresentação dos casos e conseqüente reflexão.</p>
<p>62. Portanto, é claro que tenho de perceber se as coisas estão a correr bem, se aquela relação terapêutica e aquele processo terapêutico não tem nada de grave a apontar, se as coisas estão a correr no bom sentido... humm...</p>	<p>62. Perante a responsabilidade de regular a prática clínica dos supervisandos, P1 assume que também lhe cabe o papel de perceber se a relação terapêutica estabelecida entre o supervisando e o cliente e o processo terapêutico em curso estão dentro dos parâmetros que considera adequados, salvaguardando a beneficência do cliente.</p>
<p>63. E – O que é que poderia ser grave? P1 – Sei lá, pá, (risos) assim de repente, há tantas coisas que podem ser graves, sei lá... (pfff) não sei (reflecte) haver um processo em que... em vez da pessoa estar a fazer bem, está a fazer mal ao paciente, por exemplo, tem um paciente... (respira) paciente psicótico, por exemplo, permita-me o chavão. Muito frágil e que ele esteja a atacar as defesas do paciente psicótico a torto e a direito, a desmontá-las todas e que isso pode ser grave porque a pessoa pode</p>	<p>63. Perante a constatação de um processo terapêutico mal conduzido e no qual, claramente P1 percebe que o cliente pode vir a sofrer conseqüências com alguma gravidade, assumidamente intervém no sentido de consciencializar o supervisando de que está a prejudicar o cliente. Dá como exemplo uma situação hipotética, na qual uma pessoa considerada psicótica poderá ser prejudicada, caso o terapeuta/supervisando não se dê conta de que ao interferir na sua organização defensiva, pode alterar a sua</p>

<p>psicotizar, ou pode entrar... pode descompensar, digamos assim... humm... aí, se calhar, é preciso chamar a atenção qua aquilo não está a fazer bem à pessoa, está a fazer mal.</p>	<p>capacidade de adaptação, já por si frágil.</p>
<p>64. E – Isto se o supervisando não conseguir ver por si. P1 – Exactamente, sim. E – Ok. P1 – Sim, obviamente que o meu trabalho será sempre, <i>ok, vamos pensar nisso. Em que é que acha que isso, essas intervenções estejam a ser úteis para o paciente?</i> Falar sobre o seu objectivo, o que é que você pretende, como é que isso é útil para a pessoas, como é que não é... e é claro que o próprio supervisando, se tiver o mínimo de capacidade para isso, facilmente irá entender, <i>ok, se calhar não o melhor caminho, isto não tem utilidade para ele, só tem utilidade para mim</i>, ou seja lá o que for. O que levou o terapeuta, ou supervisando a ir por aquele caminho e não por outro (39'01'').</p>	<p>64. Mesmo em situações que considera graves e para as quais admite poder adoptar uma postura mais autoritária, começa sempre a abordagem duma forma compreensiva, pedagógica e de reflexão conjunta. Tenta clarificar os objectivos do supervisando, levando-o a reflectir sobre a eficácia das intervenções, na forma como conduz o processo terapêutico e nas motivações que o orientam, isto é, na identificação de aspectos pessoais que possam interferir no processo.</p>
<p>65. E – Ou seja, de alguma forma, não só tem que ter em atenção, do que vai aferindo sobre o que se passa nos contextos psicoterapêuticos, quanto ao supervisando, como de alguma forma, ir dando algum <i>feedback</i> ao supervisando de como ele está a fazer o trabalho. Serão duas preocupações distintas, ou... P1 – O questionamento abrange isso tudo, ok? O questionamento irá abranger, pelo menos, duas, três grandes áreas: a questionar-se sobre a condução do processo, ou seja, <i>como é que eu estou a conduzir este processo? Qual é o processo terapêutico que eu estou a encetar aqui com o meu paciente? Para onde é que eu quero levar o meu paciente? Que caminho é esse?</i></p>	<p>65. Mais uma vez, P1 alude à importância do autoquestionamento e em tudo o que pode abarcar, no sentido em que permite ao supervisando ir percebendo a evolução dos processos terapêuticos, funcionando como sistema de <i>feedback</i>. Na reflexão conjunta que propõe na supervisão que faz e tendo o supervisando adquirido a capacidade de autocrítica, o retorno do desenvolvimento profissional deste último é obtido de forma integrada.</p>
<p>66. A relação terapêutica que está estabelecida entre ambos, ou seja que a pessoa também se questione, <i>que relação é esta que eu estabeleço com o paciente e que o paciente tem estabelecida comigo? Como é que esta</i></p>	<p>66. A qualidade da relação terapêutica é igualmente aferida, quer pelo supervisando, quer pelo supervisor que se presta a realizar a tarefa conjunta, através da auto-reflexão e autocrítica.</p>

<p><i>relação é útil, ou não para os objectivos que estamos a perseguir?</i></p>	
<p>67. E ainda, que, isto é, processo, relação terapêutica e ainda que o supervisando se questione, <i>como é que eu, enquanto supervisando, aceito, ou não, este questionamento que está a ser feito.</i> (40'24'')</p>	<p>67. Paralelamente à reflexão e questionamento sobre o desenvolvimento profissional, o supervisando é estimulado a reflectir sobre o seu desenvolvimento pessoal ligado ao contexto específico da supervisão. A progressiva capacidade do supervisando de se ver confrontado com as suas limitações, contribui para a sua evolução e está presente na supervisão, enquanto objectivo de P1.</p>
<p>68. E – No fundo, poderá também tocar a relação com o supervisor, a sua própria relação com ele. P1 – Sim, sem dúvida, sim. Digamos que há aqui uma espécie de triângulo do questionamento (risos) E – Triângulo do questionamento (risos) foi bonito. P1 – Ou seja, há três níveis de questionamento e o supervisor tem que estar atento a estas três coisas ao mesmo tempo. Não só os interesses do meu supervisando, ok, como é que ele está, como é que ele enquanto terapeuta está com o paciente, como é que ele, enquanto terapeuta está a pensar no processo... humm... como é que o meu supervisando está aqui na supervisão comigo e com os restantes elementos, pá, eu no primeiro disse os dois, mas novamente o triângulo está aqui presente, ou seja, eu tenho que pensar ao mesmo tempo no terapeuta, no paciente e no supervisor, na relação com este, ou seja, pensar sempre nesta tríade, digamos assim.</p>	<p>68. Para P1, o supervisor tem que constituir o enquadramento da supervisão assente em vários aspectos relacionados com os três intervenientes, ou seja, o cliente, o supervisando e o supervisor. Relativamente a estas três pessoas, P1 está atento a modalidades relacionais (supervisando/terapeuta - cliente; supervisando – supervisor; supervisando – grupo), aspectos clínicos (condução do processo terapêutico), aspectos do desenvolvimento do supervisando (profissional e pessoal), postura do supervisor (facilitador do processo de supervisão).</p>
<p>69. E – Isso é difícil? P1 – (reflecte) Não sei se é difícil. É uma questão de, se calhar as três ao mesmo tempo é difícil, mas é uma questão de, para cada supervisão eu me lembrar destas três coisas e pensar, <i>ok, como é que ele está aqui comigo (o supervisando)?... Humm... está muito defensivo/não está? Quão aberto ele está. Isto é uma coisa difícil para ele, ou não.</i> Aí, já estou a pensar, <i>ok, como é que o meu supervisando está em relação a este problema em concreto? Como é que ele está</i></p>	<p>69. P1 reconhece a complexidade que a atenção tripartida que tem na forma como supervisiona, no entanto, recorre à evocação de perguntas que norteiam a aferição das dimensões que destaca: a relação do supervisando com o supervisor; a relação do supervisando com o grupo; o nível de desenvolvimento do supervisando; a relação do supervisando/terapeuta com o cliente; a problemática apresentada pelo cliente; o processo terapêutico.</p>

<p><i>na relação com o paciente? Que paciente é este? Que problema é que está aqui? Que processo está a decorrer? Se eu me lembrar destas... (aqui são quatro) se eu me lembrar destas quatro coisas, e tento lembrar-me em cada supervisão, ou seja, que paciente é este, que processo é este, que terapeuta é este com este paciente, porque depois, com cada paciente terá uma relação diferente e como é que ele está aqui comigo e com o resto do grupo. (42'42'')</i></p>	
<p>70. E – O supervisor é aquele que “supervê”, não é? Vê mais do que os outros? (risos) P1 – Pois, esse é o conceito de supervisão que eu não gosto. Eu não creio que veja mais do que os outros, (reflecte) o que eu quero é que o terapeuta não tenha receio de ir vendo... é sobretudo isso. Não creio que veja mais do que... porque, às vezes, não vejo mesmo, de todo, ok?</p>	<p>70. Para P1, um supervisor não tem capacidades extraordinárias, nem tampouco superiores aos supervisandos. Contudo, deverá ser capaz de ir aceitando o que se revela, independentemente da confrontação com as limitações que isso possa significar, postura que procura ver transposta para os seus supervisandos, enquanto futuros terapeutas.</p>
<p>71. Às vezes, há coisas que eu não consigo ver e sabe, no fundo, não acho que isso seja muito problemático. Se eu nunca conseguir ver nada, se calhar, é problemático (risos), agora, o que me importa é que no processo de tentar ver... humm... a gente consiga ir vendo alguma coisa.</p>	<p>71. P1 assume que nem sempre consegue ter uma compreensão abrangente dos casos apresentados, nem considera isso problemático. Para P1, é importante para um supervisor a capacidade de tolerar o facto de nem sempre ter respostas, desde que mantenha a abertura e a intenção para a possibilidade de vir a compreender.</p>
<p>72. É mais este processo que eu tento engajar (43'44''), ok? <i>Vamos tentar olhar para isto</i> e numa tentativa de descrição fenomenológica da coisa que está ali, que é trazida para supervisão, nós tentamos ver alguma coisa.</p>	<p>72. P1 propõe-se supervisionar a partir duma postura fenomenológica, isto é, uma abordagem descritiva que incite a revelação do problema ou questão tal como se apresenta.</p>
<p>73. Agora...supervisão, “superver”... é anti postura fenomenológica, porque eu já sei que vejo, já estou a ver alguma coisa... já estou a ver... <i>eu já te estou a ver</i> (tom irónico)(risos) é quase esta ideia. Para já, eu acho que isso é treta.</p>	<p>73. Para P1, se tomada à letra a palavra supervisão, o próprio processo pode revestir-se de posturas erróneas quanto à noção de espaço de aprendizagem. Uma postura assente em pressupostos a respeito de pessoas e, ou problemáticas, pode ver reduzidas as possibilidades de uma amplitude de perspectivas sobre um assunto ou uma pessoa.</p>
<p>74. Não acredito que nenhum supervisor sério ache que já vê as coisas antes sequer de</p>	<p>74. P1 defende que a qualidade de um supervisor é questionável se conceber, à partida, que os seus</p>

<p>procurar, seja lá o que for.</p>	<p>pressupostos sejam condição para perceber o que quer que seja, inibindo-se de procurar compreender o que se vai revelando.</p>
<p>75. E assusta-me, de alguma maneira, esse tipo de postura em que <i>eu chego e já sei o que é que está aqui...</i> humm... e depois acho que não ajuda nada, porque não vamos à coisa em si, ao fenómeno que está ali a acontecer,</p>	<p>75. P1 não concorda com o tipo de postura que parta de certezas sobre as questões que se levantam em supervisão, pois podem perder-se as possibilidades de compreensão do problema ou questão, tal como surgem.</p>
<p>76. e é curioso que às vezes até eu acho que vejo alguma coisa e digo, <i>pá, ok, se calhar está a passar-se isto</i>, depois quando eu começo a explorar fenomenologicamente e ponho de lado as minhas teorias, grande parte das vezes descubro que as minhas teorias são só as minhas teorias e serviam só para eu achar que já sabia alguma coisa. Felizmente, algumas vezes consigo pô-las de lado, outras vezes não. Outras vezes chego lá a dizer que sei alguma coisa e às vezes corre muito mal, ok? Portanto...</p>	<p>76. De acordo com a experiência pessoal de P1, as hipóteses colocadas com base em pressupostos teóricos e, ou pessoais, podem servir para garantir confiança ao supervisor, mas muitas vezes afastam-se da forma subjectiva como as problemáticas se manifestam.</p>
<p>77. E – Se pudesse substituir o termo supervisão, por aquilo que realmente acha que é aquele processo e aquele acontecimento... quer pensar um bocadinho como é que substituíá? Como é que lhe chamava? (risos) P1 – Se calhar, gosto mais do termo <i>intervisão</i>, que é usado entre pares... humm... porque aí é uma tentativa de visão, se quisermos voltar aquela metáfora do ver mais...</p>	<p>77. Para P1 faz mais sentido denominar como <i>intervisão</i>, a supervisão que idealiza e que tenta promover, já que não se arroga como o interveniente no processo que detém mais ou melhor conhecimento. Na sua perspectiva, a procura de compreensão das coisas tal como se apresentam, que são discutidas entre pessoas entre as quais a assimetria não é relevante e que relaciona com o que acontece numa <i>intervisão</i>, seria a forma ideal de conduzir um processo de supervisão.</p>
<p>78. mas não sei... eu percebo que tenha que haver alguém que supostamente tem mais experiência, que supostamente sabe mais, entre aspas... humm... porque isso, nem que seja pelo sentimento de segurança que isso transmite ao supervisando... humm... e realmente alguma experiência faz diferença, sem dúvida, não digo que não.</p>	<p>78. No entanto, P1 concebe que também seja importante numa supervisão que alguém seja reconhecido como mais experiente e detentor de mais conhecimentos, porque isso pode influenciar o sentimento de segurança dos supervisandos. P1 refere que, de facto, uma das componentes que pode fazer diferença numa supervisão é a experiência do supervisor.</p>
<p>79. Se eu me sinto mais confortável hoje em dia a fazer supervisão do que há sete anos atrás, ou oito, ou lá o que for... humm... tem a ver com essa experiência. Curiosamente,</p>	<p>79. A experiência que P1 considera ser importante para o supervisor e no processo de supervisão, diz respeito à capacidade de aceitação e tolerância relativamente às suas próprias</p>

<p>não tem a ver com eu propriamente saber mais, tem a ver com eu estar mais em paz com aquilo que não sei, o que é curioso (risos).</p> <p>E – Isso foi bonito.</p> <p>P1 – ... sim, mas...</p> <p>E – ... sim, mas foi dito com...</p> <p>P1 – ... é que se trata sobretudo disso, porque...</p> <p>E – Eu acreditei.</p> <p>(risos)</p>	<p>limitações, desenvolvida ao longo do tempo, mais do que ao acumular de conhecimentos.</p>
<p>80.</p> <p>P1 – E, e é isso que eu tento transmitir cada vez mais nas minhas supervisões. <i>Pá, estejam em paz com aquilo que não sabem.</i></p>	<p>80.</p> <p>Para P1 é importante tentar reforçar junto dos supervisandos que devem aceitar tranquilamente as suas próprias limitações.</p>
<p>81.</p> <p>Uma coisa é fazer coisas graves e eticamente erradas, outra coisa é fazer asneiras. Eu digo-lhes sempre, <i>ouçam, não há nenhuma sessão em que eu não faça, pelo menos, umas sete ou oito asneiras, portanto se eu posso fazer, vocês também podem fazer.</i></p>	<p>81.</p> <p>P1 distingue aquilo que considera passível de evitar – as falhas com gravidade dos princípios éticos – do que não é suposto inibir – falhas relativas a inexperiência clínica, ou limitações pessoais – para desdramatizar a ocorrência dessas falhas. Nas sessões de supervisão apresenta-se como alguém que também comete erros, conferindo-lhes a possibilidade de se equipararem consigo nesse aspecto, apesar do estatuto formal que o designa enquanto supervisor.</p>
<p>82.</p> <p>O problema não está nas asneiras que a gente faz, mas sim na nossa capacidade de estar atento a elas.</p>	<p>82.</p> <p>Para P1, mais importante que a tentativa de não falhar é a capacidade de reconhecer quando isso acontece.</p>
<p>83.</p> <p>E às vezes dou exemplos de como... humm... há uns anos atrás, o professor D. fez um estudo sobre eventos significativos e eu também fui um dos entrevistados e, curiosamente, nós falámos de um paciente, falámos de vários, mas um paciente em particular teve muita piada. O evento significativo mais importante de todos, para mim e, curiosamente depois para o paciente foi o mesmo. Foi uma sessão em que eu só fiz merda na sessão toda, ok? Foi das piores sessões que eu fiz na minha vida (risos).</p>	<p>83.</p> <p>P1 descreve um exemplo entre outros que costuma apresentar em sessões de supervisão, em que, no âmbito de um estudo sobre eventos significativos, percebeu a correspondência entre si e o cliente, do evento eleito como mais importante, apesar de ter sido uma sessão que considera como tendo sido uma das piores da sua vida. Uma sessão em que reconhece ter cometido muitas falhas.</p>
<p>84.</p> <p>E foi um momento de viragem para o paciente e foi um momento importantíssimo para mim. Quer enquanto terapeuta daquele paciente, mas também para mim enquanto</p>	<p>84.</p> <p>P1 identifica o evento significativo eleito por ambos como promotor de mudança para o cliente e como muito importante para si, na qualidade de terapeuta e em termos pessoais.</p>

<p>85.</p> <p>... e o que fez diferença não foi a asneira, ou melhor, a asneira acabou por fazer diferença, no sentido positivo, mas a asneira não foi problemática e só não foi problemática por uma razão, porque eu pude reconhecer isso. E não só ela não se tornou problemática, como foi um momento de viragem, ou seja, não... e isto é um exemplo que eu costumo dar, ou seja, <i>não se preocupem de fazer asneiras. As asneiras, às vezes, são um ótimo momento para a terapia dar um salto... mas isso só pode acontecer se vocês estiverem atentos às asneiras que fazem.</i></p>	<p>85.</p> <p>P1 partilha este exemplo com os supervisandos, na tentativa de que compreendam que mesmo as coisas erradas que se fazem em terapia, podem ter consequências positivas e serem promotoras de mudança, isto é, servir um dos objectivos da terapia. No entanto, isso só pode acontecer se tiverem a capacidade de reconhecer em primeiro lugar, que os erros estão intrinsecamente ligados à condição humana devendo-se-lhes uma atenção interessada, no sentido da aprendizagem.</p>
<p>86.</p> <p><i>Pá, e esqueçam essa porcaria de querer ser bons terapeutas e de não fazer asneiras, porque isso só atrapalha, não ajuda em nada a relação terapêutica e nunca serão melhores terapeutas por isso, porque nunca chegarão lá.</i></p>	<p>86.</p> <p>P1 recomenda aos supervisandos que não devem almejar a ser terapeutas isentos de falhas, pois essa presunção dificulta a relação terapêutica e, na realidade, é um objectivo inalcançável.</p>
<p>87.</p> <p><i>Vocês vão ser sempre fazer asneiras, sempre, sempre, sempre, sempre (risos). Por melhores que sejam... e no dia em que não fizerem asneiras, pá, aquela terapia não vai funcionar, de certeza.</i></p>	<p>87.</p> <p>Dirige-se aos supervisandos confrontando-os com o facto de as asneiras estarem sempre presentes, mesmo se forem adquirindo as competências desejadas enquanto terapeutas. Questiona mesmo se uma terapia poderá funcionar, num quadro hipotético de ser conduzida por um terapeuta que não comete falhas.</p>
<p>88.</p> <p><i>Porque aí, vocês já não serão humanos...e... e o paciente já se estará a relacionar com uma máquina e vai ser uma seca desgraçada. E não vai funcionar. Eu acredito que não vá funcionar mesmo.</i></p>	<p>88.</p> <p>Para P1, uma terapia na qual o cliente não perceba o terapeuta como um ser humano, tal como ele, ficará com o sentimento de estar a dirigir-se a uma máquina, pervertendo os contornos da relação e tornando inviáveis as condições para a concretização dos objectivos da terapia.</p>
<p>89.</p> <p>E – Sente que os seus objectivos conseguem “passar” para os supervisandos? O seus objectivos... a forma como tenta por em prática tudo isso que me tem estado a dizer? (risos)</p> <p>P1 – Eu, curiosamente a sensação que eu tenho, e modéstia à parte... humm... é que cada vez mais eu consigo mais um bocadinho disso. Eu sinto que também o</p>	<p>89.</p> <p>P1 explicita que o facto de sentir em si próprio uma evolução, no sentido da auto-compreensão e auto-realização o faz perceber que tem vindo a conseguir por em prática o que se propõe fazer em supervisão. A relação consigo próprio enquanto supervisor e terapeuta, gradualmente construída, contribuem para que concretize os objectivos que idealiza para a supervisão.</p>

<p>facto de eu estar mais à vontade para poder estar com esta minha maneira de ser e de estar, e com esta minha maneira de pensar a supervisão e de pensar a psicoterapia, de facto, isto ser cada vez mais... fazer-me mais sentido também a mim...</p>	
<p>90. hummm... se calhar se fosse há uns anos atrás isto não me faria tanto sentido, apesar de já estar lá, não estava tão concretizado.</p>	<p>90. Apesar de no início da sua prática como supervisor possuir as condições que considera importantes para o tipo de supervisão que pretende fazer, foi só com o decorrer do tempo e da experiência que conseguiu sentir-se confiante para a concretização efectiva dos seus objectivos.</p>
<p>91. O facto de eu estar mais à vontade com isto, de isto me fazer mais sentido também facilita com que a minha postura seja cada vez mais esta.</p>	<p>91. A confiança em si próprio enquanto supervisor e a maior autenticidade, têm-lhe proporcionado uma coerência aplicável na supervisão, sentindo-se mais à vontade.</p>
<p>92. E aquilo que eu vou notando, é que eu sinto que há uma evolução ao longo... normalmente eu acompanho os grupos durante um ano... um ano de supervisão lá na SPPE (50'52'') e vou notando que isto vai passando... hummm... mas isso depende muito da pessoas que está do outro lado.</p>	<p>92. Embora dependa do grupo que acompanha, atendendo à diversidade, P1 considera que existe uma evolução ao longo do processo de supervisão, no sentido da concretização dos objectivos a que se propõe.</p>
<p>93. Sinto que passa cada vez mais, agora depois isso vai depender do grau de abertura da pessoa para poder receber estas, estas coisas...</p>	<p>93. P1 percebe claramente que faz parte do processo de supervisão, a capacidade crescente dos supervisandos compreenderem a importância de estarem abertos a várias possibilidades, aceitando as limitações, que tenta transmitir na sua forma de fazer supervisão.</p>
<p>94. e há pessoas em que noto uma evolução tremenda (gesto largo), há pessoas que eu noto um bocadinho assim (gesto pequeno) de evolução, mas isso também é muito subjectivo. Há pessoas que se evoluírem assim tanto, é uma coisa enorme e há pessoas que se evoluírem isto (gesto pequeno), pá já têm uma capacidade tão grande de evoluir, se evoluírem isto, não é tão grande como o outro que...</p>	<p>94. P1 distingue a margem de evolução de cada supervisando e os esforços e sucessos, tendo em conta a subjectividade de cada um. Considera haver níveis de desenvolvimento diferentes, a partir de potenciais diferentes.</p>
<p>95. E – ... como um pequeno progresso em</p>	<p>95. P1 considera que supervisandos com menor</p>

<p>alguém que seria mais difícil...</p> <p>P1 – ... mais fechado, mais tenso, mais rígido no seu trabalho, mais <i>ninguém me questione...</i> ou <i>eu quero é aprender a fazer tudo certinho e eu faço tudo certinho, o mais possível...</i> pá, estas pessoas, às vezes é muito difícil chegar até elas, pelo menos a partir desta perspectiva.</p>	<p>capacidade de se deixar transformar, menor flexibilidade, maior rigidez no que respeita a colocar de lado crenças e pressupostos, tornam mais difícil a abordagem que usa.</p>
<p>96.</p> <p>E – Então, já me disse assim numa forma muito entusiasta o que considera importante, qual é a sua postura... então, para fazermos assim uma espécie de finalização, dentro do tema da supervisão informada pelo modelo existencial, o que é para si ser um supervisor de inspiração existencial? (52’29’’) (risos)</p> <p>P1 – Acho que é... para mim, é isto (tom firme). Isto que eu estive a dizer-lhe... humm... o que o <i>chavão existencial</i> pode ter de diferente, é que obviamente eu estou atento a algumas questões fenomenológico-existenciais, porque por um lado a fenomenologia está aqui presente naquilo que eu lhe disse, ou seja, esta postura do não trazer pré-conceitos, do não-saber que já sei qual é o tema do supervisando.</p>	<p>96.</p> <p>Para P1, um supervisor de inspiração existencial é, acima de tudo, alguém que promove junto dos supervisandos a capacidade de evoluir, no sentido de se tornarem flexíveis e abertos a diversas possibilidades. Alguém que está atento à sua própria postura de abertura ao desconhecido, que mantém a capacidade de reflectir a partir duma perspectiva de descoberta, sem pré-conceitos.</p>
<p>97.</p> <p>A minha exploração é sempre fenomenológica, ou seja, a minha postura é tentar, <i>ok, fale-me um bocadinho mais disso, então fale-me do que se está a passar entre vocês os dois, ou diga-me mais sobre isso</i>, ou seja... é muito exploratório, muito aberto, é muito fenomenológico, nesse sentido...</p>	<p>97.</p> <p>Enquanto supervisor de inspiração fenomenológico-existencial, P1 mantém uma postura exploratória e predisposta à descoberta, numa parceria com os supervisandos.</p>
<p>98.</p> <p>humm... é hermenêutico também no sentido em que depois eu tento ligar as coisas e criar uma espécie de interpretação, a partir da exploração fenomenológica... é também hermenêutico...</p>	<p>98.</p> <p>Identifica-se com a abordagem fenomenológico-existencial também pelo método de compreensão que usa, ou seja, procurando significados através de ligações entre conteúdos e sentidos.</p>
<p>99.</p> <p>e é existencial porque também estou atento a alguns dos nossos famosos temas existenciais. Não só os existenciais propriamente ditos, a liberdade, a morte, a interpessoalidade e por aí adiante...</p>	<p>99.</p> <p>Ainda pela atenção dada aos temas existenciais como a morte e a interpessoalidade, P1 identifica-se com a abordagem fenomenológico-existencial.</p>
<p>100.</p>	<p>100.</p>

<p>hummm... mas também a relação que a pessoa do paciente do meu supervisando tem com a vida, como é que ela está-no-mundo, as suas <i>worldviews</i>, e por aí adiante,</p>	<p>P1 identifica-se também com a abordagem fenomenológico-existencial através da consideração que tem por aspectos do cliente, trazidos para o espaço de supervisão, como por exemplo a forma como este se relaciona com a vida e com a sua existência, ou as suas crenças e formas de se relacionar com o mundo.</p>
<p>101. ou seja, estas questões também estão presentes e tento ver como é que... se isso é uma questão em termos psicopatológicos, ou se isso traz alguma perturbação emocional na vida do paciente, embora aí seja uma coisa já mais analítica, digamos assim.</p>	<p>101. Enquanto supervisor de inspiração fenomenológico-existencial, P1 também considera aspectos do cliente e das preocupações que o levaram a iniciar um processo psicoterapêutico, procurando perceber se as questões existenciais poderão estar a influenciar negativamente o seu bem-estar emocional e, ou desencadear processos psicopatológicos.</p>
<p>102. Já parece aí a supervisão mais clássica, não é? Que o supervisando está lá... para dizer, <i>ok, o seu paciente que tem este problema, então, o que você tem de fazer é isto</i>. Isso também... é a aquilo que eu considero menos importante, mas também acho que é importante.</p>	<p>102. P1 estabelece uma comparação com a visão mais clássica da supervisão, na qual o supervisor oferece uma solução para as inquietações do supervisando, relativamente a eventuais perturbações psicopatológicas do cliente. Na sua opinião, esta vertente da supervisão, embora de menor relevância, também é importante.</p>
<p>103. E – Também está presente na sua forma de fazer supervisão... P1 - Sim, sim, sim. Cada vez mais, curiosamente. Antes, se calhar, tinha menos, mas fui percebendo que para os meus supervisandos era importante terem uma leitura do que se passava e também percebi que isto era importante em termos de processo. Saber onde é que se leva esta terapia. <i>Para que lado é que se leva esta terapia? O que é que se está a passar aqui?</i> E, portanto, é algo que eu também tenho vindo a dar cada vez mais atenção.</p>	<p>103. P1 reconhece que a postura que descreve como mais clássica, em que o supervisor oferece resposta para um problema, relativamente ao desenrolar do processo terapêutico, é importante para os supervisandos, recorrendo cada vez mais a ela. Sendo importante fornecer aos supervisandos uma leitura clínica do caso que apresentam, P1 tem vindo a estar mais atento a esta dimensão da supervisão.</p>
<p>104. Antes estava muito mais preocupado com a questão da relação terapêutica... mas sim... e aqui a parte existencial informa bastante a minha supervisão.</p>	<p>104. P1 refere que até ter consciência da importância atribuída pelos supervisandos à apreciação clínica do caso através da abordagem existencial, pelo supervisor, o seu foco era mais na relação terapêutica.</p>
<p>105. Digamos que é então uma mistura entre o fenomenológico (55'42''), no sentido de tentar perceber a coisa a partir dela própria</p>	<p>105. Sintetiza a sua postura na supervisão informada pela abordagem fenomenológico-existencial, assente em dois eixos principais, ou seja,</p>

<p>e depois o existencial aí para ajudar a compreender, fazer uma espécie de meta-análise da coisa... do fenómeno que é trazido. Ok, penso que é isto.</p>	<p>assente numa primeira apreciação do fenómeno, tal como este se manifesta e numa posterior análise compreensiva, do ponto de vista existencial.</p>
<p>106. E – Gosta do que faz? P1 – Sim, gosto imenso do que faço. Gosto imenso de fazer supervisão. É talvez a coisa que eu mais gosto de fazer, em termos de formação de psicoterapeutas. É aquilo que me dá mais...</p>	<p>106. No que concerne a formação de psicoterapeutas, P1 refere a supervisão como aquilo que lhe proporciona mais satisfação.</p>
<p>107. mais do que aulas teóricas, que não gosto muito... humm... não gosto muito (sorri) dar aulas teóricas... humm... ou mais do que nas díades, que também gosto imenso de fazer. Supervisão é aquilo que me dá mais gozo, sem dúvida.</p>	<p>107. Comparativamente a dar aulas teóricas ou trabalhar em díade, P1 elege a supervisão como a actividade que mais gosta.</p>
<p>108. E – Muito bem. Não sei se me quer colocar alguma questão... P1 - ... não... E - ... se quer pegar em algum ponto que tenha falado e gostasse... que entretanto tenha surgido mais alguma coisa e gostasse de dizer... P1 – Não, não há assim mais nada.</p>	<p>108. Convidado a colocar questões ou explorar algum ponto da entrevista, P1 declina.</p>
<p>109. Há uma pergunta que me fez há bocado que me fez algum sentido e que entretanto não fui a ela, ok... (olha para relógio) tenho alguns minutos... que é o que não é importante, ou o que é que atrapalha uma supervisão... E – O que pode dificultar o processo... P1 – O que pode dificultar, é isso, uma supervisão... na altura eu falei do que não atrapalha e depois não falei do que atrapalhava... (inspira e reflecte) O que é que pode atrapalhar uma supervisão? (pausa reflexiva) Para além de eu estar num mau dia, isso às vezes atrapalha (risos) a minha capacidade de estar aberto e de estar atento ao que se está a passar ali e de estar aberto para poder moldar-me aos meus supervisandos, ou àquilo que é trazido, isso influencia bastante...</p>	<p>109. Após reflectir um pouco, P1 volta a mencionar uma questão anterior da entrevista que lhe suscitou interesse, mas que não explorou, que se prende com aspectos que possam dificultar uma supervisão. P1 evoca o facto de se encontrar num mau dia como podendo dificultar a sua capacidade de atenção, abertura e flexibilidade, influenciado o decurso da sessão. Segundo P1, as condições pessoais do supervisor influenciam o processo de supervisão.</p>
<p>110. porque nesta postura implica eu estar muito</p>	<p>110. No seu entender, precisa adaptar-se às</p>

<p>aberto para eu ir... digamos, fazer este movimento de adaptação (faz movimento ondulatório de zigue-zague com as mão e antebraços) àquilo que está ali a surgir no grupo de supervisão... humm... (pausa reflexiva) sim,</p>	<p>dinâmicas do grupo e às situações apresentadas para que a supervisão resulte, sendo que para isso necessita sentir-se ele próprio, nas melhores condições possíveis.</p>
<p>111. aquilo que atrapalha muito é ter supervisandos muito (acentua a vogal “u”) defensivos, mas novamente isso faz parte do desafio também, não é... (pausa reflexiva).</p>	<p>111. Aponta o excesso de atitudes defensivas dos supervisandos como uma grande dificuldade em supervisão, no entanto, considera isso como um desafio a contornar.</p>
<p>112. Com um supervisando defensivo, o desafio será realmente devagarinho, tentar... tentar ir até onde pudermos com aquela pessoa... humm... neste momento não me recordo de ninguém que tenha sido... já tenho tido pessoas muito defensivas, mas não senti que não tivesse havido algum tipo de progresso, portanto, até mesmo em... o desafio acaba por ser esse mesmo.</p>	<p>112. O desafio de tentar contornar algum fechamento por parte dos supervisandos, que impeça o natural progresso da aprendizagem, é encarado por P1 como um estímulo, optando por abordagens cuidadosas de acordo com a capacidade de cada um.</p>
<p>113. Até nem sei se isso é um problema... creio que é um problema para a pessoa do supervisando, porque vai demorar muito mais tempo a desenvolver o seu processo, enquanto terapeuta (58’58’’), ou seja, para ele será realmente.</p>	<p>113. Considera o fechamento defensivo dos supervisandos como um problema para os próprios, que compromete o processo de aptidão para a prática da terapia.</p>
<p>114. Agora, para mim enquanto supervisor, é o desafio de tentar fazer o máximo que eu puder com aquela pessoa, ir o mais longe possível na sua capacidade de autoquestionamento. É isso.</p>	<p>114. P1 encara o desafio de facilitador do desenvolvimento do supervisando como um estímulo para o qual investe tanto quanto lhe for possível, empenhando-se para que o segundo adquira a capacidade de autoquestionamento.</p>
<p>115. E – Eu agradeço muito ter voltado a essa questão e vou ter que lhe fazer mais uma pergunta... (risos) P1 – ... ok! Três minutos. E – Disse que o que podia dificultar era um “dia mau”, seu... isso obriga-o a ter mais dias bons do que maus...? P1 – Não me obriga, no sentido em que não me posso obrigar a tal coisa... (risos) E – Como é que gere isso? Como é que se cuida, para poder estar o melhor possível? P1 – Se calhar, cuido-me tendo alguns cuidados comigo próprio e com a minha</p>	<p>115. Relativamente à exigência que o trabalho de supervisor possa implicar, P1 refere ter alguns cuidados para manter a sua disposição e bem-estar geral.</p>

<p>vida, com a minha existência, não é...? No sentido de eu estar bem comigo próprio...</p>	
<p>116. a minha terapia pessoal que foi fantástica, durante muitos anos, os anos que eu senti que eu precisei de os fazer, que foram... ao todo, foram oito anos de terapia pessoal...</p>	<p>116. Menciona a sua terapia pessoal como um dos factores que inclui nos cuidados que tem consigo, para poder estar à altura do desafio de ser supervisor. Classifica os oito anos de terapia pessoal que realizou como muito satisfatórios.</p>
<p>117. humm... ter uma boa família, amar a minha mulher... humm... fazer muito amor e sexo (risos). Ter uma boa família ajuda imenso. Estava agora a brincar consigo, embora também ache que é importante (risos) do sexo e do amor... mas ter um bom <i>background</i> é fundamental, pelo menos para mim, para a minha prática. Não só para a minha prática enquanto terapeuta, mas também como supervisor.</p>	<p>117. Outros aspectos que contribuem para o bem-estar de P1, necessários para garantir a qualidade da prática clínica e de supervisão, são o bom suporte familiar, a relação com a mulher ancorada no amor, incluindo a vertente sexual satisfatória. Para P1, as dimensões pessoais são importantes para alimentar uma boa prática enquanto terapeuta e enquanto supervisor.</p>
<p>118. O facto de eu saber... a maioria das aulas de supervisão que eu dou são à sexta... eu venho para casa e vão lá estar as pessoas que eu mais gosto. Mesmo que eu vá de rastos, a ideia é, <i>ok, daqui a bocado eu vou para casa</i>. Ou mesmo quando aquilo está a correr mal, <i>ok, daqui a bocado vou para casa e sou bem acolhido e há pessoas de quem eu gosto imenso...</i> creio que isso é das coisas que mais me protegem e que, se calhar, cria essa maior capacidade de me adaptar a um dia mau... embora, às vezes o dia é e é mau, ponto final...</p>	<p>118. De acordo com P1, a capacidade de adaptação à exigência do trabalho de supervisor advém da protecção oferecida pela boa relação familiar e pelo sentimento de conforto e acolhimento que esta lhe proporciona.</p>
<p>119. quer dizer... não sou super-homem, de maneira nenhuma. Tenho imensos dias maus, também choro, também me entristeço, também sinto raiva... mais do que eu gostaria... humm... e às vezes é difícil, às vezes é difícil estar numa supervisão e sentes as coisas...</p>	<p>119. P1 assume a sua vulnerabilidade enquanto ser humano, nas suas infundáveis possibilidades de oscilação emocional. Reconhece que algumas vezes existem momentos emocionalmente difíceis em supervisão.</p>
<p>120. se há ali alguém muito defensivo, se as coisas correm mal... às vezes é muito difícil, mas também o desafio é esse. É tentar conseguir alcançar alguma coisa, mesmo com o difícil...</p>	<p>120. O desafio de não se deixar demover pelas dificuldades que podem surgir em supervisão, nomeadamente com supervisandos em atitudes defensivas, não deixa de ser um estímulo para P1.</p>

<p>121. e às vezes demoram, às vezes um grupo de supervisão até pode ficar duas, três, quatro, cinco sessões em que a coisa está ali mesmo emperrada e há muita tensão, sentes ali muito conflito... às vezes é difícil, mas o desafio está aí.</p>	<p>121. Referindo-se a momentos difíceis em supervisão, P1 menciona a tensão que por vezes pode instalar-se durante várias sessões, mas mais uma vez, mostra uma atitude entusiasta quanto ao desafio que isso representa.</p>
<p>122. E – Então, se me permite, e usando as suas palavras, agradeço não ao super-homem, mas ao supervisor... (risos) E - ... agradeço muito ter colaborado. P1 – Obrigado, eu... fez-me reflectir um bocadinho mais sobre a supervisão. (1h02m35s)</p>	<p>122. P1 agradece a oportunidade que a entrevista lhe proporcionou para reflectir sobre a supervisão.</p>

ANEXO E. Tabela Unidades de Significado – P2

Unidades Significado	Unidades Significado Psicológico
<p>1. E – ... ah, e obrigada... eu devia ter começado pelo, obrigada por me receber... P2 – Não, eu gosto. Eu também tenho alunos a fazer essa investigação no meu próprio seminário e portanto... E – Mas também sobre supervisão? P2 – Não! (risos) Sobre os mais variados temas, mas enfim, também precisam que as pessoas colaborem (risos). E – Ok. Então, para que conste na entrevista, se me puder descrever, tão detalhadamente quanto possível, o que é para si a experiência de supervisão inspirada pelo modelo existencial, ou não, se quiser falar doutras vertentes, por favor... P2 – Sim, quer dizer, vou-me limitar ao modelo existencial porque é aquele em que, eventualmente a sua investigação está a ser feita, não é? Mas... enfim, o que é que eu posso dizer? Posso dizer que para mim tem sido, para já, um grande prazer. É uma coisa que eu gosto muito de fazer. Posso dizer que me dá gozo ser supervisor.</p>	<p>1. Referindo-se à prática de supervisão dentro do modelo existencial, P1 afirma ter muito prazer em realizar a actividade. P2 gosta muito de ser supervisor.</p>
<p>2. Eu já tinha, sempre tive... quando era supervisando, quando fui supervisando e fui supervisando de muita gente... de algumas pessoas, fui tendo mais ou menos as minhas ideias sobre o que era uma boa supervisão e o que eu procuro fazer é, fazer a supervisão que eu gostaria de ter. Fundamentalmente, é isso que eu faço. É fazer, o mais possível e dentro das minhas capacidades, limitadas, mas fazer a supervisão que eu próprio gostaria de... de ter tido.</p>	<p>2. Enquanto supervisando, P2 teve experiências diversificadas e foi construindo, de acordo com a sua perspectiva, o modelo ideal de supervisão. Na qualidade de supervisor propõe-se fazer o tipo de supervisão que vá de encontro à ideia que construiu, com base nas suas preferências, ciente das próprias limitações.</p>
<p>3. Não quer dizer que não tenha tido boas supervisões, mas havia sempre um ou outro aspecto que me desagradava.</p>	<p>3. Relativamente à qualidade das supervisões que experienciou no passado enquanto supervisando, considera-as em parte positivas, apesar de haver aspectos que lhe desagradavam, na maioria das vezes.</p>

<p>4. E agora eu procuro, de facto, não ir por aí... humm... por exemplo, procuro que a minha supervisão tenha um ambiente muito descontraído. É uma das coisas que eu... porque... isto exactamente por contraste com outras supervisões em que eu fui supervisando, ou que assisti e que não eram descontraídas, eram... as pessoas iam para lá tensas, com medo de serem criticadas.</p>	<p>4. Enquanto supervisor, P2 procura promover um ambiente descontraído, em oposição às supervisões que experienciou no passado, nas quais os supervisandos não se sentiam confiantes e seguras para expor as suas vulnerabilidades. De acordo com P2, um ambiente que não seja descontraído nos contextos de supervisão gera tensão e medo nos supervisandos.</p>
<p>5. E eu faço exactamente o contrário. Um ambiente descontraído, um ambiente onde as pessoas se sintam bem, onde as pessoas não tenham medo de se expor, porque não vão ser criticadas. Isso para mim é fundamental.</p>	<p>5. Ao contrário do que vivenciou nas supervisões do passado, P2 afirma promover um ambiente descontraído, no qual os supervisandos possam sentir-se seguros e não tenham medo de ser criticados, o que considera fundamental. Desta forma vai facilitar a confiança necessária para que exponham as suas fragilidades.</p>
<p>6. Vão é ser apoiadas e, eventualmente, aqui ou ali, fazer sugestões de alguma correcção, de alguma coisa que eventualmente estejam a fazer mal, mas sempre posto sobre a tónica da sugestão e nunca sobre a crítica, ou fazer com que a pessoa se sinta mal.</p>	<p>6. A postura de P2 em relação aos supervisandos é apoiante, não se inibindo de apresentar sugestões de melhorias, mas sempre com carácter constructivo e tonalidade moderada, por forma a que não se sintam criticados ou ameaçados.</p>
<p>7. Já bem basta que as pessoas que estão em supervisão, dum modo geral, têm pouca prática clínica e, portanto, tendo pouca prática clínica... humm... já bem basta o que elas próprias se culpabilizam por não terem feito as coisas como deviam ser, ou por pensarem que poderiam ter feito melhor, ou por pensarem que não estão a ser eficazes e por aí fora, não é? Portanto, há muita preocupação de fazer as coisas bem feitas.</p>	<p>7. P2 compreende que a pouca prática clínica que os supervisandos têm em contexto de formação, acarreta inseguranças e níveis de exigência consigo próprios bastante elevados. Estes aspectos são geradores de culpabilização por eventuais sentimentos de ineficácia, acrescido da preocupação em corresponder a expectativas próprias e projectadas no supervisor. P2 considera que esta já é uma condição, por si, bastante difícil para ser sobrecarregada com posturas críticas do supervisor, geradoras de tensão e desconforto.</p>
<p>8. E portanto, a minha primeira tendência é desdramatizar. Não há nada disso, o que há é várias possibilidades e eu procuro fazer supervisão como faço terapia, não é muito diferente. E – Humm...</p>	<p>8. A postura de P2 é de tentar desmistificar a ideia de perfeição, ou soluções únicas, sensibilizando os supervisandos para a ideia de que devem estar abertos a várias possibilidades e diferentes perspectivas. P2 assume que é uma postura semelhante à que tem na sua prática clínica.</p>
<p>9. P2 – É, pura e simplesmente, por as</p>	<p>9. P2 refere a centralidade que atribui à reflexão</p>

<p>peças à vontade e tentar explorar diferentes possibilidades, em relação àquelas. Sobretudo se a pessoa, habitualmente, traz aqueles casos onde sente algum impasse e não está bem a perceber por onde é que há-de ir, a ideia aqui é alargar o leque de possibilidades e pensarmos em conjunto como é que podemos fazer, no sentido de abrir novas possibilidades e novos caminhos. A ideia é sempre essa.</p>	<p>conjunta, no sentido de por em perspectiva várias possibilidades de opção na condução dos casos, sobretudo naqueles que os supervisandos apresentam maiores dificuldades. Procura transmitir aos supervisandos que é possível, através da reflexão conjunta, enriquecer o processo de procura de soluções.</p>
<p>10. E – Quando diz em conjunto, refere-se a si e ao supervisando, ou ao grupo todo? P2 – Sim, ao grupo. Portanto, dum modo geral como eu faço é, a pessoa apresenta o seu caso, depois de apresentar o seu caso eu alargo para... pergunto a opinião das outras pessoas que vão dizendo coisas e vão ajudando. Portanto a supervisão em grupo é assim, quer dizer, com muita participação de todos, que eu encorajo ao máximo</p>	<p>10. P2 solicita e encoraja todos os elementos do grupo de supervisão a participar activamente no processo de reflexão acerca de um caso trazido por um dos supervisandos. Proporciona a possibilidade de todos apresentarem opiniões sobre um caso particular de um colega, opiniões que são valorizadas e consideradas úteis na procura de entendimento e de respostas.</p>
<p>11. e no final eu também dou as minhas contribuições a um título que não é o título de... habitualmente reservo-me para o final porque tenho mais experiência, mas quer dizer, as minhas contribuições não são, à partida, melhores do que as dos outros. É apenas uma questão de, eventualmente, ter mais experiência e, sobretudo, também ter mais bagagem teórica, o que faz com que muitas vezes...</p>	<p>11. No processo de discussão dos casos clínicos trazidos pelos supervisandos, P2 reserva-se para o final para emitir opiniões. Depois de ter proporcionado a todos os elementos do grupo a possibilidade de reflexão e expressão de opinião, contribui para a discussão a partir da sua maior experiência e conhecimentos teóricos considerando, no entanto, as suas opiniões tão válidas quanto as dos supervisandos.</p>
<p>12. é uma coisa que também me dá muito prazer, porque vejo que dá prazer aos supervisandos, que é conseguir ligar a teoria à prática.</p>	<p>12. P2 tem muito prazer na transmissão de conhecimentos que permitam aos supervisandos fazer a ligação da teoria à prática, pois reconhece que também é muito satisfatório para eles.</p>
<p>13. Dum modo geral, as pessoas têm muita dificuldade nisso. (05'09'') Aprendem muita teoria por um lado, vão tendo prática por outro, mas muitas vezes mesmo em supervisões do 4º ano... e ainda ontem tive uma... as pessoas não conseguem fazer ligação da teoria à prática e quando se vai buscar este, ou aquele conceito teórico,</p>	<p>13. P2 reconhece que os supervisandos, de um modo geral, têm dificuldades em aplicar os conhecimentos teóricos aos casos e à prática clínica, no sentido de uma maior elucidação. P2 procura, por isso, ajudar a fazer a ligação das duas dimensões, percebendo o contentamento que essa competência provoca nos supervisandos.</p>

<p>esta ou aquela noção – e isso serve para iluminar caso e a pessoa ter um outro entendimento do caso –isso é que é, de facto... humm... vê-se as pessoas contentes, com os olhos a brilhar por estarem a perceber coisas que não percebiam até aí.</p>	
<p>14. Sobretudo, por estarem a perceber a utilidade dum conceito que até aí estava só na gaveta... (sorri) numa gaveta qualquer da mente e que agora permite compreender melhor o caso.</p>	<p>14. Para P2, a constatação da aquisição de competências no desenrolar do desenvolvimento do supervisando, nomeadamente a articulação da teoria com a prática, além de proporcionar prazer, aumenta a capacidade de compreensão dos casos.</p>
<p>15. Eu acho que esse é o meu ponto forte como supervisor. É fazer esta ligação e isso dá-me realmente gozo, quer dizer, no fundo eu como supervisor não sou muito diferente de como sou professor. O que me dá mais gozo é ver as pessoas a brilhar por terem aprendido qualquer coisa nova e útil (reforça) e útil.</p>	<p>15. P2 reconhece a capacidade de apoiar os supervisandos a desenvolver competências clínicas, como o seu ponto forte, comum à prática docente. P2 sente muito prazer nesta postura pedagógica, isto é, de ver reflectido o seu desempenho e o progresso decorrente deste, espelhado no desenvolvimento dos supervisandos e no retorno emocional que estes lhe devolvem.</p>
<p>16. E com a supervisão é a mesma coisa, às vezes até tenho... lembro-me que ontem eu estava a falar do caso e de algumas noções à volta do conceito de fenómeno, etc. e depois, a uma dada altura calei-me, disse, “bem já falei muito e tal” e as pessoas a dizerem “ ah não, é um gosto tão... continue, continue, por favor”, as pessoas estavam contentes, mas sobretudo porque isto ilumina os casos, não é apenas...</p>	<p>16. P2 procura esclarecer conceitos, considerando que é um dos aspectos que contribui para a satisfação dos supervisandos no processo de supervisão, através do <i>feedback</i> positivo que estes lhe vão dando. Para P2, a clarificação de conceitos teóricos contribui para uma melhor compreensão dos casos por parte dos supervisandos.</p>
<p>17. E às vezes também aproveitamos, é verdade, também aproveitamos para elucidar um ou outro aspecto mais teórico que não tenha ficado tão bem compreendido nas aulas... humm... nas aulas doutras pessoas, enfim... também aproveitamos.</p>	<p>17. P2 contempla espaço na supervisão para o esclarecimento de dúvidas ou clarificações teóricas que possam subsistir nos supervisandos.</p>
<p>18. E então eu centro muito, de facto, a minha supervisão... há vários estilos, não é? Há um estilo de supervisor que se centra muito na relação, (07’03’’) na relação entre a pessoa... portanto, centra-se mais no</p>	<p>18. P2 distingue vários estilos de supervisão, nomeando as duas modalidades mais comuns, uma mais focada na relação terapêutica do que nos contornos clínicos do caso, outra com o foco no caso.</p>

<p>terapeuta do que propriamente no caso, quer dizer, o caso passa para segundo plano e está muito centrado no terapeuta e na maneira como o terapeuta está na relação. Que isso também...</p> <p>E - Na relação com o supervisor...</p> <p>P2 – Não, não, não. Na relação do terapeuta com o cliente.</p> <p>E – Ok.</p> <p>P2 – E portanto, há supervisores que se centram muito nisso. Há outros supervisores que se centram no caso... humm...</p>	
<p>19.</p> <p>eu sou daqueles que procura fazer um certo equilíbrio, quer dizer, centro-me no caso, no sentido em que me parece que quando uma pessoa traz um caso, quer vê-lo mais esclarecido, não é? Portanto, tem pontos nebulosos, tem áreas nebulosas e quer ver o próprio caso esclarecido e... tem muita dificuldade.</p>	<p>19.</p> <p>P2 assume procurar um equilíbrio no foco da supervisão, ou seja, distribuindo a atenção pela relação terapêutica e pela dimensão clínica do caso, uma vez que considera que as dificuldades do supervisando podem ser melhor abordadas e ultrapassadas dessa forma.</p>
<p>20.</p> <p>A dificuldade está, de facto, numa leitura existencial do caso, porque as pessoas lá têm as suas intuições, têm a sua preparação clínica, mas depois o que seria verdadeiramente uma leitura existencial... não é?</p>	<p>20.</p> <p>P2 considera que a maior dificuldade apresentada pelos supervisandos consiste na aplicação do modelo existencial na leitura compreensiva dos casos clínicos. Apesar do que a formação na área clínica, juntamente com as suas intuições lhes proporciona, os supervisandos evidenciam claras dificuldades na aplicação do modelo existencial à prática.</p>
<p>21.</p> <p>Ainda ontem, quando eu alarguei – uma pessoa apresentou um caso e eu alarguei, como faço sempre – e alguém vem com uma leitura do caso... mas era uma leitura que falou em <i>separação-individação</i>... uma coisa claramente da Mahler, Margaret Mahler, da psicologia do ego, da psicanálise e eu... (sorri) respeitando sempre... mas agora... isso está tudo certo, mas como é que havemos de transformar isto tudo em linguagem existencial...</p> <p>E – Mais uma vez, aí, a teoria...</p> <p>P2 - ... ler... exactamente... aquilo que acabou de dizer, voltar em termos existenciais e fazemos uma leitura existencial do caso. E portanto, foi a partir daí que... humm... teoria, mas teoria ligada à prática, é o saber fazer, não é? Há</p>	<p>21.</p> <p>P2 refere como exemplo para a dificuldade na aplicação do modelo existencial à prática clínica, uma situação em que o supervisando usou conceitos teóricos de outro modelo para expor aspectos do caso. Nestas situações, P2 tenta orientar a reflexão de acordo com o modelo existencial, já que é este que informa a instituição em que decorre a formação em psicoterapia, sempre numa postura que pretende denotar respeito pelas limitações dos supervisandos. P2 não deixa de validar a intervenção do supervisando, mas cuidadosamente reorienta-o para uma reformulação em concordância com o modelo teórico subjacente. Considera o contexto de supervisão que faz, como um espaço de integração de conhecimentos teóricos com a prática clínica, isto é, procurando alcançar o</p>

<p>o saber e há o fazer. Depois há o saber fazer. E – Será um espaço de integração de saberes. P2 – Exactamente. De integração de saberes, com a prática.</p>	<p>saber-fazer.</p>
<p>22. E – E é solicitado para isso? P2 – Como? E – É muito solicitado para isso? P2 – Quer dizer, as pessoas... eu acho que sim... humm... eu acho que sim. Dum modo geral, as pessoas dão-me muito bom <i>feedback</i>. O <i>feedback</i> que eu tenho, quer dizer, para além do <i>feedback</i> que vou tendo por ver (acentua verbo) as pessoas. Eu sou daquelas pessoas que está sempre atenta ao impacto daquilo que eu estou a dizer, nos outros...</p>	<p>22. P2 procura estar atento e perceber o impacto que as suas intervenções causam nos supervisandos, avaliando a qualidade do <i>feedback</i>, que considera muito positivo na sua experiência enquanto supervisor.</p>
<p>23. mas... as pessoas dão realmente bom <i>feedback</i> da supervisão e, porventura algum até exagerado, mas que me deixa muito contente porque é uma coisa que, sobretudo me dá muito prazer fazer e acho que isso também deve passar. (9'34'')</p>	<p>23. O <i>feedback</i> positivo dos supervisandos traz muita satisfação a P2. P2 considera que o <i>feedback</i> positivo que recebe da forma como conduz a supervisão, se deve também à motivação e prazer com que a faz, que de alguma forma é captado pelos supervisandos e eventualmente promovendo um sentimento de investimento emocional.</p>
<p>24. E – O que é isso de <i>feedback</i> exagerado? P2 – Humm... <i>feedback</i> exagerado... sei lá... lembra-me que o meu último grupo... humm... os grupos não são todos iguais, evidentemente, e eu passo sempre por um período de luto do grupo anterior, não é, porque já estou como supervisor desde o princípio da sociedade (referência a entidade de psicoterapia existencial) e passo sempre um período de luto.</p>	<p>24. P2 faz alusão à diversidade dos grupos que tem vindo a supervisionar ao longo da sua permanência na sociedade de psicoterapia existencial e a como a transição de uns para os outros é vivida como um processo de luto, de desapego emocional em relação ao grupo precedente.</p>
<p>25. E aqui há uns dois anos houve um... dois anos atrás, ou três, já não me lembro bem, houve um grupo, sim dois grupos atrás que, de todos, me deu um prazer muito grande, porque era um grupo onde nos ríamos muito (sorri).</p>	<p>25. P2 recorda um grupo em particular, o qual lhe proporcionava muito prazer supervisionar e em que a boa disposição era uma constante.</p>
<p>26. Eu, dum modo geral, faço supervisões bem-humoradas, lá está, dentro do</p>	<p>26. P2 considera que as suas supervisões são, duma forma geral, bem-humoradas, decorrente do</p>

ambiente descontraído,	ambiente descontraído que procura promover.
27. mas naquele... humm... ríamos muito, mas quer dizer, não era aquele riso de chacha, não, era a propósito das coisas. Já nos conhecíamos tão bem, já eramos capazes de fazer quase caricaturas uns dos outros e resultava muito bem porque a pessoa, a própria pessoa, já apresentava os seus erros com humor. E já apresentava a relação com humor e nós fazíamos, exagerávamos digamos assim, em caricatura os erros de cada um para que a pessoa se apercebesse da maneira como estava na relação e a pessoa aceitava isso muito bem.	27. O ambiente descontraído e bem-disposto no grupo assentava numa relação de confiança e familiaridade, que se expressava através do humor e na forma caricatural como lidavam com as dificuldades de cada um.
28. Ríamos uns dos outros, mas uns com os outros. Esse grupo deu-me realmente um prazer muito grande.	28. No grupo descrito, além da vivência prazerosa, P2 considera ter sido produtivo o recurso ao humor para o estabelecimento de uma relação de cooperação num clima de confiança e segurança.
29. E depois, tudo pessoas muito boas também. Dum modo geral eu tenho tido pessoas muito boas.	29. P2 considera que geralmente as pessoas dos grupos que supervisiona têm muita qualidade enquanto terapeutas.
30. Bom, e então tive que fazer o luto desse grupo, para o grupo seguinte e foi também um processo, não é... mas que no fim estava também a correr tão bem e aí é que vem o exagero... um deles disse qualquer coisa do género “bem, eu tive já vários supervisores na sociedade e... mas esta não foi uma supervisão, foi A supervisão”. E isso realmente, quase que me comoveu até (sorri). Foi... foi bonito e as pessoas concordaram, etc...	30. No que considera ter sido o processo de desapego emocional de um grupo, o qual apreciava especialmente, recebeu um tipo de <i>feedback</i> elogioso relativamente à sua qualidade de supervisor, que o deixou comovido. Considera-o como um momento especial que eventualmente lhe retribuiu a entrega que colocou na supervisão, facilitando o processo de luto.
31. Depois tive que fazer o luto desse grupo, para agora estar neste grupo, não é... e ao princípio eu estava assim um pouco... como é que hei-de dizer... pronto, estes não são tão bons, mas não é verdade. Depois chego sempre à conclusão que eles são todos (sorri) muitíssimo bons.	31. Ao iniciar um novo processo de supervisão com um novo grupo, P2 sente sempre que a ligação ao anterior envia a apreciação inicial do actual, concluindo mais tarde que, afinal, todos possuem qualidade potencial e estabelece boas relações.
32. Uns estão melhor preparados do que outros, uns são capazes de entrar no pensamento existencial, outros não...	32. P2 reconhece que existem níveis de aptidão diferentes dentro dos grupos e tem particular preocupação pelos que apresentam maiores

<p>humm... os que mais me preocupam, é precisamente isso...</p>	<p>dificuldades na identificação e adaptação ao modelo existencial.</p>
<p>33. talvez a minha maior dificuldade como supervisor, falando agora dos aspectos negativos e de maior dificuldade... (reflecte) é que, de vez em quando aparece uma ou outra pessoa que não tem capacidade, ou não tem interesse... eu acho que é mesmo uma questão de... ou não tem afinidade... não consegue (tom firme)... humm... pensar em termos existenciais.</p>	<p>33. Para P2, a maior dificuldade em supervisão é lidar com as pessoas que não demonstram capacidade de adaptação à aplicação do modelo existencial pelas mais diversas razões, que pode começar pela falta de interesse genuíno.</p>
<p>34. Bom, e essas pessoas, como não conseguem... pronto, o remédio aí é encorajá-las a estar sempre muito próximas do material, portanto, ser fenomenológico... fenomenologia pura, digamos assim. Quase como se fossem rogerianos e...</p>	<p>34. Para contornar a situação, P2 encoraja-as a insistir numa leitura fenomenológica dos casos, numa perspectiva rogeriana.</p>
<p>35. e depois, no final quando eu quero devolver o meu <i>feedback</i> a essas pessoas tenho mais dificuldade, porque não as quero magoar... também só me aconteceu umas duas vezes, nos vários grupos. Dois ou três casos, não mais do que isso.</p>	<p>35. Ciente das dificuldades de familiaridade com e domínio do modelo existencial de alguns supervisandos, P2 sente maiores dificuldades em devolver <i>feedback</i>, pois compreende que possa causar mágoa.</p>
<p>36. Pronto, outros casos, às vezes, enfim... os seniores de vez em quando trocam impressões sobre os formandos... algumas pessoas que são apontadas como um pouco mais difíceis... eu não senti nada disso nas supervisões, pelo contrário. Achei que não, que é só uma questão de ser cuidadoso na abordagem.</p>	<p>36. A percepção que P2 tem sobre contornar as características singulares de cada supervisando, por vezes consideradas mais difíceis, é de que deve manter a postura de uma abordagem mais cuidadosa. P2 é flexível dentro da diversidade de que se revestem os grupos, visando estabelecer uma boa relação na qual vai assentar a capacidade de progresso de cada pessoa.</p>
<p>37. Se a pessoa é um bocadinho mais, digamos um bocadinho mais sensível, um bocadinho mais desconfiada, um bocadinho mais retraída temos que abordar duma maneira... doce (acentua) para que a pessoa se sinta à vontade, não é? O que eu quero é que as pessoas se sintam à vontade e até agora acho que consegui sempre. Não me estou a lembrar de ninguém que tenha passado pela supervisão e não tenha ficado completamente desconfiada e à vontade e aceite (acentua). Isso acho que nunca</p>	<p>37. Na qualidade de supervisor, P2 atribui muita importância ao facto de que os supervisandos se sintam desconfiados e aceites na singularidade de cada um. Para consegui-lo, P2 é cuidadoso na forma de abordagem, especialmente se a pessoa se mostra um pouco retraída, por ser mais sensível ou ter algumas dificuldades em confiar nos outros de uma forma geral. P2 tem a percepção de que tem conseguido sempre nas suas supervisões, proporcionar o ambiente ideal para que as pessoas se sintam confortáveis e ultrapassem as dificuldades que</p>

aconteceu.	impeçam o desenvolvimento desejável.
<p>38. Aconteceu realmente em dois ou três casos eu ver que estas pessoas, do ponto de vista existencial, quer dizer, como terapeutas existenciais, enfim, precisavam de entrar um bocadinho mais... mas enfim, isso também depende um bocadinho do estudo das pessoas, não é? Se a pessoa não lê nada, não abre um livro, não... bem, é um bocadinho difícil... quer dizer, para elucidar conceitos é preciso que a pessoa, ao menos tenha o mínimo do conceito, não é, senão (ri)... senão é difícil (ri).</p>	<p>38. Pontualmente, P2 identifica pessoas/supervisandos que apresentam claras dificuldades no conhecimento relativo ao modelo existencial, no entanto, atribui essa pouca correspondência maioritariamente à falta de estudo e empenho. Idealmente para P2, o supervisando tem a sua parte de responsabilidade na aquisição de conhecimentos para estabelecer condições favoráveis a um processo de supervisão bem sucedido.</p>
<p>39. E – E quando acontecem essas situações, de certo modo também lhe causam dificuldades a si, não é? Da forma como há-de tornear... P2 -... eu não acho grave que as pessoas estejam... é assim, eu não acho a teoria assim tão importante, o que eu acho que é importante, de facto, é um certo senso clínico e estar... estar próximo do que o paciente diz... não acho que a teoria seja assim tão importante.</p>	<p>39. De acordo com P2, a importância dos aspectos teóricos é relativa, pois o que de facto considera importante é presença de sensibilidade clínica e atender à realidade do cliente, tal como esta se apresenta. Para P2, alguma dificuldade na interiorização da teoria não oferece gravidade, desde que o senso clínico e proximidade à realidade do cliente estejam presentes.</p>
<p>40. Eu acho que a teoria permite ver (acentua) mais longe e não estar tão próximo, digamos assim, de maneira a que não consigamos... porque eu vejo a teoria como ver e fazer ver, não é? Fazer com que o outro veja coisas que não via, porque senão o que é que está ali a fazer, não é? (15')</p>	<p>40. P2 aponta como vantagens de domínio dos conceitos abstractos na teoria, a capacidade de distanciamento e ancoragem em referências que permitam obter melhor entendimento dos contornos clínicos de um caso. P2 disponibiliza-se no sentido de ajudar os supervisandos a desenvolver competências para se posicionarem a partir do modelo existencial, para organizar o pensamento a respeito do entendimento dos casos e procura de soluções-.</p>
<p>41. Claro que não só isso, há todo o lado afectivo, tudo isso, não é? Que é o mais importante, que é o mais importante. E isso, essas pessoas têm. Se depois não vêm tão longe porque... são mais limitados teoricamente, ou porque não se interessam. Há pessoas mais voltadas para a teoria, outras mais voltadas para a... só para a prática... enfim, desde que eu veja que há boa vontade, que há empenho, que há, de facto, interesse pelos pacientes...</p>	<p>41. Apesar das vantagens em ter capacidade de ligar a teoria à prática, o que P2 considera como mais importante e reconhece estar presente nos seus supervisandos, são as competências afectivas necessárias num processo psicoterapêutico. Valoriza, acima de tudo, o empenho e o genuíno interesse pelos clientes.</p>

<p>bom, isso parece-me que é o mais importante. E – Já é matéria-prima suficiente... P2 – Sim, e isso toda a gente tem...</p>	
<p>42. eu nunca... nunca me apareceu ninguém que eu pensasse , este não pode ser terapeuta... não pode ser, porque não tem características... não me aconteceu... até agora não me aconteceu, nunca. Há pessoas um bocadinho mais difíceis, enfim, outras menos, mas até agora... isto também tem muito que ver com o tal ambiente descontraído que eu procuro... que eu procuro fazer por que as pessoas sintam. E – Portanto, um ambiente descontraído é muito importante para si. P2 – É. É, é,</p>	<p>42. P2 refere que não tem experiência de situações em que tenha percebido claramente que um supervisor não reunisse as características necessárias para ser terapeuta. Embora admita haver pessoas cujo desenvolvimento de competências durante o processo de supervisão seja mais difícil, P2 atribui o facto de proporcionar um ambiente propício ao estabelecimento do sentimento de confiança, como favorável ao progresso dos supervisandos. É muito importante para P2 que o ambiente no grupo de supervisão seja facilitador de sentimentos de segurança e aceitação.</p>
<p>43. porque senão as pessoas... quer dizer... eu vi supervisões noutros lados, com outros supervisores em que as pessoas iam muito tensas, iam quase para uma tortura... e outras... mentiam (acentua). Pessoas mais caracteriais, mentiam pura e simplesmente, quer dizer, aqueles casos eram claramente inventados e nem permitiam a supervisão porque estava tudo tão bem, mas era tudo inventado...</p>	<p>43. P2 compara a sua postura em supervisão com outras a partir da sua experiência no passado, nas quais os supervisandos evidenciavam inibições atribuídas à tensão permanente, à falta de segurança e aceitação, ou optavam por mentir sobre os casos clínicos e na forma como os conduziam. Em qualquer das situações ficavam comprometidos os pressupostos da função pedagógica da supervisão.</p>
<p>44. ora isso não tem interesse nenhum... se me apresentarem um caso em que fizeram tudo muitíssimo bem, a supervisão não serve para nada... humm... não é isso que eu quero. Eu quero é que me apresentem as dificuldades reais que têm. Que aproveitem aquele espaço para colocarem as dificuldades e poderem crescer como terapeutas...</p>	<p>44. P2 considera que a supervisão, enquanto espaço de aprendizagem e desenvolvimento para o exercício de psicoterapia, deve prover as condições necessárias para que os supervisandos se sintam seguros em expor as dificuldades e limitações.</p>
<p>45. mais uma vez dentro das limitações que eu tenho, até porque eu nem acredito que só os anos de experiência façam da pessoa um melhor terapeuta. Pelo contrário, acho que há alguns pacientes, eventualmente... acho, não, tenho a certeza.</p>	<p>45. P2 assume as suas limitações enquanto supervisor, questionando-se acerca do acumular de experiência como condição bastante para a qualidade do trabalho terapêutico.</p>
<p>46. E faço mesmo isso... alguns pacientes sentam-se aí pela primeira vez nessa</p>	<p>46. Apesar dos anos de experiência que possui como terapeuta, P2 questiona-se algumas vezes</p>

<p>cadeira onde está sentada e eu penso, eu não sou a pessoa adequada para esta pessoa, mas estou a lembrar-me dum supervisando x ou y que vai ser mesmo a pessoa adequada para esta... bem, dentro da minha intuição, não é, para esta pessoa e mando... porque não vou estar... não é pelos anos de experiência que...</p>	<p>sobre a sua adequação perante determinadas pessoas, relativamente a compatibilidades relacionais que venham a facilitar o processo terapêutico. Algumas vezes, de acordo com a sua intuição e assumindo as suas limitações, P2 recomenda que a pessoa/cliente inicie o processo psicoterapêutico com um dos seus supervisandos, considerando ficarem reunidas as condições favoráveis que beneficiem o primeiro.</p>
<p>47. e eventualmente ficarei sempre a saber desse paciente através da supervisão, enquanto for meu supervisando. Se não for, as pessoas ficam sempre à vontade para me telefonarem e dizer, “olhe, tenho aqui um caso que preciso discutir consigo”. Já aconteceu muitas vezes. Com certeza, encontramos-nos e falamos. Às vezes as pessoas querem pagar, marcar uma supervisão forma, outras vezes até num café falamos e não há problema. (17’54’’) </p>	<p>47. P2 estabelece relações com os supervisandos que perduram e permitem uma colaboração profissional de confiança, também assente na manifesta disponibilidade por parte de P2.</p>
<p>48. E – Esses anos de experiência, que diz não serem fundamentais, para um bom terapeuta, considera que também no caso dos supervisores só o acumular de anos de experiência, também poderá não ser suficiente? Estabelecendo um paralelo entre o terapeuta, em termos de anos de experiência e o supervisor. P2 – Quer dizer, as pessoas vão crescendo... e eu acho que também... humm... também, eventualmente os supervisores vão crescendo com a experiência, vão aprendendo algumas coisa, vão perdendo outras... humm... vão perdendo outras.</p>	<p>48. Tal como P2 considerou relativamente aos terapeutas, o acumular de xperiência, por si só, não garante a qualidade do trabalho. Mais do que o decorrer do tempo e acumulo de vivências diversas, é importante que o supervisor se desenvolva, implicando algumas transformações, quer no sentido de aquisição de competências, como no de reformulação de crenças.</p>
<p>49. Eu acho que como supervisor, por exemplo, ainda tenho uma energia e um prazer que, eventualmente, já não tenho tanto como professor, porque eu sou supervisor p’raí mais ou menos dez anos. Quer dizer, contando alguns anos de antes da sociedade, mas onde já fazia supervisão... humm... e como professor, já estou há vinte e tal anos.</p>	<p>49. Estabelecendo uma comparação entre a actividade docente e a de supervisor, P2 considera que esta última ainda lhe proporciona uma energia e prazer que não encontra enquanto professor.</p>
<p>50.</p>	<p>50.</p>

<p>Continuo a ter muito gozo como professor, mas só de certas matérias. Há outras que já não tenho a quele gozo que tinha ao princípio. Ao princípio eu delirava nas aulas, quase que dançava, dizia piadas, tinha uma energia... (risos) também tinha (risos) há vinte e tal anos tinha uma energia que não tenho hoje, não é? Hoje dou aulas sentado... onde é que eu...</p>	<p>Embora ainda goste da actividade de professor, condicionada pelos conteúdos que ensina, P2 reconhece que o nível de motivação e de energia já não se manifestam do mesmo modo. Recorre a uma metáfora para se rever no início da actividade docente, como se a manifestação do seu prazer em estar com os alunos nas aulas fosse semelhante a uma dança, para a qual encontrava uma grande disposição afectiva. Fazia parte da sua postura, uma atitude de proximidade, bem-humorada e fisicamente activada.</p>
<p>51. (risos) E – Estou a tentar imaginá-lo a dançar numa aula... P2 – Dançar... é uma maneira de dizer, rodopiava dum lado para o outro, dizia piadas, metia-me com as pessoas, procurava informar-me dos gostos delas. Lembro-me de dar por mim a ver o primeiro Big Brother (programa televisivo) só para poder dizer alguma coisas que interessasse as pessoas... sei lá, coisas desse género. (19'40'') Lembro-me que, na altura a minha mulher gozava-me, “ah, agora a ver o Big Brother, que disparate” e tal, porque assim nos círculos intelectuais seria uma vergonha... eu vou porque me interessa, se os jovens vêem o Big Brother.... e ouço, ouço a música deles, porque se eles ouvem isto, se eu estou a dar aulas a pessoas com vinte anos e e ouvem isto... se quiser dizer uma piada, não vou dizer uma piada de coisas da minha geração ou muito intelectuais senão não apanham, não é?</p>	<p>51. Enquanto professor, P2 descreve a proximidade que gostava de manter com a realidade dos alunos, independentemente dos seus gostos pessoais, retirando grande prazer na interacção com eles.</p>
<p>52. E portanto, eu tinha ali uma energia... hoje dou aulas sentado... às vezes lá me levanto e sento-me em cima da mesa, mas... mas... não tenho a mesma energia que tinha. Como supervisor ainda tenho...</p>	<p>52. A sua entrega à actividade de professor alterou-se, mas como supervisor, P2 considera que ainda se sente estimulado e percebe a sua energia alimentada pelo que acontece em cada sessão.</p>
<p>53. quer dizer... cada supervisão para mim é...cada sessão... e também é um desafio, não é, porque as aulas acabam por ser... tenho um programa que não varia muito de ano para ano... a supervisão é sempre uma</p>	<p>53. P2 encara cada sessão de supervisão com um desafio singular, considerando precisamente a novidade como o que a torna interessante.</p>

<p>coisa muito interessante, porque é um caso novo, sempre. (20'49'')</p>	
<p>54. E eu não peço... alguns supervisores... na sociedade não, mas já vi noutros sítios, os supervisores pedem o caso com antecedência, que lhes mandem o caso, para poderem pensar. Eu não quero caso nenhum, eu quero é o desafio do momento...</p>	<p>54. Ao contrário de outros supervisores, P2 prefere o desafio da descoberta que o desconhecido lhe traz, do que a segurança da previsibilidade e antecipação, como se, por exemplo tivesse acesso aos casos apresentados pelos supervisandos antes da sua discussão na sessão.</p>
<p>55. às vezes é possível dizer mais coisas... também depende da qualidade do material que trazem. Se são coisas mais pormenorizadas, se são coisas mais vagas, etc... mas isso também se pode chamar à atenção, não é... ficámos com muitas áreas por saber, da pessoa. E pode ser um caminho, por aí, mas de facto o desafio é o caso novo, porque isso é sempre fresco, não é? É sempre um outro caso, não sei nada do caso, e portanto vamos lá ver o que é que se pode dizer, o que é que se pode analisar.</p>	<p>55. A postura de abertura ao desconhecido que P2 mantém, permite também trabalhar com o supervisando questões ligadas à adequação da apresentação do material, além de deixar-se maravilhar pela descoberta de novas manifestações humanas singulares, que surgem sob a forma de caso clínico.</p>
<p>56. E – Ainda lhe dá vontade de dançar?... P2 – Aí sim. Quer dizer... é tudo sentado... (risos) já não... mas nós fazemos a supervisão em círculo... mas sim, mas ainda tenho gozo. E também porque penso que nessa parte posso ser útil.</p>	<p>56. P2 retira muito prazer do processo de descoberta e do estímulo que o desafio promove e considera que o seu trabalho, realizado da forma que o realiza, pode ser útil para os supervisandos.</p>
<p>57. Muitas vezes as pessoas chegam ao 4º ano sem essa capacidade de fazer estas ligações e eu acho que é isso, sobretudo, em que eu posso ser útil e... e inspirar alguma confiança, até nas próprias pessoas.</p>	<p>57. Ao ter uma postura aberta e procurar aplicar os conhecimentos teóricos na abordagem única de cada caso, P2 propõe-se apresentar-se como inspiração para que os supervisandos sintam confiança nas suas próprias capacidades de o fazer.</p>
<p>58. Às vezes as pessoas também são muito... há pessoas... há terapeutas que são muito... como é que hei-de dizer, muito rigorosos consigo próprios. Praticamente flagelam-se por não... porque se levam demasiado a sério. É uma coisa que eu também falo, a propósito até do Sartre, não é, que falava do <i>Esprit de Sérieux</i> ... não nos podemos levar demasiado a sério... as</p>	<p>58. A leitura que P2 tem a respeito da atitude de alguns terapeutas/supervisandos, leva-o a tentar suavizar a perspectiva de rigor exagerado que evidenciam, ao idealizar as suas próprias competências para lá do que é humanamente possível. De forma pedagógica, recorre a conceitos de autores que tenham explorado o assunto, na tentativa de transmitir a importância da consciencialização das limitações de cada</p>

<p>nossas capacidades são tão limitadas, quer dizer, não podemos ter a ideia de que somos responsáveis pela mudança dos outros... isso é uma... recebemos sobre nós uma carga tão grande que depois ficamos esmagados e não temos gozo nenhum.</p>	<p>pessoa para o bom desempenho, pautado pelo prazer.</p>
<p>59. Mais uma vez, nós temos que ter gozo na terapia. E isso eu também faço, quer dizer, eu tenho gozo na terapia porque eu hoje... não fazia isso há uns anos, hoje selecciono muito. E portanto sé aceito pessoas que eu sei que vou ter prazer com elas, senão não... não aceito. E – Quem possa convidar para dançar... P2 – Sim (sorri) exactamente. Quem possa convidar para dançar e que dance... enfim... (ri) que consiga dançar bem, senão não vale a pena (risos) E – Peço desculpa por estar sempre a usar a metáfora, mas achei muito bonita e... P2 – Não... mas é mesmo isso... é quase o que fazia, não é? Eu via-me, na altura via-me quase como uma espécie de, “eu tenho que passar uma mensagem”, não é... mas também eu sempre tive muita sorte... vamos lá ver.</p>	<p>59. P2 refere o prazer como um aspecto importante no exercício da prática psicoterapêutica, cada vez mais presente na sua actividade, que consegue a partir da selecção que faz dos clientes que aceita, tendo em conta as compatibilidades desejáveis.</p>
<p>60. Agora é mais como professor... humm... e também como supervisor, também se aplica, que é, eu só consegui estar há vinte e tal anos no ensino... só ensinando aquilo que sei... (reflecte) o que não é nada fácil na universidade. Foi só muitos anos depois de eu estar na entidade onde lecciono, onde eu sempre estive... humm... só depois de anos de lá estar é que me apercebi que nem todos os meus colegas tinham o mesmo gozo que eu tinha Isso não me passava pela cabeça, mas era a verdade, não é?</p>	<p>60. Também na supervisão, P2 considera fundamental que um dos aspectos a ter em consideração seja o prazer resultante da actividade.</p>
<p>61. E mais. Depois também me apercebi que eles não davam as matérias que realmente gostavam e percebiam. E isso ainda me fazia mais confusão (risos) porque eu não era capaz... francamente não era capaz... preferia não ser professor, do que esta ali a repetir uma coisa da qual eu não tinha</p>	<p>61. P2 não compreende como se pode estar envolvido numa actividade da qual não se retire prazer, nem tampouco se tenha vivência prática. Considera que para existir coerência naquilo que se pretende transmitir, deve ter-se experiência prática e não somente conhecimentos teóricos.</p>

<p>experiência prática. Eu só ensino o que faço. O que sei fazer.</p>	
<p>62. Portanto a preparação era uma preparação muito à base de ir buscar a minha experiência... contar casos... humm... faço muito... lá está, a tal ligação da teoria à prática. Sempre que eu tenho muitos casos, os meus próprios casos, claro com algumas modificações para não poderem ser identificados, mas até de ano para ano, como os meus casos iam mudando, eram sempre outros casos porque eram aqueles que me estavam a preocupar no momento (25'03'') e que eu partilhava e que eu dava exemplos. Portanto, tive sempre muita sorte de só ensinar aquilo de que eu tinha experiência prática. E – Humm...</p>	<p>62. P2 considera que se sentiu sempre favorecido pelo facto de poder ter sido coerente em relação à actividade de professor, tendo servido a prática clínica para ilustrar com casos reais a transmissão de conhecimentos.</p>
<p>63. P2 – Não me faz sentido, um professor que não tem experiência de um determinado assunto, experiência prática profissional, estar a ensinar, mas também depois percebi que, eventualmente, tinha que ser não só porque alguns deles não tinham experiência de coisa nenhuma... porque eram apenas professores... coisas que eu nunca fui só, não é? Sempre estive meio a meio. Por um lado tinha a carreira académica, mas por outro lado sempre tive a minha actividade profissional paralela, não é? Clínica. E alguns não tinham, ou tinham uma coisa muito reduzida, portanto e faziam sobretudo investigação, que é uma coisa também muito importante... e que eu fazia pouco.</p>	<p>63. P2 considera que a sua experiência profissional diversificada tenha contribuído para a qualidade do seu trabalho.</p>
<p>64. E – E considera que todas essas áreas/dimensões da sua actividade são benéficas hoje em dia para a sua prática de supervisão? P2 – Sim, sim. O ter muita experiência clínica, sim. É difícil um caso surpreender-me assim muito... humm... embora ainda hoje... às vezes há evoluções que eu não esperava e que é muito interessante, não é? Há sempre um espaço para a surpresa. A</p>	<p>64. Tal como para a actividade de docência, para P2 a experiência clinica é importante em supervisão, sem no entanto deixar de valorizar a flexibilidade necessária à postura existencial, de abertura ao inesperado.</p>

<p>fluidez humana é uma coisa interessantíssima, mas isso faz parte da própria visão existencial (sorri). Há um espaço para isso, não é?</p>	
<p>65. Estou a lembrar-me que às vezes psicólogos ou psiquiatras dinâmicos ficam muito surpreendidos, porque acham que de alguma maneira sabem o fundamental da pessoa, percebendo a sua organização psíquica, a partir por exemplo da visão dinâmica e, de vez em quando, as pessoas saem-se com coisas que não correspondem (26'48'') à organização psíquica...</p>	<p>65. P2 dá como exemplo de reduzida flexibilidade, a postura de alguns psicólogos ou psiquiatras com formação de outro modelo teórico que, partindo de pressupostos teóricos, vêm defraudadas as suas expectativas de entendimento dos casos.</p>
<p>66. mas, quer dizer, do ponto de vista existencial isso não nos surpreende porque nós damos mais espaço para a incerteza. Para o facto de que não há nada estruturado à partida, não é? Essa noção estrutural... há uma estrutura da existência, mas essa é igual para todos. E portanto, nesse aspecto acho que sim, o facto de ter muita experiência clínica.</p>	<p>66. Para P2, a vasta experiência clínica informada pelo modelo existencial permite-lhe saber lidar com a incerteza decorrente das vivências singulares de cada ser humano, considerando importante para a qualidade da supervisão.</p>
<p>67. Também o facto de me interessar muito por aspectos teóricos e ser, enfim, um estudioso... quase compulsivo, embora hoje tenha menos tempo para estudar do que tinha. E juntar as duas coisas, eu acho que é isso que faz de mim um... um... enfim, um supervisor razoável. E, sobretudo que as pessoas aprendam alguma coisa e gostem...</p>	<p>67. Outro aspecto que considera importante e que contribui para a sua qualidade de supervisor, é o seu interesse pelo conhecimento em geral e pelos aspectos teóricos do modelo existencial em particular, que procura colocar ao serviço do processo de supervisão. Além das vantagens relativamente aos conhecimentos que transmite, pretende inspirar os supervisandos no prazer pela aprendizagem.</p>
<p>68. e eu também, aprendo imenso com as próprias pessoas que me dizem coisas que muitas vezes me surpreendem e que eu nunca tinha pensado nisso. Também aprendo com a experiência dos outros e isso é uma coisa interessante, não é?</p>	<p>68. Para P2, a supervisão também lhe proporciona aprendizagem, contemplando deixar-se surpreender pelas experiências dos supervisandos, o que considera importante.</p>
<p>69. Também é uma coisa que me faz crescer. Não uma coisa, tipo, eu a ensinar... um supervisor não é um professor e, portanto, a postura, a minha postura como supervisor, como professor, como terapeuta, ou como pessoa, não varia porque isso é a essência do pensamento existencial. Nós somos sempre pessoas... é</p>	<p>69. Para P2, o supervisor não é um professor, no sentido de deter a posição de transmissor exclusivo de conhecimentos, mas uma pessoa que também é influenciada no encontro com outras pessoas, neste caso uma influência no sentido do crescimento. Esta postura existencial permite-lhe tirar ensinamentos a partir das contribuições das outras pessoas, no encontro.</p>

<p>o encontro de duas existências livres... ou de várias, no caso de ser uma supervisão de grupo.</p>	
<p>70. E – O supervisor não é um professor, foi o que disse. P2 – Humm, humm, não. E – O que é um supervisor? P2 – Penso que é sobretudo um facilitador, embora eu como professor também me veja mais como um facilitador da aprendizagem do que um professor clássico, que fala <i>ex cathedra</i>... humm... mas acho que é mais um facilitador.</p>	<p>70. Para P2, a representação de supervisor é a de facilitador do processo de aprendizagem e desenvolvimento, no qual a assimetria clássica entre a pessoa que detém o conhecimento e os que se dispõem a recebê-lo não se verifica.</p>
<p>71. E – E, para si, ser um supervisor de inspiração existencial, como é? P2 – É muito bom, sobretudo porque... é muito bom, fundamentalmente porque eu tenho hoje a capacidade de pensar qualquer caso do ponto de vista existencial, o que não acontecia há uns anos atrás. E por isso é que eu só passei a ser supervisor... só me vi como supervisor existencial, a partir dum certo período, enfim, correspondeu mais ou menos também à vinda da sociedade,</p>	<p>71. P2 considera muito positivo perceber-se como supervisor de inspiração existencial, o que não aconteceu imediatamente, mas dependeu de um processo de maturação profissional e coincidiu com o ingresso na sociedade de psicoterapia existencial onde hoje é supervisor e formador.</p>
<p>72. mas foi uma passagem difícil. Quero dizer, a minha visão existencial e a minha visão dinâmica correram sempre mais ou menos, em termos de formação, mais ou menos paralelas... começaram nos anos 90, mas eu tinha uma visão fundamentalmente dinâmica. Porque os meus supervisores foram sempre dinâmicos, depois as minhas terapias e a minha formação... eu próprio fiz análise... grupanálise, portanto, dinâmica, completamente dinâmica. A parte existencial era mais... enfim... corria mais ou menos paralela, mas era mais teórica.</p>	<p>72. A experiência mais ligada à prática de P2 no passado foi decorrendo maioritariamente no modelo dinâmico, o que dificultou o processo de se tornar assumidamente um supervisor existencial.</p>
<p>73. E – Disse-me que foi uma transição difícil... em que sentido? P2 – Foi uma transição difícil, porque quem está muito habituado a pensar os casos do ponto de vista dinâmico...</p>	<p>73. P2 justifica a dificuldade em se perceber assumidamente como um supervisor existencial pela divergência nas perspectivas dos dois modelos.</p>

<p>humm... tem muita dificuldade em pensá-los do ponto de vista existencial, não é?</p>	
<p>74. E, portanto, o que é que me foi acontecendo? Um ou outro caso... lia casos, lia bastantes casos, ou ouvia, ou discutia casos, ou ouvia pessoas a discutir casos, em termos existenciais, portanto fui compreendendo os casos dos outros. Depois fui tentando compreender os meus casos do ponto de vista existencial, como tinha muitos casos... havia uns que tinha mais facilidade, outros mais dificuldade, mas quer dizer, aos poucos a mancha foi-se alargando a nível dos casos, e ficavam só uns mais difíceis a que ainda recorria a conceitos dinâmicos... até que por fim, com o tempo e com o aprofundamento do estudo e com a conversa com outras pessoas e com a minha própria imersão existencial completa... consegui finalmente pensar todos os casos do ponto de vista existencial.</p>	<p>74. P2 descreve as estratégias que usou para se inteirar dos aspectos ligados à prática clínica de acordo com o ponto de vista existencial e de como foi ultrapassando as dificuldades que o modelo de formação inicial lhe causavam, ao tentar mudar a perspectiva. Gradualmente, P2 foi conseguindo ter uma leitura compreensiva dos casos através da perspectiva existencial, discutindo, observando e recorrendo à literatura da área, até se sentir perfeitamente integrado no modelo.</p>
<p>75. E isso é interessante, porque também sou capaz de os pensar em termos dinâmicos, que foi a minha formação inicial. Sou capaz de passar muito facilmente da teoria dinâmica para a existencial e vice-versa.</p>	<p>75. Depois de adquirida a capacidade de pensar os casos clínicos a partir da perspectiva e também da existencial, P2 considera interessante o recurso a dois modelos teóricos para a abordagem aos casos.</p>
<p>76. E – Tem estado a falar ao longo desta conversa, do prazer de fazer supervisão, do prazer de ser professor... P2 – Humm, humm... E – E agora está a falar de dois modelos, que é perfeitamente capaz de recorrer a um ou outro, mas qual é o que lhe dá mais prazer? P2 – (prontamente) O existencial (sorri). O existencial porque a leitura dinâmica dum caso parece-me muito limitada. (31'55'') Sobretudo, as visões estruturais.</p>	<p>76. P2 considera que o modelo existencial, que presentemente informa a sua actividade de supervisor, o que mais lhe dá prazer, também devido às limitações que reconhece na perspectiva dinâmica, em especial as visões estruturais.</p>
<p>77. Claro que há franjas... franjas que agora já não são tão franjas, mas há uns anos eram franjas... hoje na América eventualmente serão dominantes... de psicanálise relacional que me aparecem muito ricas e que podem, eventualmente também entrar num diálogo com a análise existencial.</p>	<p>77. De acordo com P2, existem perspectivas teóricas dinâmicas que podem ter algum tipo de confluência com o modelo existencial.</p>

<p>78. A leitura dinâmica parece-me muito limitada pelo facto de se acreditarem em estruturas, em organizações das quais as pessoas não podem sair, digamos assim...</p>	<p>78. P2 faz considerações acerca do modelo dinâmico, quanto a si limitado pelo facto de partir de pressupostos deterministas.</p>
<p>79. Eu acho que isso dá muita segurança ao terapeuta... que de certo modo se vê quase... e eu próprio, lembro-me que nos primeiros anos como terapeuta eu via-me quase como um cirurgião psíquico, não é? (32'48'') Então, eu tinha uma ideia, um esquema da mente da pessoa e... ainda hoje me admiro como é que os meus pacientes tiveram tanta paciência... mas eles gostaram... (ri) mas acho que era mais pela minha postura de os compreender, (ri) não era tanto pela... teoria... E - ...pela cirurgia... (risos) P2 - Sim, pela cirurgia psíquica, não é? Agora vou tirar este mecanismo de defesa, agora vou modificar aquele, agora... quer dizer... isso são constructos teóricos, não há nada disso,</p>	<p>79. P2 considera que o facto de um modelo teórico partir de pressupostos estruturais universais pode causar um sentimento de maior segurança no terapeuta, já que dispõem de matrizes para a compreensão do caso clínico de que servem para a prática da terapia. Da sua experiência de quando era terapeuta dinâmico, P2 recorda que os clientes gostaram essencialmente da sua postura compreensiva, mais do que as técnicas aplicadas ditadas pela teoria do modelo.</p>
<p>80. mas na altura dava-me jeito e, portanto, poderia ser um terapeuta dinâmico promissor, e tal... mas depois, aos poucos, pareceu-me muito limitado. A visão existencial, pelo contrário, parece-me muito ampla e é por isso que...</p>	<p>80. P2 reconhece que, na altura, era-lhe conveniente recorrer aos constructos teóricos para facilitar a prática de psicoterapia, mas foi percebendo as vantagens que a abordagem existencial lhe proporcionava, já que contrariamente às limitações do modelo dinâmico, a considera uma abordagem ampla, que não descarta quaisquer possibilidades de subjectividade.</p>
<p>81. mas continuo a par das coisas. A minha tese de doutoramento foi toda ela sobre psicanálise. E - E já estava mais ligado ao modelo existencial? P2 - Sim, defendi-a o ano passado... ah, porque eu demorei muito... tudo quanto é exames e coisas formais eu demoro muito tempo a fazer, porque vou atrasando, vou procrastinando, vou estando com os pacientes e a fazer coisas que me interessam... que é estar com as pessoas. Depois essa parte fica... continuo a ler, mas não necessariamente depois a escrever... e, portanto demoro muito</p>	<p>81. Pessoalmente, P2 define ter por interesse o estar com pessoas, ocupando-lhe maioritariamente o tempo e no qual investe mais, tendo como consequência a demora em trabalhos de maior formalidade.</p>

tempo a fazer as coisas. Chega a um certo momento...	
82. a tese de mestrado também demorou-me imenso tempo... mas depois chega a um certo momento já tenho vergonha e aí é movido pela vergonha (risos) que vou mesmo apresentar e discutir e pronto, habitualmente as coisas até me correm bem. É quase forçado pela vergonha... porque não é isso que me interessa, não são os títulos, isso não me interessa nada.	82. Apresentando como exemplo de procrastinação a sua tese de mestrado, P2 conclui que o seu interesse genuíno é nas pessoas e só o sentimento de vergonha o move a completar trabalhos pelos quais não se interesse verdadeiramente, que não o motivam.
83. Interessa-me é, de facto, estar com as pessoas e poder ir partilhando aquilo que vou lendo e que vou aprendendo. É mais isso, do que outra coisa.	83. P2 assume que gosta verdadeiramente de estar com pessoas, de se relacionar e a supervisão é uma forma de o fazer que lhe agrada, sobretudo pela partilha de conhecimentos e da aprendizagem de que admite beneficiar.
84. E – Então, em jeito de resumo, começou por me dizer que tentava por em prática uma supervisão de acordo com aquilo que, enquanto supervisando, achava que devia ser. Agora que reflectiu um pouco mais sobre a supervisão, considera que consegue fazer isso? Consegue por em prática os seus planos? P2 – Quer dizer... bom, não sou a pessoa mais indicada, não se pode ser juiz em causa própria, (ri) mas acho que sim, francamente acho que sim. Aqueles pontos fundamentais que eu disse, a questão da pessoa entrar com um caso que está num impasse e sair com o caso mais elucidado, mais clarificado, lido dum ponto de vista existencial, pronto.	84. P2 considera que consegue realizar aquilo a que se propõe como supervisor e que passa por concretizar o tipo de supervisão que gostaria de ter tido. O papel de facilitador da aprendizagem que pretende ter, é-lhe confirmado através da satisfação que os supervisandos sentem ao ver clarificado um caso, ou solucionado algum impasse no processo terapêutico, a partir do ponto de vista existencial.
85. A pessoa conseguir ver que também pode haver alguma implicação sua na relação com o paciente que possa estar a dificultar o próprio processo e trazer à luz esses aspectos... humm... sentir-se bem e suficientemente descontraída e à vontade para se expor e para expor a relação que tem, para expor os pensamentos mesmo inconfessáveis... isso está na boa tradição existencial, basta ver o Yalom que conta tudo o que pensa e o que não pensa e... isso é a boa tradição existencial.	85. Enquanto supervisor, P2 reconhece que proporciona um ambiente adequado para a exposição de situações complexas. Que a qualidade da relação com o grupo facilita a confiança para revelações de aspectos menos iluminados da relação terapêutica, num clima de aceitação e autenticidade, concordante com a “boa tradição existencial”.
86.	86.

<p>E por outro lado, também sentir-se num grupo onde toda a gente acolhe bem isso, e faz a mesma coisa e contribui para o esclarecimento colectivo... eu acho que fundamentalmente consigo facilitar isso tudo e, portanto, acho que sim, acho que sim, que consigo fazer isso.</p>	<p>P2 além de estabelecer uma relação facilitadora com o grupo, considera que também contribui para que entre as pessoas do grupo esteja presente a capacidade de aceitação, ou seja, grupo acaba por reflectir a sua postura enquanto supervisor.</p>
<p>87. É claro que há umas supervisões que correm melhor que outras, há umas que, eventualmente são mais ricas do que outras... enfim, mas vou tentando. Pelo menos vai-me dando gozo, o que não é nada mau... e pronto, quando já não me der gozo, deixo de fazer. Não é uma questão fundamentalmente financeira, nada disso, é mesmo gozo.</p>	<p>87. Embora nem todas as supervisões se revistam da mesma qualidade e tonalidade, P2 continua a ter muito prazer como supervisor e mantém o seu investimento afectivo no processo.</p>
<p>88. E – Ok. Não sei se me quer perguntar alguma coisa...? P2 – Não, já disse tanto disparate, não... (risos) E – Se há algum ponto que queira voltar e explorar um pouco mais. P2 – Não. Se já tem material suficiente, não. E – Sim, sinto-me satisfeita e agradeço mais uma vez. P2 – Não. Tive todo o gosto... humm... eu depois posso ter acesso à... digamos assim, à...? E – (acena afirmativamente) Eu vou parar. (37'32'')</p>	<p>88. Agradecimentos.</p>

ANEXO F. Tabela Unidades de Significado – P3

Unidades Significado	Unidades Significado Psicológico
<p>1. E – Atendendo ao âmbito do trabalho, peço-lhe que me descreva a sua experiência em supervisão, tão completamente e tão detalhadamente quanto possível, tendo em conta o que considera mais importante para si, nesse processo de supervisão. Eventualmente, até ligado a expectativas dos supervisandos, expectativas do supervisor e tudo o resto que lhe ocorra. P3 – Ok (breve silêncio) estou assim a tomar um tempinho para a coisa... humm... eu quando... quando a S. (referência à entrevistadora) começou a entrar em contacto comigo e a ideia de reflectir um bocadinho sobre... desmontar um bocadinho o que é que é o meu modo de estar em supervisão... humm... uma das coisas que eu acho que fica... que em alguma medida vai surgindo sempre é a ideia de que, para mim a supervisão é muito importante eu sentir que... que em alguma medida os supervisandos, os terapeutas estão ligados à pessoa. Muitas das vezes isto vem com características específicas da narrativa que as pessoas trazem acerca dos seus pacientes. E – Ligados à pessoa, quer dizer?... P3 – Ligados ao paciente, à pessoa. (silêncio reflexivo)</p>	<p>1. Enquanto supervisora, P3 considera muito importante perceber vários aspectos da relação entre os supervisandos e os pacientes e, principalmente, se existe vínculo entre ambos. Refere que a qualidade da relação entre supervisando/terapeuta e paciente pode ser aferida a partir de características particulares da narrativa do primeiro, aquando da apresentação dos casos no contexto de supervisão.</p>
<p>2. Nós podíamos... é um bocadinho... esta analogia não é minha, mas eu vou usá-la, é um bocadinho nós podermos contar a história dos Três Porquinhos numa maneira muito resumida, não é, e dizer que eram três porquinhos, cada um fez uma casa, o lobo mau destruiu duas e depois sobreviveram na casa de cimento,</p>	<p>2. Para explicitar as características específicas da narrativa a que está atenta e através das quais vai compreendendo a qualidade da relação entre supervisando/terapeuta e paciente, P3 recorre a uma analogia em que o tipo de linguagem é sintética e objectiva, sem tonalidade afectiva, ilustrando o oposto do tipo de linguagem usada pelos supervisandos acerca dos seus pacientes, quando existe vínculo.</p>
<p>3. mas depois há todo o outro lado em que se pode dar uma dimensão da vivência ou daquilo que nos liga numa esfera que é muito mais complexa e muito mais multifacetada que fica ligada a aspectos particulares da narrativa que trazem uma determinada emocionalidade, trazem uma qualidade de vínculo, que trazem... humm... quase a riqueza de nós não conhecendo o</p>	<p>3. Em oposição a um tipo de relato objectivo e desprovido de afectividade, P3 refere que existe um tipo de linguagem mais rico, à qual está atenta, que permite transmitir os aspectos emocionais, presentes na relação entre</p>

<p>paciente, termos a sensação de estarmos a aceder a uma, ou a vislumbrar a pessoa no que é a complexidade de ser pessoa.</p>	<p>supervisando e paciente e o que isso diz do vínculo estabelecido entre ambos. Estando atenta a este tipo de linguagem P3 vai compreendendo não só a qualidade da relação estabelecida entre supervisando e paciente, mas também vai tendo conhecimento da própria pessoa do paciente, na sua complexidade.</p>
<p>4. E simultaneamente a conseguirmo-nos ligar àquilo que é a dor e o sofrimento que leva muitas das vezes as pessoas à terapia. E isto é uma dimensão que eu valorizo muito.</p>	<p>4. P3 valoriza a relação que se estabelece em terapia, entre o terapeuta e o paciente, por isso é uma dimensão a que dá especial atenção em supervisão. Na sua perspectiva, é importante que o supervisando/terapeuta consiga ligar-se emocionalmente à pessoa do paciente, por forma a ser sensível às razões que a levaram a procurar ajuda, razões essas, maioritariamente assentes em questões dolorosas, geradoras de sofrimento. Adicionalmente, para P3 enquanto supervisora, a compreensão do caso clínico beneficia da qualidade da relação entre supervisando e paciente, a qual vai aferindo a partir de aspectos particulares da narrativa do primeiro.</p>
<p>5. Eu dou por mim, muitas vezes em supervisão a perguntar como é que sentem a pessoa, como é que vêm aquela pessoa, como é que se sentem ligados àquela pessoa... humm... isso são questões que muitas das vezes norteiam o modo... humm... como eu... humm... diria que eu tomo decisões clínicas em termos de supervisão sobre a abordagem que faço com aquele supervisando em particular.</p>	<p>5. De acordo com P3, muitas das questões relacionadas com o paciente que coloca aos supervisandos são de teor afectivo, ou seja, mais do que solicitar apreciações clínicas, promove descrições de aspectos relacionais que vai avaliando através de determinadas características presentes na narrativa. Ao solicitar aos supervisandos que reflectam sobre o que sentem em relação à pessoa do paciente, P3 evoca a dimensão da corporalidade enquanto recurso para a compreensão das dinâmicas relacionais. A tonalidade afectiva</p>

	<p>das narrativas permite-lhe não só aferir a capacidade do supervisando se relacionar com o paciente, mas também ela própria ligar-se à pessoa do paciente, aumentando a compreensão do caso e, conseqüentemente, influenciando as decisões clínicas e respectivas orientações para os supervisandos.</p>
<p>6. E – Sendo que as supervisões que faz na SPPE são de grupo, certo? P3 - Sendo que as supervisões são de grupo. E - Está-me a falar dessas? P3 – Quer as que faço na... eu aqui também faço, aqui no (entidade académica) também faço supervisões a nível individual. São coisas que têm características e qualidades um bocadinho diferentes... humm... porque aqui eu tenho a possibilidade de fazer observação de sessões quando as pessoas vêm para cá estagiar, da SPPE, eu tenho a possibilidade de fazer observação de sessões e aí vamos a detalhes muito finos do que é o modo de estar daquela pessoa em terapia.</p>	<p>6. De acordo com P3 existem diferenças entre supervisão individual e de grupo. De acordo com a sua experiência, a supervisão individual no contexto específico da entidade académica na qual exerce, permite-lhe uma abordagem mais pormenorizada com o supervisando, inclusivamente no modo de estar deste último em terapia, já que tem a possibilidade de fazer observação de sessões. No entanto, isto é um ganho adicional que não invalida o tipo de abordagem que usa numa forma geral em supervisão, muito focada nas qualidades relacionais entre supervisando/terapeuta e paciente.</p>
<p>7. Humm... também é um trabalho muito rico quando nós estamos a começar. É um trabalho muito rico porque também nos dá uma outra rede de segurança para nos podermos pensar naquilo que, muitas das vezes, são medos e inseguranças que é um... é um...</p>	<p>7. P3 avalia a possibilidade de trabalhar aspectos de maior detalhe com o supervisando, advinda da observação de sessões de terapia no contexto da supervisão individual, como muito benéfica no início da prática clínica. O supervisando ao ter possibilidade de explorar de forma mais pormenorizada e abrangente a sua prática clínica, ganha mais confiança para se questionar, conhecer as suas limitações e permitir-se permanecer em zonas mais desconfortáveis e percebidas como ameaçadoras.</p>
<p>8. que quer na SPPE, quer aqui, é um tema que muitas das vezes os supervisandos trazem, que são os sítios dos</p>	<p>8. De acordo com a sua experiência de supervisão, quer em grupo, quer</p>

<p>medos, das inseguranças, a... a voz crítica interna que vem... que eu acho importante para nós questionarmos a nossa práxis, mas ao mesmo tempo, que às vezes... humm... cria uma espécie de um obstáculo para estarmos mais ligados ao paciente.</p>	<p>individual, P3 refere que é frequente os supervisandos manifestarem dificuldades relacionadas com as suas próprias vulnerabilidades, que por vezes podem perceber-se através de auto repreensão. P3 considera importante o autoquestionamento, no entanto, reconhece que uma atitude predominantemente autocrítica, pode dificultar o estabelecimento da relação com o paciente.</p>
<p>9. Se a crítica é muito grande, nós vamos estar mais em função do que é que nós achamos que devia ser a maneira certa de fazer terapia, do que necessariamente com o foco no aqui e no agora, a poder explorar e a sentir uma curiosidade natural por aquilo que... pela riqueza enorme que as pessoas... têm dentro delas, regra geral. E as particularidades e as idiosincrasias que elas também têm, no modo como usam determinadas palavras, no modo como... humm... nos falam do seu sentir...</p>	<p>9. Se a exigência consigo próprio for dominante e a principal preocupação do supervisando for a maneira correcta de fazer terapia, torna-se mais difícil o foco da atenção permanecer no aqui-e-agora, desperdiçando oportunidades de transformar a situação num encontro entre duas pessoas. A disponibilidade afectiva e a curiosidade genuína vêem-se reduzidas, dado o espaço que a preocupação com o fazer-bem ocupa. Consequentemente, as singularidades de cada pessoa/paciente que nos dizem da sua riqueza e nos informam do seu modo de estar e de se relacionarem consigo, com o mundo e com os outros, podem passar despercebidas.</p>
<p>10. e aí acho que tenho uma outra preocupação em grupo... humm... que é nós participarmos todos, nós termos todos voz, porque... humm... embora eu sinta que estou ali num papel um bocadinho desigual... humm... gosto de ter <i>input</i> e <i>feedback</i> das pessoas e não gosto muito da ideia da supervisão como algo passivo (6'06'') em que eu levo um caso e depois a outra pessoa, no alto da sua sabedoria, devolve-me as coisas todas... humm...</p>	<p>10. P3 propõe-se promover na supervisão de grupo uma dinâmica participativa, permitindo que cada pessoa se expresse individualmente, apesar de alguma assimetria de papéis entre si como supervisora e os supervisandos. Apesar da desigualdade de papéis, P3 considera importantes as contribuições de cada pessoa para o enriquecimento do processo de supervisão. Não se revê numa postura rígida, absolutista e exclusiva.</p>

<p>11. E – Então quando diz desigual, refere-se exactamente a quê? Quando diz, “eu sinto-me um pouco”... P3 – Desigual, no sentido de... enquanto num grupo de intervenção nós nos olhamos todos como pares, em supervisão nós não nos olhamos todos como pares e agrada-me a ideia de poder gerir o processo, o próprio processo de grupo, de modo a que seja qualquer coisa mais colaborativa, em que vou... humm... convidando as pessoas a trazerem <i>inputs</i></p>	<p>11. Para enquadrar a sua postura enquanto supervisora, P3 compara o ambiente de intervenção, no qual se esbatem as assimetrias, com o de supervisão em que formal e intrinsecamente está presente uma hierarquia. Afirma ter prazer em fomentar as condições necessárias para que os supervisandos se sintam valorizados e confiantes, num ambiente mais igualitário, no que diz respeito às contribuições para o processo de supervisão.</p>
<p>12. e uma das coisas que depois é muito satisfatória para mim de observar é que depois as pessoas quando chegamos ao final do ano de supervisão, as pessoas participam muito mais, têm todas ideias, têm todas questões... humm... e é assim uma construção, é uma co-construção que eu também acho que fica muito próximo da abordagem existencial.</p>	<p>12. Como resultado da sua disponibilidade e promoção de confiança no grupo, P3 refere que é com satisfação que verifica os comportamentos activamente participativos de todos os elementos, no final do ano de supervisão. Na perspectiva de P3, a supervisão é um processo de construção, pois reveste-se de transformação e progresso, quer no sentido individual, quer no sentido colectivo. É também uma co-construção, na qual se inclui, já que os contributos são da responsabilidade de todos, ocorrem numa dinâmica particular criada entre as pessoas, o que diz enquadrar-se na abordagem existencial.</p>
<p>13. Não estamos sozinhos no mundo, estamos no mundo com outros e a coisa surge desta maneira em que também ali nos relacionamos e também ali... trazemos a nossa riqueza.</p>	<p>13. Para P3 a existência humana é relacional e quer-se dinamizada a partir da singularidade de cada um. Esta visão é, para P3, extensiva ao contexto da supervisão, na qual o encontro de várias complexidades é propício a um processo construtivo, enriquecido pelas contribuições de cada pessoa, nascidas da inter-relação.</p>
<p>14. E às vezes trazer a nossa riqueza passa por até podermos dizer disparates, podermos rir e não termos medo de um julgamento ou duma crítica que vá levar-</p>	<p>14. Para P3, a supervisão é um espaço no qual cada pessoa pode ser espontânea e genuína, sem sentir</p>

<p>nos para sítios de culpa ou de vergonha.</p>	<p>que exista algum tipo de ameaça e/ou algum tipo de retaliação ao expor-se. O desenvolvimento de cada supervisando beneficia da segurança percebida no contexto de supervisão, de quanto se sente aceite para expor mesmo as dimensões que considera mais vulneráveis ou de difícil confrontação.</p>
<p>15. É uma coisa a que eu também estou atenta, porque... E – Dar demasiados ouvidos à tal voz que regula, mas que... pode atrapalhar? P3 – (acena afirmativamente) E aí também é uma preocupação que eu tenho, que tem a ver com questões mais pessoais, que eu já tive a experiência de estar em supervisão, grupos de supervisão em que todos omitíamos coisas... humm... precisamente por sentirmos um... uma crítica menos construtiva, ou uma espécie de um bem-fazer e um mal-fazer sem a coisa se ajustar ao nosso perfil, ou ao nosso modo de estar em psicoterapia.</p>	<p>15. A experiência de P3 enquanto supervisanda, torna-a mais atenta e preocupada com os aspectos que podem dificultar o sentimento de segurança das pessoas para se exporem e se permitirem errar, o que faz parte do processo de descoberta do seu modo pessoal de estar em terapia. Da sua própria vivência enquanto supervisanda, P3 sabe que a antecipação de críticas não constructivas ou a percepção de atitudes pouco flexíveis que criem a dicotomia certo/errado, podem causar inibição não promovendo congruência entre o modo pessoal de cada um e a sua postura em supervisão. Esta inibição pode mesmo dar lugar a omissão de alguns aspectos importantes para o processo.</p>
<p>16. Acho que é existencial. Uma das coisas que eu prezo, ou acho que me apossei duma maneira muito vivida na existencial é a centralidade da relação... é uma coisa... tudo o resto pode existir se cuidarmos desta parte... humm...</p>	<p>16. Reconhecendo como influência da perspectiva existencial, P3 destaca a centralidade da relação. Esta é uma dimensão de grande importância, ao ponto de determinar todos os outros aspectos presentes na supervisão. Na perspectiva de P3, se o supervisor zelar pela dimensão relacional, quaisquer outros aspectos do processo de supervisão podem ter lugar, mesmo os mais difíceis de serem confrontados.</p>
<p>17. e se nós ficamos muito ligados a uma perspectiva de erro ou se não ficamos ligados ao... ou melhor...</p>	<p>17. Para P3, o ambiente da supervisão tem que ser facilitador do</p>

<p>(silêncio reflexivo) acho que como supervisora faz parte, é qualquer coisa que eu sinto que em alguma medida é uma responsabilidade minha tentar facilitar um certo conhecimento de si, como terapeuta, que esteja ligado ao descobrir o seu estilo terapêutico particular e não a uma ideia de que o meu é melhor do que os outros, ou que há uma forma certa</p>	<p>desenvolvimento pessoal e profissional dos supervisandos e reconhece como sua a responsabilidade de o promover. Contrariamente a algumas experiências de supervisão do passado, P3 não considera favorável a postura inflexível ou exclusiva do supervisor que tudo sabe, já que fomenta uma perspectiva de erro, ou seja, o supervisando procurará posicionar-se sempre no que é considerado correcto, em detrimento de experiências de descoberta, mesmo que essas descobertas partam de escolhas que se venham a revelar menos adequadas. Para P3, só arriscando ser genuíno, mesmo errando, se consegue vir a descobrir uma identidade profissional, enquanto terapeuta, a sua forma própria de estar em terapia, já que não existe uma forma certa, única de o fazer.</p>
<p>18. e isto também é qualquer coisa que é existencial ou que o paradigma fenomenológico-existencial traz (9'40''), que é esta ideia deste conhecimento de si também ser facilitado através do processo de supervisão.</p>	<p>18. De acordo com P3, também faz parte da perspectiva fenomenológico-existencial que a supervisão seja um processo de aprendizagem e desenvolvimento pessoal e profissional e não apenas um espaço de transmissão de conhecimento concordante com um modelo teórico, ou com a experiência pessoal do supervisor. Para que isso aconteça, o supervisor deverá posicionar-se como um facilitador da descoberta que cada supervisando faz sobre si próprio.</p>
<p>19. E – Será uma das dimensões que preza também. P3 – Sim. Sim, porque mais do que a ideia de modos de bem-fazer ou de mal-fazer, é um bocadinho... nós somos... e agora não vou gostar de usar esta palavra, mas vou usá-la na mesma (sorri)... mas em alguma medida, nós somos a nossa ferramenta de trabalho, não somos um utensílio à mão, somos pessoas com a complexidade que temos como pessoas, falhos, dizemos</p>	<p>19. P3 considera não existirem modelos de supervisão que sirvam igualmente todas as pessoas, tal como não existem modos únicos de estar em psicoterapia, o que torna fundamental a descoberta da identidade própria. Na sua perspectiva é a partir de quem se é,</p>

<p>disparates (sorri)... humm... temos dúvidas, temos medos e inseguranças e nessa dimensão somos tão pacientes quanto os nossos pacientes, porque somos todos pessoas</p>	<p>que se pode ficar disponível para o encontro com O Outro, igualmente na sua singularidade. Enquanto supervisora, P3 propõe-se promover processos de autodescoberta, já que considera ser a qualidade de ser pessoa que facilita o trabalho psicoterapêutico, pois coloca o profissional ao mesmo nível de humanidade que o paciente. Não se pode esperar que as vulnerabilidades de cada pessoa sejam anuladas por um qualquer saber técnico abstracto, ou por aquilo que o supervisor avalia como certo ou errado.</p>
<p>20. e... o conhecimento de si traz esta mais-valia de percebermos que há sítios até de alguma fragilidade e de vulnerabilidade que nós temos como terapeutas e aqui, eu estou a falar na minha posição como supervisora, mas eu também falo do meu posicionamento enquanto psicoterapeuta porque estas coisas, parece uma matrioska, não é? São bonequinhas que ficam todas umas dentro das outras (sorri)... humm... Este é o aspecto que eu acho muito importante, que é a ideia de podermos descobrir sítios de força dentro de nós que muitas das vezes vêm, ou estão escondidos atrás destas ideias de fragilidade ou de vulnerabilidade, ou que podem ficar mascarados por sentimentos de culpa e de vergonha. E isto são coisas que, em alguma medida, eu tento estar... E – Em relação aos supervisandos? P3 – Em relação aos supervisandos.</p>	<p>20. Para P3, a sua posição enquanto supervisora está relacionada com a posição enquanto terapeuta e ambas informam a sua postura em relação à forma como perspectiva aquilo que considera importante numa supervisão. De acordo com P3, como supervisora tenta proporcionar um ambiente de confiança e aceitação para que os supervisandos possam, perspectivando-se como terapeutas, desenvolver a identidade profissional fundada no conhecimento de si mesmos, na sua complexidade e transformar aspectos percebidos como de vulnerabilidade ou fragilidade, em recursos ajustados à prática clínica. Como supervisora, P3 considera importante que os supervisandos se sintam aceites na sua singularidade, para desenvolverem capacidades profissionais, sem perder de vista que também são pessoas e, por isso, falíveis. Que a descoberta de si próprios não fique comprometida pela inibição resultante de um ambiente de supervisão castrador, ou mesmo hostil.</p>
<p>21. E – E em relação a si própria, ainda dentro disso que está a descrever, em relação a, no fundo a conhecer-se</p>	<p>21. P3 considera muito estreita a ligação entre o que é ser</p>

<p>melhor. P3 – Em relação a mim própria... (sorri) diria que... nestes sítios as coisas misturam-se, porque eu acho que quando falo nisto, o meu posicionamento como supervisora acho que tem muito a ver também com o modo como eu me coloco (11'51'') como terapeuta e naquilo que eu valorizo como terapeuta,</p>	<p>supervisora e ser psicoterapeuta. Os aspectos que valoriza enquanto terapeuta são os que transporta para a supervisão e se propõe transmitir aos supervisandos. O conhecimento de si, informa-a de quanto as duas actividades se vão influenciando mutuamente.</p>
<p>22. depois há um lado que tem a ver... com as minhas limitações, que eu tenho para dar o que eu tenho para dar... e estas são as dimensões em que também o meu caminho e o meu processo de desenvolvimento pessoal, quer seja supervisão, grupos de intervenção, psicoterapia pessoal, muita (sorri)... humm... leituras, enfim há uma série de, todo um caminho que foi feito que também me faz posicionar desta maneira e apossar-me do paradigma fenomenológico-existencial com estas particularidades.</p>	<p>22. Ao longo do seu desenvolvimento pessoal e profissional, P3 tomou consciência da coerência no seu posicionamento relativamente ao paradigma fenomenológico-existencial. Nesta perspectiva em que se inscreve, P3 foi tomando consciência das suas limitações e aceitando-as, e é à luz desta realidade partilhada com os outros seres humanos que se posiciona enquanto supervisora, não pretendendo ocultá-las ou mascará-las escudando-se atrás de modelos conceptuais ou verdades absolutas. É neste enquadramento que situa a sua forma de estar em supervisão, oferecendo abertura para os supervisandos poderem escolher como querem posicionar-se eles próprios.</p>
<p>23. Não sei se respondi à sua pergunta? E – Sim, é sempre resposta. (risos) P3 – Sim, acho que a minha dúvida é se fui clara, no sentido em que acho que algumas... há uma artificialidade na ideia de papéis, porque nós somos pessoas primeiro que tudo e somos pessoas na nossa complexidade.</p>	<p>23. P3 considera que não é possível que técnicas ou modelos assentes em categorizações possam sobrepor-se ao facto de terapeutas e supervisores serem pessoas, na sua complexidade e, por isso conterem um teor que se afasta de certo modo da verdade. Para P3 a integração de um indivíduo num papel profissional perdendo de vista a personalidade, confere-lhe inautenticidade.</p>
<p>24. Isto ajuda-nos em termos discursivos a organizar a coisa e a sabermos de que é que nós estamos a falar, mas tenho alguma dificuldade em dizer... humm... que eu, eu como supervisora posiciono-me de forma diferente no grupo de supervisão, do que eu estou em terapia individual, como em cada processo terapêutico</p>	<p>24. As concepções teóricas e definição de papéis são importantes em termos de organização de pensamento, no entanto, não é a especificidade de papel que determina a forma de estar nos</p>

<p>individual eu como terapeuta provavelmente posiciono-me de maneiras diferente, porque estou a responder à pessoa que eu tenho à minha frente...</p>	<p>diversos contextos profissionais, mas antes a adaptação, a resposta, aos diferentes contextos e às pessoas neles envolvidas. Estando disponível para ajustar a interação com a(s) pessoa(s) na sua complexidade, nos diversos contextos, sem constrangimentos de verificações teóricas <i>à priori</i>, funda-se uma maior abertura multidireccional ao desconhecido.</p>
<p>25. mas também vou tendo uma ideia um bocadinho, quase à guisa de variação eidética, que quando o elemento comum sou eu há coisas que me vão falando sobre mim, sobre o meu estilo, sobre o meu modo de estar particular em terapia.</p>	<p>25. De acordo com P3, ser pessoa unifica todos os papéis profissionais que se possam desenvolver e a abertura ao desconhecido, permite realizar descobertas acerca de si mesmo nas várias dimensões.</p>
<p>26. E também faço esta ponte para a supervisão e provavelmente isso também acontece com os supervisandos (13'50'') porque ... somos pessoas, na nossa... num fazer particular, num modo de fazer particular. E aí, acho que é... somos nós nas limitações da linguagem a separar coisas.</p>	<p>26. Para P3 também em contexto de supervisão os processos são comuns aos de terapia, isto é, é dispensável qualquer predomínio das definições de papel ou premissas teóricas, uma vez que se trata sempre de encontro de existências, logo um espaço para modos de expressão e interação particulares. No entanto, recorreremos à linguagem, nas suas limitações, para o exercício da compreensão da totalidade da pessoa, o que pode assemelhar-se a decompô-la em aspectos independentes.</p>
<p>27. E – Ou seja, papéis diferentes, mas sempre pessoas e daí poderem surgir algumas variabilidades, não é? P3 – Acho que respondemos, que nos adaptamos ao que nós... acho que... em alguma medida o contexto é estímulo para o nosso modo de estar, mas nós depois somos a mesma pessoa a responder a esses estímulos e esses estímulos nós encontramos no contexto da supervisão, no contexto da psicoterapia individual, no contexto da nossa vida pessoal.</p>	<p>27. Em qualquer contexto de interação com pessoas, seja profissional ou pessoal, P3 considera moldar-se de acordo com os estímulos, não perdendo a sua singularidade. Também em supervisão, P3 vai dando resposta aos estímulos, de acordo com as particularidades de cada supervisando em cada momento, isto é, todos se vão expressando e revelando modos de ser influenciados pela dinâmica</p>

	partilhada.
<p>28. E é aí que depois... o chapéu... (sorri e faz gesto amplo) fica muito largo... e é... acho que prezo, muito esta ideia... (pequena pausa) eu acho que é o Buber, e eu não tenho a certeza e sou péssima nestas coisas porque eu lembro-me às vezes o que é que eles dizem, mas não lembro quem é que diz, mas acho que é o Bubber que diz que é a dimensão do encontro humano ao modo humano.</p>	<p>28. P3 recorre ao autor de nome Buber para ilustrar a sua forma de estar em supervisão, presente na ideia de abertura e flexibilidade na interacção com os outros, independentemente de crenças a respeito das características contextuais.</p>
<p>29. E isto é uma coisa que quando falava da relação, é muito... acho que é uma coisa que eu prezo, é uma coisa que eu valorizo, que é a ideia de, não é a ideia de que nós gostamos dos nossos pacientes, já estou aqui a fazer aqui uma interpretação, mas não é a ideia de que nós gostamos todos dos nossos pacientes e que temos que gostar muito dos nossos pacientes para fazer boa terapia... ou suficientemente boa terapia, não sei existe boa terapia, vamos por a coisa assim meio à Winnicott... humm... mas esta ideia de que podemos... nos encontrar numa esfera que também é ética, de respeito, de consideração, de um acto que é de cuidar, mas também de... de poder acompanhar e ir onde o outro está.</p>	<p>29. Dada a centralidade da relação, dimensão que P3 valoriza em contexto de terapia e igualmente em supervisão, esta é pensada e agida tendo em conta alguns aspectos éticos que considera importantes. Mais do que uma visão simplista da relação entre terapeuta e paciente, ou supervisor e supervisando permeada pela afectividade, esta beneficiará duma postura ética, na qual é respeitada e considerada a singularidade de cada pessoa. Esta postura permitirá o encontro entre duas pessoas num plano nivelado enquanto seres humanos, sem que isso desvirtue o papel do terapeuta/supervisor, ou desqualifique a sua função na promoção da mudança, no caso do paciente, ou de facilitador para o processo de desenvolvimento do supervisando. Na perspectiva de P3 a relação – dimensão central – tem aspectos particulares que, salvaguardados, promovem qualidades humanas fundamentais para estabelecer uma plataforma de aceitação, confiança e segurança, necessárias para a concretização dos objectivos propostos, quer em contexto de terapia, quer de supervisão. Esses aspectos passam pelo respeito, consideração, cuidado, compreensão e disponibilidade.</p>
<p>30. E – Tanto quanto tem estado a dizer até agora, uma vez que as coisas estão um bocadinho ligadas umas às</p>	<p>30. Para P3, mais do que a determinação dos papéis</p>

<p>outras, não é, a questão da prática clínica, a questão da supervisão, também enquanto supervisanda, não é... todas essas... portanto, tudo quanto tem estado a falar continua a caber desse, debaixo do grande chapéu, de a postura é uma, mas pode ter expressões diferente, digamos...</p> <p>P3 – A pessoa é uma, não sei a postura é uma. A pessoa é uma, de certeza (sorri)... humm... naquilo que é a complexidade de sermos pessoas e do modo que nós temos de responder... o modo particular, à pessoa que está à nossa frente, não é?</p>	<p>concordantes com cada situação ou contexto profissional, interessa um modo de estar “à medida” da(s) pessoa(s) com quem se interage.</p>
<p>31. Esta entrevista está a correr como está a correr, se a S. (entrevistadora) fosse outra pessoa... (sorri) E - ...provavelmente... P3 - ... provavelmente... (sorri) E – Bom, provavelmente, não, certamente não seria desta forma. Teria qualquer contorno diferente. P3 - ...não seria desta forma...</p>	<p>31. P3 Ilustra a ideia de especificidade de cada interação humana e do perfil de resposta, com a situação da entrevista actual.</p>
<p>32. e eu acho que isto também fica muito... estou aqui muito com as palavras da... do fenomenológico-existencialmente informada (refere-se à descrição prestada nos dados caracterizadores dos participantes do estudo), acho que isto também é qualquer coisa que vem por arrasto da... ou que é, que é qualquer coisa que vem com a abordagem fenomenológico-existencial (17'37''), que é um bocadinho nós também podemos estar suficientemente confortáveis na esfera da incerteza, ou seja, do não-saber.</p>	<p>32. P3 reconhece as influências da abordagem fenomenológico-existencial no seu modo de estar atento ao que é singular, de que tem vindo a falar. Salienta a capacidade de se deixar surpreender e conduzir para espaços desconhecidos, mantendo a abertura para a incerteza que proporcionará a descoberta.</p>
<p>33. E – Fale-me um pouco mais dessa incerteza e desse não-saber em supervisão. P3 – (silêncio reflexivo) O não-saber é às vezes uma postura, eu acho que é uma postura de humildade.</p>	<p>33. P3 revê-se numa postura de acolhimento ao que é trazido para a supervisão pelas diferentes pessoas, atenta a eventuais tendências de oferecer respostas concordantes com o seu modelo pessoal, o qual não considera exclusivo. Mantendo uma atitude de respeito para com as contribuições dos supervisandos, P3 coloca-se ao mesmo nível dos supervisandos, no que concerne o ponto de partida para a exploração de possibilidades acerca das problemáticas trazidas para o espaço de supervisão. Para P3, o seu saber, experiência clínica e atribuições do papel de</p>

	<p>supervisora, não se sobrepõem à modéstia com que encara um processo de descoberta conjunta.</p>
<p>34. Facilmente nós fazemos imensas interpretações e partimos de pressupostos e a... o que não quer dizer que eu também não faça, também o faço... lá vou eu, se calhar dois passos à frente, quando devia estar era dois passos atrás... humm... mas é um bocadinho a ideia de que posso... que em alguma medida... não tendo uma resposta certa, eu não estou num sítio de segurança, estou num sítio de incerteza, podem haver várias, mas posso ter... (breve pausa) estou à procura da palavra... humm... (suspira) não é bem satisfação, mas é qualquer coisa que fica com... o caminho pode ser tão importante como a resposta. O caminho para lá chegar pode ser tão importante como a resposta.</p>	<p>34. P3 assume a tendência natural de avaliar e interpretar os casos clínicos apresentados em supervisão, de acordo com ideias pré-concebidas, a qual propõe contrariar assumindo uma postura de humildade, isto é, reconhecendo as suas próprias limitações e procurando manter a capacidade de tolerar as eventuais vulnerabilidades. Para P3, o processo que conduz ao desenvolvimento e à descoberta pode revestir-se de qualidades em nada inferiores à solução em si.</p>
<p>35. E às vezes o caminho para lá chegar passa por nós tolerarmos o não-saber, a incerteza, ou passa por nós estarmos a discutir um caso e o que nos estão a surgir são perguntas e coisas que não sabemos e não necessariamente respostas sobre o que é que devemos fazer com a pessoa,</p>	<p>35. O modo de estar em supervisão de P3 passa pela tolerância à incerteza, mantendo a capacidade de se questionar quando as dúvidas são superiores às respostas. O percurso no sentido da descoberta que se propõe fazer em conjunto com cada supervisando, não é isento de desconforto, no entanto, considera-o importante no processo de supervisão.</p>
<p>36. mas que isto nos põe numa atitude muito mais... numa instância muito mais fenomenológica, da possibilidade de explorar... humm... as coisas, do que necessariamente numa postura mais adivinhatória, mais ligada a um... a um quadro teórico mais interpretativo que vai encaixar as pessoas em determinados sítios, com determinados problemas, ou determinadas perturbações ou ... com... humm... com uma visão... acho que estou aqui à procura da palavra... talvez mais despersonalizada da pessoa, mais arrumada num quadro teórico, mas que não olha para... mas que não fica realmente próximo da pessoa.</p>	<p>36. Enquanto supervisora P3 procura, numa inspiração fenomenológica, explorar possibilidades de acordo com as vivências particulares de cada pessoa e procura transmitir isso aos supervisandos, para a integração no seu desenvolvimento enquanto psicoterapeutas. Em oposição a uma postura que parte de pressupostos e categorias teóricas, nas quais se pretendem enquadrar as pessoas e/ou as problemáticas por elas apresentadas, P3 valoriza uma abordagem que considere a singularidade e as experiências de cada pessoa, em proximidade e numa concepção mais humanizada.</p>

<p>37. Dá-nos segurança, (20'17'') é bom termos um quadro teórico que nos diz que a determinadas idades, acontecem determinadas coisas, se a mãe ou se o pai faz não sei o quê, ou se nós mudamos uma crença resolve-se... se fizermos dessensibilização sistemática já sabemos que a fobia desaparece... (sorri) há uma zona de um enorme conforto e de uma enorme segurança nestas abordagens... humm... e nós precisamos também de alguma estrutura, mas ao mesmo tempo a ideia de podermos ficar em sítios de incerteza e de não-saber, também nos pode trazer uma riqueza imensa.</p>	<p>37. P3 reconhece os aspectos positivos que um quadro teórico proporciona, como por exemplo uma maior segurança, já que não prevê a permanência em espaços de desconforto trazidos pela incerteza. Porém, para P3 não aderir exclusiva e determinantemente a um referencial teórico pode trazer ganhos imensos, assim se consiga tolerar o desconforto e a incerteza que a ausência de estrutura pode trazer.</p>
<p>38. E – E isso na prática, aplicado à supervisão é, enquanto supervisora...humm... <i>eu quero tolerar o não-saber para poder descobrir mais coisas</i>, ou também tem a preocupação, acredito que sim, passar essa mensagem ao supervisionando para que ele consiga, de alguma forma, vir a sentir-se mais confortável dentro do desconforto, ou dessas zonas menos confortáveis? (silêncio) E – Não sei se formulei da melhor forma? P3 – Ten-den-cial-mente (a divisão silábica como que acompanha o tempo de reflexão), eu acho que me ligo às duas coisas, acho que me ligo às duas coisas, que é por um lado... humm... por um lado poder perceber que há sítios em que se fica e são sítios de alguma insegurança e de alguma angústia e poder... humm... explorar às vezes, às vezes digo eu, às vezes ponho o grupo a pensar, <i>então como é que nós podíamos explorar isto? Como é que podíamos abordar isto? O que é que nós podíamos fazer, o que é que nós podíamos dizer, principalmente quando nós estamos nos primeiros anos... humm... que há um lado em que também nós sabemos a teoria, mas depois como é que ela se põe na prática, ficamos também nós aqui num espaço do desconhecido e que gera alguma angústia. Eu sou capaz de fazer isto e faço isto.</i></p>	<p>38. Atenta às dificuldades dos supervisionados ao longo do processo de desenvolvimento pessoal e profissional, P3 coloca-se numa postura de adaptação, propondo-se apoiá-los na integração dos conhecimentos teóricos na prática clínica. Solicita a contribuição crítica de cada supervisionando na exploração das possibilidades de compreensão e resolução dos casos clínicos e vai gerindo a capacidade de tolerância destes, à angústia resultante da qualidade de principiante, quando aplicado. Oportunamente vai proporcionando a integração da teoria com o saber-fazer, contribuindo para o desenvolvimento no processo de supervisão. As zonas de desconforto que podem ser geradas pela postura de suspensão de conhecimentos <i>à priori</i>, são consideradas por P3 como desejáveis de exploração e desenvolvimento e não substituídas ou sobrepostas, no sentido de precaver abordagens estritamente teóricas e, conseqüentemente, despersonalizadas.</p>
<p>39. Depois o outro lado é, muitas vezes, também ter um estilo de questionamento que é <i>ok, então o que é... o que é que o paciente está a querer dizer com isto? O</i></p>	<p>39. P3 distingue na sua abordagem enquanto supervisora, uma forma de questionamento mais</p>

<p><i>que será que isto significa para ele? Como é que isto é vivido? Qual é... a... estamos aqui a falar de ansiedade... qual é a vivência corporal? O que é que acontece? O que é que a pessoa dá por si a pensar ou a sentir? E acho que este estilo de questionamento também veicula a minha... o meu modo de me posicionar face a estas coisas, ou seja, acho que há momentos claramente explícitos em que a coisa surge, ok, como é que isto se põe na prática e que pode até parecer mais directivo, sendo que eu estou a pôr aqui umas aspas muito grandes no “mais directivo” (sorri)... humm...</i></p>	<p>pragmática, mais inscrita em dimensões identificadas num corpo teórico, a que também recorre. De acordo com P3, esta forma a que atribui um carácter mais directivo, também faz parte do seu posicionamento em supervisão e considera ser percebida claramente pelos supervisandos, a distinção entre esta postura e outra mais cooperante.</p>
<p>40. porque muitas vezes esforço-me, mesmo que falhe, esforço-me por que seja um processo colaborativo, que é ouvir o contributo de todos. <i>Vamos lá pensar, como é que nós podemos pôr-nos a fazer isto na prática</i></p>	<p>40. P3 tem presente a necessidade de estar continuamente atenta à postura colaborativa que se propõe facilitar, envolvendo os supervisandos no processo. Assume que pode nem sempre conseguir o seu intento.</p>
<p>41. e depois acho que há um outro lado que talvez tenha uma natureza mais implícita e tem a ver com o meu próprio estilo de questionamento do que é que os supervisandos estão a trazer, (23’37’’) que vai veiculando esta ideia mais (sorri)... de podermos, se calhar, ter momentos de mais... mais confrontativos... à existencial, diria mais desafiantes (sorri)... humm... como podemos também ter momentos em que, uma instância mais fenomenológica no sentido de explorar a coisa, em instâncias mais descritivas... ou... humm... mesmo ter...</p>	<p>41. De acordo com o seu modo de estar próprio e das influência que informam a sua prática, P3 vai adaptando o tipo de questionamento aos supervisandos em função do que é trazido para a sessão, com variantes mais confrontativas ou mais descritivas, consoante a abordagem seja mais existencial ou mais fenomenológica, respectivamente.</p>
<p>42. e agora não sei, S. respondi à sua pergunta? E – Sim, sim. P3 – Sim? E – Sim, sim. (risos) E – Estou maravilhada com tanto material que está... (hesita e corrige) espero eu que venha a estar... (risos) E - ... a surgir. P3 – É só para <i>checkar</i> um bocadinho, porque eu sei que vou andando aqui assim... numa data de sítios... humm... mesmo...</p>	<p>42. P3 interrompe o discurso para aferir se a entrevistadora está a acompanhar o decurso das ideias, uma vez que considera não seguir uma estrutura linear.</p>
<p>43. outra coisa que eu tenho a noção, por exemplo, tem a ver com o modo... cuidar do modo como fazemos interpretações, que não são dogmáticas, que eu não estou a oferecer uma verdade á outra pessoa, mas...</p>	<p>43. Em supervisão, P3 tem o cuidado de transmitir a ideia de que não existem verdades absolutas, nem tampouco pretende que os</p>

<p>hummm... e se, por um lado, tenho cuidado ao fazê-lo, ou seja, quando ofereço interpretações no contexto de supervisão eu digo, eu acho isto, ou eu percebo isto desta maneira, ou isto é uma interpretação minha e sou explícita, ou estou a partir dum pressuposto, na minha fantasia isto está a acontecer e eu acho que isto me está a informar, em alguma medida, e posso estar completamente ao lado, mas sou explícita em relação a isto.</p>	<p>supervisandos se atenham apenas a uma perspectiva sobre os casos clínicos. Isto inclui as interpretações ou visões próprias que oferece aos supervisandos, deixando claro que são apenas uma possibilidade entre outras e que podem inclusivamente não ser as mais viáveis.</p>
<p>44. E o outro lado é convidar os supervisandos também a serem cuidadosos no modo como oferecem interpretações aos pacientes. (silêncio)</p>	<p>44. Através da sua postura cuidadosa e autocrítica, pretende promover nos supervisandos a atenção para serem igualmente cuidadosos nas intervenções com os pacientes, no sentido de os salvaguardar de interpretações apressadas ou teoricamente pertinentes, independentemente da capacidade de reflexão da pessoa naquele momento, ou naquele ponto do processo terapêutico.</p>
<p>45. Ou na possibilidade de podermos... S. fui...? (expressão interrogativa) E – (sorri) Sim, sim, sim. P3 – Ou na possibilidade de podermos, por exemplo, estarmos a ver qualquer coisa que nos parece tão óbvia e é tão tentador (acentua adjectivo) nós podermos ficar tão bem como terapeutas e oferecer uma coisa tão arrumadinha e tão bonita (25’50’’), mas podermos cuidar destas partes, se isto é em prol de nós, para podermos ficar bem na fotografia, ou se é em prol do paciente e podermos dar um passo atrás e questionarmo-nos como que tipo de... que modos de intervenção, que tipo de tomadas de decisão clínica nós podemos fazer para que nos posicionemos numa instância de <i>empowerment</i> para o paciente, que é, as nossas perguntas vão fazê-lo ter... vão fazê-lo, entre aspas... isto... mas vão facilitar que a pessoa chegue àquele sítio... E – Às suas próprias respostas... P3 – Chegue aquele sítio em que encontra as suas próprias respostas,</p>	<p>45. Alerta os supervisandos para o risco de confusão entre uma intervenção ajustada ao paciente e uma intervenção em virtude das suas próprias necessidades pessoais enquadradas nos aspectos profissionais. P3 considera existir algum fascínio na possibilidade de auto-satisfação dos terapeutas, que deve ser acautelado, promovida por intervenções teoricamente pertinentes independentemente do efeito transformador para o paciente, pois não contribui para a autonomia deste último. Para que sejam assegurados os princípios éticos que informam uma boa prática, nos quais se inclui a autodeterminação do paciente, o terapeuta/supervisando deverá manter um autoquestionamento constante em relação às motivações que estão a condicionar algum tipo de modo de intervenção.</p>
<p>46. mas é um sítio de imensa força dentro dele, não é um</p>	<p>46. De acordo com P3, no sentido de</p>

<p>sítio de alimentar dependências. É um sítio de... de poder fazer isto lá fora doutras maneiras, (sorri) sem... tendo cá dentro as coisas para o poder fazer, não é, não fica assim com uma... com um certo misticismo que é, de repente nós temos muito boa memória e dizemos umas coisas muito acertadas, <i>na mouche</i>, como terapeutas, mas... humm... e isso são batalhas dentro de mim, como terapeuta (ri) mas também são coisas que eu levo...</p>	<p>promover a autonomia do paciente, o terapeuta/supervizando deve estar sensibilizado para os aspectos que possam dificultar o processo, entre os quais os que dizem respeito a questões suas que interfiram na qualidade da intervenção. Idealmente, o paciente deverá encontrar na pessoa do terapeuta um facilitador do seu processo de transformação e da descoberta das suas competências para lidar com dificuldades. O terapeuta deverá favorecer a auto reflexão, ao invés de oferecer respostas prontas, que alimentem, mais que tudo, as suas próprias necessidades de gratificação. P3 dá atenção a essa tendência natural de satisfação pessoal, que pode toldar o discernimento do que é apropriado para uma pessoa em particular em contexto de terapia, questionando-se constantemente.</p>
<p>47. acho que também muitas das vezes as coisas que eu levo para supervisão são muito informadas pela minha prática clínica... por aquilo que também foram as minhas aprendizagens. Acho que por isso é que eu lhe dizia, eu tenho para dar o que eu tenho para dar, não vou poder inventar coisas diferentes. Mmm... mas... humm...</p>	<p>47. P3 considera que a sua prática clínica influencia consideravelmente a forma como faz supervisão, partilhando a sua experiência enquanto terapeuta naquilo que transmite aos supervisandos. O que se propõe fazer em supervisão não está unicamente dependente de um modelo de supervisão, mas funda-se também, muitas das vezes, na sua experiência pessoal.</p>
<p>48. mas é uma... é assim um ciclo que se retroalimenta porque também vou tendo <i>feedbacks</i> que me ajudam a sentir, ok, tenho qualquer coisa que posso oferecer a estas pessoas e estas pessoas estão-me a oferecer imenso... ao mesmo tempo... humm... nós...</p>	<p>48. Para P3, o processo de supervisão é também uma oportunidade em termos de ganhos pessoais, a partir da experiência dos supervisandos e do <i>feedback</i> com que estes lhe permitem aferir a sua contribuição no desenvolvimento dos próprios. Descreve a supervisão como uma possibilidade de dar e receber.</p>
<p>49. é... fazer assim um paralelismo que é... nós fazemos uma coisa que eu acho que é muito... nós como</p>	<p>49. P3 faz um paralelismo entre terapia e supervisão, situações nas quais é</p>

<p>terapeutas fazemos coisas que é... nós pedimos às pessoas que confiem cegamente em nós. Não sabem nada de nós, bábá bá bá bá e depois vá lá, vire-se lá do avesso...</p>	<p>solicitado a alguém que confie as suas fragilidades a um outro, que não se expõe, com o propósito de se verificar um processo de mudança.</p>
<p>50. E – Não sabem e muitas vezes continuam sem saber, não é? P3 – Humm... aí eu diria um nim. Eu acho que os pacientes não sabem muitos dados biográficos ou muitas coisas da nossa história, mas como nós estamos em relação e se nós nos encontramos naquela dimensão do encontro inter-humano, eles vão apanhar imensas coisas nossas. (pausa)</p>	<p>50. Embora num contexto de terapia o paciente não tenha conhecimento de dados biográficos do terapeuta, como estão em relação e se se verificar o que P3 designa por encontro inter-humano, muitos aspectos do terapeuta enquanto pessoa se vão dar a conhecer.</p>
<p>51. E se eu fizer um paralelismo eu acho que com a supervisão nós também pedimos um bocadinho às pessoas isto, que é, venham p'ráqui falar dos sítios onde vocês estão, se calhar um bocadinho emaranhados e onde sentem dificuldades, no fundo é, tragam-me o que não é muito bonito... humm... E – E confiem. P3 – E confiem. Também acho que nós fazemos isto com os supervisandos</p>	<p>51. Retomando o paralelismo entre terapia e supervisão, P3 considera que também aos supervisandos é pedido algo semelhante ao que é pedido aos pacientes. Também em supervisão, para que se desenrole um processo, neste caso, o desenvolvimento do supervisando, é suposto que este sinta confiança suficiente no supervisor e no grupo, para expor aspectos que podem trazer desconforto e fazê-lo sentir-se vulnerável.</p>
<p>52. e isto a mim ainda... põe-me em contacto com uma dimensão... que eu acho que é... pá, com uma humildade... humm... e também dum respeito muito... muito profundo por o sítio onde as pessoas estão, com as coisas que estão a trazer.</p>	<p>52. O reconhecimento da dificuldade que implica para os supervisandos explorarem espaços de insegurança e vulnerabilidade, num ambiente que pode ser sentido, ou não, como seguro, desperta em P3 um sentimento de respeito que a faz posicionar-se numa atitude de humildade. Perante a complexidade que esta situação envolve, ao fomentar a exposição das pessoas em áreas de dificuldade eventualmente ligadas a aspectos emocionais geradores de sofrimento, P3 adopta uma postura de acolhimento e igualdade que pretende anular quaisquer representações de assimetria que o papel de supervisora lhe confira.</p>
<p>53. E – Portanto, tem noção do que lhes está a pedir, da</p>	<p>53. P3 tem presente as suas vivências</p>

<p>enormidade daquilo que lhes está a pedir.  P3 – Tenho. Tenho, tenho dos dois lados, (ri) porque também acho que há... tenho, acho que tenho, gosto de pensar que tenho... humm... até porque eu tenho boas memórias... boas... boas e menos boas, frescas memórias acerca do que é estar do outro lado e isso são coisas que eu também estimo, porque acho que são possibilidades de me vincular, estando atenta para que isso não se sobreponha àquilo que está a ser vivido pelos supervisandos.</p>	<p>enquanto supervisanda, nos aspectos positivos e negativos, na forma como faz supervisão, tendo sempre em consideração o que cada supervisando está a experienciar. A familiaridade com a exposição a que se submete o supervisando, eventualmente no surgimento da necessidade de suporte, é vista por P3 como uma possibilidade de estabelecer ligações afectivas promotoras de confiança e segurança.</p>
<p>54.  E – Ou seja, se eu estou a perceber, a sua experiência está presente e pode informar a sua forma de fazer supervisão sem perder, no fundo, a ideia de que... mas, estou com pessoas diferentes e em situações diferentes...  P3 - ... que vivem coisas diferentes, que é a <i>epoché</i> ao mesmo tempo, não é? É eu estar consciente do que é que fica vivo e rico dentro de mim, mas ao mesmo tempo ter a capacidade de suspender esses pressupostos e de suspender essas coisas e, eventualmente cuidar delas mais tarde.</p>	<p>54.  Embora P3 mantenha presente as suas vivências enquanto supervisanda, que lhe proporcionam uma proximidade com o que pode ser vivenciado pelas pessoas que supervisiona, está consciente do modo particular de cada um experienciar cada situação. Os significados que construiu a partir das suas vivências, são únicos e não procura identificá-los nos outros, mantendo para isso uma atitude de suspensão de pressupostos, sendo no entanto, passíveis de reflexão.</p>
<p>55.  O que não quer dizer que eu faça isto sempre...porque seria...(risos) não seria humano (risos) mas...humm... mas sim, tento estar... não me desligar da experiência e também... humm...</p>	<p>55.  P3 nem sempre consegue separar-se completamente das suas vivências e mobilizar um espaço isento de influências, até porque considera que isso seria uma qualidade pouco humana. Contudo, tenta reflectir sobre as interconexões que possam emergir, visando respeitar a singularidade de cada experiência sua e do Outro.</p>
<p>56.  vou fazer outro paralelismo que acho que é outra das coisas a que eu tendo a estar atenta na supervisão também é um bocadinho às próprias dinâmicas do grupo (30') e ao modo como as pessoas se relacionam umas com as outras, ao modo como as pessoas vão dando <i>feedback</i> umas às outras, ao estilo, ou ao tipo de casos que as pessoas trazem para a supervisão.</p>	<p>56.  Recorrendo a outro paralelismo, este colocando em relação a sua experiência enquanto supervisanda inserida num grupo de supervisão e os grupos que supervisiona, P3 refere outras dimensões a que está atenta. As dinâmicas criadas no grupo, o modo como os elementos do grupo se relacionam e dão</p>

	<p><i>feedback</i> entre si e o tipo de casos que apresentam, também são alvo da sua apreciação a partir da experiência que tem.</p>
<p>57. O mais natural é haver assim uma fase inicial... o mais natural... é um padrão, mas somos nós que fazemos os padrões... ele não tem que ser... humm... às vezes é relativamente comum numa fase inicial da terapia em que as pessoas não nos... não se... não... às vezes não é não se conhecem, é não me conhecem, porque eles já se conhecem uns aos outros e já têm experiências uns com os outros, vivências partilhadas, até de contextos de supervisão, mas às vezes é natural acontecer, mais do que normal, é natural uma das coisas que acontecem é trazerem casos em que não têm... não trazem propriamente dúvidas para supervisão, mas também acho que naqueles momentos o que eu sinto é que estão um bocadinho a tirar as medidas, vamos lá ver como é que... como é que... E – Qual é o impacto que isto vai causar, não é, depois... P3 – Vamos lá ver como é que... E - ... ajustamos.</p>	<p>57. P3 descreve como natural que numa fase inicial da supervisão, as pessoas se estejam a adaptar a uma situação que também ainda está a ser construída e, por isso, vão tacteando para ajustar comportamentos. Apesar de existirem entre os elementos do grupo algumas vivências partilhadas em contexto de formação ou outras, isso não impede que numa primeira fase do processo de supervisão, a novidade e a nova pessoa integrante – a supervisora – a cautela seja uma constante. P3 dá o exemplo do tipo de casos clínicos trazidos para a supervisão, sobre os quais percebe não existirem propriamente questões pertinentes ou dúvidas que impeçam a sua evolução, mas servem antes o propósito de testar o tipo de resposta da supervisora e do grupo e tactear o nível de segurança oferecida.</p>
<p>58. P3 – Porque eu também acho que as pessoas se ajustam aos supervisores que têm e ao estilo de supervisão que têm, o que não quer dizer que as pessoas gostem todas, ou que se identifiquem com todos os estilos de supervisão, não acho que isso aconteça dessa maneira,</p>	<p>58. P3 considera que os supervisandos tendem a adaptar-se ao supervisor e ao modo de estar deste, durante o processo de supervisão, independentemente de se identificarem com o seu estilo, ou mesmo de gostarem da pessoa.</p>
<p>59. mas tento estar atenta às dinâmicas que acontecem dentro do grupo, ao próprio... uma espécie de... uma fase... acho... ao processo da supervisão, porque o processo da supervisão também muda muito qualitativamente em função do tempo, do sítio ou da experiência clínica que os próprios supervisandos vão tendo.</p>	<p>59. P3 refere prestar atenção às dinâmicas que se vão desenrolando no grupo de supervisão, já que identifica mudanças qualitativas à medida que o tempo vai decorrendo. Também o local e a experiência clínica dos supervisandos influenciam significativamente as características e qualidades da dinâmica entre o grupo.</p>

<p>60. E – Quando diz variando ao longo do tempo, é o tempo em que vocês estão a trabalhar juntos. P3 - ... que estamos juntos, em que estamos a trabalhar juntos. Há sempre... até agora houve... assim um certo... uma certa... humm... ambiguidade dentro de mim, que é quando os grupos terminam há uma parte de mim que fica satisfeita, no sentido de... humm... de tarefa cumprida, no sentido de vou ter férias, estou cansada (ri) às vezes a coisa vem com estas qualidades, mas depois há um outro lado em que eu dou por mim a viver uma certa sensação de perda,</p>	<p>60. O tempo de permanência do grupo de supervisão é um tempo de evolução, de trabalho e também um espaço de relação, no qual a dimensão afectiva tem um valor significativo. De tal forma, que o final de cada processo de supervisão desperta em P3 sentimentos ambíguos, pois se, por um lado emerge a satisfação ligada ao cumprimento da função que desempenha enquanto supervisora, enquanto facilitadora do desenvolvimento dos futuros psicoterapeutas, por outro surgem sentimentos de tristeza ligados à privação de uma realidade consubstanciada no espaço e no tempo.</p>
<p>61. porque nós levámos tempo até chegar ali, ou seja, aquele momento em que o grupo consegue dar os <i>feedbacks</i> que dá, consegue cooperar, ou estarem ligados uns aos outros e em que eu também posso ter uma postura mais passiva, já não...</p>	<p>61. As contribuições de P3 para o grupo de supervisão, que entram na construção de uma dinâmica própria, de cooperação e participação activa de todos os elementos, fazem parte da sua vivência particular dentro do grupo e passam a integrar as características desse mesmo grupo. Progressivamente, permite a P3 uma participação mais passiva. O investimento de P3 no grupo de supervisão não só lhe confere qualidades suas, como resulta numa ligação afectiva à obra e às pessoas. O final de cada processo de supervisão confronta P3 com o sentimento de perda.</p>
<p>62. a coisa já tem uma vida própria... humm... mais ou menos... com um mecanismo homeostático mais ou menos equilibrado, vai... vai deixar de ser</p>	<p>62. O resultado do investimento de P3 no grupo, emerge como uma entidade dotada de autonomia, com o seu próprio sistema de regulação. Esta realidade construída e partilhada por várias pessoas em relação, termina factualmente aquando do final do processo em contexto de formação. P3 refere-se a esse final de ciclo como “deixar</p>

	de ser”. Deixa de ser vivenciado nas suas qualidades particulares, enquanto finalidade.
63. e, por um lado é muito bom, porque acho que nós ganhamos muito quando temos modelos de supervisão diferentes... humm... modelos... supervisões diferentes, pessoas diferentes, com experiências diferentes com visões distintas, com maneiras de estar diferentes das nossas. Nós ganhamos muito, há uma grande riqueza nestes sítios,	63. Um dos aspectos que P3 valoriza, relacionado com a conclusão de um processo de supervisão é a possibilidade de novas vivências, perspectivas e aprendizagens decorrentes da experiência de estar com pessoas diferentes noutros contextos e igualmente em contextos de supervisão com outros supervisores. Segundo P3 a diversidade promove ganhos pessoais de grande valor, quer para os supervisandos, quer para o(a) supervisor(a).
64. mas depois há um outro lado em que aquele contexto deixa de estar, aquele contexto relacional com as conquistas que forma feitas dentro desse contexto, deixa de ser, e esse é o lado que eu às vezes vivo como uma... (baixa o tom) perda.	64. Apesar de reconhecer que a conclusão dum processo de supervisão, neste caso o fecho de um ciclo de formação em psicoterapia abre possibilidades de crescimento pessoal e profissional, a ausência factual das sessões, das pessoas e das dinâmicas relacionais construídas, é vivida por P3 como uma perda. O que ajudou a construir, os desafios que superou, algo que contém um pouco de si deixa de existir no concreto e é sentido como estando em falta.
65. E – E essa perda para si é... como é que gere essa perda? (silêncio e expiração audível) P3 – Acho... como é que giro esta perda... humm... E – Pensa logo no grupo a seguir? P3 – Não, não. E – Para o ano há mais...? P3 – Não, não, não. Acho que giro esta perda como giro... o (prolonga vogal)... o fim dum processo terapêutico, que é... (prolonga a vogal) humm... também tendo a capacidade de honrar o que foi vivido e esse honrar o que foi vivido não é evitar confrontar-me com a finitude das coisas, acabou, é o poder perceber que há ... que o que vem p’rá frente já não é, mas há... há uma riqueza muito grande ou há um caminho que foi feito que eu posso honrar.	65. À semelhança do final de um processo de terapia, o qual mobiliza igualmente sentimentos ligados à ausência e que requerem uma readaptação a uma nova realidade, a conclusão de um processo de supervisão proporciona também uma possibilidade de reflexão acerca do que foi vivenciado entre as pessoas. Para P3, o modo como lida com ambas as situações é idêntico, pois procura manter uma representação do que considera perdido envolta em respeito e dignidade, ao mesmo nível do que considera ter

	<p>acontecido durante o tempo que vivenciou a supervisão. De acordo com P3, os ganhos com a experiência e a importância do caminho percorrido ao longo do processo, pedem uma atitude de deferência, um sentido de consideração distinta que toma o lugar do que foi perdido. Esta confrontação com a finitude é, para P3 uma realidade que se faz presente no final de cada processo terapêutico e de cada processo de supervisão.</p>
<p>66. E acho que isso tem a qualidade dos lutos... um bocadinho... (gesto com polegar e indicador próximos) um bocadinho... mas que é qualquer coisa que eu... nós não fazemos terapia sem isto também. (silêncio) Não há maneira de se fazer terapia sem se... sem... às vezes as coisas virem também com estas qualidades... mas... humm... não é mas...acho que o meu modo...</p>	<p>66. Para P3 a descontinuidade vivida perante a confrontação com a finitude, com o terminar de algo que foi experienciado como satisfatório, que foi investido a vários níveis, nomeadamente emocional, descrito por si como contendo aspectos que também se encontram em processos de luto, faz parte da prática na actividade do psicoterapeuta e do supervisor.</p>
<p>67. não sei se eu contemplei as coisas todas S.? No que é... as coisas todas... como se pudéssemos por tudo por palavras... E – Exactamente... que coisas todas são essas? (risos) P3 – Humm... mas acho que a minha postura fica muito ligada a estas coisas. Quando eu penso numa forma mais consciente e reflexiva sobre as coisas acho... fica muito ligada a estas coisas. O que não quer dizer que não possa haver uma <i>décalage</i> porque... (risos) quem está do outro lado também está a colher a sua visão, a sua maneira de... o seu modo próprio de viver... apropriar-se do seu modo de viver estas coisas.</p>	<p>67. P3 questiona-se sobre se o todo das vivências descritas pode ser expresso através de palavras, reiterando o seu modo de estar em terapia e em supervisão, que assenta sobretudo em aspectos relacionais e, portanto, afectivamente relevantes ao ponto de fazerem emergir sentimentos ligados a uma perda significativa, geradora de auto reflexão e reelaboração. Considera que esta é uma forma de estar pessoal, equacionando a possibilidade de as pessoas envolvidas em ambos os processos terem formas distintas de lidar com o fim destes.</p>
<p>68. E – Começou por me falar, logo no início da entrevista, que uma das coisas que achava importante, um dos aspectos importantes era até que ponto os supervisandos estão ligados (acentua) ao cliente... P3 - ...aos pacientes...</p>	<p>68. Para P3, a supervisão integra diversas dinâmicas relacionais entre os diversos intervenientes, directa ou indirectamente implicados no processo, sendo a</p>

<p>E - ... aos pacientes. Depois também falou, um bocadinho mais...</p> <p>P3 – (espirra)</p> <p>E – Saúde. Também me falou, um bocadinho mais p’ra frente de estar atenta às dinâmicas dentro do grupo e até que ponto eles estão ligados (acentua) uns com os outros...</p> <p>P3 – Sim.</p> <p>E – Humm... e agora, no final, que foi muito interessante (sorri) falou de...</p> <p>P3 – Até que ponto eu... (sorri)</p> <p>E – De estar ligada (acentua) a... àquela...</p> <p>P3 – Sim... sim</p> <p>E - ... como foi que disse? A coisa anda por si... Qualquer coisa assim que mencionou, e foi curioso, e pergunto-lhe se realmente agora tendo reflectido um bocadinho sobre a supervisão... não sei se já o tinha feito anteriormente, ou não... humm... se realmente elege como um dos aspectos mais importantes as questões da ligação ou relação, chamemos-lhe assim. (silêncio reflexivo)</p> <p>P3 – Eu diria que sim. Eu diria que sim. Que... que...</p> <p>E – Será tão nuclear, que se essa parte estiver...enfim... bem, tudo o resto que terá que fazer parte desses processos de supervisão, naturalmente (acentua) acontecerá?</p> <p>P3 – Eu não acho que tenha que estar bem (acentua). Eu não sei o que é esse estar bem,</p>	<p>relação o principal pilar de desenvolvimento de outros aspectos. No entanto, não significa que se tenha uma visão da dimensão relacional condicionada a qualidades consideradas positivas e sempre satisfatórias. De acordo com P3, não existe relação, enquanto tal, constantemente inscrita em contornos harmoniosos, ou promotores de bem-estar permanente.</p>
<p>69.</p> <p>porque às vezes não se está bem... humm... e às vezes as pessoas estão em contacto... estão em sítios também de algum desconforto.</p>	<p>69.</p> <p>Acima de tudo, numa relação que serve o desenvolvimento e a descoberta, deve estar presente a possibilidade de ser genuíno. Muitas vezes pode emergir desconforto e insegurança e é importante que não sejam evitados estes ou outros aspectos que surgem na sessão.</p>
<p>70.</p> <p>Um bocadinho aquela história de há pouco, também estamos a pedir às pessoas... falem-nos lá sobre se calhar partes que acham que são menos... ou que julgam como menos boas daquilo que fazem, falem-nos lá dos sítios onde estão... emaranhados, ou embrulhados, ou... dos sítios onde vão sentindo limitações e dificuldades. E esta parte... humm... acho que é importante que a relação... que haja um chão relacional que vá permeando isto e que permita, que possibilite que isto aconteça.</p> <p>E – O estar bem seria... esse chão relacional estar</p>	<p>70.</p> <p>À semelhança do que acontece em psicoterapia, em que o psicoterapeuta espera do paciente que entre em espaços que causam desconforto, em supervisão é igualmente esperado que, neste caso o supervisando, aceda a dimensões que o colocam em exposição. Ao expor-se, o supervisando pode evidenciar fragilidades que podem gerar</p>

<p>presente e ter...  P3 – ... sim, sim...  E - ... ter alguma qualidade, não é?  P3 – Sim. Agora...</p>	<p>insegurança, que o confrontam com as suas próprias limitações, evidenciar dificuldades que podem nem ser bem claras para si, acrescendo à vivência de vulnerabilidade alguma confusão, indefinição. Para P3 é importante que estejam criadas as condições relacionais para que os aspectos vividos como menos edificantes, possam revelar-se e ganhar uma qualidade transformadora. P3 refere-se a um chão relacional que deve estar presente para que o supervisando se sinta aceite e não sinta como ameaçador o ambiente no qual se manifesta o desconhecido, no fundo se revela o que pode ter sido ocultado de si mesmo durante muito tempo, ou mesmo estando vívido, não tenha conseguido ser explorado.</p>
<p>71.  depois o navegar é à vista, porque ... lá está, não vem predefinido, não tem plano, vai acontecendo... humm... mas diria que sim, é uma ideia de chão relacional, vou usar esta expressão desta maneira, que eu acho que é fundamental para que tudo o resto possa acontecer. Para que possamos pensar desde o modo como intervimos, a uma conceptualização de caso... humm... para que possamos... humm... criar algo. Diria que sim... depois se eu tiver que criar assim, condição prévia... (40'42'')</p> <p>E – Seria por aí?  P3 – O tal chão...  E - ... chão fértil.  (risos)  P3 – O tal chão...</p>	<p>71.  Para P3 os caminhos que levam ao conhecimento de si são percorridos sem orientação pré-definida, sem traçar rotas específicas, contudo mantendo a atenção no objectivo desejado, no caso, o desenvolvimento pessoal e profissional do supervisando/terapeuta. Esta postura pode fazer emergir inseguranças, uma vez que promove abertura ao desconhecido, no entanto é possível e desejável, se se estabelecer uma plataforma de trabalho assente na confiança e na aceitação, sem evitar momentos de confrontação e desconforto. A prática da supervisão, de acordo com a sua perspectiva, deve fundar-se na relação que se torna base segura para as explorações que têm que ver com o desenvolvimento do supervisando, quer na descoberta do seu modo de estar em terapia, quer nos aspectos conceptuais da compreensão e intervenção no caso clínico.</p>

<p>72. mas que ao mesmo tempo, também não é muito diferente da terapia em si, ou das relações em si... se nós criamos um espaço de alguma confiança e de alguma segurança, tudo o resto é possível, concordar que discordamos, zangarmo-nos, mas ao mesmo podermo-nos aventurar por estes sítios... humm... não é sem medo, mas é sem ficarmos colhidos pelo medo, ou bloqueados pelo medo. Paralisados pelo medo, pronto. Acho que... mais por aqui. Não é sem medos que... (segundos de pausa)</p>	<p>72. P3 aproxima as qualidades relacionais em supervisão, das qualidades relacionais em terapia ou até das relações de um modo geral. Os aspectos da relação que são favoráveis ao estabelecimento de segurança que, por sua vez, promove a exploração de espaços de desconforto e confrontação com as limitações de cada um, são para P3 transversais. São também desejáveis se se quer ver potenciada a possibilidade de desenvolvimento, sem perder de vista que, por vezes, emergem conflitos e são activadas emoções como raiva e medo. Estas emoções, expressas e contidas num espaço de confiança e aceitação, ao invés de bloquearem a exploração do que não é conhecido, vão integrar a dinâmica que promove o desenvolvimento.</p>
<p>73. porque mesmo quando nós estamos a falar dos nosso pacientes, nós estamos a falar de nós, estamos a falar do nosso modo de os ver, estamos a falar do nosso entendimentos sobre eles, estamos a por lá os nossos pressupostos, estamos a por lá os nossos "achismos", estamos a por lá... humm...</p>	<p>73. Para P3, toda a narrativa traz informações a respeito da pessoa, mesmo se o conteúdo não estiver directamente ligado à pessoa que fala. Quando o supervisando fala sobre os seus pacientes, o que salienta, como descreve, está a dizer de si próprio, trazendo para o espaço de supervisão aspectos seus que podem ser facilitadores ou impeditivos no processo de terapia e também no seu próprio processo de desenvolvimento.</p>
<p>74. eu às vezes tenho esta imagem que nós em terapia, é como se nós estivéssemos a olhar assim para um caleidoscópio que tem umas cores maravilhosas, multissegmentado e que tem umas cores maravilhosas, mas depois as combinações são assim... humm... imensas e que podemos ir... aventurarmo-nos por muitos sítios com muitas avenidas, com...</p>	<p>74. P3 faz uma analogia das múltiplas possibilidades a trabalhar em terapia, com as variações de um caleidoscópio. As possibilidades de combinações do caleidoscópio são as possibilidades que o paciente vai apresentando no decorrer do processo, no espaço de interacção com o terapeuta. P3 descreve os múltiplos caminhos possíveis com qualidades que aprecia e valoriza e,</p>

	ao mesmo tempo, como estímulo e desafio no trabalho terapêutico.
75. e acho que a supervisão também tem esta qualidade de nós podermos ir para muitos sítios.	75. Em supervisão, tal como em terapia, oferecem-se várias possibilidades de exploração no processo de cada supervisando. As inúmeras possibilidades fazem-se presentes nos diferentes intervenientes e na variedade de aspectos de cada um. Sendo a supervisão um espaço dinâmico, que promove através do encontro de várias pessoas num contexto específico de desenvolvimento, é facilitadora, na interacção, de se fazerem presentes aspectos desafiantes e passíveis de serem descobertos, integrados e posteriormente aplicados.
76. Às vezes, ir para muitos sítios não é necessariamente um sítio muito seguro, muito bonito, ou que nos deixe tranquilos. Às vezes, é importante haver... uma espécie dum espaço de alguma segurança para estarmos ok, quando não estamos ok... qualquer coisa...	76. P3 reconhece que em supervisão nem sempre a exploração de espaços desconhecidos conduz a momentos de deslumbramento, sendo até desagradáveis e promotores de desconforto e agitação, no entanto, se se verificarem as qualidades relacionais que veiculam segurança e contenção, esses momentos são bem-vindos, porque acolhidos com interesse e respeito.
77. e... isso eu acho que como supervisores, nós podemos facilitar esse processo de várias maneiras, com estilos diferentes, processos de tomada de decisão... alguns que já falei que é desde podermos pensar as intervenções, podermos pensar a conceptualização do caso, podermos pensar o que é pode ser nosso naquilo que estamos a trazer.	77. O papel do supervisor passa por estar disponível para acolher todas as possibilidades, mesmo as geradoras de conflito, quer seja <i>intra</i> ou <i>inter</i> pessoal, e ajudar a transformá-las em oportunidades de aprendizagem e desenvolvimento para o supervisando. Por vezes trata-se de ajudar o supervisando a diferenciar aspectos pessoais que concorram a uma perspectiva ajustada à situação em terapia. O modo como o supervisor dá resposta a estas necessidades dos supervisandos é adaptado ao que se manifesta e

	<p>como se manifesta, podendo ser diferente consoante o estilo próprio e modo singular de cada supervisor.</p>
<p>78. E não é fazer terapia com os supervisandos, mas o que podem ser as nossas dificuldades que estão ali em cheque, o que é que eu, se calhar, vou ter que ir para a minha terapia pensar, para a minha terapia individual ou pessoal pensar... ou de grupo, enfim... mas... o que é que fica aqui que eu posso crescer, também vejo isto numa lógica do crescer e... mas não acho que eu faça isto sozinha, mas acho que posso tentar estar atenta e facilitar estes processos.</p>	<p>78. O contexto de supervisão, apesar de poder desencadear problemáticas pessoais para as quais é necessário o supervisor providenciar uma resposta adequada, não é o espaço próprio para condução de processos ligados à terapia pessoal do supervisando. Deste modo, o supervisor facilita processos de reconhecimento de temáticas a explorar no contexto de terapia pessoal. Enquanto supervisora, P3 está atenta a essas questões e tenta trabalhar em conjunto com os supervisandos na sua adequação, a partir da pertinência para o processo de supervisão que passa pela identificação e diferenciação das dificuldades de cada um. As dificuldades identificadas são reflectidas no seu conteúdo e forma e, num processo de maturação, direccionadas para o espaço de abordagem mais indicado.</p>
<p>79. E – Para si, o que é ser uma supervisora existencial? P3 – (silêncio, inspiração profunda audível e gargalhada) O que é ser uma supervisora existencial? (ri) É ser uma pessoa, sei lá eu... (44'06'') humm... (ri)</p>	<p>79. Para P3, um supervisor enquadrado na abordagem existencial não se afasta daquilo que são os aspectos humanos comuns a todos os indivíduos.</p>
<p>80. pronto, fiquei aqui... humm... eu não sei se existe um supervisor existencial, eu acho que existem pessoas que fazem supervisão... (ri) mais ou menos existencialmente, fenomenológico-existencialmente informadas, eu não sei se existe um terapeuta existencial, acho que é... acho que seria... quase ficaria contranatura com o paradigma a ideia dum supervisor existencial.</p>	<p>80. Para P3, mais do que uma supervisão caracterizada por determinados pressupostos teóricos, na abordagem existencial o supervisor é, antes de mais, uma pessoa que partilha qualidades comuns a outras pessoas, mas se distingue por trazer para o seu modo de estar o conhecimento e postura fenomenológico-existencial. P3 questiona-se sobre se poderá designar-se alguém como um supervisor existencial,</p>

	atendendo a um paradigma que procura ser a-dogmático e ter sobre o Outro um olhar de descoberta da sua singularidade.
<p>81. Agora pensando sobre isto acho que... (ri) humm... mas acho que o fazer da supervisão dum modo existencialmente informado é pôr algumas das coisas de que nós já falámos, lá dentro. Nós identificamo-nos depois com maneiras de estar... como um modo de estar em terapia diferente... humm... humm... mas não creio que exista... não creio que exista o supervisor existencial... não (ri).</p>	<p>81. Reflectindo acerca do que é para si, um supervisor existencial, P3 refere que alguns dos aspectos salientados durante a entrevista dizem respeito às dimensões mais valorizadas na sua prática e que, a par com uma postura muito particular, informam uma supervisão de abordagem existencial.</p>
<p>82. E – Eu estou muito satisfeita com o seu contributo. P3 – Humm... E – Não sei se lhe ocorre dizer mais alguma coisa? Se quer repescar alguma das coisas que disse e queira voltar a explorar? P3 – S. tenho ideia que lhe disse tanta coisa que eu própria fico aqui... tanta coisa... acho que já andámos aqui por uma data de sítios... se calhar eu devolvia a coisa ao contrário, que é há alguma coisa que queira saber, em particular ou que tenha curiosidade em saber e talvez aí... E – Tal como disse, estou satisfeita com o seu contributo. Quero mesmo proporcionar-lhe a oportunidade, se quiser dizer mais alguma coisa, ou pergunta... P3 – Acho que fico bem se nós ficarmos por aqui. Se a S. ficar bem... E – Damos por terminada? P3 – Damos por terminada. E – Então muito obrigada. (risos) (46'19'')</p>	<p>82. Atenta às necessidades da entrevistadora, P3 pretende saber se restam dúvidas ou pontos por esclarecer, não considerando ela própria ter alguma questão a formular. São apresentados agradecimentos e concluída a entrevista.</p>